

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

LOUIS MARCELO ILLENSEER

**PRÁTICAS LITÚRGICO-MUSICAIS: REFLEXÕES TEOLÓGICAS DECOLONIAIS
A PARTIR DA CRIAÇÃO MUSICAL NO CONTEXTO DA IGREJA EVANGÉLICA
DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL**

São Leopoldo

2023

LOUIS MARCELO ILLENSEER

**PRÁTICAS LITÚRGICO-MUSICAIS: REFLEXÕES TEOLÓGICAS DECOLONIAIS
A PARTIR DA CRIAÇÃO MUSICAL NO CONTEXTO DA IGREJA EVANGÉLICA
DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL**

Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de
Doutor em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática
Linha de Pesquisa: Fenômeno Religioso e
Práxis Educativa na América Latina

Pessoa Orientadora: Prof. Dr. Júlio César Adam

São Leopoldo

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

129p Illenseer, Louis Marcelo
Práticas litúrgico-musicais : reflexões teológicas
decoloniais a partir da criação musical no contexto da
Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil / Louis
Marcelo Illenseer, orientador Júlio César Adam. – São
Leopoldo : EST/PPG, 2023.
212 p. : il. ; 31 cm

Tese (doutorado) – Faculdades EST. Programa de
Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo,
2023.

1. Teologia prática. 2. Pós-colonialismo. 3.
Decolonialidade. 4. Liturgia. 5. Culto cristão. 6. Música. 7.
Composição (Música) I. Adam, Júlio César, orientador. II.
Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

LOUIS MARCELO ILLENSEER

**PRÁTICAS LITÚRGICO-MUSICAIS: REFLEXÕES TEOLÓGICAS DECOLONIAIS A
PARTIR DA CRIAÇÃO MUSICAL NO CONTEXTO DA IGREJA EVANGÉLICA DE
CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL**

Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de Doutor em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática

Data de Aprovação: 15 de março de 2023

PROF. DR. JÚLIO CÉZAR ADAM (PRESIDENTE)
Assinado digitalmente

PROF. DR. MARCELO RAMOS SALDANHA (EST)
Assinado digitalmente

PROF. DR. CELSO GABATZ (EST)
Assinado digitalmente

PROF. DR. LUIZ CARLOS RAMOS (UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO)
Participação por webconferência

PROF.^a DR.^a SORAYA HEINRICH EBERLE (SEMLA)
Participação por webconferência

Assinado
digitalmente por
Júlio César Adam
Data: 04/04/2023
07:30:21 -03:00



Assinado digitalmente
por
Marcelo Ramos
Saldanha
Data: 05/04/2023
09:52:40 -03:00



Assinado
digitalmente por
Celso Gabatz
Data: 05/04/2023
10:28:00 -03:00



Dedico este trabalho para todas as pessoas que devotam seus louvores e sua criatividade ao Deus do amor, da paz e da justiça!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, de coração, a todas as pessoas que cantam e encantam, nas comunidades da IECLB, nas igrejas parceiras, no movimento ecumênico, no diálogo inter-religioso, com seus jeitos diversos de ser e de estar presentes nos encontros de Deus e seu povo e na luta por dias melhores para todas as pessoas.

Agradeço a minha família, minhas filhas Maria Fernanda e Cecília, meu neto Pedro Henrique e minha esposa Cristiane, pela paciência de ter a minha ausência em muitos momentos de tensão envolvendo prazos, estudos e trabalhos.

Agradeço ao Júlio César Adam, professor e amigo de longa data, pela orientação neste trabalho, por toda a motivação para seguir adiante, quando muitas vezes quisemos parar.

Agradeço à Faculdades EST, hoje na pessoa do diretor Prof. Dr. Valério Schapper, por tudo o que temos construído e ainda construiremos. E aos grupos de pesquisa da EST Culto Cristão, Música e Mídia, ao grupo de pesquisa EST/Leipzig e ao grupo de pesquisa REGEVI da Faculdade Unida de Vitória pelas trocas e espaços de reflexão.

Agradeço à Associação Diacônica Luterana e ao trabalho de música no Sínodo Espírito Santo a Belém pelas parcerias e confiança na condução dos meus/nossos trabalhos.

Agradeço aos e às colegas da pós-graduação, professoras, professores dos componentes curriculares, por todos os ensinamentos e disposição de trocas heterárquicas de conhecimento.

Agradeço à CAPES pelo apoio financeiro e institucional para a realização deste trabalho!

Agradeço a Deus pela sua graça, louvo e devoto o meu trabalho a Ele, por tudo!

Meu muito obrigado!

*Dona do dom que Deus me deu, sei que é
ele a mim que me possui, as pedras do que
sou dilui, e eleva em nuvens de poeira,
mesmo que as vezes, eu não queira, me
faz sempre ser o que sou e fui (...)*

*Eu quero, quero, quero, quero ser sim,
essa ave frágil que avoa no sertão, o oco
do bambu, o apito do acaso, a flauta da
imensidão.*

Dona do Dom, Chico César

RESUMO

A teologia prática acolhe o campo de estudos das *práticas litúrgico/musicais* no culto cristão, divididas em práticas de composição, de ensaio e performance. Este trabalho tem acento nas práticas e experiências coletivas de composição para o culto cristão. A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) é uma igreja que celebra seus cultos com música. A tese discute as questões gerais da música no culto luterano em contexto brasileiro e, em específico, analisa o impacto da criação de novos repertórios para utilização no culto cristão de identidade confessional luterana. Por isso nos valem da expressão *práticas litúrgico/musicais*, que envolvem uma visão mais ampla sobre música e culto, incluindo aí tanto os processos de composição, ensaio e moldagem da liturgia quanto a prática da música na liturgia em si, na área de teologia prática em diálogo com os estudos pós-coloniais, em especial, na perspectiva decolonial. Deste diálogo, revela-se o que representa a colonialidade da modernidade nas práticas litúrgico/musicais do culto luterano da IECLB, desde exemplos de repertórios utilizados, práticas de ensaio e práticas no espaço do culto. Percebe-se que a música é criada e selecionada para utilização no culto tendo por base conceitos e pressupostos epistêmicos e hermenêuticos ocidentais que podem, pela ótica decolonial, carregar ocultamente elementos coloniais pré-concebidos que sustentam preconceitos racistas, patriarcais e outros. Neste sentido, a expressão *práticas litúrgico/musicais convencionais* abarca um conjunto de práticas cristalizadas do fazer musical e litúrgico, definidas por padrões ocidentais e promotoras da identificação que estabelece construções teológicas herméticas, hierárquicas, de caráter universal e hegemônico sobre outras práticas não ligadas à proposições de origem europeia. Da análise pós-colonial da música no culto luterano da IECLB, a pesquisa apresenta, então, uma leitura teológica contextualizada das práticas de composição musical que compreende-se como *uma outra prática litúrgico/musical*, que destaca e eleva o caráter coletivo de processos criativos, o aspecto da diversidade de saberes envolvidos na criação musical e o impacto de repertórios significativos, que resgatam o elemento devocional da música litúrgica, apresentando um contraponto à retórica de estéticas exclusivistas das práticas litúrgico/musicais convencionais. O método de pesquisa é bibliográfico e auto narrativo: do diálogo entre as leituras e o lugar de fala do autor, surgem os questionamentos e possíveis caminhos para outras práticas, ressignificadas pelas provocações do pensamento decolonial.

Palavras-chave: Teologia Prática, Pós-colonialismo, Decolonialidade, Teologia Convencional, Culto Cristão, Liturgia, Música, Composição, Devoção.

ABSTRACT

Practical theology embraces the field of study of liturgical/musical practices in Christian worship, divided into composition, rehearsal and performance practices. This work has an emphasis on collective composition practices and experiences for Christian worship. The Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil (IECLB) is a church that celebrates its services with music. The thesis discusses the general issues of music in Lutheran worship in a Brazilian context and, specifically, analyzes the impact of creating new repertoires for use in Christian worship of Lutheran confessional identity. That is why we use the expression liturgical/musical practices, which involve a broader view of music and worship, including both the processes of composition, rehearsal and molding of the liturgy and the practice of music in the liturgy itself, in the area of practical theology in dialogue with postcolonial studies, especially in the decolonial perspective. From this dialogue, it is revealed what the coloniality of modernity represents in the liturgical/musical practices of the Lutheran worship of the IECLB, from examples of repertoires used, rehearsal practices and practices in the space of worship. It is noticed that music is created and selected for use in worship based on Western epistemic and hermeneutical concepts and assumptions that may, from a decolonial perspective, occultly carry preconceived colonial elements that sustain racist, patriarchal and other prejudices. In this sense, the expression conventional liturgical/musical practices encompasses a set of crystallized practices of musical and liturgical making, defined by Western standards and promoters of identification that establish hermetic, hierarchical, universal and hegemonic theological constructions over other practices not linked to propositions. of European origin. From the post-colonial analysis of music in the Lutheran worship of the IECLB, the research presents a contextualized theological reading of the practices of musical composition that is understood as another liturgical/musical practice, which highlights and elevates the collective character of creative processes, the aspect of the diversity of knowledge involved in musical creation and the impact of significant repertoires, which rescue the devotional element of liturgical music, presenting a counterpoint to the exclusivist aesthetic rhetoric of conventional liturgical/musical practices. The method is bibliographical and self-narrative: from the dialogue between the readings and the author's place of speech, questions arise and possible paths for other practices, re-signified by the provocations of decolonial thinking.

Keywords: Practical Theology, Postcolonialism, Decoloniality, Conventional Theology, Christian Worship, Liturgy, Music, Composition, Devotion.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 TEOLOGIA PRÁTICA E PENSAMENTO DECOLONIAL.....	23
2.1 O LUGAR DE FALA DA PESQUISA	23
2.1.1 Uma breve definição do objeto	23
2.1.2 Conjunto de saberes e experiências em música e liturgia	25
2.2 A OPÇÃO DECOLONIAL LATINO-AMERICANA	45
2.2.1 Os estudos pós-coloniais.....	45
2.2.2 A opção decolonial	47
2.2.3 Modernidade/colonialidade	55
2.2.4 A matriz colonial do poder (patrón colonial del poder)	59
2.3 POR UMA TEOLOGIA PRÁTICA EMANCIPATÓRIA	66
2.3.1 A teologia prática e as demais disciplinas teológicas.....	67
2.3.2 A teologia prática de Schneider-Harpprecht	72
2.3.3 As contribuições de Vitor Westhelle na teologia protestante	74
2.3.4 A teologia pós-colonial de Panotto	76
2.3.5 As contribuições teológicas de Carlos Cunha	78
2.3.6 O <i>bem viver/buen vivir</i>	81
2.3.7 A teologia prática como teologia a caminho	82
3 PRÁTICAS LITÚRGICO/MUSICAIS: DA CONVENCIONALIDADE RUMO ÀS FRONTEIRAS DA DIVERSIDADE	87
3.1 DIMENSÃO CONVENCIONAL DAS PRÁTICAS LITÚRGICO/MUSICAIS.....	87
3.1.1 Uma leitura teológica carente de outros saberes.....	87
3.1.2 O culto cristão convencional	90
3.1.3 O universal, o dual e o racional.....	93
3.1.3.1 <i>O universal</i>	93
3.1.3.2 <i>O dual</i>	97
3.1.3.3 <i>O culto (apenas) racional</i>	101
3.1.3.4 <i>A música do culto racional/convencional</i>	105
3.2 RUMO ÀS FRONTEIRAS DO “BEM CELEBRAR”	106
3.2.1 Inculturação como alternativa às práticas convencionais de culto .	107
3.2.2 O <i>bem celebrar</i>	113
3.2.3 Louvor e adoração	115
3.2.3.1 <i>O louvor na dimensão integral</i>	115
3.2.3.2 <i>A adoração</i>	117
3.2.3.3 <i>A devoção na perspectiva protestante</i>	121
3.3 O RESGATE DA INTEGRALIDADE HUMANA NO CULTO DEVOCIONAL	125
3.3.1 As contribuições de Júlio César Adam	126
3.3.2 As reflexões litúrgicas decoloniais do anglicano Luiz Coelho	132
3.3.3 O pensamento litúrgico libertador de Cláudio Carvalhaes	137
3.3.4 O exemplo do Maçambique de Osório	140

4 A COMPOSIÇÃO COMO PRÁTICA LITÚRGICO/MUSICAL EMANCIPATÓRIA	145
4.1 PRESSUPOSTOS DA COMPOSIÇÃO MUSICAL	145
4.1.1 Memória	147
4.1.2 Identidade musical flexível	150
4.1.3 O impulso criativo	152
4.1.4 A prática composicional	155
4.1.4.1 Criando o texto	156
4.1.4.2 Criando a música	160
4.1.4.3 Um exemplo de composição do autor	162
4.2 OS ENCONTROS DE COMPOSIÇÃO E A DIVERSIDADE DE COMPONENTES PEDAGÓGICO/LITÚRGICOS	165
4.2.1 Breve histórico sobre os distintos contextos de composição	165
4.2.1.1 Encontros de Composição de Antífonas de Salmos	166
4.2.1.2 Encontros da Red Create	170
4.2.1.3 Oficinas do Musisacra do SESB	172
4.2.1.4 Encontro de Produção de Recursos Litúrgicos para o Palavra na Liturgia	174
4.2.2 Análise geral das práticas litúrgico/musicais de composição musical	178
4.3 RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA LITURGIA MOLDADA SIGNIFICATIVAMENTE COM REPERTÓRIO CRIADO COLETIVAMENTE	182
4.3.1 O contexto e a proposta litúrgica	183
4.3.2 Conclusões sobre o culto com jovens	191
4.3.3 A música da celebração da ADL	194
5 CONCLUSÃO	201
REFERÊNCIAS	206

1 INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta-se como uma leitura teológica progressista sobre o fazer musical do culto cristão. A expressão **práticas litúrgico/musicais** identifica o objeto da pesquisa, na perspectiva da indissociabilidade entre música e litúrgica, confrontada com os pressupostos pós-coloniais da linha latino-americana de **estudos decoloniais**, que abalaram as bases epistêmicas do nosso fazer litúrgico/musical no recorte espacial da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e, conseqüentemente, promovem um processo de ressignificação deste fazer musical no âmbito desta denominação e em outros espaços onde o autor atua.

A prática de culto da IECLB está alicerçada no princípio teológico da Pregação da Palavra e da Administração dos Sacramentos, como destacaremos abaixo. Qual é o papel da música na pregação da Palavra de Deus? A música serve mais como entretenimento ou ela tem um caráter de serviço ministerial evangélico? Se ela tem um caráter de serviço ministerial evangélico, como se dá isso na perspectiva decolonial? Quais as contribuições do *bem viver* para as práticas litúrgico/musicais da vida de culto da IECLB? Destas questões surge a pergunta central da pesquisa: **quais são e como são as mediações das práticas litúrgico/musicais em perspectiva decolonial na IECLB?** Se existem, como e quais são?

O lugar de fala, logo no início deste trabalho, apresenta um panorama do conjunto de saberes e experiências do autor da pesquisa na condução musical na vida de culto da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), em paralelo a outros trabalhos e práticas, somadas às reflexões acadêmicas teológicas e musicais no diálogo com o pensamento decolonial. O pensamento decolonial é apresentado a partir de algumas de suas bases de sustentação teórica, revisitados por leituras teológicas. Nossa leitura teológica, articulada na perspectiva da teologia prática, pretende resgatar o papel das coletividades, da participação das pessoas, com sua devoção, no cantar e, principalmente, no moldar litúrgico e na proposição de novas composições musicais para o culto cristão.

Não buscamos no pensamento decolonial uma forma de justificar práticas “novas” de música e liturgia. Tampouco queremos conceituar as nossas práticas litúrgico/musicais como práticas já definidas em perspectiva decolonial. O marco

teórico do pensamento decolonial, como veremos, desvela o nosso fazer teológico reflexivo e prático numa perspectiva que nominamos de teologia convencional. O pensar de forma convencional faz da teologia um componente morno, uma disciplina lenta em transformar-se para acompanhar a diversidade de fluxos da vida humana, marcada no continente latino-americano pela matriz colonial de poder, apontada pelo pensamento decolonial. Este fluxo, porém, está presente também no âmbito das comunidades religiosas e suas formas de culto, e em nosso caso, na igreja protestante de origem germânica em solo brasileiro. A percepção de que o culto cristão e suas sonoridades refletem o cotidiano e que podem, assim, aproximar a *bem viver* do *bem celebrar* estão presentes no decorrer desta pesquisa.

A metodologia segue duas direções que se complementam. A primeira direção aponta para o resultado do empreendimento de pesquisa bibliográfica, com leituras que entrecruzam aspectos do pós-colonialismo, da decolonialidade, de teologias decoloniais e contextuais, da liturgia e da música. No projeto de pesquisa apresentado para ingresso no doutorado, propôs-se o método da pesquisa participante no campo da composição musical para o culto cristão protestante, que envolveria entrevistas para pessoas que compõem repertórios musicais para os cultos de igrejas do movimento ecumênico. Entrementes, com o advento da pandemia da Covid-19 em 2020, a ideia da pesquisa participante foi abandonada.

Somou-se à pesquisa bibliográfica, como segunda direção, um método auto narrativo, de apresentação e análise das práticas litúrgico/musicais do autor. O resultado final da pesquisa compreende um somatório de saberes advindos da experiência do autor, embalados pelas leituras críticas do pensamento decolonial e de autores e autoras do mundo teológico sobre o espaço e a importância da música no culto cristão luterano no Brasil.

O primeiro capítulo, no sentido do que apresentamos acima, denota o **lugar de fala do autor**, composto por suas práticas e reflexões, formais e informais, experiências e leituras de mundo e, principalmente, motivações que levaram o autor deste trabalho a seguir o caminho da análise decolonial do fazer litúrgico/musical, em especial, no que diz respeito às práticas de criação musical para o culto cristão. Se por um lado, o lugar de fala se constitui, a priori, como um espaço convencional do fazer teológico/musical de uma pessoa líder de uma igreja protestante brasileira, por outro lado, o autor foi desafiado pelo pensamento decolonial a colocar-se em

movimento, em deslocamento dos tradicionais centros ocidentais de articulação e mediação do saber para a proposição de práticas coletivas de criação musical. O lugar de fala, portanto, apresenta um histórico da atuação e formação do autor, culminando com este trabalho que aqui se apresenta.

A seguir desenha-se um quadro teórico dos estudos pós-coloniais, com ênfase na opção decolonial. Deste quadro teórico, próprio do grupo modernidade/colonialidade, descrevem-se alguns pontos que definem a matriz colonial de poder e a lógica oculta da colonialidade na retórica da modernidade. Avança-se como estes conceitos para debates no âmbito da teologia prática, desafiados nas suas bases epistêmicas pelo pensar decolonial. O conjunto de estudos teológicos e decoloniais apresentados promovem uma ruptura com o modo hegemônico de articulação do pensamento ocidental e, conseqüentemente, uma peregrinação às fronteiras do saber, onde a ecologia de saberes diversos, muitas vezes silenciados pela retórica moderna, apontam para a presença do Deus da vida, do Deus da Teologia da Libertação (TdL), por exemplo. Fala-se sobre o *bem viver*, como meta de organização diferente do *viver melhor* do capitalismo ocidental. Do *bem viver* se depreende, no âmbito das ciências litúrgicas, que pode haver modos de *bem celebrar*.

Dentre vários autores e autoras, o trabalho foca a apresentação do pensamento decolonial nos saberes de Aníbal Quijano, Walter D. Mignolo, Catherine Walsh, Boaventura de Souza Santos¹. No campo da teologia prática, apresentaremos as reflexões de autores como Lothar Hoch, Christoph Harpprecht-Schneider, Vitor Westhelle, Nicolás Panotto, Carlos Alberto Cunha, Ione Buyst, Soraya Heinrich Eberle, Júlio César Adam, Luiz Coelho e Claudio Carvalhaes. Os saberes compartilhados por estes autores e estas autoras são entrecruzados, analisados e apresentados numa perspectiva também processual, no intento de fortalecer o lastro teórico que se constrói e que revira os pilares do fazer teológico e musical do autor.

No processo de constituir o estado de arte bibliográfico, percebemos que, no âmbito da IECLB, há escassez de reflexões sobre música e culto. A vida musical das comunidades luteranas vinculadas à IECLB é vasta, há muitas pessoas que atuam com música, ministros, ministras, musicistas profissionais ou voluntários/as, mas a

¹ Estes autores serão referenciados no segundo capítulo.

produção reflexiva sobre a prática musical nos cultos e na vida da igreja é escassa, se comparada ao número de pessoas que se envolvem com música na igreja. Esta escassez de recursos reflexivos motivou o feitiço desta pesquisa. A escassez de publicações e estudos sobre música e igreja no contexto da IECLB, em nossa perspectiva, denota que a música é desvalorizada enquanto uma ação prática que envolve a organização das comunidades luteranas brasileiras e a missão evangélica das mesmas. Há que se cuidar desta herança milenar, e ao mesmo tempo, apresentar propostas de debate para este campo, valorizando o papel de pregação evangélica da música no culto cristão.

No campo do fazer litúrgico/musical, o terceiro capítulo apresenta uma análise sobre o deslocamento de um estado imagético do pensamento convencional para um pensamento teológico de fronteira ou decolonial. O *bem celebrar* que imaginamos precisa superar alguns parâmetros basilares da articulação do conhecimento ocidental, resumidos na pretensão da universalidade do pensamento ocidental que se impõe sobre outros modos de pensar, na superação de dualismos e na promoção de saberes diversos que ultrapassem o elemento puramente racional do culto protestante. Discutem-se questões sobre a inculturação na perspectiva do deslocamento do centro do saber ocidental para a mediação de práticas e saberes das margens dos ordos litúrgicos cristalizados.

Discutem-se, também, conceituações sobre o música como louvor, como a adoração e, também, música como ação de devoção no culto cristão. A devoção como dimensão da ação da fé do ser humano, minimizada e silenciada nas pesquisas teológicas do contexto protestante, por sua conexão com a adoração a pessoas santificadas da cosmovisão católica romana, é resgatada para os debates conceituais com as dimensões do louvor e da adoração.

O cotidiano da vida, aqui compreendido como *não apartado* do rito cristão, é apresentado como campo da ação divina, desfazendo o dualismo que separa sagrado (culto) do profano (vida). A busca por uma mediação horizontal das práticas litúrgico/musicais, que envolvem a criação musical, o ensaio e a performance no culto, faz com que esta leitura teológica caminhe na direção das concepções teológicas das teologias contextuais, por isso sua característica progressista, ainda que em modo de desvinculação processual das diretrizes convencionais do fazer teológico.

O quarto e último capítulo apresenta relatos de práticas litúrgico/musicais em processo de resignificação no diálogo da teologia prática com a opção decolonial. Os relatos individuais sobre os processos de composição musical, a priori, não se caracterizam como práticas decoloniais. Entretanto, destacamos que a importância dos relatos pessoais do autor para o fazer musical possibilitam uma maior compreensão do segundo aspecto das práticas de composição, que refere-se à condução das oficinas e encontros de composição. Muitas pessoas que participam das oficinas não possuem conhecimentos formais em estruturação musical, mas têm, em suas memórias, muitas experiências de música e vida celebrativa. A partir da troca de saberes das práticas do autor, em conjunto com os saberes das pessoas que participam das oficinas surgem as composições musicais genuínas, potentes, que estão disponíveis para o serviço de louvor de comunidades da IECLB e de outras denominações cristãs.

Do fazer litúrgico/musical que resulta em criações musicais surge a satisfação pessoal do ato de criar, somado ao fortalecimento de vínculos nos grupos onde os processos criativos são desenvolvidos. As novas canções, mesmo que textual e musicalmente não apresentem novidades nos modos ocidentais de compreensão, carregam histórias e narrativas de envolvimento, de satisfação, de afetividade, de aprendizado e de partilha de saberes voltado para além do momento em que são criadas. Quatro experiências de criação coletiva são narradas, que envolvem a condução/mediação do autor da pesquisa, demonstrando que estes processos dão passos largos rumo a vivências de devoção e espiritualidade que ultrapassam o controle formal dos conhecimentos teológicos mediados por especialistas.

O culto moldado de forma coletiva, ao final da pesquisa, que envolve a seleção e composição de canções de acordo com o tema, atesta que celebrações afetivas, com gestos, com corpo, imagens, música, dança e envolvimento de grupos de liturgia proporcionam experiências concretas de cultos significativos. As pessoas jovens que participaram do processo narrado no quarto capítulo resignificaram suas visões tradicionais de culto e, experimentaram assim, a força da coletividade na proposição de encontros de Deus com seu povo. A diversidade, aqui, é destacada e focada, em detrimento de ordens ou diretrizes litúrgicas. Estas, na experiência relatada, estão a serviço da pregação do evangelho, que iluminou as pessoas jovens que moldaram e que participaram daquela experiência ritual.

2 TEOLOGIA PRÁTICA E PENSAMENTO DECOLONIAL

*Se você vier me perguntar por onde andei
No tempo em que você sonhava
De olhos abertos, lhe direi
Amigo, eu me desesperava
Sei que assim falando pensas
Que esse desespero é moda em '76
Mas ando mesmo descontente
Desesperadamente, eu grito em português
Mas ando mesmo descontente
Desesperadamente, eu grito em português
Tenho vinte e cinco anos
De sonho e de sangue
E de América do Sul
Por força deste destino
Ah você sabe e eu também sei
Um tango argentino
Me vai bem melhor que um blues
Sei que assim falando pensas
Que esse desespero é moda em '76
E eu quero é que esse canto torto
Feito faca, corte a carne de vocês
E eu quero é que esse canto torto
Feito faca, corte a carne de vocês*

A Palo Seco, Belchior

2.1 O LUGAR DE FALA DA PESQUISA

2.1.1 Uma breve definição do objeto

Nos valem da expressão **lugar de fala** para identificar o espaço que acolhe o conjunto de experiências e saberes próprios do autor em torno do tema da **música de culto de uma igreja protestante histórica, em processo de ressignificação² de suas práticas no diálogo com a perspectiva decolonial e seus desdobramentos teológicos**. O lugar de fala identifica tanto a história pessoal e coletiva em torno do tema da música de culto, quanto a narrativa que se constrói a partir deste conjunto de experiências nas práticas de culto e música. Experiências de música no culto, aliadas a estudos, observações, leituras e escritos sobre o tema formam um conjunto de

² O conceito de ressignificação não concebe a ideia de que um conceito é apreendido e cristalizado como um saber. Sempre que utilizarmos o termo “ressignificação”, estamos nos referindo a um processo. A ressignificação de nossa leitura teológica não encontra-se pronta, ou fechada. A leitura teológica que apresentaremos aqui, por seu status de construção coletiva, segue aberta e disposta a amplificar saberes em busca de modos autênticos e diversos de celebrar o culto cristão.

experiências e saberes, construído ao longo de mais de três décadas de atuação como condutor da música comunitária do autor.³ Desde 2018, este conjunto de saberes e práticas sobre música e teologia tem sido abalado pelas discussões em torno da opção decolonial latino-americana. Antes de propor uma análise da influência da opção decolonial, apresentamos um breve histórico deste conjunto de saberes e experiências que compõem, o que nominamos, de lugar de fala.

Este conjunto de experiências e saberes, que compõem o lugar de fala, organiza reflexões e experiências do objeto desta pesquisa: a música. Mas que música? Música do culto cristão luterano no Brasil. Se definimos o objeto apenas com o termo **música**, deixamos de lado o espaço da igreja, que é o espaço para o qual a música, em nossa pesquisa, tem sua aplicabilidade. A busca por uma definição, que acompanha todo o texto, entende que música e liturgia, em nossa perspectiva, não podem ser dissociadas.⁴ Por isso, nominamos o objeto desta pesquisa como **práticas litúrgico/musicais**, afirmando que música e liturgia são práticas que perfazem o culto cristão, na dimensão das ciências litúrgicas, no recorte espacial da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

Há pelo menos três dimensões do objeto **práticas litúrgico/musicais**, que cabe destacar no contexto do lugar de fala: a) *a condução/mediação musical do culto*, b) *a prática de ensaio de grupos musicais* e c) *a prática de criação de repertório para o culto e condução/mediação de oficinas de composição*. A música que acontece no momento do culto não ocorre espontaneamente⁵, sem preparação, sem ensaio ou sem testagem e sem repertório. A música executada em cultos de igrejas cristãs carece, via de regra, de repertórios predefinidos. É preciso, portanto, compor repertórios, criar música para o contexto do culto cristão protestante. O foco deste trabalho reside na terceira dimensão apontada, separada em dois processos, que lida com a a) *prática de criação de repertório musical para o culto cristão, a partir das experiências composicionais do autor* e b) *da mediação de oficinas de composição musical em contextos comunitários luteranos e ecumênicos*.

³ A primeira experiência musical pública, para além do contexto domiciliar, se deu nos cultos comunitários na Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Foz do Iguaçu, no estado do Paraná, no ano de 1986.

⁴ O conceito de indissociabilidade entre música e liturgia, ou música e culto, será trabalhado no decorrer da pesquisa.

⁵ Embora a improvisação seja uma prática musical humana, ela exige experimentação prévia, memória e repetição de técnicas de canto ou de execução de um instrumento musical.

2.1.2 Conjunto de saberes e experiências em música e liturgia

As experiências em condução/mediação musical para o culto cristão no contexto da IECLB, através do canto, do acompanhamento instrumental por teclado ou por violão e a condução de grupos corais e formações instrumentais diversas, tiveram lugar em comunidades luteranas nas cidades de Foz do Iguaçu-PR (1986-1990), São Leopoldo-RS (1991 até hoje), Canela-RS (1991), Sapiranga-RS (1992-1993), Curitiba (1994), Novo Hamburgo-RS (2004-2006, 2022), Domingos Martins-ES (2001), Afonso Cláudio-ES (2010 até hoje), Porto Alegre-RS (1996-2013) e Campo Bom-RS (2019 até hoje).

A tarefa da condução musical, no contexto ocidental, é destinada à pessoa “regente”, de forma individualizada, mas o espaço da música na igreja é formado por muitas pessoas que participam dos grupos corais, instrumentais e através do canto comunitário, ou seja, a música é uma ação coletiva no contexto da IECLB. Por isso o lugar de fala da pesquisa leva em consideração a **condução/mediação da prática de ensaios de grupos musicais**. O autor da pesquisa atuou e atua com coros, corais, grupos de canto, grupos musicais com jovens, com crianças, com senhoras e com terceira idade. Os grupos musicais das comunidades objetivam, via de regra, a participação musical nos cultos da comunidade, além de participações em eventos sociais. Grupos da igreja ensaiam, via de regra, para expressar seu louvor e sua devoção no momento do culto cristão.

A realização de uma oficina de Regência Coral, promovida pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos através do seu Movimento Coral, entre os dias 30 de agosto a 01 de setembro de 1995, em São Leopoldo-RS, teve duração de 21 horas e contou com a assessoria do professor e regente de coros Pablo Trindade Roballo.⁶ Dentre os diversos ensinamentos sobre condução coral, escolha de repertório, etc., Trindade destacou a etimologia dos termos “maestro”, “regente” e “condutor”. Apresentamos esta informação com nossas palavras, referenciando a origem dos saberes.

Maestro e regente têm origem em termos “imperiais”: maestro é a pessoa mestra, com origem na palavra latina “magister”, que “significa aquele que sabe e

⁶ Currículo de Pablo Trindade disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pablo_Trindade Acesso em 03 jul. 2022.

pode mais”.⁷ Maestro ou maestrina de coros ou orquestras denota o significado da pessoa que possui o conhecimento e, assim, domina e determina os saberes com grupos de pessoas que não têm possuem aqueles saberes. Estas ficam subjugadas às determinações da pessoa que sabe, maestro/maestrina. Já o termo “regente” indica “a pessoa que rege, governa, dirige um país, nação, território”. Na música, indica o “diretor de orquestra, maestro”, que vem do latim *regens*, que indica a pessoa que manda, rei/rainha.⁸ Tanto maestro quanto regente, indicam status de superioridade na dinâmica de compartilhamento de saberes.

Estes termos são imperiais, na medida em que sustentam a ideia de que há pessoas que determinam ações e pessoas que fazem o que é determinado. Trindade alertou que o termo **regente**, na língua inglesa, é traduzido por “**conductor**”. Na ocasião da oficina, Trindade argumentou que a pessoa condutora, a partir de uma ressignificação de sua função, pode melhorar seu trabalho em nível de relação líder/grupo, compreendendo que o trabalho da condução musical não serve para estabelecer soberba ou vaidades a partir de um suposto conhecimento mais avançado. Ao contrário, a tarefa da condução da pessoa regente, deve fazer fluir a arte sonora e levar o grupo a encontrar sentido e prazer na atividade musical, tanto no ensaio quanto nos momentos de performance. Este ensinamento marcou a concepção do autor desta pesquisa e ajudou a direcionar a mediação das práticas musicais desenvolvidas durante os últimos anos. O ensinamento aplica-se, consensualmente, no conjunto de debates sobre música e pensamento pós-colonial. É um saber necessário para definição do lugar de fala e da tese como um todo.

O autor da pesquisa, atualmente, conduz o serviço musical na Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Campo Bom-RS, conduzindo o Coral Trindade, o grupo de canto da Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas (OASE) e o Grupo Instrumental. Os três grupos têm momentos específicos de ensaio e preparação para participação nos cultos da comunidade. Estes cultos ocorrem semanalmente em dois horários, às quartas-feiras pela noite e aos domingos pela manhã. Além do trabalho com música em contexto comunitário, o autor da pesquisa atua na condução do Coral

⁷ Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/maestro/> Acesso em 03 jul. 2022.

⁸ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/regente/#:~:text=adjetivo%20Que%20rege%2C%20que%20dirige,Do%20latim%20regens>. Acesso em 03 jul. 2022.

Vozes do Morro, formado por estudantes de graduação em Teologia da Faculdades EST, na cidade de São Leopoldo-RS.

Na prática de ensaios, portanto, reside o **aspecto pedagógico do fazer musical** que visa, como fim último de grupos vinculados à igreja, a música no culto. Na dinâmica espaço/tempo dos ensaios, ao se dialogar sobre a performance de determinados repertórios, se oportunizam momentos significativos de reflexão sobre o fazer musical. Pessoas que se dedicam à condução de grupos musicais, em contexto ocidental, dedicam grande parte do seu tempo de trabalho na preparação e na condução de grupos musicais através de ensaios de repertórios musicais.

A prática de ensaios é, também, concebida em nosso ponto de vista como uma prática litúrgico/musical, que antecede o momento do culto e volta-se para ele. A prática de ensaios prepara as pessoas para a performance musical no culto cristão. E a prática de ensaios do autor com diversos grupos, compõe o conjunto de saberes e experiências, considerado, então, elemento fundamental da mediação e condução das práticas litúrgico/musicais da vida das comunidades luteranas da IECLB que mantêm grupos musicais. A prática de ensaios envolve experimentações sonoras, oportuniza trocas sociais e engaja as pessoas pedagógica e teologicamente para o aprendizado da música e dos elementos litúrgicos. Além disso, as experiências de troca proporcionam a sensação do fortalecimento de vínculos das pessoas participantes.⁹

Destaque das práticas litúrgico-musicais em nossa pesquisa é a **prática de composição musical para o culto**, bem como a **prática de condução de oficinas de composição e criação musical**. Na primeira, o autor da pesquisa desenvolve repertórios para o culto cristão. A condução de oficinas de composição e criação musical decorre das práticas criativas pessoais, condução esta que compreende o compartilhar de experiências de criação musical com pessoas com diversos históricos de composição, desde pessoas com experiência em composição até pessoas que nunca criaram uma canção¹⁰. Este compartilhamento que ocorre nas oficinas, possibilita o surgimento de repertórios musicais inéditos que servem de material

⁹ O tema da prática de ensaios não será aprofundado, pois a pesquisa foca na prática de composição musical. É, porém, tarefa urgente investir em pesquisas sobre temas como fortalecimento de vínculos e desenvolvimento da espiritualidade através das práticas musicais.

¹⁰ Adotamos o termo “canção” para designar o canto litúrgico ou hino que nasce dos processos de composição musical aos quais nos referimos.

significativo para utilização nos cultos luteranos. O conjunto de saberes que resulta das experiências de condução musical, experiências de ensaio e de criação musical individual e coletiva formam a base prática do lugar de fala.

O conjunto de saberes, que compõe o lugar de fala inclui a **formação/graduação em música e formação/pós-graduação em teologia**, através dos cursos do Bacharelado em Música com habilitação em Regência Coral pela Universidade Federal do Rio Grandes do Sul (2003), o Curso de Educação Cristã da Faculdades EST (1999), que possibilitou a **ordenação ao ministério catequético da IECLB** em 2003. A ordenação ao ministério da educação cristã impõe, para o autor da pesquisa, o compromisso do serviço ao Evangelho não só para o contexto eclesial, mas para a ação/ética cristã no mundo, com reconhecimento e habilitação, dentro das diretrizes do ministério compartilhado aprovado pela IECLB. Assim, o lugar de fala tem bases formativas e conectadas ministerialmente com a igreja, nos campos da teologia, da música e também na pedagogia cristã.

Sobre o aspecto do compromisso com o evangelho, observa-se que, nos discursos de juramento público de pessoas recém formadas em qualquer curso de graduação, há um comprometimento com a sociedade, ao afirmar que o conjunto de conhecimentos adquiridos serão colocados a serviço das pessoas. Os cursos de formação acadêmica e o compromisso assumido perante Deus e a IECLB quando da ordenação catequética, descritos aqui no âmbito do lugar de fala, são basilares para reafirmar o compromisso com o **serviço** prestado para as pessoas. E isto inclui pensar para além dos desafios institucionais *internos da igreja*. O que se busca, como compromisso com o evangelho de um Jesus que nasceu pobre e seguiu servindo pessoas pobres, que o conjunto de saberes que reunimos seja colocado a serviço das pessoas, em qualquer lugar, com o desenvolvimento de ações para atender demandas, em especial, de pessoas vulneráveis e necessitadas.¹¹

A música, neste sentido, é elemento chave no serviço ministerial prestado ao mundo (onde inclui-se a igreja). A formação acadêmica que se constrói não deve (deveria) servir como um status que separa doutos de ignorantes, típico de sistemas coloniais, mas sim, afirma o compromisso com o servir, especialmente, às pessoas

¹¹ NORDSTOKKE, Kjell. Diaconia. SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWETSCH, Roberto (orgs.). **Teologia Prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal, 2011, p. 250-251.

mais vulneráveis. Este serviço afirma o compromisso evangélico do amor a Deus e às pessoas, sem distinção. Este conceito retrata a **dimensão diaconal** da IECLB, que conecta a ação em favor das pessoas vulneráveis com seu caráter basilar da espiritualidade que motiva para a ação.

Em termos de formação, destaca-se, em 2010, a conclusão da especialização em **Educação Musical** pela Universidade Feevale na cidade de Novo Hamburgo. A monografia final da especialização apresentou uma aproximação de conceitos da epistemologia genética de Jean Piaget com a análise de práticas significativas de educação musical no contexto de escolas públicas. Em decorrência da participação no curso de especialização, o autor foi convidado para a condução musical de vários grupos corais e um grupo instrumental do Movimento Coral Feevale, dos anos de 2012 a 2018.

Compõem o conjunto de processos formativos, o aprofundamento em temas da teologia e música, com a conclusão do Mestrado em Teologia (2019) e o desenvolvimento dos estudos de doutoramento, de 2019 a 2022. O lugar de fala inclui, portanto, **experiência individuais e coletivas, práticas de mediação litúrgico/musicais e reflexões acadêmicas sobre os temas**¹². A partir das reflexões formais, e também informais em contextos diversos, processos foram estabelecidos em torno dos binômios música/teologia, música/vida, composição musical, prática/reflexão. O lugar de fala poderia assumir-se como lugar de **expressão musical indissociada da fé cristã** de uma pessoa que não age ou reflete sobre estes temas de modo isolado ou individualizado, mas, formula suas perguntas e encontra caminhos de respostas nos encontros, nos momentos de troca de saberes acadêmicos, não acadêmicos e, principalmente, na prática coletiva de condução musical.

As práticas e experiências de composição ultrapassam as fronteiras denominacionais da IECLB e desenvolvem-se, também, em ambientes ecumênicos. A experiência de condução musical comunitária e de composição litúrgico/musical para o culto cristão nos conduziu à colaboração na organização e ensaio de grupos musicais para os momentos de oração comum da **9ª Assembleia do Conselho**

¹² Reflexão acadêmica é aquela que acontece a partir de impulsos da academia, diferentemente das reflexões que têm impulsos a partir das práticas comunitárias, que podemos classificar em formais e não formais.

Mundial de Igrejas, em 2006, em Porto Alegre. Este evento ecumênico internacional reuniu mais de cinco mil pessoas num encontro marcado por momentos celebrativos criativos, com recursos visuais e sonoros muito distintos, que exalavam expressões de fé cristã muito diversificadas e significativas cultural e teologicamente, oriundos de experiências de comunidades cristãs de várias partes do mundo. Uma das canções-tema da 9ª Assembleia foi a canção “Deus, em tua graça”, de nossa autoria¹³ e, a inclusão deste pequeno refrão musical com a frase tema do evento, cantado em cinco diferentes línguas, foi, pessoal e coletivamente, um marco significativo para o trabalho com música e teologia e que impulsionou a busca por aprimoramento na pesquisa acadêmica. A música para os cultos deste evento internacional trilhou pelo caminho das três dimensões do fazer litúrgico/musical: a preparação, que reúne a seleção/composição de canções, os ensaios e as performances.

Dos encontros preparatórios, ensaios e performances nas celebrações matinais da 9ª Assembleia do CMI, novas relações foram estabelecidas do autor com musicistas, teólogos e teólogas de diversas denominações cristãs de vários países. Surgiram, assim, convites para compartilhar **experiências internacionais de criação musical** em países como Cuba (2008), Dinamarca e Noruega (2009), México e Coréia do Sul (2012), novamente Dinamarca (2017), além de nossa participação colaborativa em eventos nacionais ecumênicos e no âmbito da IECLB que articulam música, culto e novas possibilidades expressivas, com destaque para os temas da **inculturação musical no culto cristão**.¹⁴

Recebemos o convite para compor um grupo de pessoas engajadas em produção de recursos litúrgicos, a **Red Create de Liturgia**¹⁵, que é uma rede de liturgia ecumênica latino-americana, que promove encontros ecumênicos para criação de recursos litúrgicos, dentre eles, encontros para composição de novas canções para utilização nas igrejas. A partir das experiências da Red Create, iniciou-se em 2017 o projeto **Palavra na Liturgia**, no **Centro de Recursos Litúrgicos (CRL)** da

¹³ **Em tua graça.** Livro de culto e orações. Genebra: World Council of Churches, 2006, p. 414-415.

¹⁴ Nossa dissertação de Mestrado pesquisou o repertório inculturado no contexto do Conselho Mundial de Igrejas. Da experiência prática dos encontros ecumênicos, surgiu a oportunidade de pesquisa e defesa da dissertação sobre música, ecumenismo e inculturação. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/handle/BR-SIFE/990> Acesso em 27 jul. 2022.

¹⁵ Disponível em: <https://redcreate.org.ar/> Acesso em 15 set. 2022.

Faculdades EST,¹⁶ em São Leopoldo, hoje atrelado ao **Centro Beatitude de Espiritualidade, Psicologia e Bem Viver**¹⁷. As experiências coletivas de composição dos encontros da Red Create, dos quais participamos desde 2008, trouxeram novos impulsos para a criação musical inculturada ou contextualizada,¹⁸ colaborando com a vida de culto das igrejas cristãs no sentido da oferta gratuita de recursos litúrgico-musicais, publicadas e disponíveis nos sites da Red Create e do Centro Beatitude.

Os festivais de música sacra que foram organizados pela IECLB, chamados de **Musisacra**, ao final dos anos de 1980 e início dos anos de 1990 também são determinantes no alavancar de iniciativas de criação musical para o contexto luterano.¹⁹ O objetivo principal da realização destes festivais foi de incentivar a criação de novas canções para os então novos repertórios para o culto luterano, que surgiam modestamente desde os anos de 1950 a 1980. Separados por regiões eclesiásticas da IECLB, os festivais reuniam grupos e indivíduos que compunham novas canções para uso na vida da igreja. Nós participamos, com canto e performance instrumental, de grupos musicais que *competiram* nos festivais. No ano de 1996, o grupo Aldeia Coral, conduzido pelo autor da pesquisa, levou para o estado de São Paulo, na final do festival, três cantos litúrgicos de nossa autoria, que mais tarde foram incluídos no Hinos do Povo de Deus volume II, um dos hinários oficiais da IECLB.²⁰

Evento central para a pesquisa é o projeto de oficinas de composição chamado de **“Musisacra”** (o mesmo nome dos anteriores festivais de música

¹⁶ O Centro de Recursos Litúrgicos (CRL) da Faculdades EST tem uma história vinculada aos processos de renovação litúrgica da IECLB, pois iniciou as suas atividades no ano de 1993, através de iniciativa do prof. Dr. Nelson Kirst, então professor de liturgia da Faculdades EST.

¹⁷ Disponível em: <https://beatitude.com.br/> Acesso em 30 jan. 2023.

¹⁸ A série do Palavra na Liturgia, em janeiro de 2023, conta com seis livros de recursos publicados no site do *Centro Beatitude de Espiritualidade, Psicologia e Bem Viver*, na aba do CRL: Disponível em: <https://beatitude.com.br/index.php/crl/> Acesso em 06 ago. 2022.

¹⁹ Daniel Hunger, professor nos cursos de música da Faculdades EST, desenvolveu pesquisa de Mestrado sobre a produção musical na IECLB, em especial na região sul do Brasil. Em seu trabalho, ele destaca, a partir de entrevistas com musicistas, o porquê dos festivais e como funcionavam, pois o Musisacra da IECLB ao fim dos anos de 1980, início dos anos 1990 reuniu uma coletânea de novas canções para culto, registradas em formatos de *long-play* (LP). Para saber mais, HUNGER, Daniel. **Produção Musical na IECLB: uma análise sobre a produção musical na Região Sul**. São Leopoldo: Faculdades EST, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/27715605/Produ%C3%A7%C3%A3o_Musical_na_IECLB Acesso em 27 jul. 2022.

²⁰ Os três cantos litúrgicos também estão no Livro de Canto da IECLB: “Tem piedade, Senhor” (LCI 58), “Santo, santo, santo é o Senhor” (LCI 244) e “Vem Espírito Santo” (LCI 252). **Livro de Canto da IECLB** (organizado por) Marcell Silva Steuernagel, Soraya Heirich Eberle, Werner Ewald ...[et.al.]. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, 2017.

competitivos da IECLB) que ocorre na região geográfica do Sínodo Espírito Santo a Belém desde 2011, e que será analisado do ponto de vista metodológico, teológico, prático e musical para o contexto da vida de culto das comunidades luteranas no Brasil ao final de nosso trabalho.²¹ O Musisacra capixaba, incentiva a participação inclusão de novas pessoas na prática de composição musical e no engajamento na vida da IECLB e, de modo indireto, da vida de culto da igreja, uma vez que o objetivo principal das novas composições reside na sua utilização litúrgica.

No início dos anos 2000, foi iniciado, com a nossa participação, um processo de prática de composição de **Antifonas de Salmos**, que reuniu mais de 40 pessoas em diferentes momentos e diferentes locais com o objetivo de criar composições a partir do livro bíblico dos Salmos: São Leopoldo (RS), Vitória (ES) e Curitiba (PR). Participamos da condução destes encontros e mais de 200 antifonas de Salmos foram criadas. Algumas das antifonas dos salmos estão disponíveis no site da IECLB e ainda não há uma perspectiva para a publicação do livro com as partituras das composições que, em sua maioria, encontram-se arquivadas em computadores pessoais.²²

O lugar de fala, compreende também uma lacuna perceptível em nossa pesquisa: **a escassez de reflexões acadêmicas sobre música na IECLB** e, conseqüentemente, a escassez de ofertas de formação para música no âmbito da teologia e práticas musicais luteranas. Se por um lado a IECLB, desde longa data, estabelece regimentos e ordenamentos para a atuação ministerial com ordenação, o mesmo não ocorre com pessoas que atuam com música na IECLB. Não há nenhum tipo de orientação da igreja em relação a regimentos para o trabalho musical. Cabe às comunidades a organização do ministério musical, valendo-se de musicistas voluntários e voluntárias ou de musicistas contratados e contratadas. Porém, muitas comunidades esperam que ministros e ministras com ordenação e com habilitação reconhecida possuam conhecimentos musicais para condução de grupos musicais e cultos comunitários.²³

²¹ Conforme veremos no quarto capítulo, o Musisacra produziu materiais que estão publicados e disponíveis para utilização em comunidades. Caderno 1, disponível em: http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livros-digitais/Musisacra-Caderno_1.pdf Acesso em 31 jul. 2022. E, Caderno 2, disponível em http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livros-digitais/Musisacra-Caderno_2.pdf Acesso em 31 jul. 2022.

²² Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/antifonas-2> Acesso em 27 jul. 2022.

²³ A IECLB, através do seu site oficial, divulga uma lista de vagas para ministros e ministras com ordenação, que incluem catequistas, diáconos e diaconas, diaconisas, missionários e missionárias, pastores e pastoras, para campos de atuação de igreja. Muitos deste campos esperam que o

Mesmo que formalmente não haja regimentos ou diretrizes que orientem a vida musical das comunidades a partir da estrutura da IECLB, espera-se que as pessoas responsáveis pela condução musical possuam um mínimo de conhecimentos musicais, em especial na execução de um instrumento musical e experiência em condução (regência) e, também, é desejável que possuam conhecimentos sobre culto, liturgia, vida de igreja e teologia de identificação luterana. O binômio condução musical/condução litúrgica faz parte da experiência, compõe o lugar de fala do autor. E a falta de reflexões teológicas sobre o fazer musical foi e segue sendo um dos impulsos para a continuidade e aprofundamento dos estudos em música do culto ou, música da igreja.²⁴

A pouca reflexão teológica sobre a relação entre música da igreja/música do culto é apontada por Werner Ewald, que percebe a falta de investimento em pesquisa e reflexões a respeito.

Que a música e o canto desempenham um papel fundamental na história das igrejas advindas da Reforma luterana do século XVI não é novidade. É comum ouvir que a música é parte valiosa da herança luterana, que ela representa e identifica comunidades protestantes e que é preciso estimular o canto, os coros, os grupos instrumentais, os concertos. Se é preciso investimento em música e se ela nos representa e identifica, é preciso refletir sobre tal investimento e sobre essa representação e identidade. Aqui já não estamos em lugar tão comum, pelo contrário, a ideia dominante sobre a música cantada e tocada nas igrejas e comunidade é que ela se basta, ou seja, que o simples fato de ela estar ali sendo passiva e misteriosamente 'feita' é satisfatório e é provavelmente o máximo que a música tem a dizer e a contribuir.²⁵

Por isso, o lugar de fala percebe a necessidade do **fortalecimento do estado de arte sobre reflexões de música e igreja, em música e teologia e música e culto**, também na perspectiva teológica do **serviço** apontada no início deste ponto da

ministro ou a ministra que se candidate tenha conhecimentos musicais. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/vagas> acesso em 08 out. 2022. Ao clicar na aba "vagas", o site faz o download de um arquivo de texto com as vagas. No documento salvo em 07 de outubro de 2022, por exemplo, pode-se ver, logo na primeira vaga do sínodo da Amazônia, que é desejável que o ministro ou a ministra tenha o dom da música. Pode-se observar este desejo em outras vagas ministeriais, arroladas em outros sínodos.

²⁴ A expressão "música da igreja" não contempla a complexidade conceitual das práticas litúrgico-musicais do culto. A música pode ser da igreja, pode ser na igreja ou pode ser para a igreja. A tradução para o português do que Albrecht define como música sacra ficou como "música do culto", em português, é refletida por ALBRECHT, Christoph. A música do Culto. SCHMIDT-LAUBER, H.-C. et. al. (Orgs.) **Manual de Ciência Litúrgica**, volume 2, História e forma do culto. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2013, p. 329-362.

²⁵ EWALD, Werner. **Música e Igreja**: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Conselho Nacional de Música da IECLB/Coordenadoria de Música da IECLB, 2010, p. 11.

pesquisa, compreendendo que a música é uma área de significativa relevância para a **teologia prática**. Mas não somente para a teologia prática, pois esta, em suas diferentes dimensões, estabelece seus conceitos e pressupostos a partir das ações comunitárias que tratam da relação entre Deus, as pessoas de fé (igreja) e o mundo (sociedade e meio ambiente). Este trabalho reforça a necessidade de aprofundamento no tema da música no contexto eclesial, especialmente, na dimensão do pensamento pós-colonial na perspectiva latino-americana decolonial. Portanto, selecionamos a expressão **práticas litúrgico/musicais**, que resume o **objeto da pesquisa** e delimita as ações musicais que envolvem a criação/mediação de oficinas para composição musical, a prática de ensaios e a condução/mediação da performance litúrgico/musical, pensados para o culto protestante de uma igreja luterana no Brasil. O esforço conjunto destas três ações visa a música que será executada, ouvida, cantada, dançada e direcionada a Deus no culto cristão.

Na perspectiva teológica de identificação luterana, o culto cristão perfaz a ação da **pregação da Palavra** e as ações do batismo e santa ceia, que é denominada de **administração dos sacramentos**. Para organizar e ministrar a pregação da Palavra e a administração dos sacramentos, a igreja instituiu o *ministério eclesial*

A igreja de Jesus Cristo vive da palavra de Deus. Ela não se produz a si mesma nem resulta de uma decisão constituinte de seus membros. É fruto do evangelho, dizia Martim Lutero. Sem este, ela sucumbe e nem chega a nascer. Por isto o evangelho deve ser anunciado, divulgado, proclamado. A fim de garantir que isto aconteça, Deus mesmo implantou na igreja o “ministério eclesial”. Diz o art. 5 da Confissão de Augsburg (CA): “Para que alcancemos esta fé, foi instituído o ministério que ensina o evangelho e administra os sacramentos.” E prossegue: “Pois, mediante a palavra e pelos sacramentos, como por instrumentos, é dado o Espírito Santo, que opera a fé, onde e quando agrada a Deus, naqueles que ouvem o evangelho.”²⁶

O que a música tem em comum com pregação da palavra e administração dos sacramentos? Por que estes dois núcleos centrais de um culto são destacados, também, no lugar de fala? Basicamente, por sua dimensão teológica do serviço, já descrito acima. A partir de uma compreensão do ministério eclesial, a igreja desempenha seu papel de pregar o evangelho de Cristo e de administrar os

²⁶ Trecho do texto “O ministério na IECLB” publicado no site oficial da IECLB, do pastor emérito, Dr. Gottfried Brakemeier. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/ministerio-ordenacao/o-ministerio-na-ieclb-sua-teologia-e-praxis Acesso em 16 de julho de 2022.

sacramentos e, esta compreensão, não se aparta da dimensão do serviço, que é tarefa da comunidade, da igreja como um todo a partir de um mandamento divino.

Mesmo assim, existe o ministério “que ensina o evangelho e administra os sacramentos”. Como entender isto? Ora, trata-se de um ministério confiado em primeira instância não a indivíduos, e sim à igreja em seu todo. O art. 5 da CA [Confissão de Augsburgo] tem em vista um “mandato eclesiástico”. Deus quer que sua igreja seja proclamadora do evangelho, portadora do mesmo até os confins da terra (At 1.8). Este mandato de modo algum é opcional. Pelo contrário, é uma obrigação inalienável. Nele se concentra, como num feixe de luz, a vocação da igreja. Os cristãos e as cristãs têm um compromisso de vida ou morte com o evangelho.

De um lado, compreender o conceito de serviço em sua dimensão holística exige refletir que, a ação primeira parte de Deus; É Deus que é autor da **ação divina**, a ação salvífica pela sua criação. A ação divina não é a teologia; a teologia é a forma que o ser humano ocidental encontrou para ler o que Deus faz por sua criação. E, no contexto de uma identificação luterana, Deus institui o ministério da igreja e este mandato se faz via pregação da palavra e administração dos sacramentos, ou seja, este mandato, na prática, acontece no espaço do culto cristão (de confissão luterana).

Aqui temos os elementos teológicos que sustentam as práticas rituais de uma comunidade cristã de confissão luterana. Este serviço “luterano” é administrado, como ação segunda, **pela igreja**, ou seja, a administração do serviço da igreja está sob os cuidados de pessoas que congregam na igreja e que receberam a fé pela operação do Espírito Santo. O culto é o espaço da administração da palavra e dos sacramentos. E condução litúrgico/musical faz parte do processo da administração da palavra e da administração dos sacramentos. Não há palavra e sacramento sem uma mínima organização litúrgico/sonora.

Por isso, a compreensão teológica descrita acima, de origem e identificação luterana, é ontologicamente relacionada com o lugar de fala do autor desta pesquisa e da mediação de suas práticas litúrgico/musical. Há uma ação divina e uma resposta humana no fazer musical. O fazer musical acontece, em seu aspecto de condução/mediação, porque há uma crença/fé de que Deus está agindo, e a música que se conduz e que anima a comunidade a cantar brota, também, de pessoas que louvam/devotam sua fé a Deus. Há um binômio teológico aqui, que depende da fé em Deus: **divino/humano**.

Dizendo de outro modo, no contexto luterano, a ação divina é percebida pela fé, é ação misericordiosa de Deus que leva, a pessoa crente, em um segundo ato, a participar/moldar/organizar/estar/sentir/celebrar o encontro da comunidade com Deus, em culto. “Culto é o encontro da comunidade com Deus”.²⁷ Este encontro acontece com música, com práticas litúrgico/musicais. A música, compreendida como parte indissociável da prática de culto, é essencialmente parte da centralidade na Palavra, do batismo e da comunhão, concebida como um presente divino e ação sacrificial humana. Esta ideia sustenta a perspectiva do autor desta pesquisa que, em muitos aspectos, não se limita à esfera da compreensão, como veremos na reflexão do pensamento decolonial em diálogo com a teologia. Este enredo teológico/prático constitui-se essencial para definição do lugar de fala, do conjunto de saberes/experiências do autor.

E acrescenta-se outro aspecto, destacado neste trabalho: o processo auto narrativo de vida com música da igreja do autor, na construção de saberes em práticas coletivas descritas neste espaço do lugar de fala, é definido como uma **prática convencional** no âmbito da IECLB. As práticas litúrgico/musicais são práticas convencionadas na história da liturgia, e podem ser conservadoras, liberais, progressistas e, também, **podem vir a ser decoloniais**, em oposição às compreensões convencionais sobre as práticas que realizamos, na medida em que as reflexões apontam para *outras possibilidades de condução teológica/musical*, ressignificadas a partir do diálogo e das provocações da teologia prática com o pensamento decolonial, como veremos adiante.

As práticas litúrgico/musicais convencionais das comunidades luteranas, incluem o fazer litúrgico como **tarefa** (quase exclusiva) **de pessoas ordenadas** para tal função. O artigo 14 do documento “Confissão de Augsburgo”, que é um documento basilar da IECLB, diz o seguinte: “Da ordem eclesiástica se ensina que sem chamado regular, ninguém deve publicamente ensinar ou pregar ou administrar os sacramentos da igreja.”²⁸ Ou seja, para guiar o encontro da comunidade com Deus, deve haver pessoas separadas para, dentre outras ações, moldar e conduzir o culto cristão, pois

²⁷ KIRST, Nelson. **Nossa liturgia**: das origens até hoje. Fascículo 1. São Leopoldo: Sinodal, 1993, p. 12.

²⁸ **A Confissão de Augsburgo**. Edição comemorativa. 1530-2005. São Leopoldo/Porto Alegre/Curitiba: Sinodal/Concórdia/Encontro Publicações, 2005, p. 16.

é no culto cristão que se prega e se administra os sacramentos. Não pode haver a pregação/administração dos sacramentos sem um chamamento da comunidade.

Daí que a IECLB, como igreja da comunhão luterana que se originou na Europa, estabeleceu uma organização sobre os diferentes papéis ou ênfases de pessoas separadas/ordenadas para o ministério/serviço da igreja, identificando especificidades para estas ênfases que visam, como tarefa comum, a pregação da palavra e a administração dos sacramentos, em diferentes frentes de ação no contexto da igreja e para além dela. Estas especificidades são definidas em quatro ministérios com ordenação: ministério catequético, ministério diaconal, ministério missionário e ministério pastoral.²⁹ O autor da pesquisa, no contexto da IECLB, atua no âmbito do ministério catequético que lida com práticas de educação cristã. A música tem servido como base (na perspectiva convencional) nesta visão teológica ministerial.

No senso comum do imaginário luterano, o culto é compreendido como tarefa “exclusiva” do pastor ou da pastora, e há estranhamentos quando pessoas leigas ou ministros e ministras de outras ênfases assumem o papel de celebrantes, que compreende a pregação e a administração dos sacramentos.³⁰ De um modo geral, é possível afirmar que há uma compreensão de que a música, no contexto da IECLB, é concebida como de menor valor, de menor importância. Há uma ideia de que a música “funciona” para deixar o culto “mais bonito”. Este tipo de visão, convencional e conservadora, está embasada no conceito de que música e liturgia são grandezas separadas e menosprezadas e, portanto, são grandezas de menor importância, que não recebem o mesmo tratamento que outras áreas nobres nas reflexões teológicas ocidentais.

Há ministros e ministras que conduzem a música nas celebrações, mas, via de regra, a tarefa de condução musical nas comunidades é destinada para musicistas, pessoas voluntárias ou profissionais. Na visão convencional da música do culto, a atuação musical não representa uma ação ministerial. Quando a pessoa musicista toca algum instrumento e faz a mediação da música do culto, ela não é vista como

²⁹ A divisão ministerial parte da compreensão teológica de “dons”. A partir dos dons que as pessoas identificam, elas servem à igreja, através da ideia do ministério eclesiástico. Para maiores informações sobre as especificidades dos ministérios: disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/ministerios> Acesso em 05 ago. 2022.

³⁰ Nas oportunidades em que o autor da pesquisa foi celebrante, questionou-se a validade da pregação da palavra e da administração da ceia do Senhor. Esta visão estreita origina-se da compreensão de que o culto é tarefa exclusiva do pastor ou da pastora.

uma pessoa que está pregando a palavra através da música, independentemente do status de ordenação ou não para o ministério da Igreja. Isto reforça a visão distorcida da separação entre música e culto. A música, minimizada, é concebida como **arte funcional**, serve como adorno para a celebração cristã e não é compreendida como proponente da tarefa da proclamação do evangelho.

Portanto, na compreensão teológica que parte do conceito de que Deus instituiu o ministério eclesiástico, onde há uma definição e orientações definidas e aprovadas pela igreja, que determina que a tarefa da condução litúrgica do culto é responsabilidade de pessoas ordenadas, em especial pastores e pastora, questiona-se: qual é a orientação para a **mediação das práticas litúrgico/musicais**, sejam elas as práticas de preparo de material, ensaio e performance da música no culto?

O lugar de fala de nossa pesquisa, portanto, reúne algumas discussões sobre uma leitura possível da **mediação litúrgico/musical como um serviço ministerial**³¹ sem a preocupação de estabelecer critérios ou justificativas para justificar teologicamente a ordenação ou não de pessoas. Nem todo o serviço carece de ordenação ministerial, mas todo o serviço que se realiza pode ser entendido como um serviço ministerial, ou seja, que aponte para o evangelho de Cristo.³² A compreensão de que o serviço musical no contexto do culto é uma ação de mediação litúrgica fortalece a ideia de que a música é fundamental na moldagem e na execução do culto cristão.

A falta de definição sobre o papel da importância da música no culto acarreta, dentre outras questões, na falta de organização e sistematização sobre o fazer musical na igreja como um todo, como acontece com a vida das pessoas que ingressam no ministério da igreja. Um pastor ou pastora recebe a ordenação para a atuação ministerial e, depois de um longo processo de estudos, recebe uma habilitação para atuar em comunidades religiosas ou outros espaços. Não ocorre processo similar com pessoas que atuam na música ou em outros serviços não ordenados. E é possível afirmar, embora não seja possível atestar, que praticamente

³¹ Não nos interessa, neste ponto, discutir o problema da ordenação ou não ordenação de musicistas. Cleonir Zimmermann desenvolveu uma pesquisa sobre o Ministério da Música. Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-43979/musica-teologica> Acesso em 04 ago 2022.

³² Também não nos deteremos às discussões sobre ministério. Este tema merece uma pesquisa na perspectiva decolonial, pois a hierarquização dos ministérios gera profundas reflexões sobre relações de poder.

todas as comunidades da IECLB, de forma voluntária ou profissional, possuem serviços musicais para os cultos locais. Se por um lado, esta falta de diretrizes eclesiais em nível nacional ou sinodal oportuniza liberdade para experimentos litúrgico/musicais participativos e libertadores, que intentamos apontar em nossa pesquisa, por outro lado, a falta de diretrizes não impede o avanço de repertórios estranhos à identidade luterana e formas de atuação musical convencionais, colonizadoras e excludentes. Não se trata, aqui, de propor modelos ou definir conceitos uniformes para o campo da diversidade; ao contrário, reafirmamos que a identidade luterana se forja com o pressuposto da diversidade, com o cuidado necessário na condução de processos não autoritários de organização e reflexão do fazer litúrgico/musical luterano, fundamentado nas dinâmicas entre constância e diversidade, como veremos adiante.

Todo este panorama do lugar de fala é costurado a partir de uma linha de pensamento que tem, como base, estudos e leituras sobre críticas pós-coloniais aos **estatutos epistêmicos do pensamento ocidental**, em especial a partir do **pensamento decolonial latino-americano** que apresentaremos no próximo capítulo. O lugar de fala tem, como pressuposto fundamental, a compreensão de que o tripé (criação/seleção de repertório, ensaio e performance) que denomina ou define as práticas litúrgico/musicais no contexto da igreja, origina-se e sustenta-se em bases epistêmicas ocidentais, por isso convencionais, e estabelece seus parâmetros de organização de acordo com elas. Para propor algo diverso, que escape dos colonialismos, é preciso avançar em um processo de ressignificação epistêmica daquilo que embasa a forma ocidental de pensamento, que se constituiu como a única e universal forma de articulação de pensamento. A crítica decolonial, como veremos, aponta para outras possibilidades de articulação racional, que envolvem, principalmente, o deslocamento deste centro epistêmico ocidental para as fronteiras de outros pensares e saberes, articulados em outras perspectivas.

O pensamento ocidental e suas formas de construção de conhecimento, teológicos e estéticos no âmbito da música, não são desprezados na análise. A discussão, entretanto, *parte do diálogo da teologia prática com o pensamento*

decolonial, e busca superar a imposição e supremacia do pensamento ocidental como modo universal de articulação do conhecimento.³³

Por isso, o que se vislumbra com esta pesquisa não é uma crítica que menospreze ou minimize o conteúdo teológico do culto e seu status evangélico libertador; o que se espera é que **as reflexões aqui propostas apresentem a devida crítica à epistemologia que sustenta o modo de pensar e agir ocidental**, revelando assim, os elementos coloniais presentes nas práticas litúrgico-musicais luteranas em terras brasileiras. Uma vez que a colonialidade presente na reflexão e nas práticas do culto cristão com suas sonoridades seja revelada, apontada e confrontada, torna-se **possível imaginar uma outra possível mediação das práticas litúrgico/musicais**, para o contexto do culto cristão e das suas sonoridades. Espera-se que o campo dos estudos litúrgicos, via teologia prática, desvincule-se de convenções cristalizadas que sustentam práticas coloniais e que, na caminhada, assumam-se com características progressistas, libertadoras e emancipatórias que atenda as demandas coletivas e individuais de louvor e devoção das pessoas crentes nos cultos da IECLB ou de outras denominações.³⁴

Importante destacar, aqui no espaço do lugar de fala, que o pensamento decolonial oferece caminhos para ressignificar as práticas do culto cristão que representam formas excludentes e opressoras da ação humana no que tange o rito em si, cristalizado no mundo ocidental e perpassado por aspectos visivelmente coloniais e imperialistas. A discussão que apresentamos neste trabalho não tem como fim último definir um modelo ou forma decolonial de culto cristão. Espera-se, isso sim, definir um caminho, definir passos de uma peregrinação às fronteiras dos saberes silenciados pela colonialidade. A isto chamamos de **processo de ressignificação das práticas litúrgico/musicais a partir de conceitos e pressupostos pós-coloniais**, em especial, na linha da opção decolonial latino-americana.

Se por um lado as leituras e reflexões pós-coloniais geraram instabilidade (e esta instabilidade levou-nos à formulação do problema da pesquisa) nos pilares epistêmicos ocidentais e convencionais que sustentam as reflexões e modos de atuação em nossa história pessoal e comunitária, por outro lado, as reflexões

³³ Reflexões sobre estes conceitos serão logo mais apresentadas no segundo e terceiro capítulos.

³⁴ Já destacamos, mas reforçamos a ideia de que esta pesquisa tem um recorte espacial o que, não impede, que as reflexões aqui contidas possam ser ressignificadas em outros contextos denominacionais.

provindas dos impulsos do pensamento pós-colonial provocaram e seguem provocando um **movimento revisional, de ressignificação** de nossas reflexões teológicas convencionais, proporcionando abertura para autocrítica, **reposicionando o nosso modo de pensar e articular teologia e música**, e, conseqüentemente, reposicionando as formas de ação nas práticas litúrgico/musicais. Assim, das experiências acumuladas do lugar de fala, iluminado pelos impulsos do pensamento decolonial dentro da perspectiva das ciências litúrgicas, surge a pergunta central da pesquisa: **quais são e como são as mediações das práticas litúrgico/musicais em perspectiva decolonial na IECLB?**

Com a pergunta formulada e alguns primeiros impulsos reflexivos apontados, *o lugar de fala, definido como um conjunto de saberes práticos, experiências e reflexões ainda em perspectiva teológico/musical convencional, encontra-se em movimento, em processo de releitura epistêmica e ressignificação deste conjunto de saberes, rumo às fronteiras do amor evangélico abrigado nos pressupostos do bem viver latino-americano, que, espera-se, resulte em celebrações musicais do “bem celebrar”*. Uma leitura teológica, que se almeja decolonial, carece de um profundo processo de ressignificação da mediação das práticas litúrgico/musicais e dos modos de reflexão sobre o culto e sua música. Prática e teoria, neste sentido, buscam uma unidade e não uma dissociação. A leitura teológica que se propõe entende que o lugar de fala, que reúne saberes e experiências coletivas de criação, ensaio e condução musical, é o ponto de partida da análise emancipatória da mediação das práticas para o culto cristão.

A releitura das bases convencionais de articulação conceitual, iluminada pelo pensamento decolonial, conduz as reflexões convencionais para reflexões emancipatórias, que transformam práticas conservadoras que fixam normas em práticas libertárias que acolhem a diversidade e a devoção do povo crente, reforçando mediações teológicas contextualizadas e engajadas com a valorização da vida, em especial, das pessoas subalternizadas pela lógica imperial/colonial. Se a prática de culto cristão não revisita seus pressupostos e bases epistêmicas, a prática segue viciada na subjugação, na sustentação estrutural do racismo e patriarcalismo, típicos da empresa colonial ocidental.

Não se busca criar uma “nova” teologia ou nova leitura teológica. O objetivo deste trabalho não vai no sentido da **novidade ocidental**, que, em espírito

competitivo, nega o passado e apresenta o “novo”. A novidade, no contexto da epistemologia ocidental, é uma armadilha apontada no pensamento decolonial. No pensamento ocidental, o novo representa, muitas vezes, o requeitado.³⁵ Propomos uma leitura aprofundada do que significa o novo, em relação às práticas musicais que têm sido realizadas no contexto do culto cristão em solo brasileiro, denominando a leitura de **outra leitura teológica**.

Espera-se que esta outra forma de leitura da realidade de música e culto na IECLB, abalada em seus pilares epistêmicos, ressignifique as práticas de mediação da música no culto, seus pressupostos e conceitos, colaborando com o fim definitivo dos racismos e patriarcalismos radicados na cultura ocidental e impregnados no culto e música cristã. Ao deslocar-se dos centros da colonialidade do modo ocidental de pensar e articular suas ações, propomos um caminho aberto, rumo às fronteiras da vida simples, do **bem viver** que se traduz para o **bem celebrar**, onde louvor e devoção são ressignificados e envolvem a comunidade com sentidos que vão além dos sistemas estruturais duros e racionalizantes do pensamento ocidental/moderno.

Esta pesquisa desenvolve-se no **Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST**, que oportuniza condições de construção e revisão conceitual dos aspectos musicais e teológicos que perfazem os modelos de culto da IECLB e de outras denominações cristãs. É um trabalho acadêmico, mas que não deixa de articular a prática, apontar críticas ao fazer prático e oferecer alternativas para a mediação das práticas litúrgico-musicais. O trabalho se faz no âmbito da **Teologia Prática**, dentro de um dos centros de formação de futuros ministros e futuras ministras da IECLB, situada na cidade de São Leopoldo, no estado do Rio Grande do Sul. A pesquisa é desenvolvida com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Ministério da Educação do Brasil.³⁶

Ainda dentro da perspectiva do lugar de fala, é importante destacar que ela desenvolve-se como uma **pesquisa acadêmica em teologia** e não como uma **pesquisa acadêmica em música**. Nem a Faculdades EST ou outra instituição de ensino superior de pós-graduação no Brasil oferece acento para estudos musicais

³⁵ Adiante, no segundo capítulo, na página 62, abordaremos este conceito de novidade no pensamento de Walter Mignolo. Ver: MIGNOLO, Walter D. Reconstitución epistémica/estética: la aesthesis decolonial una década después. **Calle 14: revista de investigación en el campo del arte** 14(25), 2019.

³⁶ Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br> Acesso em 16 jul. 2022.

para o contexto religioso, no campo das ciências litúrgicas³⁷. O músico e teólogo brasileiro Marcell Silva Steuernagel desenvolveu sua pesquisa sobre a relação entre Teologia e Música do ponto de vista da *performance musical*, e realizou sua pesquisa fora do Brasil³⁸. Entendemos a importância de frisar esta questão, pois, de um ponto de vista da música, este projeto teria, possivelmente, um caráter e resultados distintos dos apresentados, ainda que em diálogo com a teologia prática e o pensamento decolonial.

Por isso compreendemos esta pesquisa como um caminho que une teologia e música como um objeto de pesquisa unificado, não dissociado. Entende-se que há um processo de pesquisa interdisciplinar, por conta de um impulso conceitual necessário que emerge do pensamento decolonial, qual seja, a possibilidade de romper com o binarismo típico dos estatutos acadêmicos ocidentais, que partidarizam os conceitos e dividem os campos de estudo, muitas vezes, como independentes e até excludentes, como veremos adiante.

Assim, repetimos e reafirmamos a importância de considerar **música e teologia como grandezas indissociadas**. Quando articulamos nossos conceitos em torno do objeto **práticas litúrgico/musicais**, articulamos conceitos que entendem que a música e a liturgia não podem ser separadas na ação prática de mediação do culto cristão. A valorização da música no espaço de culto da IECLB caminha para além de funcionalidades de entretenimento ou de ornamento da palavra de Deus; tão pouco queremos incorrer no erro de tratar a teologia prática como uma área que dispensa reflexões racionais sobre música e suas especificidades. Sejam estas reflexões teológicas, antropológicas, sociológicas, musicais e, como propomos, decoloniais, propomos a conexão da música de nossos tempos³⁹ conectada à teologia e à liturgia, no contexto da IECLB, das comunidades, seus cultos e sua mediação musical.

³⁷ Entendemos que seria possível apresentar e defender um projeto de pesquisa na área de musicologia, ou de educação musical, para então criar um pensamento a partir das definições e conceitos musicais, mas nossa pesquisa retrata, justamente, uma indissociabilidade entre música e teologia e, por isso, escolhe-se o campo da teologia como área de conhecimento que acolhe esta discussão.

³⁸ STEUERNAGEL, Marcell Silva. **Church Music Through the Lens of Performance: The Embodied Ritual of Sacred Play**. Waco: Baylor University, 2018.

³⁹ Entendemos que qualquer forma musical, independente do tempo em que foi composta é contemporânea, se executada hoje. O novo e o velho são dimensões que fazem sentido no presente, nos cultos que são realizados hoje.

Por fim, ainda na discussão do lugar de fala, é preciso ressaltar que este trabalho não é um trabalho individual: **há uma coletividade a ser respeitada que acompanha a escrita individual da pesquisa**. Há muitas pessoas envolvidas no processo de práticas, reflexões e mediações em teologia e música, tanto a nível acadêmico quanto na vida cotidiana das comunidades. Por isso optamos, como aspecto formal e necessário, pela escrita deste texto na terceira pessoa do plural. Quem escreve é um autor, mas que carrega um “nós”, é acompanhado por uma pessoa orientadora, experimenta práticas quase sempre coletivas. As linhas descritas aqui representam, a partir das narrativas das práticas do autor, as muitas vozes que já cantaram em diversos cultos, as diversas pessoas que se reuniram em oficinas e criaram canções, desenhando, assim, um movimento criativo em prol de um “cântico novo” para a vida da igreja. Estas pessoas estão presentes na redação textual. É um “nós” que canta e escreve, em resposta à graça divina, de modo devocional, expressando toda a sorte de sentidos nas composições que surgem a partir dos contextos locais de onde acontecem as experiências e surgem as composições para o culto cristão.

Por isso o lugar de fala estabelece o fio metodológico como um **processo auto narrativo** que busca iluminar pensamentos e práticas coletivas no que se definiram até aqui na história pessoal do autor nos espaços coletivos. O lugar de fala estabelece um panorama, um ponto de vista dentre tantos outros, despretensioso, de uma pessoa engajada no desenvolvimento de práticas litúrgico-musicais no âmbito da IECLB, e que sentiu-se abalado, num primeiro momento e, num segundo tempo, movido com afinco para discutir as práticas de música e culto na perspectiva decolonial latino-americana a partir dos estudos teológicos na pós-graduação.

Por fim, cabe aqui descrever uma introdução sobre o próximo ponto da pesquisa: apresentaremos alguns pressupostos sobre o pensamento decolonial, em especial, contribuições decoloniais do sociólogo Anibal Quijano e do semiólogo Walter Mignolo⁴⁰, além de outros autores e autoras de diversos componentes disciplinares. Também discutiremos pontos relevantes que teólogos e teólogas estabeleceram para identificar o papel da teologia nas teorias pós-coloniais. O histórico do lugar de fala apresentado acima, estabelece um vínculo entre teoria e prática que, abalado pelos

⁴⁰ Referências destes dois autores encontram-se no desenvolvimento do ponto 2.2 deste capítulo, logo a seguir.

conhecimentos da opção decolonial, propõe uma leitura teológica ainda convencional, mas que encontra-se a caminho de abandono de práticas e teorias convencionais e, portanto, coloniais. Propomos, então, um processo de peregrinação do centro epistêmico do conhecimento ocidental sobre culto e música para as margens dos discursos acadêmicos: as práticas litúrgico-musicais de uma outra teologia prática, no contexto da IECLB.

2.2 A OPÇÃO DECOLONIAL LATINO-AMERICANA

2.2.1 Os estudos pós-coloniais

Os estudos pós-coloniais mundiais têm trajetórias diversas na análise dos empreendimentos coloniais imperiais, originados na Europa, que iniciaram suas conquistas na virada do século XV para o XVI com as navegações e o “descobrimento” da América. Linhas de pensamento sobre a colonização na Índia, África, Ásia arregimentam importantes análises sobre os processos de colonização europeia. A colonização da América significou o genocídio de populações indígenas, a escravidão dos povos africanos, o saque das riquezas naturais, minerais e agrícolas, dentre outras atrocidades que povos europeus cometeram.

Com a independência dos países da América Latina, desenhou-se a falsa impressão de que estes problemas ficaram restritos ao passado colonizador, como se os processos de independência dariam um fim automático às mazelas e violências colonizadoras, por exemplo, com os processos de escravidão do povo negro. Os empreendimentos coloniais não cessaram seus processos exploratórios com as independências das colônias dos países colonizadores, como aconteceu com a independência do Brasil em 1822. Daí que os estudos pós-coloniais, principalmente nas áreas de sociologia, história e filosofia, são necessários para compreender como, ainda hoje, a empresa colonial segue atuando. “Como abordagem crítica, o pós-colonialismo analisa os efeitos sobre todas as esferas da sociedade deixados pelas potências coloniais nos países colonizados”.⁴¹

⁴¹ CUNHA, Carlos. **Provocações decoloniais à teologia cristã**. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017, p. 55.

Neste sentido, como um componente disciplinar acadêmico, de estrutura e origem ocidental, a teologia também se ocupa com os estudos pós-coloniais, pois entende que, como componente disciplinar que estuda o humano e suas relações com o sagrado, a teologia foi cúmplice nos processos de colonização, que feriram e continuam ferindo pessoas nas dimensões de gênero, raça e condição social. A história demonstra que a teologia silenciou diante dos diversos tipos de escravidão, do patriarcalismo e de tantas situações opressoras, em especial nos séculos de “conquista” de Abya Ayla. E não só silenciou, como foi conivente com as atrocidades cometidas contra nações indígenas.

Os estudos e análises pós-coloniais se orientam por narrativas críticas às empresas coloniais europeias e também norte-americanas em países então nominados de “terceiro mundo”. O pós-colonialismo pode ser definido, segundo Cunha, em duas direções:

A primeira, diz respeito ao tempo histórico posterior aos processos de decolonização de países, principalmente, da África e da Ásia, a partir da metade do século XX. Tal ideia refere-se à independência, libertação e emancipação das sociedades exploradas pelo imperialismo e neocolonialismo. A segunda noção, associada à primeira, diz respeito ao conjunto de contribuições teóricas oriundas principalmente dos estudos literários e culturais, que a partir dos anos de 1980 ganharam evidência em algumas universidades dos Estados Unidos e da Inglaterra.⁴²

A tarefa da teologia, então, pode se apropriar das reflexões pós-coloniais, em especial no que se refere aos problemas concretos e dores das pessoas, com a perspectiva profética do anúncio e da denúncia, engendradas numa perspectiva de diálogo com outros componentes, como a da sociologia, buscando outros pontos de vista, ou outros lugares de enunciação teológica. As teologias contextuais, em especial a Teologia da Libertação (TdL), feministas, de movimentos negros, indígenas, *queer*, dentre outras, refletem os processos de colonização ocidental e suas mazelas na interação com outras disciplinas no campo das humanas, visando dar uma resposta mais significativa às demandas e problemas das sociedades em nossos tempos. As reflexões destas teologias estão impregnadas de realidade pois partem do contexto de grupos subalternizados e buscam amplificar as vozes destes grupos.

⁴² CUNHA, 2017, p. 55.

Na América Latina e no Caribe, contribuições teológicas emergentes oferecem novas construções sobre a construção do conhecimento e sua relação com o lugar social de onde é enunciado. Há diversos nomes para estas teologias: feminista, de mulheres, mujeristas, womanist, queer, teologia gay, teologia de gênero, da corporeidade, da sexualidade, etc.⁴³

No âmbito das ciências litúrgicas, o pensamento pós-colonial abre o horizonte das discussões para o papel do culto: se o culto cristão serve ao império e seus colonialismos ou se o culto cristão serve às pessoas que são oprimidas pela colonialidade embutida na retórica da modernidade, dentro do contexto protestante luterano no Brasil. Dentre os estudos de ciências litúrgicas que focam seus trabalhos em perspectivas teologicamente contextualizadas, destaca-se, na IECLB, o trabalho de Adam que oferece um importante estudo sobre as romarias das pessoas sem terra⁴⁴ e, no mundo católico, por exemplo, o trabalho de Ione Buyst, que propõe pesquisa em liturgia a partir de pressupostos da Teologia da Libertação (TdL).⁴⁵

Assim, para a América Latina, o ramo pós-colonial que engendrou as críticas narrativas concentra suas críticas e utopias no que nomina-se pensamento ou opção decolonial, como veremos.

2.2.2 A opção decolonial

A **opção decolonial** surge como a resposta de um pensamento crítico pós-colonial no contexto de Abya Yala. E leituras teológicas progressistas na América Latina, em especial no Brasil, vão buscar uma aproximação com a opção decolonial, sem menosprezar outras leituras pós-coloniais da realidade de outros contextos e realidades mundiais. Entendemos que a teologia prática criada e articulada no Brasil e na América Latina pode contribuir, para além da dicotomia entre o pensar acadêmico e o prático, na ampliação da visão sobre os problemas práticos do colonialismo para a vida das pessoas. O âmbito das ciências litúrgicas, que engloba a dimensão

⁴³ DEIFELT, Wanda. Interculturalidade, Negociação de Saberes e Educação Teológica: contribuições da Teologia Feminista. **Protestantismo em Revista**, vol. 24, 2011. São Leopoldo: Faculdades EST, 2011, p. 3.

⁴⁴ ADAM, Júlio C. **Liturgia com os pés**. Estudo sobre a função social do culto cristão. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012.

⁴⁵ BUYST, Ione. **Cristo Ressuscitou**. Meditação litúrgica com um hino pascal. São Paulo: Paulus, 1995; BUYST, Ione. **Pesquisa em liturgia**. Relato e análise de uma experiência. São Paulo: Paulus, 1994.

simbólica do culto cristão como espaço de reflexão sobre o papel do culto na formação e transformação do *ethos* cristão, é o âmbito de diálogo com o pensamento decolonial.

A opção decolonial desafia a articulação teológica deste trabalho a um processo de ressignificação das suas bases epistêmicas ocidentais que sustentam os discursos teológicos, sejam eles conservadores, liberais ou progressistas. A proposição desta pesquisa não se autocompreende como decolonial, de imediato. A nossa leitura pode vir a ser uma teologia decolonial na medida em que propõe a desvinculação de suas bases epistêmicas com os colonialismos ocultos na retórica da modernidade, expressa também através do culto cristão. Há que elaborar passos e construir caminhos que levem nosso modo de ler e articular a teologia rumo às fronteiras do pensamento ocidental e descobrir, nas fronteiras, outras visões de mundo, formas diversas de lidar com as espiritualidades, com as sonoridades que expressam vozes silenciadas pelos esquemas rígidos que determinam os formatos rituais de uma igreja protestante histórica em solo brasileiro: é o que nos propomos a fazer.

Ao se referir às diferentes linhas de pensamento pós-colonial do mundo, o teólogo Nicolás Panotto, da Argentina, identifica três grandes correntes de estudos pós-coloniais, dentre elas o pensamento decolonial:

El pensamiento poscolonial responde a diversas ramificaciones: los estudios subalternos en la India, el desarrollo del poscolonialismo como disciplina y el llamado giro decolonial, que es el rostro latinoamericano de esta propuesta. Las tres corrientes mencionadas tienen sus particularidades, énfasis, diferencias y hasta oposiciones.⁴⁶

Panotto constrói a narrativa de uma possível teologia pós-fundacional ancorado nestas três grandes linhas, porém, com maior ênfase nos conceitos desenvolvidos pelo indiano Hommi Bhabha, um dos teóricos mais recentes do Grupo de Estudos Subalternos⁴⁷. Sua reflexão está comprometida com os problemas dos grupos colonizados e subalternizados, porém, como o próprio teólogo afirma, com ênfases diversas e até oposições em suas articulações conceituais.

⁴⁶ PANOTTO, Nicolás. Dios entre-medio de las fronteras: hacia una teología pública poscolonial. **Estudios Teológicos**, v. 58, nº 2, jul./dez. 2018, p. 280.

⁴⁷ Ballestrin apresenta resumidamente a história dos movimentos pós-coloniais mais destacados. O Grupo dos Estudos Subalternos tem origem nos anos de 1970, tendo como um dos líderes Ranajit Guha. BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 11, Brasília, maio-agosto 2013.

O rosto latino-americano dos estudos pós-coloniais, que é nominado como pensamento decolonial, ou giro decolonial, tem impacto direto no *contexto* de onde articulamos a nossa reflexão teológica. O recorte espacial desta pesquisa é uma igreja protestante, oriunda de um processo migratório da Europa para o Brasil, a IECLB, que se identifica como uma igreja evangélica de confessionalidade luterana em solo brasileiro. As práticas de reflexões sobre culto cristão, no cruzamento com o pensamento pós-colonial da linha decolonial, faz mais sentido em nossa argumentação, do que o pensamento de Bhabha, articulado na Índia, país colonizado pela Inglaterra.⁴⁸

Ballestrin afirma que “mesmo que não linear, disciplinado e articulado, o argumento pós-colonial em toda sua amplitude histórica, temporal, geográfica e disciplinar percebeu a diferença colonial e intercedeu pelo colonizado”.⁴⁹ A diferença colonial, em suma, reflete o antagonismo entre colonizador/colonizado. O colonialismo, enquanto uma empresa europeia que invadiu continentes que impôs seus modos opressivos de ação na língua, nas culturas, justificados pelas teologias que silenciaram diante das atrocidades da escravidão e extermínio de populações originárias no continente latino-americano, não encerrou sua empreitada com a independência dos países colonizados, mas manteve a dominação e exploração das riquezas naturais destes países, minimizando os saberes dos povos colonizados e imputando a “colonialidade” como prática oculta da modernidade, como detalharemos a seguir. O desvelamento dos mecanismos que mantêm o poder colonialista é um dos grandes objetivos do argumento pós-colonial que, na América Latina, encontra sua expressão na narrativa decolonial.

Ballestrin nos remete a descobrir os argumentos decoloniais no contexto latino-americano, na história desde o século XVI, quando iniciaram as grandes navegações que deram início às empresas coloniais. A interpretação decolonial da história, por exemplo, quando da intercessão pelas pessoas colonizadas dos depoimentos do padre Bartolomeu de Las Casas, que tomou partido das populações indígenas na região de Chiapas, lutando contra o sistema de escravização de pessoas

⁴⁸ Em termos de colonização religiosa, o movimento colonial inglês levou, consigo, pressupostos e conceitos religiosos anglicanos, enquanto que o Brasil e os outros países latino-americanos foram colonizados por católicos e, no século XIX, povoados por populações europeias que trouxeram o protestantismo. A influência religiosa nas questões políticas, e vice-versa, apresenta diferenças em função da origem diferente das empresas coloniais.

⁴⁹ BALLESTRIN, 2013, p. 91.

indígenas, de negros e negras, apresenta uma cara decolonial. Assim como Paulo Freire, pedagogo brasileiro, é considerado um pensador pós-colonial e, nos estudos de Mota Neto, um pensador decolonial, mesmo que a reflexão possa se definir como anacrônica.⁵⁰

Este argumento pós-colonial que se caracteriza por revelar a ação decolonial antes do surgimento sistematizado dos conceitos decoloniais, portanto, segue sendo articulado em narrativas de lutas pela amplificação de vozes que foram silenciadas nos processos de colonização, dominação e opressão no contexto latino-americano, com elementos próprios e especificidades, também religiosas. Ballestrin demonstra este argumento a partir de Mignolo

Walter Mignolo aproveita também alguns elementos das teorias pós-coloniais para realizar uma crítica dos legados coloniais na América Latina. Mas, à diferença de Ileana Rodríguez e de outros membros do Grupo de Estudos Subalternos, Mignolo pensa que as teses de Ranajit Guha, Gayatri Spivak, Homi Bhabha e outros teóricos indianos não deveriam ser simplesmente assumidas e traduzidas para uma análise do caso latino-americano. Ecoando críticas anteriores de Vidal e Klor de Alva, Mignolo afirma que as teorias pós-coloniais têm seu lócus de enunciação nas heranças coloniais do império britânico e que é preciso, por isso, buscar uma categorização crítica do ocidentalismo que tenha seu lócus na América Latina (Castro-Gómez e Mendieta, 1998, p. 17)

Apesar da complexidade das diferenças entre áreas e objetivos dos estudos pós-coloniais pelo mundo, pelo menos duas questões são consideradas consensuais nos diversos grupos de estudos pós-coloniais:

A primeira é o fato de pensadores pós-coloniais poderem ser encontrados antes mesmo da institucionalização do pós-colonialismo como corrente ou escola de pensamento. A segunda é o fato de que o pós-colonialismo surgiu a partir da identificação de uma relação antagonica por excelência, ou seja, a do colonizado e a do colonizador.⁵¹

Como afirmamos acima, Paulo Freire⁵², por exemplo, é considerado ainda que anacronicamente, um pensador pós-colonial, pois seus discursos apontam para os problemas da opressão e da pessoa oprimida na perspectiva do saber, do

⁵⁰ Mota discute a relação do pensamento decolonial com a pedagogia de Freire. Ver: MOTA NETO, João Colares. **Por uma pedagogia decolonial na América Latina**; reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda. Curitiba: CRV, 2016.

⁵¹ BALLESTRIN, 2013, p. 91.

⁵² Um dos principais textos do pedagogo brasileiro Paulo Freire reflete a metodologia das pessoas oprimidas, que pode ser ressignificada, na perspectiva decolonial, como a metodologia de libertação das pessoas colonizadas. Ver: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

conhecimento, buscando compreender o sistema opressor que habita de forma oculta a vida das pessoas oprimidas. “O grande problema está em como poderão os oprimidos, que ‘hospedam’ o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação”.⁵³ Ao identificar, ainda no ano de 1967, que a pessoa opressora compõe a pessoa oprimida, é possível afirmar que Freire está apresentando um aspecto central do pensamento decolonial, que Quijano nomeia como a colonialidade oculta na modernidade. Na empresa colonial, mesmo após a libertação dos países do jugo dos países dominantes, o modelo vigente, a matriz colonial do poder, como veremos adiante, está enraizada no ser humano ocidental.

Neste sentido, é importante diferenciar colonialismo de colonialidade. O colonialismo compreende as ações de conquista de uma empresa colonial, sendo assim a **parte visível** da invasão territorial das Américas; as navegações da Espanha e Portugal, cruzando o oceano Atlântico, com a colonização violenta das terras de Abya Yala, que caracterizam o colonialismo. Aníbal Quijano dirá que os colonialismos sempre existiram na história dos povos da humanidade, em todas as regiões do mundo. A colonialidade, por sua vez, define-se como o conjunto de estatutos teóricos e morais, que implicam em novas ideias de raça, da supremacia patriarcal pelo gênero e das novas formas de dominação e exploração do trabalho, que representa a **parte oculta** da modernidade.⁵⁴

A colonialidade representa a lógica oculta da modernidade. Esta expressão foi cunhada por Quijano, no início dos anos de 1990, e assumida nos discursos de Mignolo: “A colonialidade nomeia a lógica subjacente da fundação e do desdobramento da civilização ocidental desde o Renascimento até hoje, da qual colonialismos históricos têm sido uma dimensão constituinte, embora minimizada”.⁵⁵ Daí surge a expressão “descolonial”, que aponta para a necessidade de um desprendimento, um “delink” da colonialidade embutida na modernidade. Catherine Walsh, participante do grupo Modernidade/Colonialidade/Decolonialidade (M/C/D), suprime o “s”, do “des-colonial”, fazendo uma apologia contundente para o uso da expressão “decolonial”.

⁵³ FREIRE, 1987, p. 32.

⁵⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sID-iPiGgmY> Acesso em: 23 jul. 2020.

⁵⁵ MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. |**Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 32, nº 94, junho de 2017, p.2.

Suprimir la “s” y nombrar “decolonial” no es promover un anglicismo. Por el contrario, es marcar una distinción con el significado en castellano del “des”. No pretendemos simplemente desarmar, deshacer o revertir lo colonial; es decir, pasar de un momento colonial a un no colonial, como que fuera posible que sus patrones y huellas desistan de existir. La intención, más bien, es señalar y provocar un posicionamiento –una postura y actitud continua– de transgredir, intervenir, insurgir e incidir. Lo decolonial denota, entonces, un camino de lucha continuo en el cual podemos identificar, visibilizar y alentar “lugares” de exterioridad y construcciones alternativas.⁵⁶

Segundo Mignolo, o projeto decolonial não deveria ser considerado um projeto messiânico, que engendra pensamentos libertários assumidos por teóricos e teóricas como uma salvação conceitual universal válida para todas as pessoas, como uma novidade que vai livrar todos os povos subalternizados de sua condição subalterna. A ideia de criar um padrão salvífico, que ultrapassa o padrão anterior, é característico da epistemologia ocidental, criticada pela opção decolonial. Esta, na concepção de Mignolo, pretende ser apenas **uma** opção, de pensamento crítico ao sistema capitalista que tanto originou quanto sustentou e sustenta os processos de colonização. Neste sentido, nosso trabalho orienta-se por este mesmo argumento: pretende-se, neste texto, desenvolver *uma leitura teológica contextualizada do fazer musical em uma igreja protestante brasileira*.

Por isso Walsh insiste que o pensamento decolonial é um caminho de luta, um caminho contínuo, de reflexão e pensamento a partir de alguns conceitos criados na academia, mas justificados por grupos invisibilizados no pensamento ocidental. Mignolo dirá ainda que decolonial é “uma opção” dentre outras opções de teorias ou projetos emancipatórios. Mignolo afirma que o pensamento decolonial não é o alcorão, não é a bíblia, não é Marx.⁵⁷ Com isso, interpretamos que o pensamento, ou opção decolonial, busca escapar de uma narrativa que traga algum tipo de seguimento cego ou ponto zero⁵⁸.

O pensamento decolonial é uma opção de leitura da realidade, em contexto latino-americano, como existem outras opções que esboçam leituras da realidade e apresentam seus argumentos no sentido de transformá-las. Para Mignolo, estas outras formas de responder as demandas diversificadas das sociedades são os

⁵⁶ WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado, Sociedad**: Luchas (de)coloniales de nuestra época. Universidad Andina Simón Bolívar, Ediciones Abya-Yala, Quito, 2009, p. 14 e 15.

⁵⁷ MIGNOLO, Walter. Palestra disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jYvwPOWfPyU> Acesso em: 25 jul. 2020.

⁵⁸ CASTRO-GOMÉZ, Santiago. **La hybris del punto cero**: ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816). Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2005.

“projetos críticos emancipadores” e, dentre eles, encontram-se as teologias da libertação, ou teologias contextuais. O autor afirma que não há antagonismo do pensamento decolonial com estes projetos, mas a especificidade, ou até podemos afirmar “identidade” do pensamento decolonial que busca continuamente o desprendimento da lógica da colonialidade oculta na retórica da modernidade.

La opción descolonial se distingue tanto de otros proyectos descoloniales como de otros proyectos críticos emancipadores (marxismos y neomarxismos), liberadores (variados órdenes de teología de la liberación: criollos y mestizas en América del Sur; afro-americanos y americanas en Estados Unidos; judíos y judías en Israel y en otras partes del mundo). [...] De esta manera, la opción descolonial lo es en relación a otras opciones críticas existentes – tanto epistémicas como políticas – tales como el pensamiento post-modernista, el pensamiento marxista o el pensamiento teológico de liberación. La opción descolonial no es “contraria” a estos últimos, ni tampoco pretende ser “la solución universal” que subsume a todas las anteriores. Pensar de esta manera sería continuar en los parámetros que nos ha trazado la modernidad: novedad y universalidad. Por lo tanto, la opción descolonial *presupone el desprendimiento inicial de la retórica de la modernidad en la que se legitiman modelos de pensamiento y se convierten en equivalentes del la organización misma de las sociedades y sus aconteceres históricos*.⁵⁹

Mignolo não compreende a opção decolonial como uma teoria que se compara a outra, mas que caminha paralelamente a outras linhas progressistas. Porém, do lugar de fala de onde articulamos nossos argumentos, **propomos uma leitura teológica prática/processual, no âmbito das ciências litúrgicas e da música, ressignificada em suas bases conceituais epistêmicas a partir das provocações dos pressupostos e conceitos decoloniais**. Para se tornar uma teologia emancipadora, há a necessidade da constante revisão epistêmica nas bases ocidentais que orientam o fazer teológico, seja este fazer conservador, liberal ou progressista. Esta revisão epistêmica, na linha de reflexão decolonial não quer assumir um caráter **universal** e muito menos um caráter messiânico ou salvífico. Nossa reflexão e construção argumentativa, como diz o pensamento decolonial, pretende oferecer uma leitura da realidade sobre culto, liturgia e música. Nossa tese propõe uma **peregrinação em direção às fronteiras do bem celebrar**, imaginado a partir do **buen vivir**⁶⁰, que propõe outro modo de vida, diferente do viver bem ocidental.

⁵⁹ MIGNOLO, Walter. **La opción decolonial**. Letral. Granada, nº 1, 2008(b), p. 14-15.

⁶⁰ Diante apresentaremos algumas características do *buen vivir*.

A leitura teológica proposta entende-se em transição de uma teologia convencional para uma teologia emancipatória que, em primeiro lugar, busca a revisão de seus construtos epistêmicos e, em segundo lugar, na perspectiva das práticas litúrgico-musicais, busca repensar a forma de fazer o que sempre tem sido feito no contexto da IECLB: louvar a Deus através do canto, da música, com a participação do povo. Este é o elemento prático de nossa leitura teológica, processual e que caminha para as fronteiras do bem celebrar.

A teologia prática, ao propor uma revisão de seus pressupostos epistemológicos e hermenêuticos ocidentais, se coloca em marcha, se deslocando do pensamento hegemônico (central, universal e hierárquico) para as fronteiras do conhecimento de onde saberes outrora silenciados emergem (periférico, plural e heterárquico). Para realizar esta tarefa, a teologia prática carece de fluidez, de flexibilidade, no sentido de se abrir para ouvir o que o pensamento decolonial tem a dizer para, assim, traçar alternativas libertárias de pensamento e formas de ação dentro do seu campo próprio de análise, aqui definido como “campo religioso”.⁶¹ Os pressupostos decoloniais abalam as estruturas epistêmicas da teologia prática, mas isto não significa que a teologia prática irá ruir; ao contrário, ela se fortalece para se deslocar do status de centro do conhecimento universal sobre Deus para se colocar a caminho das fronteiras do pensamento, onde vozes outrora silenciadas emergem e apresentam seu modo de ver o mundo e seu *ethos*.

A seleção dos conceitos e pressupostos pós-coloniais, portanto, se dirigem à opção decolonial latino-americana, buscando uma apropriação do vocabulário do grupo M/C (modernidade/colonialidade), que desenvolve suas narrativas no contexto latino americano, como um “movimento epistemológico” que critica não somente as estruturas do pensamento ocidental (colonialidade do saber) como propõe alternativas advindas da ecologia de saberes, sem desprezar os movimento pós-coloniais de outras regiões do planeta. O grupo M/C tem, basicamente, dois grandes conceitos, conforme Ballestrin:

O objetivo principal deste artigo é o de apresentar a constituição, a trajetória e o pensamento do Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), constituído no

⁶¹ A Academia Internacional de Teologia Prática (Internacional Academy of Practical Theology – IAPT) realizou, em 2019, uma conferência internacional de teologia prática, no campus da Faculdades EST, em São Leopoldo, tratando justamente das relações da teologia prática com o pensamento decolonial. Deste evento resultou um livro com uma série de artigos. Disponível em: <https://iaptcs.org/ojs/index.php/iaptcs/issue/archive> Acesso em 12 out. 2022.

final dos anos 1990. Formado por intelectuais latino-americanos situados em diversas universidades das Américas, o coletivo realizou um movimento epistemológico fundamental para a renovação crítica e utópica das ciências sociais na América Latina no século XXI: a radicalização do argumento pós-colonial no continente por meio da noção de “giro decolonial”. Assumindo uma miríade ampla de influências teóricas, o M/C atualiza a tradição crítica de pensamento latino-americano, oferece releituras históricas e problematiza velhas e novas questões para o continente. Defende a “opção decolonial” – epistêmica, teórica e política – para compreender e atuar no mundo, marcado pela permanência da colonialidade global nos diferentes níveis da vida pessoal e coletiva.⁶²

As proposições do M/C vão na direção de uma renovação das ciências sociais, em que a teologia, aparentemente, não está situada. Ballestrin situa as áreas acadêmicas dos e das participantes do grupo latino-americano: sociologia, filosofia, semiótica, antropologia, linguística e direito⁶³. Embora esta lista não apresente teóricos ou teóricas da área de teologia ou de ciências da religião e de outras áreas que poderiam contribuir com suas especificidades nos debates da decolonização, tem havido uma ampliação nos debates sobre a opção decolonial e a teologia⁶⁴.

Seguindo na linha de apropriação do vocabulário do grupo M/C/D, apresentamos alguns conceitos chave para compreender as reflexões da opção decolonial latino-americana.

2.2.3 Modernidade/colonialidade

O que é a modernidade? O que é a colonialidade? Estes termos são típicos dos estudos sociológicos e filosóficos. Conceber um entendimento sobre a modernidade requer considerar a sua origem no contexto local europeu, que pretensamente se universalizou para todos os continentes. Enrique Dussel⁶⁵ estabelece dois tipos de modernidade: a primeira ideia de modernidade engloba os eventos da reforma protestante, o iluminismo e a revolução francesa; alguns autores e autoras pesquisados e pesquisadas por Dussel incluem a criação do parlamento inglês como um evento que caracteriza a modernidade. Estes eventos foram internos do contexto

⁶² BALLESTRIN, 2013, p. 89

⁶³ BALLESTRIN, 2013, p. 98.

⁶⁴ Teóricos e teóricas que se destacam nos debates, no campo da teologia são: Panotto, Cunha, Adam, Carvalhaes e Coelho, citados no decorrer deste trabalho.

⁶⁵ DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf

européu e serviram de origem para elaboração do conceito local de modernidade, que tem caráter universalista no pensamento ocidental.

A segunda ideia compreende que a modernidade europeia é, para o mundo, o “centro” da história mundial. A modernidade europeia estabelece o continente como o centro do conhecimento, das artes, ciências exatas e da teologia e, conseqüentemente, estabelece os padrões de comparação que definem quem está apto ou apta para fazer parte do centro e quem está na periferia do centro ocidental de conhecimento, pois não articula seus saberes de acordo com os constructos ocidentais. Esta segunda compreensão desenvolve uma conceituação sobre a noção de “mercantilismo mundial”, que está na origem de uma Europa que compreendeu os novos territórios como suas extensões, tendo o mar Atlântico como ponte, para invasão e pilhagem das riquezas de Abya Yala:

As minas de prata de Potosi e Zacatecas (descobertas em 1545-1546) permitem o acúmulo de riqueza monetária suficiente para vencer os turcos em Lepanto vinte e cinco anos depois de tal descoberta (1571). O Atlântico suplanta o Mediterrâneo. Para nós, a “centralidade” da Europa Latina na História Mundial é o *determinante fundamental da Modernidade*.⁶⁶

A ideia de que a Europa é o “centro do conhecimento” ou “centro da história mundial” está presente na ideia de que a Europa é (era) o motor da economia mundial, quando dos processos de colonização entre os séculos XVI e XIX. A construção narrativa do conceito de modernidade universal passa pela economia do Atlântico, que aos poucos vai suplantando a economia do Mediterrâneo e se soma aos eventos internos da Europa citadas acima. Vai se definindo a centralidade do poder mundial, que, no decorrer da história, consegue adequar suas necessidades de acordo com novos eventos que, de um lado foram se originando dos próprios processos da modernização ou foram suas conseqüências, como a revolução industrial, por exemplo.

A segunda etapa da “Modernidade”, a da Revolução Industrial do século XVIII e da Ilustração, aprofundam e ampliam o horizonte cujo início está no século XV. A Inglaterra substitui a Espanha como potência hegemônica até 1945, e tem o comando da Europa Moderna e da História Mundial (em especial desde o surgimento do Imperialismo, por volta de 1870).⁶⁷

⁶⁶ DUSSEL, 2005, p. 29.

⁶⁷ DUSSEL, 2005, p. 29.

A segunda etapa do projeto de modernidade, depois da exploração da América Latina, da escravidão e extermínio dos povos originários nos séculos XV, XVI e XVII, está, segundo os e as autores e autoras do grupo M/C, ligada ao processo de “revolução industrial” da Inglaterra nos séculos XVIII e XIX. Este domínio inglês, que culmina com o atual domínio hegemônico dos Estados Unidos da América nos aspectos econômicos mundiais vai até 1945, quando iniciam, então, os processos de globalização da economia, chefiados pelos EUA. E este breve roteiro histórico, que inicia com a colonização de Portugal e Espanha, passa pela revolução industrial da Inglaterra e chega, até os dias de hoje, com a hegemonia econômica norte-americana, é possível graças, também, aos processos da colonialidade oculta na modernidade.

Ao propor uma análise da empresa colonial e a modernidade na área das ciências sociais, Quijano vai cunhar a expressão *modernidade/colonialidade*. Este autor vai entender que a modernidade, que se desenvolveu a partir do mercantilismo do Atlântico, tem uma lógica oculta, que não é visível na retórica desenvolvimentista da modernidade. E esta lógica oculta é nomeada de *colonialidade*, pois origina-se dos empreendimentos coloniais que iniciaram em fins do século XV.

Para Quijano, a diferença principal do empreendimento colonial latino-americano com outros que ocorreram anteriormente, e em outras partes do mundo, se define pelas novas relações comerciais do Atlântico. Walter Mignolo, ao tomar conhecimento dos estudos de Quijano, vai apropriar-se do binômio *modernidade/colonialidade* e desenvolver sua crítica. Mignolo cita e aponta para Quijano, como a pessoa que “descobriu” a lógica da colonialidade na retórica da modernidade. Mignolo diz que este breve parágrafo é um “quebra-de-bases”⁶⁸ das compreensões sobre a modernidade, pois desvela a colonialidade como este lado oculto da modernidade. Assim diz Quijano:

La crítica del paradigma europeo de la racionalidad/modernidad es indispensable. Más aún, urgente. Pero es dudoso que el camino consista en la negación simple de todas sus categorías; en la disolución de la realidad en el discurso; en la pura negación de la idea y de la perspectiva de totalidad en el conocimiento. Lejos de esto, es necesario desprenderse de las vinculaciones de la racionalidad-modernidad con la colonialidad, en primer término, y en definitiva con todo poder no constituido en la decisión libre de gentes libres. Es la instrumentalización de la razón por el poder colonial, en primer lugar, lo que produjo paradigmas distorsionados de conocimiento y

⁶⁸ MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica. A opção descolonial e o significado de Identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, 2008(a), p. 288.

malogró las promesas liberadoras de la modernidad. La alternativa en consecuencia es clara: la destrucción de la colonialidad del poder mundial.⁶⁹

“Desprender-se das vinculações da racionalidade/modernidade com a colonialidade”⁷⁰ é a tarefa de teólogos e teólogas que sentem que seus discursos e práticas carecem de transformação na profundidade das bases epistêmicas do tipo de pensamento que é articulado. O pensamento teológico, em rota de peregrinação para uma prática decolonial e emancipatória, coerente com os pressupostos da opção decolonial, precisa fazer o exercício de revelar as lógicas coloniais embutidas na retórica da modernidade, no seu âmbito, se intenta articular um pensamento libertador. Por isso argumentamos que, ao mesmo tempo em que este pensamento teológico quer se emancipar, este pensamento é, ainda, convencional e enraizado nos paradigmas europeus. Negar as categorias que apontam para a colonialidade não garante que o pensamento teológico seja teologicamente emancipatório. A instrumentalização da colonialidade pela razão ou racionalidade ocidental que mantém o status de centro/periferia, bom/mau, certo/errado.

O que propomos, então, com a expressão **teologia convencional**? Nominamos de convencional toda e qualquer teologia que não avalia suas raízes coloniais e os pressupostos que instrumentalizam a razão ocidental como modo universal de leitura do mundo religioso que, na especificidade de nossa leitura, propõe uma leitura teológica do culto cristão. A teologia convencional, como veremos no terceiro capítulo, pode ser conservadora, ou liberal ou até uma teologia progressista. Uma teologia progressista, que se considere libertadora, ao não avaliar e nem desprender-se da colonialidade que constitui as bases epistêmicas da narrativa ocidental constitui-se como uma teologia convencional que articula a “libertação da teologia” sem a resignificação epistêmica, sem perceber o papel da colonialidade/modernidade na sua articulação.

Para Quijano, sem o desprendimento da colonialidade, não haverá transformação radical dos estatutos epistemológicos e hermenêuticos que universalizam o pensamento e o domínio dos modos padronizados e convencionais do pensar. Compreender que a teologia é um componente que colabora e justifica o

⁶⁹ QUIJANO, Anibal. Colonialidad y modernidad/razionalidad. **Los conquistados. 1492 y la población indígena de las Américas**. BONILLA, Heraclio (compilador). Quito: Tercer Mundo-Libri Mundi Editors, 1992, p. 447.

⁷⁰ Tradução nossa.

binômio modernidade/colonialidade é, portanto, um dos primeiros passos rumo às fronteiras de um outro modo de pensar, libertador, emancipatório, livre de colonialismos e colonialidades.

O caminho da modernidade, ancorado nas lógicas da colonialidade, atesta a supremacia global do “norte” ocidental na política sobre o “sul” global, nos campos da economia, nas relações de classe e gênero, justificando a dominação pelo poder, pela superioridade da articulação filosófica do conhecimento, pelas estruturas de racismo e gênero que justificaram a escravidão, a misoginia, a separação de classes de pessoas que supostamente valem mais que outras. E a teologia, que nasceu e se desenvolveu no contexto europeu, seguirá colonial, mesmo que se considere articulada no âmbito progressista, a não ser que caminhe, como estamos propondo, no sentido de revelar a colonialidade oculta na retórica da modernidade.

2.2.4 A matriz colonial do poder (patrón colonial del poder)

O que é a matriz colonial de poder? Mignolo propõe uma narrativa pedagógica sobre a expressão, a partir das ideias de Quijano.

Na sua formulação original por Quijano, o “patrón colonial de poder” (matriz colonial de poder) foi descrito como quatro domínios inter-relacionados: controle da economia, da autoridade, do gênero e da sexualidade, e do conhecimento e da subjetividade. Os eventos se desdobraram em duas direções paralelas. Uma foi a luta entre Estados imperiais europeus, e a outra foi entre esses Estados e os seus sujeitos coloniais africanos e indígenas, que foram escravizados e explorados. O que sustenta as quatro cabeças, ou âmbitos inter-relacionados de administração e controle (a ordem mundial), são as duas “pernas”, ou seja, o fundamento racial e patriarcal do conhecimento (a enunciação na qual a ordem mundial é legitimada). Explicarei que o fundamento histórico da MCP (e conseqüentemente da civilização ocidental) foi teológico: a teologia cristã é responsável por marcar no “sangue” a distinção entre cristãos, mouros e judeus.⁷¹

Os domínios da economia, autoridade, gênero e sexualidade e conhecimento e subjetividade, sustentados pelos construtos de “raça” e “patriarcado” formam a lógica da colonialidade que está oculta na retórica da modernidade. Este conceito é denominado, então, como **matriz colonial do poder**. E o termo que unifica a matriz é o **controle**. Quando um determinado modo de agir se estabelece e se convenciona, na perspectiva ocidental, como um modo único, exclusivo, verdadeiro e universal de articular o conhecimento e as práticas, tem-se, novamente, a revelação de um centro

⁷¹ MIGNOLO, 2017, p. 5.

que determina os diversos ordenamentos, estabelecendo a centralidade do poder de determinados grupos que, também, detém as retóricas para o controle econômico, social, racial e patriarcal. Quem não está no centro habita as periferias, pois desconhece os mecanismos de controle dos modos de ação e, também, desconhece os modos de reflexão, convencionados, cristalizados diante das convenções estabelecidas.

A título de ilustração para o contexto eclesiástico, imaginemos a seguinte oração: *Jesus tinha discípulos homens; logo, só os homens podem exercer liderança na igreja*. Esta oração, assim redigida, é dedutiva e considerada um axioma em círculos patriarcais. A exegese bíblica, porém, salienta que havia mulheres que ajudavam Jesus e seu grupo, inclusive com recursos materiais. Este argumento não é aceito no debate sobre ordenação feminina, por exemplo, porque o axioma está dado, cristalizado e considerado universal. A oração exemplifica um “conceito” que justifica o poder de um determinado grupo (o masculino, no caso), como um conceito dedutivo, idealizado e imutável a partir de um axioma dado. Assim, o que escapa ao conceito axiomático logo, está fora do padrão. Está à margem, e não faz parte do centro do saber.

A crítica do pensamento decolonial visa compreender como se estabelecem os axiomas que, por consequência, ativam os mecanismos de controle a partir de esquemas epistêmicos e hermenêuticos que, na retórica, fazem parte do âmbito da modernidade, mas ocultamente são colonialistas, opressores e excludentes, controlados por homens brancos e europeus/norte-americanos. O controle do saber, do ser e do poder, na perspectiva eurocêntrica, estabelece padrões hierárquicos que não podem ser confrontados por quem está à margem dos processos de construção do conhecimento, em suma, de quem não tem as cartas do jogo, mas precisa participar do jogo, no caso, os povos colonizados desde o século XV.

Para estabelecer os padrões hierárquicos, de dominação de pessoas por pessoas, cria-se o constructo de “raça”. Quijano foi um dos autores que explorou com profundidade a ideia deste constructo no processo de colonialidade. Para Quijano,

La formación de relaciones sociales fundadas en dicha idea [de raza], produjo en América identidades sociales históricamente nuevas: *indios*, *negros* y *mestizos* y redefinió otras. Así términos como *español* y *portugués*, más tarde *europeo*, que hasta entonces indicaban solamente procedencia geográfica o país de origen, desde entonces cobraron también, en referencia a las nuevas

identidades, una connotación racial. Y en la medida en que las relaciones sociales que estaban configurándose eran relaciones de dominación, tales identidades fueron asociadas a las jerarquías, lugares y roles sociales correspondientes, como constitutivas de ellas y, en consecuencia, al patrón de dominación colonial que se imponía. En otros términos, raza e identidad racial fueron establecidas como instrumentos de clasificación social básica de la población.⁷²

As relações de dominação, portanto, se dão a partir de um controle que tem uma base conceitual epistêmica que define raças humanas superiores e inferiores e, conseqüentemente, definem as diversas relações hierárquicas entre as pessoas. É possível perceber isto no culto cristão e nas suas sonoridades ocidentais. Há quem afirme que a música erudita detém o posto de “melhor música”, de que a erudição da música é superior à qualquer outro estilo de música popular, porque a primeira considera suas técnicas mais complexas, que exigem práticas intermináveis e estudos acadêmicos. A música erudita é exercida por poucas pessoas mundo afora, e estabelece padrões de competição além de um capital preconceituoso imenso. Este modo de pensar comparativo e competitivo da música erudita, baseado em jogos de poder com relações de dominação, está presente na igreja e nas práticas litúrgico-musicais. Em uma leitura decolonial, a música erudita é caracterizada como uma opção local que tem impacto nas pessoas ouvintes, que tem suas características de sentido e beleza mas que não significa que ela seja “a melhor música”. Também não para o culto cristão. Na lógica da matriz colonial de poder, define-se a música erudita como a música que é a melhor música, em detrimento de toda e qualquer outra expressão sonora.

A retórica da modernidade revela, na história da colonização, uma face visível e positiva, constitutiva do pensamento europeu, através de uma **retórica da salvação**, que determina o que é bom para todo o planeta (a partir de um centro, no caso, europeu no sentido epistemológico e hermenêutico) e que se configurou, desde o séc. XVI até nossos dias, segundo Mignolo, do seguinte modo: salvação pela conversão (na conversão dos povos indígenas quando da invasão europeia em Abya Yala), salvação pela civilização (quando franceses e ingleses, a partir do séc. XIX, desenham um modelo ideal de civilização), salvação pelo desenvolvimento e salvação pela

⁷² QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. LANDER, Edigardo (org) *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 1993, p. 202.

democracia.⁷³ O centro define o que é melhor, e o melhor é o melhor para todas as pessoas e deve ser alcançado pelo esforço individual. Este conceito delinea o conceito de universalidade, base do pensamento ocidental como veremos adiante.

A matriz colonial de poder detém, também, os termos de conversação, apontados por Mignolo como as estruturas que determinam como as coisas devem ser. Os conteúdos podem mudar, cambiar, mas quem determina os processos epistêmicos é quem controla o centro. Na análise da estética decolonial, Mignolo apresenta a seguinte ideia:

Outro ponto a esclarecer: substituir os termos de conversação em vez dos conteúdos. "Mudar" é um mantra na retórica da modernidade. A "novidade" e a "mudança" são celebradas porque sem mudança não haveria novidade. Essas mudanças estão sempre nos conteúdos, não nos termos da conversação, comandada pela enunciação da matriz colonial do poder, que é o seu núcleo.⁷⁴

Um exemplo de imposição dos termos de conversação, entre povos colonizadores e colonizados encontra-se na questão das línguas para os estudos acadêmicos. Qualquer programa de pós-graduação no Brasil exige que os e as estudantes tenham proficiência em ao menos duas línguas estrangeiras, que são línguas europeias. Apenas em 2017 a antropóloga Carmen Escalante defendeu sua tese de doutorado em Cusco, no Peru, em língua quéchua, apresentando a tradução em espanhol na sua apresentação.⁷⁵ Esta apresentação na língua mãe de Escalante faz quebrar um paradigma nos termos de conversação, pois afronta as línguas oficiais do mundo acadêmico com a língua do povo inca que foi massacrado pelas empresas coloniais.

A teologia no decorrer dos séculos desempenhou papel de controle das relações e estabelecimento de conceitos e pressupostos que mudaram conceitos e conteúdos, mas mantiveram os termos de conversação, que formam o núcleo da matriz colonial de poder que impede que outros termos de conversação sejam

⁷³ MIGNOLO, Walter D. Palestra disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jYvwPOWfPyU> Acesso em: 25 jul. 2020.

⁷⁴ MIGNOLO, 2019, p. 21. "Otro punto por aclarar: reemplazar los términos de la conversación en vez de los contenidos. "Cambio" es un mantra en la retórica de la modernidad. Se celebra la "novedad" y el "cambio" pues sin cambio no habría novedad. Estos cambios son siempre en los contenidos, no en los términos de la conversación controlada por la enunciación de la MCP, que es su núcleo" (tradução nossa).

⁷⁵ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/03/cultura/1501793917_804712.html Acesso em 20 nov. 2022.

acolhidos ou respeitados. Mignolo vai insistir na ideia de que a teologia teve papel fundamental na configuração da matriz colonial de poder, como base disciplinar do controle do conhecimento. E, desde o século XVI, no momento do “descobrimento da América”, a teologia foi sendo gradualmente substituída pela ego-política na retórica da filosofia e das ciências seculares, pós Descartes, sustentando a matriz colonial do poder.

Os componentes disciplinares (teologia cristã, filosofia, ciências seculares) dão suporte para a epistemologia ocidental, que, não só excluem outros saberes de sociedades não europeias dos domínios do conhecimento como, também, se auto-intitulam como saberes modelares, universais, que definem o que serve e o que não serve como verdade no cânon de qualquer forma externa de conhecimento ao eurocentrismo. A teologia, na história ocidental, tem papel determinante para esta construção hierárquica e excludente do conhecimento.

Ahora bien, la esfera disciplinar que emergió en Europa a partir de siglo XVI (comandada por la teología cristiana y, más adelante, por la filosofía y la ciencia seculares), que mencioné más arriba elaborando sobre la observación de Karen Armstrong, se auto-afirmó en relación no sólo a la esfera conversacional en Europa misma, sino a todas las esferas disciplinares existentes en las sociedades no-europeas co-existentes, tanto en 1500 como en el 2000. De aquí que haya diagramado la matriz colonial de poder en medio de sociedades y civilizaciones cuyas esferas disciplinares fueron relegadas. En este relegamiento, las esferas disciplinares de las sociedades Europeas occidentales e imperiales, se auto-asignaron el papel de jueces y evaluadores de todas las enunciaciones disciplinares posibles que, por cierto, quedaron relegadas en relación a las esferas disciplinares Europeas. La idea de “modernidad” fue y sigue siendo parte del proceso en el que los modelos disciplinares de conocimiento se auto-constituyeron en el modelo y punto de llegada de la historia universal.⁷⁶

Aqui cabe um destaque para este último ponto da citação: a ideia de que a modernidade, na perspectiva da retórica da salvação, estabelece modelos disciplinares de conhecimento que se constituem como modelos de origem do conhecimento e ponto de chegada da história universal ocidental, que modela qualquer cultura de qualquer parte do orbe. Este aspecto levanta uma pergunta em nossa crítica emancipatória que busca desprender-se do modo convencional de articular a teologia: os cultos protestantes/racionalistas, seguem modelos litúrgicos disciplinares que se consideram universais?

⁷⁶ MIGNOLO, 2008(b), p. 12.

Em outra citação, Mignolo argumenta que a **teologia**, no primeiro momento da colonização de Abya Yala e a **egologia**, no segundo momento, são os dois lados de uma mesma moeda, que construíram e modelaram o conhecimento eurocêntrico que, por sua vez, sustenta hoje ainda os processos coloniais ocultos da matriz colonial de poder. Tanto os processos visíveis da retórica da salvação, quanto os processos invisíveis, da colonialidade do saber, do ser e do poder.

Tomo la teo-logía como la forma histórica y dominante del conocimiento en el mundo moderno/colonial desde el siglo XVI hasta mediados del siglo XVIII. La teología cristiana, como se suele decir, no es homogénea. Existían católicos, protestantes e, incluso, ortodoxos en el este de la cristiandad occidental. Los católicos y los protestantes estaban principalmente vinculados a la cristiandad latina mientras que los cristianos del este lo estaban a la Ortodoxia griega y a las lenguas eslavas, etcétera. La hegemonía del imaginario occidental (Europa y las Américas) era durante los siglos XVI y XVII la base común en la cual los Católicos y los Protestantes afirmaron sus diferencias. Las políticas teológicas del conocimiento y del entendimiento eran, entonces, la plataforma para el control del conocimiento y de la subjetividad en Europa y en las Américas. Pero aún no en China, India ni en el mundo arabe-islámico. Cuando las políticas occidentales del conocimiento empezaron a ser impuestas en Asia y en África, en el siglo diecinueve, Europa ya había conocido una transformación interna. La soberanía del sujeto empezó a sentirse a inicios del siglo diecisiete (Cervantes, Bacon, Shakespeare, Descartes...) y el cuestionamiento de la teología abrió las puertas para el desplazamiento, dentro de Europa, de las políticas teológicas hacia las políticas ego-lógicas del conocimiento y del entendimiento.⁷⁷

A teologia europeia, na visão de Mignolo, perdeu protagonismo para a egologia na história europeia na manutenção do status da matriz colonial de poder e, principalmente, perdeu o controle principal da produção de conhecimento nos períodos posteriores ao período renascentista. A teologia, apesar de perder seu status de supremacia perante a egologia, seguiu participando dos processos de construção do conhecimento eurocêntrico, reafirmando a colonialidade oculta da modernidade em especial no âmbito protestante. A colonialidade do poder atua em muitas frentes, na complexidade de sua constituição.

En suma, colonialidad del poder remite a la compleja matriz o patrón de poder sustentado en los pilares: el conocer (epistemología), entender o comprender (hermenéutica) y el sentir (*aesthesis*). El control de la economía y de la autoridad (la teoría política y económica) dependen de las bases sobre las que se asiente el conocer, el comprender y el sentir. La matriz colonial de poder es en última instancia una red de creencias sobre las que se actúa y se racionaliza la acción, se saca ventaja de ella o se sufre sus consecuencias.

⁷⁷ MIGNOLO, 2010, p. 35.

Por eso Quijano dirá: es necesario, más que necesario, urgente, poner de relieve el mecanismo y dismantelar la matriz colonial de poder.⁷⁸

Neste ponto, Mignolo argumenta que os pilares do conhecimento (epistemologia), da compreensão (hermenêutica) e da subjetividade (aesthesis) ocidentais sustentam a autoridade política e econômica e a superioridade de conceitos e conhecimentos acumulados do mundo europeu e ele chama este triplo pilar de rede de crenças que sustenta as ações de pensamento ocidentais, que edifica uma estrutura de articulação de pensamento que não admite ou minimiza a força de outras formas de pensar e articular o pensamento.

O culto cristão, embora seja marginal no cerne dos debates teológicos do norte global⁷⁹ colaborou com a manutenção do *status quo* delineado pela crítica decolonial. O imaginário comum para católicos e protestantes, destacado anteriormente por Mignolo, auxiliou no desenvolvimento de uma cosmologia (visão de mundo) e numa ética (*ethos*) de como as pessoas crentes deveriam se comportar no mundo. Assim, o culto cristão, católico ou protestante, invariavelmente foi conivente com as chacinas promovidas contra populações indígenas e populações de povos escravizados oriundos da África. O culto cristão silenciou diante das atrocidades cometidas contra Abya Yala, pois o culto cristão faz parte deste conjunto estrutural de articulação da matriz.

Antes de adjetivar uma leitura teológica prática como decolonial, é importante situar algumas questões para que a teologia prática dialogue com a opção decolonial. 1) Compreensões de teologia prática estruturalmente eurocêntricas, que sustentam a matriz colonial de poder, são compreensões que ignoram ou apresentam resistências para abrir-se a uma leitura teológica de opção decolonial; 2) compreensões de teologia prática progressistas, articuladas no contexto da América Latina, ainda que oriundas de estruturas hermenêuticas e epistemológicas eurocêntricas, estão mais aptas para somar na caminhada rumo às fronteiras marginalizadas pela modernidade/colonialidade, pois o sofrimento do povo subalterno no contexto latino-americano não pode ser ignorado na articulação teológica e, no sofrimento de Abya

⁷⁸ MIGNOLO, Walter. **Desobediência epistêmica**: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Buenos Aires: Ediciones del Siglo, 2010, p. 12.

⁷⁹ A teologia sistemática e histórica-bíblica tem maior relevância para a academia que a teologia prática e suas variáveis, como o culto cristão ou a diaconia, por exemplo. Ver: MILLER-MCLEMORE, Bonnie J. Cinco mal-entendidos sobre a teologia prática. **Estudos Teológicos**, v. 56, nº2, São Leopoldo: Faculdades EST, 2016, p. 204-226.

Yala, reside a motivação para uma articulação teológica decolonial. 3) Uma terceira leitura opera a partir das fronteiras. Ela nasce de grupos oprimidos pela colonialidade do poder e é decolonial, pois suas reflexões surgem a partir das margens silenciadas pela empresa colonial. É mais ação que reflexão teológica; prática, inclusiva, comunitária e resistente aos padrões universais de pensar teologia.

Neste processo, a leitura que brota de nossa pesquisa prioriza as narrativas que se desencadeiam das experiências humanas, impulsionadas pelos impulsos da opção decolonial, aplicados aos debates no âmbito das ciências litúrgicas, como temos definido. Deste modo, busca-se a construção de outras bases epistêmicas e hermenêuticas estruturais, alternativas aos herméticos construtos epistêmicos ocidentais, com consequências libertadoras para a vida das pessoas no que diz respeito às suas práticas religiosas.

Propomos uma leitura teológica que brota da **experiência**, como uma leitura teológica a caminho da libertação das amarras coloniais embutidas em nosso modo ocidental de viver. No último capítulo, trataremos sobre as experiências de composição musical como ações práticas que podem ser compreendidas como ações que habitam as margens dos saberes e práticas musicais e litúrgicas instituídas, no contexto da IECLB. Por isso, esta visão teológica é processual, está em movimento, para articular outras formas de pensar o culto cristão, através de sonoridades que brotam das experiências das pessoas, e não a partir de preceitos e conceitos teológicos.

2.3 POR UMA TEOLOGIA PRÁTICA EMANCIPATÓRIA

É importante insistir que esta reflexão leva sempre em consideração o lugar de fala, que reúne saberes e experiências que se propõem como reflexivas tanto para espaços acadêmicos quanto para espaços não acadêmicos, para auxiliar no incremento do estado de arte sobre música e culto de uma igreja protestante de origem alemã, que se consolidou no Brasil como uma pequena igreja de confissão luterana. A ideia de que a igreja se constitui como uma igreja “no” Brasil e não uma igreja brasileira levanta questões para a leitura que propomos. O que significa, do ponto de vista das leituras decoloniais, afirmar que a IECLB é uma igreja no Brasil, e não uma igreja brasileira? Não estaria a igreja, ao assumir-se como uma igreja no

Brasil, afirmando que é uma igreja alheia aos processos de inculturação e de contextualização à realidade brasileira? Quando se diz que a igreja IECLB é uma igreja de Jesus Cristo, está é uma afirmação teológica. Por este viés, é possível afirmar, teologicamente, que a igreja de Jesus Cristo está no mundo, está no Brasil ou em qualquer lugar do mundo. Mas do ponto de vista das pessoas que organizam e constituem a igreja, se constituir como igreja no Brasil não implica em pensar que a sua origem é alemã?

A teologia prática teria respostas para estas questões? Esperamos que sim, e redigiremos possíveis respostas na perspectiva que estas respostas são parciais, produzidas a partir de uma leitura, que conduzem para uma opção de construção teológica para o culto e a música do culto de uma igreja que consideramos brasileira.

2.3.1 A teologia prática e as demais disciplinas teológicas

Para desenhar um panorama da teologia prática adotada por igrejas protestantes em terras brasileiras e latino-americanas, faremos uma breve apresentação de conceitos trabalhados pelo teólogo luterano Lothar Hoch, professor aposentado da disciplina de poimênica na Faculdades EST.

Em primeiro lugar, Hoch destaca que no contexto latino-americano há uma grande riqueza de práticas pastorais e que falta clareza conceitual sobre as práticas: “Olhando-se o cenário das igrejas latino-americanas na atualidade, observam-se uma riqueza e uma diversidade de práticas pastorais (...) no entanto, olhando-se mais a fundo, verificar-se-á que o cenário multicolorido das pastorais é bastante confuso.”⁸⁰ Em que termos é confuso? Hoch acredita que há uma distância entre o que é ensinado nos seminários com a prática. E que a teologia prática não tem sustentação teórica, nesta formação: “Suspeito que nesses centros de formação se esteja ensinando uma Teologia Prática que se ressentente tanto de uma teoria que lhe seja específica quando de clareza a respeito dos pressupostos com os quais se está operando”.⁸¹

E segue: “Ora, se a Teologia Prática ensinada e praticada nas faculdades e seminários opera sem uma conceituação teórica própria, como esperar que a pastoral

⁸⁰ HOCH, 2011, p. 23.

⁸¹ HOCH, 2011, p. 23.

que se desenvolve no seio das igrejas tenha clareza teórica acerca daquilo que faz?”⁸² Como podemos perceber, as compreensões de Hoch questionam a constituição da teologia prática enquanto uma disciplina responsável pela mediação entre a teoria e a prática, ou, entre as ações das igrejas ou instituições acadêmicas e suas consequentes reflexões. A tarefa da teologia prática, de mediação, procura por um espaço, um lugar onde possa desempenhar um papel de reflexão da prática. Qual é, então, a tarefa da teologia prática? Hoch responde:

A tarefa primeira da Teologia Prática consiste, por isso mesmo, em encontrar o seu lugar específico, a partir do qual possa dar a sua contribuição própria tanto à teologia como à igreja e, muito especialmente, aos desafios que a sociedade, no nosso caso a sociedade latino-americana, lhe colocam.⁸³

A tarefa de uma disciplina é disciplinar (a redundância é necessária). É função de uma disciplina organizar os saberes necessários de um determinado conceito ou campo conceitual. E organizar estes saberes pressupõe a utilização de métodos, modelos, ou formas de organização que sirvam testados no passado, que sirvam para o presente e tenham reflexos no futuro. A teologia é a disciplina que o ocidente europeu criou para organizar os construtos em torno da relação do ser humano e sua fé em Deus, na perspectiva cristã. Teologia é o campo de estudos sobre o sagrado para a perspectiva cristã, embora se utilize este termo em outras religiões. A teologia prática, que nasce como disciplina a partir de Schleiermacher, como veremos abaixo, na virada do século XVIII para o XIX, é uma disciplina ainda em busca do seu espaço. E na afirmação do teólogo Lothar Hoch, é interessante perceber o acento preferencial de uma mediação teológica para os desafios impostos pela sociedade, e não somente de uma igreja, ou grupo, ou academia teológica. A teologia prática, na visão de Hoch, precisa responder a desafios da sociedade. Para isto, precisa encontrar o seu lugar. E, na ótica do pensamento decolonial, este lugar precisa ser construído com outras bases de sustentação epistêmicas, que revelam a colonialidade oculta nas suas narrativas. Assim, é possível pensar numa teologia prática decolonial ou que brote das fronteiras do pensamento ocidental?

Ainda é importante, para esta parte do trabalho, apresentar os três modelos de relacionar a teologia prática com as demais disciplinas teológicas. Os três modelos são: 1) teologia prática como prática da teologia; 2) teologia prática como teologia da

⁸² HOCH, 2011, p. 24.

⁸³ HOCH, 2011, p. 27.

prática e 3) teologia prática como ciência da prática. A primeira, como prática da teologia, é uma visão mais técnica das práticas que surgem da teoria. Hoch cita o teólogo Tillich e sua visão tecnicista: “em outras palavras: a Teologia Prática, para Tillich, é aquela que fornece o instrumental técnico para que os acontecimentos extraídos das demais disciplinas teológicas possam ser aplicados de forma eficaz à vida da igreja”.⁸⁴ Esta visão tecnicista é comum na formação teológica de ministros e ministras que vão atuar nas comunidades.

A visão tecnicista, própria do modo de operação ocidental, padroniza ações de acordo com diretrizes. Ministros e ministras vão seguir cartilhas estabelecidas localmente que têm relação com diretrizes teológicas estabelecidas na teoria. Na visão tecnicista, a teoria alimenta a prática. E, este modo de ação prática a partir de normativas impostas pela “tradição” é característica também no fazer musical no contexto das igrejas. O fazer musical ocidental estabeleceu e determinou as técnicas “corretas”, as regras de estruturação musical que devem ser seguidas em qualquer parte do mundo, menosprezando a diversidade de expressões sonoras não oriundas do contexto europeu.

A segunda visão “considera o servir da igreja como uma função teológica”.⁸⁵ É um modelo que considera a teologia como um reflexo das práticas eclesiais. Não muito mais do que isto. O terceiro modelo, que vê a teologia prática como ciência da prática, propõe que a teologia prática dialogue com outras ciências, para “desenvolver teorias relevantes para a práxis da igreja no mundo atual”⁸⁶. Aqui Hoch está se referindo ao teólogo Karl-Fritz Daiber. Os três modelos acima, são de cunho estritamente eclesiais, herméticos e, se referem à modelos de teologia prática bem próprios de igrejas protestantes de origem europeia, que colocam suas demandas internas acima de diálogos e proposições com as questões sociais, políticas, de meio ambiente e de tantas outras demandas que surgem do contexto, do cotidiano.

Porém, uma quarta contribuição do texto de Hoch aponta para a teologia da libertação (TdL). “Poderia a teologia da libertação (TdL) representar um avanço para a Teologia Prática na sua procura por uma identidade própria?”⁸⁷ A pergunta nasce do lugar de fala de um teólogo prático protestante, no caso, o teólogo Hoch. Ele faz

⁸⁴ HOCH, 2011, p. 28.

⁸⁵ HOCH, 2011, p. 29.

⁸⁶ HOCH, 2011, p. 29.

⁸⁷ HOCH, 2011, p. 30.

esta pergunta, porque imagina que a TdL possa colaborar com uma nova visão da teologia prática, no contexto latino-americano. “A relação entre teoria e prática desenvolvida pela TdL oferece um fundamento sólido sobre o qual a Teologia Prática poderia edificar sua própria teoria como disciplina teológica”. Em outro ponto, Hoch insiste que a TdL, ao relacionar a práxis com a teologia, deixou a teologia prática sem função. Mesmo no mundo católico. “Penso que a TdL faria bem em distinguir mais claramente as competências específicas da Teologia Prática ou Teologia Pastoral (como disciplinas teológicas) e a pastoral”.⁸⁸ Este levantamento de concepções de teologia prática e teologia da libertação como uma teologia que fundamenta a relação entre teoria e prática tem todas as características da epistemologia ocidental.

Hoch está preocupado com a falta de clareza nas diferentes formas de compreensão da teologia prática, tanto no âmbito acadêmico, como na vida das igrejas e em reflexo para a sociedade como um todo. Porém, as ações da teologia, de teólogos e teólogas engajados e engajadas com as transformações na complexa sociedade em que vivemos, com sua multidiversidade de religiosidades, dentro de uma perspectiva decolonial, precisam mesmo chegar a um consenso universal, ou precisam definir conceitos para salvar a teologia prática? Promover leituras teológicas despretensiosas de universalidade nos parece mais coerente com o diálogo que empreendemos da teologia prática, no campo das ciências litúrgicas, com a opção decolonial.

A busca por organização epistêmica, a distinção de competências entre áreas e a conseqüente comparação entre A e B, apontando que A é melhor que B porque tem clareza epistemológica ou, a apologia de uma disciplina que se considera menor e que galga espaços na lógica da modernidade ou, ainda, a ideia de que a teologia que se faz na América Latina é “fraca” comparada à teologia tão bem estruturada no “primeiro mundo” são ações do *modus operandi* da racionalidade ocidental com sua lógica da colonialidade velada e embutida. A comparação, que brota de um ponto de vista, hierarquiza os processos, minimizando o que não obedece a padrões ocidentais e enaltecendo o que segue as regras epistêmicas impostas.

A teologia ecofeminista, de Ivone Gebara, por exemplo, tem uma clareza epistemológica e racional muito bem estruturada, no sentido da racionalidade

⁸⁸ HOCH, 2011, p. 31.

ocidental. Mas as reflexões teológicas não partem das estruturas do pensamento teológico dado, mas partem das experiências, em especial, experiências de sofrimento e submissão das mulheres no contexto ocidental patriarcal. Esta percepção, típica das teologias contextuais, deixa as reflexões teológicas do centro do conhecimento estruturado e passa a ser reflexão da experiência das mulheres. O ponto de partida da teologia contextual muda. Esta forma de fazer teologia é, por assim dizer, um modo que aponta a opressão epistêmica, logo, de caráter decolonial.

Nos últimos anos, a teologia feminista foi a reflexão que mais se abriu para a acolhida da diversidade e para a crítica dos dogmatismos religiosos. O simples fato de termos sido consideradas durante séculos seres de segunda categoria, ventres reprodutores de homens e deuses, nos permite hoje enxergar com mais clareza o caráter ideológico e manipulador das teologias patriarcais. Fomos convencidas de que a sina de ser o segundo sexo era um desígnio divino. Por muito tempo nos fizemos temer e até odiar nosso corpo para estar mais conformes à divindade, puro espírito.⁸⁹

Ao propor reflexões emancipatórias dos dogmas ocidentais que sustentam e embasam as teologias europeias universalizantes, Gebara propõe a abertura da teologia primeiro às *experiências das mulheres*, que engendram um vasto *campo de diversidades*, tornando a teologia contextual, assim, mais fluida e menos dogmática; mais fronteira e menos centralizada. Gebara não articula seu pensamento teológico com a pretensão de universalização. O que está em seu campo epistêmico, é o acolhimento das mulheres e seus sofrimentos. A partir das experiências concretas das mulheres, Gebara constrói reflexões teológicas que conectam a vida do povo com as experiências místicas.

Segundo Gebara, portanto, a experiência dá o suporte para a enunciação, criando assim o lugar de fala da reflexão que vem depois da experiência. Este modo de articular a teologia não leva em consideração a centralidade do dogmatismo ocidental, que determina as regras e estabelece critérios para seguir estas regras. Este modo de operar a teologia, a partir das experiências das pessoas, cabe para as reflexões sobre culto e música?

Afirmamos que sim, que o culto pode ser um espaço para a valorização da experiência em detrimento dos dogmas e ordens litúrgicas, desde que haja este rompimento com as lógicas coloniais, por parte de quem molda e conduz os cultos, a partir de experimentos e análise das experiências, **com a participação das pessoas.**

⁸⁹ GEBARA, Ivone. **Teologia Ecofeminista**. São Paulo: Olho D'água, 1997, p. 103.

Toda e qualquer possibilidade de ressignificação do culto, da liturgia e da música carece de movimento de participação, de coletivos e de espaço para debates.

2.3.2 A teologia prática de Schneider-Harpprecht

Colocados alguns pressupostos da teologia prática na América Latina na visão de Lothar Hoch, apresentamos outro ponto de vista, de um teólogo alemão que viveu no Brasil e lecionou na Faculdades EST. Trata-se de Christoph Schneider-Harpprecht. Segundo este teólogo, “o surgimento da Teologia Prática na Europa estava relacionado com a ascensão da burguesia, o começo da industrialização, os movimentos do Iluminismo e Romantismo”.⁹⁰ O surgimento da teologia prática como disciplina acadêmica, apontado no mesmo artigo por Schneider-Harpprecht, deve-se ao trabalho de Friedrich D. Schleiermacher, na Alemanha, na virada do século XVIII para o XIX. Ou seja, na lógica conceitual de Mignolo, a teologia prática é recebida na academia europeia mais ou menos na mesma época em que a ego-logia da colonialidade chega ao auge de sua soberania como base da matriz colonial de poder, tendo deixado a teologia para trás.

Schneider-Harpprecht, em seu texto, destaca que, além das contribuições de Schleiermacher para o acolhimento da teologia prática no contexto acadêmico, outros teólogos alemães são citados seguindo as seguintes linhas de orientação: “mais dogmática, uma mais histórica, uma mais empírica e uma mais sociopolítica”⁹¹. Desta análise de alguns teólogos, o autor aponta alguns problemas da herança europeia para o contexto latino-americano, as quais passamos a analisar aqui com relação ao pensamento decolonial.

O primeiro problema apresentado por Schneider-Harpprecht trata de um desnível, no contexto latino-americano, entre teoria e prática. Ele cita que, tanto o movimento evangelical como o movimento das comunidades eclesiais de base (CEBs) “mostram um processo atual contrário à autoridade centralizada na igreja e buscam uma inversão da relação entre teoria e prática, afirmando que a teologia como um todo está relacionada com a ‘prática’”.⁹² O autor, na reflexões finais, em outro artigo

⁹⁰ SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. Aspectos históricos e concepções contemporâneas da Teologia Prática. SCHEIDER-HARPPRECHT, Christoph e ZWETSCH, Roberto (orgs). **Teologia Prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011(a), p. 36.

⁹¹ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011(a), p. 39.

⁹² SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011(a), p. 41.

no mesmo livro, observa que “neste livro, os autores tentaram apresentar e interpretar conteúdos básicos da Teologia Prática numa perspectiva brasileira e latino-americana”.⁹³ Para este primeiro “problema”, da teologia prática apresentado por Schneider-Harpprecht, transparece uma relação de controle na elaboração do conhecimento teológico. Este controle oculta uma relação de “poder”: quem “sabe” fazer teologia prática são as academias europeias. A teologia prática não é só herança, mas é um tipo de “patrimônio” cultural hermético da teologia ocidental, bem-feita por europeus. No Brasil “se tenta” fazer teologia prática, numa perspectiva latino-americana.

Focamos no enunciado a seguir: “Começa-se a questionar concepções de Teologia Prática oriundas do Primeiro Mundo, que, querendo ou não, acabam universalizando a prática religiosa e eclesiástica à qual se referem”.⁹⁴ A publicação deste texto é do ano de 1998, mas utilizamos, como referência, a terceira edição, de 2011. Em primeiro lugar, salta aos olhos a expressão “Primeiro Mundo”, que era a expressão que definia e enquadrava os “países desenvolvidos” do bloco ocidental como “os primeiros”. A seguir, o conceito de universalização, que é um dos temas centrais nos estudos sobre a matriz colonial de poder aparece na citação de Schneider-Harpprecht, e esconde a lógica da colonialidade do conhecimento. Mesmo que a perspectiva do autor seja de um viés progressista, sua narrativa deixa transparecer uma certa noção de superioridade do fazer teológico europeu em detrimento de outros fazeres teológicos, ou mesmo de outros saberes. Este é um dos pontos importantes da crítica decolonial. Detectar que o modo de produzir conhecimento teológico europeu é centralizada e pretensamente serve de modelo para outras culturas é uma ação do pensar decolonial.

Por isso a teologia prática, na relação com o pensamento decolonial, precisa revisitar seus fundamentos, se pretende ser, ontologicamente, uma teologia prática contextualizada. Se a teologia prática não revisitar seus fundamentos epistêmicos, ela até poderá ser uma teologia progressista, ou como dito anteriormente, uma teologia crítica emancipatória que estará em diálogo com a opção decolonial e com outras opções de articulação do conhecimento; mas, para ser decolonial, ela precisa se

⁹³ SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. Reflexões finais: perspectivas da teologia prática no Brasil e na América Latina. SCHEIDER-HARPPRECHT, Christoph e ZWETSCH, Roberto (orgs). **Teologia Prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011(b), p. 281.

⁹⁴ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011(b), p. 281.

descentrar, se deslocar. E nesta revisão de fundamentos, o perigo reside na identidade da disciplina teológica. A teologia será ainda necessária nos processos decoloniais? Que conhecimento pode fazer a mediação da religião nos projetos decoloniais?

Tanto Schneider-Harpprecht quanto Hoch identificam-se como teólogos protestantes práticos, ou seja, estabelecem suas leituras no diálogo com a prática. A seguir apresentaremos uma visão de um teólogo protestante sistemático, Vitor Westhelle.

2.3.3 As contribuições de Vitor Westhelle na teologia protestante

A Teologia da Libertação latino-americana, nas décadas de 1960 e 1970, em suas mais variadas vertentes, desencadeou profundas críticas aos modelos sistêmicos ocidentais, gerando novas possibilidades de narrativas comprometidas com os grupos subalternizados. Porém, mesmo avançando como uma teologia comprometida com o povo pobre, a TdL estabeleceu seus princípios nos sistemas epistemológicos e hermenêuticos ocidentais, daí que TdL e as teologias contextuais ou decoloniais, a caminho da fronteira, apresentam estruturas epistêmicas apartadas das crenças e modos de articulação ocidentais. Não se opõem, aliás, caminham juntas para a libertação, mas constroem suas narrativas de modos diversos, como vimos acima em Mignolo. É preciso, na perspectiva decolonial, decolonizar a teologia. E este movimento ocorre e ocorreu, como veremos a seguir, a partir da reflexão teológica de Vitor Westhelle.

Paralelamente aos estudos de Quijano e Mignolo no início dos anos de 1990, o teólogo e pastor luterano, Vitor Westhelle, identificou questões centrais sobre a colonização da teologia.

Há quase setenta anos José Carlos Mariátegui definia a conquista da América Latina como um empreendimento “essencialmente miliar e religioso”. “Os missionários – escrevia ele – não impuseram o Evangelho; impuseram o culto, a liturgia...”. O que lembramos desta conquista não é mais do que a imposição intransigente de uma casca religiosa associada e irmanada a uma estrutura de poder sob a qual pululam as mais diversas formas de religiosidade.⁹⁵

⁹⁵ WESTHELLE, Vitor. Missão e poder: o Deus abscondido e os poderes insurgentes. **Estudos Teológicos**, v.31, nº 2, 1991, p. 183.

Westhelle pode ser considerado um teólogo crítico decolonial fora do seu tempo, na mesma ideia de Paulo Freire, citado acima. A ideia da existência de uma teologia acrítica, conivente com as atrocidades da empresa colonial que se estabeleceu na América Latina, lidou justamente com a questão da prática do culto cristão. A percepção do autor, ainda nos anos de 1990, nos leva a compreender que a teologia protestante no Brasil já dava passos significativos para compreender o papel da colonialidade embutida na modernidade, por sua crítica ao fazer teológico desconectado da realidade.

Se as igrejas têm (e sempre tiveram) o papel de evangelizar, o que elas fizeram, na invasão de Abya Yala, desde 1500, foi impor a casca do Evangelho, no apontamento de Westhelle. O culto e a liturgia, neste ponto, representam muito mais elementos do poder de dominação que a libertação proposta pelo Evangelho cristão. A casca representa a retórica da modernidade, e ali podemos definir o espaço do culto cristão, seja na missa católica ou nos cultos protestantes das igrejas de origem europeia. Ao relacionar o culto e liturgia com o poder, Westhelle faz uma contundente crítica pós-colonial.

Para este autor, a consequência de um comprometimento evangélico com a compreensão de que a teologia participou da opressão colonial europeia em terras americanas vai no sentido de dissociar a missão do poder estabelecido.

Se a conquista [das Américas] foi uma imposição do culto pelo poder e do poder pelo culto, a prova da sinceridade evangélica possui, então, uma verificação plausível: a dissociação ou a inversão da relação entre missão e poder.⁹⁶

Westhelle fala de um ponto de vista emancipador da teologia, como um teólogo da libertação no mundo protestante. Na mesma linha de Quijano, Westhelle compreende que a instrumentalização da razão pelo poder colonial é que produz paradigmas distorcidos de conhecimento: por isso, a teologia precisa identificar o poder colonial e dissociar-se destes poderes opressores, pois enquanto não há um processo de autocrítica, a teologia seguirá criando suas leituras de acordo com os modelos importados, imperiais, racistas e patriarcais, fechada para o deleite de círculos de pensadores e pensadoras desconectados/as com a realidade sofrida do povo brasileiro.

⁹⁶ WESTHELLE, 1991, p. 184.

As teologias da libertação, contextuais, feministas, *queer*, negras, ecológicas, ecofeministas e tantas outras não são nominalmente decoloniais, mas representam o pensamento decolonial em marcha, apontando para os problemas estruturais do poder da colonização que segue oprimindo e matando pessoas, em nome do evangelho e da retórica desenvolvimentista da modernidade, que esconde a face oculta da opressão, do racismo e patriarcalismo estruturais.

2.3.4 A teologia pós-colonial de Panotto

Iniciamos este momento da pesquisa com uma citação do teólogo argentino Nicolás Panotto.

La teología poscolonial es una disciplina que emerge como lectura del campo religioso y teológico desde la teoría poscolonial a partir de cuatro elementos centrales. En primer lugar, cuestiona y deconstruye los andamiajes modernos, coloniales y occidentales de la teología cristiana. En este sentido, no toca sólo la centralidad del sujeto colonial/europeo en el quehacer teológico, sino también una serie de elementos fundamentales de la cosmovisión teológica cristiana tradicional. En segundo lugar, ofrecen una relectura de las epistemologías presentes en los abordajes contextuales de la época, especialmente las teologías de la liberación. Más allá de que las teologías poscoloniales reconocen esta última como su punto de partida, por otro lado cuestionan sus marcos teóricos y perspectivas interdisciplinarias, las cuales, en algún sentido siguen legitimando la matriz occidental de conocimiento.⁹⁷

Este trecho de um dos trabalhos de Panotto destaca dois pontos importantes para nossa pesquisa. Como afirmamos acima, na perspectiva decolonial, busca-se revelar a colonialidade oculta na modernidade, e em nosso caso, no campo das ciências litúrgicas que faz parte do campo maior da teologia. O pensamento decolonial emerge como uma crítica profunda do ser cristão ocidental, como Panotto afirma, mas também nos elementos fundamentais deste ser, que se revelam nas reflexões e práticas oriundas deste modo local, particular de pensar sobre Deus e a vida.

Assim, a teologia pós-colonial quer ser uma leitura do campo religioso e colonial que abala os sistemas epistêmicos que sustentam leituras teológicas que sustentam e reiteram a dominação do conhecimento eurocêntrica. O segundo destaque de Panotto vai no sentido de uma releitura das teologias da libertação, ou teologias contextuais. As teologias contextuais são o ponto de partida de possíveis

⁹⁷ PANOTTO, Nicolás. **Religión, política y poscolonialidad en América Latina**. Hacia una teología posfundacional de lo público. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2016, p. 140.

leituras decoloniais, mas precisam promover o desprendimento da matriz colonial do poder. E como se dá este processo de desprendimento? A leitura teológica prática que apresentamos neste trabalho, sobre culto e de suas sonoridades, busca contribuir com os debates sobre formas de articular o desprendimento da colonialidade do conhecimento, em especial da colonialidade do sentir, na dimensão subjetiva da música do culto.

Panotto fala em “cosmovisão teológica cristã tradicional”. O culto cristão que remodelou-se no contexto europeu após a oficialização do cristianismo como religião imperial no século IV e desenvolveu-se como uma proposta de rito universal e essencial do cristianismo, no modelo romano, enfrentou tensões com outras formas de culto (ortodoxas e tantas outras), que foram silenciadas e renegadas por questões de poder e de supremacia de um modo teológico de pensar e, mesmo que no século XVI tenha havido um rompimento litúrgico com Roma, em meio aos movimentos da reforma protestante, a novidade da articulação de pensamento teológico da Reforma manteve a ideia de uma cosmovisão tradicional, regrada e distante do povo.

Como nominar uma (ou mais) teologia(s) que sustentam e defendem uma cosmovisão cristã tradicional, que é desenhada e imputada ao povo crente por líderes que entendem que seus discursos devem defender as ordens estabelecidas e também devem sustentar os empreendimentos coloniais? Em nossa visão, esta articulação teológica recebe o nome de **teologia prática convencional**. Leituras teológicas que engendram modos convencionais do fazer prático de ritos e suas sonoridades musicais, a partir de elementos pré-concebidos forjados na modernidade, são leituras convencionais, pois não questionam os marcos teóricos do pensamento ocidental. A nossa leitura compreende-se como uma leitura convencional, como já dissemos, em processo de desprendimento do colonialismo, em busca da periferia das práticas litúrgico-musicais.

A IECLB, enquanto recorte espacial deste trabalho, é uma igreja que organiza suas práticas litúrgico-musicais de modo convencional, de acordo com convenções forjadas na modernidade e nos modos racionais ocidentais de pensar e agir. Isto não significa, necessariamente, que a IECLB obedece a regras rígidas ou ordos litúrgicos herméticos, mas a IECLB, como qualquer igreja ocidental, segue padrões convencionais, independentemente da linha teológica seguida por líderes, ministros e ministras. Dizer o que é certo ou errado, definir que isto **identifica** ou não identifica o

jeito luterano de fazer culto ou fazer música para o culto é uma das características e pilares do pensar teológico convencional, que aponta para a compreensão de Panotto ao cunhar a expressão *cosmovisão teológica cristã*. De um modo geral, portanto, afirmamos que a cosmovisão teológica geral da IECLB é uma cosmovisão convencional, enredada na história cultural da opressão europeia da América Latina, que quase não oportuniza espaços de crítica teológica, como Westhele antes apontou que o culto serve e serviu como casca dos projetos coloniais.

Panotto observa que a teologia decolonial pode questionar os marcos teóricos e perspectivas interdisciplinares, uma vez que os estudos pós-coloniais oferecem consistência na sustentação crítica à colonialidade oculta na modernidade. E isto está presente também no campo das teologias progressistas. O caminho a ser trilhado pela teologia emerge como crítica e revisão epistêmica de seus estatutos ocidentais no horizonte de seus temas, reflexões e práticas, ou seja, as teologias emergentes e contextuais caminham da convencionalidade para a libertação, e este trabalho pretende dar este passo, de construir uma leitura teológica progressista que se desvincule de uma cosmovisão convencional nos marcos teóricos que sustentam as práticas, para a partir daí propor práticas, em nosso caso, de composição musical e moldagem de cultos significativos numa perspectiva que se distancia dos modelos convencionais. A libertação da colonialidade é um dos passos importantes no processo de construção de uma nova leitura teológica. Mas não basta uma nova leitura; é preciso ultrapassar o conceito de que o culto é uma casca religiosa associada a uma estrutura de poder, como afirma Westhelle, resignificando a leitura teológica em outra cosmovisão, aberta e disposta a compreender e remover os marcos colonialistas que perfazem a teoria e prática na teologia.

2.3.5 As contribuições teológicas de Carlos Cunha

Cunha é um dos poucos teólogos e teólogas do Brasil que se dedica aos estudos que relacionam as linhas de pensamento pós-colonial com a teologia. Para este autor, a articulação de uma teologia em perspectiva decolonial é urgente:

Uma teologia em perspectiva decolonial não só é possível como necessária. As mudanças sociais de nosso tempo reclamam um fazer teológico crítico de

si mesmo e crítico de um sistema-mundo que reduz a condição humana a mero objeto de mercado.⁹⁸

Cunha, como vemos, aponta que a teologia deve ser crítica para consigo mesma e crítica aos sistemas que minimizam o ser humano à objeto de consumo. Esta crítica aos sistemas é articulada pelas teologias contextuais, mas até que ponto a crítica aos seus próprios construtos eurocentrados é contemplada em suas reflexões?

Em outro ponto do seu texto, o autor propõe um diálogo entre a teologia e a teoria decolonial, por meio do que ele chama de **provocações**: “fazer com que a inteligência da fé acolha as interpelações do pensamento decolonial repensando a sua própria estrutura”.⁹⁹ Novamente destacamos a necessidade de repensar a estrutura epistêmica de nossas leituras teológicas, na possibilidade de um diálogo com outras teorias ou componentes disciplinares que, em nosso caso, se dá com o pensamento decolonial.

“A teologia não escapa desse projeto colonizador”.¹⁰⁰ Para o autor, a teologia forjada na academia alimenta as reflexões e ativa as provocações que abalam as estruturas epistêmicas do modo de operação ocidental. Para Cunha, “se temos conhecimento da necessidade da decolonização da teologia, foi graças ao esforço reflexivo elaborado na academia”.¹⁰¹ Para decolonizar é preciso habitar as fronteiras do conhecimento. A academia apresenta leituras que auxiliam a teologia no processo de desprendimento das amarras ocultas da empresa colonial, mas, em nosso ponto de vista, a teologia não consegue se libertar pela academia. Pois a academia é o templo da construção epistêmica de todos os componentes disciplinares que sustentam o pensamento ocidental. Por isso, concordamos em parte com a afirmação de que o esforço reflexivo da academia opera a decolonização da teologia. Entendemos que, para ser uma teologia decolonial (prática, em nosso caso), é preciso estar na fronteira e articular modos de pensar que, atualmente, são rechaçados pelos sistemas acadêmicos.¹⁰²

⁹⁸ CUNHA, 2017, p. 101.

⁹⁹ CUNHA, 2017, p. 102.

¹⁰⁰ CUNHA, 2017, p. 110.

¹⁰¹ CUNHA, 2017, p. 111.

¹⁰² Quando iniciamos os estudos de aprofundamento teológico no programa de pós-graduação da Faculdade EST em 2019, em diálogo com a pessoa orientadora, propomos que a tese pudesse ser um “concerto musical” em vez de uma redação forjada no rigor acadêmico europeu. Esta

Quando o autor fala sobre a ideia de fronteira, ou de margens, ele entende que a teologia ocidental, fruto da hegemonia europeia, não deve ser negada, mas deve-se olhar para além do que ela propõe:

Refazer a teologia a partir das margens do sistema moderno/ocidental não significa negar o pensamento hegemônico ocidental, mas avançar para além dele. Um pensar a partir das fronteiras históricas locais. (...) A teologia de fronteira não se empenha em se incluir como mais uma proposta teológica no rol das grandes teologias. Antes, a sua meta é habitar a margem e se nutrir do diálogo entre os diferentes com o cuidado de não cair na imposição das ideologias.¹⁰³

Este ponto interessa para o desenvolvimento de uma teologia prática que se compreende a caminho das fronteiras. Que fronteiras são propostas? A fronteira, na perspectiva de um estudo acadêmico das ciências litúrgicas, música e culto, encontra-se, justamente, no espaço onde vozes foram silenciadas pelo sistema moderno/colonial, que se considera o centro do conhecimento científico/prático sobre o culto. Ao afirmar que o pensar teológico tem origem nas fronteiras históricas locais, Cunha afirma que a prática da teologia deve ouvir o povo que não está no centro das discussões teológicas, acadêmicas ou não, na promoção de seus ritos, mas ouvir o povo que está à margens.

A outra leitura teológica que propomos, não intenta ser uma teologia contextual que se estabelece no centro das discussões, mas, concordando com o autor, ela deve habitar as margens do conhecimento, que se encontram nas vozes das pessoas silenciadas e invisibilizadas. O teólogo prático Carvalhaes¹⁰⁴ organizou um grande exercício de produção de recursos litúrgicos, através de um projeto que cruzou o mundo, chamado de “Liturgies from below: praying with people at the end of the world” (Liturgias de baixo: rezar/orar com as pessoas no fim do mundo)¹⁰⁵. A ideia do projeto consistiu em uma convocação de teólogos, teólogas, liturgistas e musicistas de várias partes do mundo para que, estes e estas, habitassem em espaços de extrema pobreza e vulnerabilidade. Ao ter contato com pessoas em vulnerabilidade, os diferentes grupos de pensadores e pensadoras foram desafiados a criar recursos litúrgicos a partir das vozes subalternizadas. Este projeto, portanto, estabeleceu um

proposta, ainda que articule uma brincadeira, apresenta uma crítica aos processos rigorosos da academia, que encerram processos herméticos para apresentação de resultados de pesquisa.

¹⁰³ CUNHA, 2017, p. 122.

¹⁰⁴ No terceiro capítulo abordaremos alguns sobre a sua proposta de liturgia de libertação.

¹⁰⁵ CARVALHAES, Claudio. **Liturgies from below: praying with people at the end of the world**. Abingdon Press, 2020. E-book Kindle.

exercício prático de aproximação da academia com as diferentes realidades de pobreza que o mundo enfrenta.

2.3.6 O *bem viver/buen vivir*

Cunha estabelece alguns critérios teóricos visando aproximar a teologia do pensamento decolonial, além de apontar para o *bem viver*, como ideal a ser buscado por todas as pessoas que buscam um outro modo de articular uma cosmovisão de mundo sem as amarras do desenvolvimentismo, do capitalismo opressor e dos racismos e patriarcalismos estruturantes do nosso mundo. Neste sentido, propõe Cunha a construção de outros lugares de enunciação, a partir da teologia.

Associar a expressão Abya Yala à teologia significa empenhar-se na construção de outros lugares de enunciação como expressões de resistência diante da colonização do poder, dando voz às epistemologias do Sul global. A associação da teologia com os poderes dominantes – ela como instrumento de colonização –, inviabilizaria tal projeto.¹⁰⁶

Estes lugares de enunciação, como expressões de resistência, podem originar lugares para o *bem viver*, e não para o “*viver melhor*”. Este nasce do sonho capitalista de viver melhor que as outras pessoas sem preocupação ou compromisso com as questões que envolvem o meio-ambiente. O *bem viver* que origina-se da vida de populações indígenas dos Andes sul americanos propõe um modo de vida que alie as necessidades humanas com o respeito à Natureza.

Ao propor a harmonia com a Natureza e entre indivíduos e comunidades, e ao estar carregado de experiências de vida e resistência, o Bem Viver, sempre que esteja livre de preconceitos e seja assumido como uma proposta em construção, permite formular visões alternativas de estar no mundo. O Bem Viver oferece múltiplas possibilidades para repensar as lógicas de produção, circulação, distribuição e consumo de bens e serviços, assim como para repensar as estruturas e as experiências sociais e políticas dominantes, próprias da civilização capitalista.¹⁰⁷

Destacam-se, nesta citação de Acosta, alguns aspectos para a construção de nossa leitura teológica prática: a) o *bem viver* deve ser assumido como uma proposta em construção. Assim, imaginamos o roteiro de nossa pesquisa que se entende processual, a caminho para as fronteiras; b) o *bem viver* é uma grandeza a ser

¹⁰⁶ CUNHA, Carlos Alberto Motta. **Encontros decoloniais entre o Bem Viver e o Reino de Deus**. Campinas: Saber Criativo, 2019, p. 16.

¹⁰⁷ ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**. Uma oportunidade para imaginar novos mundos. São Paulo; Autonomia Literária, Elefante, 2016, p. 17.

apreendida, pois a partir dela, nosso pensamento convencional é desafiado a formular outras visões e formas de estar no mundo, ou seja, de definir outras formas de cosmovisão, não colonialistas; c) o *bem viver* nos leva a repensar as lógicas que determinam a produção de bens e serviços, a partir das experiências de povos que resistiram à colonização abre os nossos horizontes para ler e aprender com as experiências humanas. Por exemplo, as práticas litúrgico/musicais no âmbito da IECLB são oriundas do contexto europeu, mas como podemos repensar estas práticas ao ouvir e aprender com as experiências rituais dos povos originários? Como podemos cantar e promover uma reflexão sobre um novo modo de cuidado com a natureza? Por que as linguagens musicais de origem indígena ou negra enfrentam resistências em cultos protestantes?

O *bem viver* pode iluminar processos de contextualização das práticas litúrgicas e musicais para o culto cristão. Por exemplo, a partir de uma teologia que se propõe a abandonar pressupostos ocidentais e caminha rumo às fronteiras epistêmicas de outras formas de pensar, é possível articular formas de conexão com grupos de produção agroecológica, realçar a importância do cuidado com a natureza para o próprio bem viver das comunidades ou é possível resgatar valores de cuidado com a natureza com os povos originários do nosso país. Neste brevíssimo excursão, propõe-se aprender com o *bem viver* para aprender a articular o pensamento decolonial na perspectiva de práticas não racionais, que envolvem o cuidado com o corpo, com a natureza, com o respeito à diversidade de pessoas. O *bem viver*, como outro modo de relacionar o ser humano com o mundo, pode impulsionar e elevar outros modos de celebrar, que nominamos neste trabalho de *bem celebrar*.

2.3.7 A teologia prática como teologia a caminho

A teologia prática como uma construção do âmbito da teologia cristã, que é uma disciplina dentre tantas, historicamente responsável pela sistematização dos assuntos que envolvem o Deus cristão, tem suas raízes nos pilares conceituais do mundo ocidental, como temos afirmado. Disto resulta que, pensar teologicamente é uma ação do âmbito do pensamento ocidental. Se pretendemos criar uma nova leitura teológica, que se nomeie e se defina como *decolonial*, é preciso ter em mente este aspecto ontológico que atrela o pensar ocidental ao fazer teológico. Mas o pensar ocidental não significa render-se a propósitos opressores e colonialistas.

O pensar teológico prático, ontologicamente ocidental, pode-se opor aos problemas coloniais impostos na modernidade, detectar estes problemas e auxiliar outros campos de saberes na construção do pensamento decolonial. Mas este pensar precisa deslocar-se dos centros do poder e das verdades universais para as fronteiras marginais do pensar, e neste processo, remodelar seus modos de sistematização. Por isso, a teologia prática que se entende como decolonial precisa renegar aspectos universalizantes e rever pontos outrora axiomáticos, conectados especialmente com a colonialidade oculta na retórica da modernidade.

A teologia prática que se compreende processual, portanto, realça o seu caráter profético denunciando a colonialidade oculta enquanto revê seus papéis na dinâmica que envolve a ideia de centro e periferia. A teologia não precisa estar no centro para contribuir com a academia e com a vida prática de comunidades de pessoas crentes. Ao se deslocar do centro epistêmico para as fronteiras de onde emergem as vozes silenciadas nos processos coloniais, a teologia prática renova-se e oferece outras narrativas, baseadas na experiência, contextualizadas e comprometidas com as vozes silenciadas. A opção decolonial, do contexto latino-americano, compreende-se como uma opção e não como uma verdade universal. Segundo Mignolo, como vimos, a opção decolonial nasce neste contexto e quer ser uma opção de caminho reflexivo. Assim, a teologia prática no contexto brasileiro, que parte de histórias e lugares de fala de comunidades protestantes históricas, pode e deve construir reflexões que não se imponham como verdades únicas, mas como verdades construídas a partir da experiência do fazer musical em contexto ritual luterano, aliado às reflexões coletivas no âmbito acadêmico.

As leituras teológicas alternativas, portanto, não o são alternativas porque se quer a exclusividade e se rechaçam outros pensares e formas de articular teológicos. Esta visão corrobora outra citação de Panotto, que, neste ponto de nossas investigações nos é pertinente:

La teología poscolonial se adentra a esbozar lecturas alternativas desde la teología cristiana a partir de estos procesos, no sólo del lugar del fenómeno religioso en dicha trama sino también desde una epistemología teológica que asume desde su especificidad – y su propio objeto: Dios -, su legado colonial y moderno, pero también la condición resignificante dentro o desde esos mismos límites. En este sentido, la teología cristiana se reconoce en esa ubicación “entre medio”, donde las imágenes divinas, las prácticas misionales y los modelos de espiritualidad, se mueven entre la posibilidad de ser funcionales al imperialismo religioso y político, como también instancias imbuidas en la agencia subalterna, la reflexión contextual y el compromiso

radical desde lo excluido por la propia matriz colonial, trayendo consigo nuevas imágenes de Dios y relatos teológicos disruptivos que deconstruyen el estatus ontológico de los sistemas imperantes.¹⁰⁸

A ideia de *entremeio* presente na reflexão de Panotto nos auxilia a afirmar nosso argumento de que a teologia prática que brota de um contexto evangélico protestante em solo brasileiro, caminha para além daquilo que o autor cita como funcional ao imperialismo religioso, que está conectado com o imperialismo político, que por sua vez está enraizado no fazer teológico, mas que ouve as vozes antes silenciadas e se imbuí das demandas da agência subalterna. Surgem, assim, novas imagens de Deus e, conseqüentemente, relatos teológicos que serão disruptivos na medida em que fazer esta peregrinação do centro para as fronteiras. A teologia tem um compromisso radical, se assim se entende, mas não universal. A teologia apresenta suas leituras e coloca-se, como uma opção. Pois, se intenta ser universal neste processo, a teologia prática seguirá ontologicamente presa aos ditames ocidentais. A ressignificação teológica, que se propõe na lógica de Panotto, é um trabalho processual, constante, que busca compreender como a epistemologia pode ser opressora, apesar de discursos mais progressistas.

Assim como Hoch percebeu a importância da TdL para a teologia prática, propomos, a partir de Panotto, que a teologia prática possa ser *uma* (e não “a”) contribuição nos processos de ressignificação do sagrado, articulando a crítica à colonialidade oculta da modernidade. Uma *teologia prática decolonial* engajada com as situações de desigualdade não temerá rupturas epistêmicas, mas seguirá construindo, processualmente, suas bases identitárias forjadas no processo de abandono do centro universal e exclusivo da estrutura de pensar universal para acolher saberes fronteiriços. A teologia prática não precisa estar nos holofotes e disputar hegemonia entre as disciplinas que se colocam no caminho das reflexões pós-coloniais, mas propomos, como leitura teológica prática, que aprendamos com as críticas decoloniais, do contexto latino-americano, a rever aquilo que macula o evangelho e que a prática de culto possa expressar a agência subalterna e as reflexões contextualizadas, como veremos no último capítulo quando analisaremos um culto realizado com pessoas jovens. Da prática de moldagem do culto, do feito do

¹⁰⁸ PANOTTO, 2018, p. 279.

culto, da prática coletiva de composições, adentramos para uma ideia diversa do modo de moldar e celebrar cultos próprios do contexto luterano no Brasil.

No próximo capítulo propomos uma reflexão sobre o **aspecto convencional do fazer teológico** e o que justifica as práticas da música para o âmbito do culto cristão protestante luterano. O elemento convencional, em nossa perspectiva e abordagem, reúne as características coloniais da retórica da modernidade, carrega elementos ocultos da colonialidade e, ao mesmo tempo, na perspectiva de mediação progressista das práticas de culto, oferece condições para trilhar este outro caminho, marcado pela crítica decolonial, que busca o abandono da prepotência do conhecimento ocidental único, universal e exclusivo, partindo rumo às fronteiras do fazer litúrgico/musical no contexto de uma igreja protestante histórica no Brasil, de modo cooperativo, coletivo, integrativo, proponente do resgate de vozes silenciadas, na expressão do louvor e devoção cristãs. Estas vozes apresentam a característica da diversidade.

3 PRÁTICAS LITÚRGICO/MUSICAIS: DA CONVENCIONALIDADE RUMO ÀS FRONTEIRAS DA DIVERSIDADE

*Deixe de lado esse baixo astral
Erga a cabeça enfrente o mal
Que agindo assim será vital
Para o seu coração
É que em cada experiência
Se aprende uma lição
Eu já sofri por amar assim
Me dediquei, mas foi tudo em vão
Pra que se lamentar
Se em sua vida pode encontrar
Quem te ame com toda força e ardor?
Assim sucumbirá a dor (tem que lutar)
Tem que lutar, não se abater
E só se entregar a quem te merecer
Não estou dando nem vendendo
Como o ditado diz
O meu conselho é pra te ver feliz
Tem que lutar*

Conselho, Almir Guineto

3.1 DIMENSÃO CONVENCIONAL DAS PRÁTICAS LITÚRGICO/MUSICAIS

3.1.1 Uma leitura teológica carente de outros saberes

As reflexões contemporâneas sobre culto cristão, no âmbito da IECLB, são comumente apresentadas e refletidas a partir da frase, já citada, que afirma que o “Culto é o encontro da comunidade com Deus”.¹⁰⁹ O culto cristão é compreendido como a ação que identifica o encontro entre o Deus Pai, Filho e Espírito Santo com um grupo de pessoas identificadas com este trino Deus. Este grupo é identificado grupo *cristão* e de *confissão luterana*. *Comunidade de pessoas* é a expressão que define um lado do encontro e a *confissão luterana* marca a identidade desse grupo.

A teologia reflete as razões do encontro entre Deus e as pessoas, estuda, compara, analisa e expõe novas leituras do ponto de vista teológico. Já disciplinas como a sociologia, por exemplo, estudam o grupo, o envolvimento social das pessoas, as características do grupo, etc. A análise da música pode ser feita pela musicologia, etnomusicologia, etc. As diferentes disciplinas estudam, cada qual, suas áreas de interesse específico, de acordo com as suas lentes. O estudo das especificidades é

¹⁰⁹ KIRST, 1993, p. 12.

uma característica epistemológica do mundo ocidental. Um trabalho acadêmico bem avaliado é aquele em que a redação expõe com clareza o objetivo da área e a relação do objeto pesquisado com a área.

Nos últimos anos o culto cristão tem sido visto por vários ângulos disciplinares. Há esforços para conectar diferentes áreas do saber que estudam determinados temas, como o culto cristão, a música do culto, etc. Kirst, apresenta o seguinte apontamento sobre os últimos anos dos estudos das ciências litúrgicas:

Por muito tempo a Ciência Litúrgica só olhou para o culto cristão na perspectiva bíblico-teológica e histórico-teológica. É só nas últimas décadas do século 20 que ela começa a levar mais a sério o segundo parceiro do encontro que se realiza no culto: a comunidade celebrante, a assembleia litúrgica como grupo de pessoas.¹¹⁰

Como afirma Kirst, o campo das ciências litúrgicas se constituía dentro dos muros da teologia, exclusivamente. Aos poucos, a teologia e as ciências litúrgicas foram ampliando os horizontes de suas reflexões, abrindo-se para compreensões e leituras de outros componentes do conhecimento humano, como a cultura, a antropologia, sociologia, etc. Atualmente, propor uma leitura exclusivamente teológica de um objeto, em qualquer área, limita a sua própria compreensão. O campo das ciências litúrgicas tem a necessidade de outros saberes para se compreender.¹¹¹

Os jogos de poder estabelecem um quadro de relações hierarquizadas entre os saberes no pensamento ocidental que, por sua vez, estabelecem os âmbitos de centro e periferia. Apesar dos esforços no sentido de integrar componentes disciplinares diversos para compreender melhor os fenômenos estudados, a partidarização e disputas entre áreas acabam por minimizar e subjugar saberes em função destes processos hierárquicos, próprios do pensamento ocidental. Há compreensões de que teologia prática, por exemplo, é considerada como disciplinar de menor valor, menos abrangente e aprofundada que, por exemplo, a teologia bíblica-sistemática.¹¹² E a música, na perspectiva do quadro de relações hierárquicas entre saberes, é teologia pouco valorizada na área de teologia prática.¹¹³

¹¹⁰ KIRST, 2011, p. 115.

¹¹¹ Kirst aponta para as contribuições da história, da sociologia e da antropologia para as pesquisa em liturgia. KIRST, 2011, p. 113-120.

¹¹² Miller-McLemore identifica este menosprezo da teologia prática em detrimento dos outros campos teológicos. Ver: MILLER-MCLEMORE, 2016, p. 204-226.

¹¹³ O livro Teologia Prática no contexto da América Latina teve sua primeira edição em 1998. O livro apresenta um apanhado teórico/histórico sobre a teologia prática e detalha disciplinas específicas,

Diversamente de uma compreensão eurocêntrica que centraliza e determina os processos de aquisição e organização dos conhecimentos, Boaventura de Souza Santos propõe o que ele nomina de **ecologia de saberes** como outro modo de pensar e relacionar os saberes, para que resistam aos ditames colonialistas e imperialistas que detém o poder nos diversos campos do conhecimento. Segundo Boaventura de Souza Santos

Identificar a linha abissal é o primeiro passo no sentido de a ultrapassar, quer ao nível epistemológico, quer ao nível político. Identificar e denunciar a linha abissal permite abrir horizontes relativamente à diversidade epistemológica do mundo. Ao nível epistemológico, essa diversidade traduz-se naquilo que chamo de “ecologia de saberes”, isto é, o reconhecimento da copresença de diferentes saberes e a necessidade de estudar as afinidades, as divergências, as complementaridades e as contradições que existem entre eles, a fim de maximizar a eficácia das lutas de resistência contra a opressão.¹¹⁴

A linha abissal representa o espaço, o vácuo que se cria entre os saberes articulados no contexto ocidental, que o autor chama de epistemologias do **Norte Global**, com os saberes articulados nas margens, nas periferias, denominado de epistemologias do **Sul Global**. A ecologia de saberes, em nossa pesquisa, reúne música, liturgia e os estudos sobre o pensamento decolonial e outros saberes provenientes das experiências das pessoas, que se identificam com os debates pós-coloniais. A leitura que se origina desta reunião de saberes nasce das experiências do autor, das leituras, debates e compartilhamento de saberes diversos dos encontros e das práticas de composição musical e condução musical na IECLB.

De acordo com o que Santos apresenta, este trabalho é concebido como uma pesquisa em processo de desprendimento das compreensões epistemológicas do norte global para ressignificar esta leitura teológica como uma leitura teológica libertadora, que caminha para uma emancipação das práticas convencionais, que se desprende dos elementos opressores e propõe, em nosso caso, o *bem celebrar*, como ação prática de celebrar, na perspectiva do sul global. Neste sentido, os impulsos do Souza também identificam-se com os impulsos decoloniais, como afirma Witla, que

quais sejam: Liturgia, Edificação de comunidade, Missão, Evangelho Missão e Cultura, Educação Cristã, Diaconia e Aconselhamento pastoral. Em 2011, foi acrescentado um capítulo sobre a Nova Homilética, mas nada foi falado sobre música, nem no geral e nem no específico. SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. Aspectos históricos e concepções contemporâneas da Teologia Prática. SCHEIDER-HARPPRECHT, Christoph e ZWETSCH, Roberto (orgs). **Teologia Prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011(a).

¹¹⁴ SANTOS, Boaventura de Souza. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 28.

são refletidos como ímpetos, como forças motivadores que produzem outras reflexões e práticas libertadoras, que consideramos emancipatórias, no campo da teologia.¹¹⁵

Também não se propõe, como temos afirmado, que este trabalho seja nominado e classificado/definido como decolonial. O **giro** que se propõe com esta pesquisa não busca a definição de um status ontológico decolonial que critica uma prática e apresenta uma alternativa ‘nova’, hierarquizando os saberes. O giro é consequência da influência do pensamento decolonial sobre o conjunto de saberes e experiências, definido como o **lugar de fala** do autor para o campo do culto e suas sonoridades. Estes saberes, tanto na perspectiva individual quanto coletiva, perfazem o panorama heterárquico¹¹⁶ que reorganiza os conhecimentos a partir da troca de saberes de modo horizontalizado e consensual.

Desta ecologia de saberes que perfazem nosso texto, surge a questão: *quais são os princípios que definem e sustentam práticas litúrgico/musicais convencionais?*

3.1.2 O culto cristão convencional

A intenção de classificar as práticas e reflexões em torno da música no culto luterano da IECLB como **práticas convencionais**, parte do pressuposto da ausência de crítica, ou da autocrítica, sobre o papel da música no culto, justificado pela escassez de análises teológicas, sociológicas, etnomusicológicas da prática musical do culto protestante histórico no contexto da IECLB.¹¹⁷

Listamos algumas visões/leituras sobre o papel da música no culto que consideramos de perspectiva convencional: a) a música do culto serve para tornar o

¹¹⁵ WITLA, Becca. Liturgy in a decolonial key. ADAM, Júlio César, CARVALHAES Cláudio, STRECK, Valburga Schmiedt (eds). 2021. **(De)coloniality and religious practices: liberating hope**. IAPT.CS 2. Disponível em: <https://iapt-cs.org/ojs/index.php/iaptcs/issue/view/39/IAPT.CS%20Vol%202%3A%20DeColonialityandReligiou sPractices> Acesso em 10 dez. 2022, p. 146.

¹¹⁶ “As heterarquias são caracterizadas pela responsabilização lateral e por múltiplos princípios organizadores, ou, em termos diferentes, pela inteligência distribuída e pela organização da diversidade.” Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rep/a/yN9JPdnRDz4YH4n4VrrxL6D/?format=pdf&lang=en> Acesso em 03 fev. 2023.

¹¹⁷ As igrejas históricas, diferentemente das igrejas evangélicas do gospel, avançam a passos lentos no campo de reflexões sobre música e culto. No site <https://musicaeadoracao.com.br/>, da Igreja Adventista do Sétimo Dia, é possível encontrar dezenas de centenas de artigos sobre música e culto, o que não é visível no site da IECLB e em sites de outras igrejas históricas, como por exemplo, a IEAB (Igreja Episcopal Anglicana no Brasil). Disponível em: <https://www.ieab.org.br/> Acesso em 10 dez. 2022.

“culto mais bonito” (visão ornamental e reducionista da música no culto); b) a música do culto serve para atrair pessoas (visão estratégica de arregimentar pessoas para a igreja); c) a música no culto é dispensável, pois importa somente a palavra falada (visão que minimiza o papel ministerial da música); d) a música serve para ilustrar a Palavra de Deus (visão teológica reducionista, que não considera a música como elemento necessário da pregação do evangelho).¹¹⁸

Partindo da percepção de que as práticas convencionais de música resistem às provocações de leituras críticas sobre os pressupostos de suas ações, a leitura teológica que propomos persegue, de modo provocativo, outra maneira de refletir sobre a música do culto e seus processos de mediação, estabelecendo outros termos de conversação, segundo Mignolo. A nossa leitura teológica resume-se na seguinte formulação: *o fazer litúrgico/musical tem caráter de proclamação da Palavra de Deus no culto protestante. Na mediação do fazer litúrgico/musical, é preciso revelar a colonialidade oculta das retóricas/práticas/modos de moldar e definir as ações litúrgico/musicais, que compõem o modo convencional das práticas litúrgicas e, em um segundo momento, desenvolver estratégias para desprender-se da colonialidade, buscando, paralelamente, a valorização da diversidade de experiências sonoras de expressão de fé através de sonoridades que expressam devoção/louvor, como exercício ministerial da pregação do evangelho.*

Este segundo momento constata que é preciso persistir nos processos de *ressignificação do status convencional das práticas litúrgico/musicais, a partir de um desligamento processual da epistemologia ocidental, para, em seguida, experimentar outras formas de articular a ação litúrgico/sonora no sentido do bem celebrar.* Para além da casca de um projeto colonizador, como afirma Westhelle, o culto, com práticas litúrgico/musicais ressignificadas, caminha para ser um espaço alternativo de expressão da fé da comunidade com seu Deus.

O *bem celebrar* se caracteriza como um ideal de celebração onde o ser humano é concebido de maneira integral, consciente da necessidade de despir-se de preconceitos, de racismos, de machismos e outros ismos que perfazem a matriz colonial do poder. O *bem celebrar* pode e deve ser vivo, experimentado em gestos,

¹¹⁸ As diferentes visões sobre a música no culto, citadas neste trabalho, são visões do senso comum, ouvidas pelo autor da pesquisa na prática de condução musical comunitária.

danças, músicas, louvores, meditações, silêncios, imagens, emoções e “bagunças”¹¹⁹, proporcionando uma sensação de completude nas pessoas que estão diante de Deus e experimentam, com alma, corpo, razão e emoção, o conjunto de expressões da diversidade no ato do *bem celebrar*.

O culto convencional de confissão luterana no Brasil, por sua vez, estabelece-se a partir de uma estrutura epistêmica ocidental, restrito à soberania da reflexão racional sobre a Palavra de Deus, criando hierarquias, defendendo e mantendo conjuntos de crenças dualistas e status de universalidade como elemento que caracteriza a sua prática litúrgico/musical como a (única) prática correta e verdadeira de celebrar a Deus. Este modo convencional de celebrar entende que o culto é o espaço do sagrado desconectado do mundo profano, isento de responsabilidades com a realidade e com o contexto. A pregação neste culto é abstrata, pouco compreensível pelas pessoas da comunidade, com poucos ou nenhum gesto ou exploração de recursos que não sejam os recursos racionais catequizadores. A música é ornamental à Palavra de Deus e não tem ethos evangélico. Por isso, líderes de cultos convencionais: a) resistem à participação e inclusão de mais pessoas, incluindo-se musicistas no moldar litúrgico; b) excluem ou resistem ao ingresso de elementos litúrgicos contextuais; c) seguem padrões litúrgicos de acordo com a orientação de suas linhas teológicas, desprezando orientações e combinações conciliares.¹²⁰

Nos propomos à análise de três elementos que perfazem o modo convencional de articular o culto e, conseqüentemente, a música e as sonoridades no contexto da IECLB: o *dualismo*, o *universalismo* e o *rito como uma ação estritamente racional* no âmbito do culto cristão protestante de confissão luterana no Brasil.

A escolha do termo “convencional” para adjetivar a crítica decolonial ao culto cristão protestante pode não ser o termo mais adequado para identificar a

¹¹⁹ Observa-se nos cultos luteranos que, famílias que trazem crianças para o culto, são reprimidas no momento em que suas crianças fazem barulho, ou saem do lugar, pois isto atrapalha a concentração das pessoas.

¹²⁰ É importante destacar que decisões conciliares na IECLB obedecem a processos democráticos, que envolvem a escolha de pessoas representantes de comunidades e instituições, além de proporcionar um equilíbrio entre pessoas com ordenação e sem ordenação para as votações de temas importantes para a igreja. Isto significa dizer que, decisões conciliares têm, em essência, características heterárquicas e democráticas, diferentemente de decisões monocráticas que possam vir a ser tomadas por ministros ou ministras. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/concilio/atribuicoes-e-competencias Acesso em 03 fev. 2023.

colonialidade do saber. Porém, entendemos que “convencional” é o termo que identifica um modo de se posicionar acriticamente, fechado à criticidade e propenso à práticas monocráticas, sem a possibilidade de partilha de saberes. Este modo de refletir sobre o culto, independe da linha de pensamento teológico, se conservadora, liberal ou progressista, recebe esta conotação convencional. Convencional, argumentamos, define um lastro epistêmico, retórico e prático que resiste à autocrítica, e define-se como inflexível no que diz respeito à diversidade. A prática convencional não se deixa transformar e não aceita negociar os termos de conversação, principalmente, porque é a partir de uma cosmovisão convencional que se define o papel de controle do que é certo e errado.

3.1.3 O universal, o dual e o racional

3.1.3.1 O universal

A prepotência da **universalidade** hegemônica das leituras litúrgico/teológicas do mundo ocidental é uma das marcas das leituras teológicas convencionais. O que foi desenvolvido, em termos litúrgicos e musicais do lado ocidental romano, no decorrer dos séculos, estabeleceu-se como norma imperial, desde ao menos a metade do primeiro milênio cristão (aprox. sec. IV) até o advento da Reforma Protestante (sec. XVI), que promoveu o rompimento com o modo católico-romano de celebrar.

O mundo cristão-ortodoxo-oriental, provavelmente, resistiu à imposições litúrgicas que provinham das formas rituais latinas. As divergências em termos de liturgia influenciaram o cisma cristão registrado no ano de 1054, que definiu a separação das igrejas do oriente da Igreja Católica Apostólica de Roma. Unidade e uniformidade são, segundo Morini, dois conceitos diferentes:

O cisma [de 1054], portanto, antes de ser um evento pontual, é – como o definiu o dominicano francês Yves-Marie Congar– um lento processo de incomunicabilidade recíproca ou de “estranhamento” das duas igrejas que, num determinado momento, encontraram-se divididas, sem nunca estarem formalmente separadas. Essas igrejas encontraram-se em estado de cisma quando confundiram o conceito de unidade da Igreja ao qual o pluralismo

cultural confere beleza, com o de uniformidade, no qual as tradições particulares, em vez de se integrar, se contrapõem.¹²¹

Uniforme, aqui, é sinônimo de universal. Pluralismo também. A Igreja Católica Romana, em termos de rito cristão criou, definiu seus dogmas litúrgicos e estabeleceu **um centro** de controle do culto católico no decorrer dos séculos. Modos locais de celebrar foram sendo, paulatinamente, descartados. A beleza universal da diversidade, que surgiu nos primeiros séculos da era cristã a partir da proclamação do evangelho para além dos muros das comunidades de origem judaica não foi levado em consideração pelo Vaticano. Importou, naqueles tempos, estabelecer o que é “certo”, em termos de culto, litúrgica e música em detrimento do que é “errado” (cosmóvisão dualista).

O ordo litúrgico católico-romano, numa leitura em perspectiva decolonial, pode ser considerada uma “tradição local” que se difundiu para todo o mundo católico como “tradição universal”, pois impôs seus padrões de uniformidade para uma vasta área geográfica, definida grosso modo como Europa Ocidental. Carvalhaes, no âmbito da teologia/liturgia protestante, identifica que o Norte Global criou este processo de universalização

Como dissemos, as leituras teológicas da história apenas nos últimos 500 anos foram muitas vezes feitas pelo Norte Global, leituras essas que fizeram com que as avaliações teológicas da teologia litúrgica ficassem subsumidas às regras de oração e crença vividas por um povo específico em contextos históricos únicos e que foram transformadas e entendidas como orações e crenças universais que o mundo todo devesse seguir. A liturgia local da Reforma, por exemplo, transformou-se na experiência litúrgica universal de Deus.¹²²

O local que se impõe como regra a ser seguida em qualquer parte do mundo, transforma-se em regra universal e, caracteriza-se assim como uma prática colonialista. O pensamento decolonial revela que o “local” se transforma em “global” e este representa o universal, que serve para qualquer povo em qualquer canto do mundo.

Porém, o local e o universal podem ser concebidos de outro modo. São grandezas que formam uma unidade, na mesma direção da constância e da

¹²¹ MORINI, Enrico. **Os ortodoxos**: o Oriente do Ocidente. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 32.

¹²² CARVALHAES, Claudio. Teologia Litúrgica da Libertação. **Estudos Teológicos**, 58(2), São Leopoldo: Faculdades EST, 2018, p. 343.

diversidade apontada por White¹²³. O local pode expressar a diversidade e o universal expressar a constância. É importante retomar a ideia de que estamos tratando do culto cristão protestante luterano, que, na sua origem europeia, segue uma linha litúrgica do tipo conservadora. Segundo White, das sete grandes linhas de culto protestante, de um lado o culto reformado está ao centro, com regras litúrgicas menos cristalizadas, enquanto o culto luterano e o anglicano estão mais à direita, pois ordenam seus cultos com um modo de operação de cunho conversador, que determina e mantém ordenamentos litúrgicos com maior rigorosidade.¹²⁴

O universal na compreensão colonial/moderna, portanto, tem relação direta com aquilo que serve para todo mundo, e que deve ser acatado por todas as igrejas, garantindo a pureza na tradição litúrgica e, com isso, garantindo uma suposta unidade dogmática. As ordens, os costumes, o que pode e o que não pode ser realizado em termos litúrgicos passa, por assim dizer, por uma concepção de que as formas litúrgicas convencionais/convencionadas são elaboradas por um seletivo grupo de pessoas cultas que valem para todas as pessoas. O universal impositivo caminha de mãos com o controle e a manutenção da identidade. “Diferenças litúrgicas não se discutem, pois o poder litúrgico da tradição é a marca identitária e de controle do povo que frequenta as igrejas”.¹²⁵ A partir de uma suposta tradição se justifica, por exemplo, que não é possível cantar um “*Glória in excelsis Deo*” no tempo da quaresma ou no tempo do advento, por motivo A, B e C. O universal apaga, neste caso, a possibilidade de expressão de um tipo de repertório porque a tradição (global) determina e a ministra ou ministro responsável pela mediação do culto (local) obedece. O universal colonial global tem esta faceta, de criar resistências aquilo que pode macular a teologia que identifica uma determinada denominação.

Entretanto, a partir dos estudos litúrgicos gestados na Federação Luterana Mundial nos anos de 1990, por exemplo, o tema do local/universal foi considerado e priorizado nos debates sobre culto e cultura. “El Dios al que rinden culto los cristianos es transcendente y transcultural, de modo que no tiene sentido remplazar una

¹²³ WHITE, James F. **Introdução ao culto cristão**. São Leopoldo: Sinodal, 3 ed. Revisada, 2012, p. 22.

¹²⁴ WHITE, 2012, p. 26.

¹²⁵ CARVALHAES, 2018, p. 342.

cautividad cultural por outra”.¹²⁶ Stauffer realça a tensão existente entre o local e o universal. O universal, em sua perspectiva, deve estar presente no culto local e, num panorama idealizado, deveria haver uma troca entre o local e o universal, que ela nomina como contextual e transcultural.

Este compartimiento intercultural y ecuménico, este enriquecimiento universal, es lo contrario de tribalización, y apartheid, y segregación, y limpieza étnica. El culto debiera ser al mismo tiempo contextual y transcultural, como testamento de la unidad de la iglesia y del Dios que está ‘muy lejos de poder ser captado por nuestra mente’.¹²⁷

Neste aspecto, há uma abertura para outra compreensão do que significa o universal. A Federação Luterana propôs os estudos sobre culto e cultura, justamente por conta dos processos de inculturação, que traduzem o conteúdo do evangelho (o universal) com expressões e elementos culturais locais (o local). Esta visão global/local não trabalha com a ideia de imposição de um modo de moldar e fazer culto, mas parte de princípios de que há, sim, elementos da constância, que são os princípios do culto cristão, quais sejam: o culto é espaço para a pregação da palavra e para a administração do batismo e da ceia. Estes elementos são mais que litúrgicos, são as bases teológicas do rito cristão, em especial, no contexto das igrejas da comunhão luterana.

Porém, a tentativa de imposição de um alinhamento litúrgico-teológico em torno do seguimento de um modelo litúrgico único, que dispensa e menospreza a riqueza da diversidade, se revela como uma ação política, de caráter universal/autoritário; a ideia da proposição de ordos litúrgicos padronizados em uma argumentação de busca de unidade, impõe, ainda que ocultamente, uma prática colonial imperial.

Padronizar formas litúrgicas e enquadrar repertórios musicais de estilos musicais específicos, significa determinar um centro, um espaço onde as formas litúrgicas e repertórios precisam ser utilizados, descartando e ignorando a diversidade de formas devocionais locais de celebrar e cantar do povo crente com Deus e para Deus. Numa perspectiva emancipatória, ter acesso a repertórios de várias partes do mundo, na perspectiva da riqueza cultural tem uma conotação; mas impor que um

¹²⁶ STAUFFER, S. Anita. El culto Cristiano: en procura de adaptación local y universalización. **Diálogo entre Culto y Cultura**. Informes de las consultas internacionales Cartigny, Suiza, 1993; Hong Kong, 1994. Ginebra: Federación Luterana Mundial, 1994, p. 14.

¹²⁷ STAUFFER, 1994, p. 15.

determinado repertório, forjado em um centro, seja obrigatoriamente utilizado pelas comunidades locais, tem outra conotação. Esta conotação é impositiva e colonial.

O transcultural, portanto, é um tipo de universal, que, na mesma direção que o pluralismo, não se impõe como regra ou ordo sem diálogo, mas como chave para as relações ecumênicas, que buscam compartilhar semelhanças e diferenças de culto, visando a busca da unidade, da conexão das diferentes formas comunitárias de culto em torno da celebração do amor universal do trino Deus. A busca pela **unidade na diversidade** no mundo cristão, como uma dinâmica positiva do universal/local, é, por assim dizer, uma tarefa que pode ocorrer a partir das margens, e que vai trazer, neste sentido pedagógico, muita riqueza de conteúdo e de repertórios de louvor e devoção.

3.1.3.2 O dual

O culto, se entendido como a noção cristã de religião, como *religare*, é aquilo que vincula de volta o que se desligou. A religião religa as pessoas e todas as suas realidades, o movimento do espírito junto com o corpo, o despertar de nossas condições e possibilidades, as circunstâncias e o que está para além da nossa existência, o nosso corpo com nossa mente e alma. Religião é a religação entre Deus, a terra, as várias formas do humano e todo o universo. O culto é a anulação dos binários como, por exemplo, conhecimento de Deus e conhecimento de nós mesmos, imanência e transcendência, sagrado e profano, ser humano e natureza, nós e eles.¹²⁸

Segundo Carvalhaes, o culto é um espaço privilegiado de superação de binários/dualidades, pois é o espaço do encontro, de junção, união, religação entre Deus e as pessoas. O culto é o espaço/tempo que conecta o que está dividido. Entendemos que Carvalhaes trata, nesta citação, de um ideal, e não da realidade da teologia que se ocupa com o culto protestante. O culto convencional não anula os binários, antes, por sua lógica ocidental, segue afirmando a crença de que o espaço da igreja é o espaço do sagrado e que o mundo é espaço do profano. O pensamento binário/dualista é consequência epistêmica do pensamento ocidental e está enraizado no campo das ciências litúrgicas e nas práticas de culto cristão mundo afora.

As cores litúrgicas, por exemplo, têm seus simbolismos e referências a determinados conceitos importantes do cristianismo. A cor branca representa a pureza e é relacionada com a divindade de Jesus: Páscoa, domingos pós páscoa, dia de Cristo Rei, Natal, Ascensão de Jesus, etc., são datas litúrgicas em que se usa a cor

¹²⁸ CARVALHAES, 2018, p. 348-349.

branca nos paramentos e vestes litúrgicas de ministros e ministras. A cor branca representa, também, o lavar divino que purifica a pessoa batizada. E a cor preta é a cor que representa a morte e sofrimento de Jesus. O branco representa o bem, o preto representa o mal. Este dualismo, representado pelas cores litúrgicas, povoa os imaginários e sustenta a continuidade do racismo estrutural na comunicação do culto cristão. Esta simbologia litúrgica tem conotação racista e colonialista, por seu status dualista. A definição do significado das cores nas práticas litúrgicas das igrejas históricas obedece a padrões culturais que, apropriados pela tradição litúrgica, impõe-se como padrão inegociável.

Na música, há debates sobre diferentes estilos musicais que têm ou não permissão para ingressar no culto cristão.

A introdução de meios estilísticos da música de entretenimento, que encontrou ampla propagação, especialmente no trabalho eclesial com jovens (bandas de igreja; novo repertório de cantos), deve ser interpretada como reação a manifestações de música sacra altamente artificiais e distantes da comunidade. (...) As discussões sobre quais entre essas propostas musicais poderiam ser integradas ao culto e quais não acarretaram, por vezes, um processo doloroso que ainda está longe de um desfecho.¹²⁹

Os debates do que é música sacra/mundana, popular/erudita, giram em torno do dualismo **bom/ruim**. Este mesmo binário afeta as relações humanas e inunda o contexto da música, tanto no seu sentido de expressão cultural quando a música do culto, no contexto do culto cristão. A cosmologia ocidental depende do dualismo, como julgamento do que é bom e do que é ruim, como elemento epistêmico essencial, enraizado na cultura humana para justificar hierarquias e estabelecer padrões, a partir de visões restritas e limitadas sobre o que é certo e o que é errado. Mesmo que Albrecht tente afirmar que “mundano (profano) não é jamais, de antemão, antissacro, mas é inicialmente não sacro”¹³⁰, via argumentação etimológica, o elemento da dualidade atravessa o conceito que separa ou que, no mínimo, entende que há uma tensão entre sacro e profano.

“A busca da liturgia não tem a ver apenas com a maneira como vemos o campo da liturgia, mas primordialmente como vemos, sentimos e concebemos o mundo”.¹³¹ Segundo Carvalhaes, nosso modo de ser e estar no mundo reflete o modo

¹²⁹ ALBRECHT, 2013, p. 350.

¹³⁰ ALBRECHT, 2013, p. 352.

¹³¹ CARVALHAES, 2018, p. 340.

como celebramos e como refletimos sobre o celebrar. Distinguir as diferenças entre sacro e profano interessa a pensamentos fundamentados e articulados em cosmologias de fundo convencional, que sustentam a necessidade de manter as divisões epistêmicas como formas de manter o controle sobre as ações que exercem. Albrecht não pode articular seu pensamento de modo diferente do que está proposto, porque sua cosmologia entende que o sacro tem seu espaço e o profano tem o seu espaço. Este modo de pensar dificulta e empreende resistências a processos de inculturação, por exemplo, pois levanta suspeitas se um samba pode ou não ingressar no rito. Não se leva em consideração, na perspectiva binária, a cultura e experiências devocionais de fé do povo que celebra. A suspeita regulatória demarca os limites, afirmando o que pode e o que não pode acontecer em um culto cristão.

Neste aspecto, incluir repertórios de Música Popular Brasileira (MPB) nos cultos protestantes pode ser uma ação que desagrade, que pode ofender pessoas que concebem suas cosmologias de modo binário. A MPB encontra resistência nos cultos protestantes por conta da força do dualismo que habita o imaginário ocidental, pois, a música popular é música da rua, do bar, da praça, e não pode ser executada na igreja. Como se Jesus tivesse exercido seu ministério somente nas sinagogas, e não nas ruas, nas praças, na circunvizinhança de Jerusalém.

Felizmente, há iniciativas que incluem a música popular, como ela é concebida na cultura brasileira, para dentro das celebrações de igrejas protestantes históricas. A iniciativa da Igreja Presbiteriana Unida de Itapagé, de Salvador/BA, é uma tentativa de quebrar com este dualismo presente na cultura ocidental. Araújo descreve um relato de experiência chamado de “Música Popular de Deus”,¹³² onde repertórios de música popular brasileira dialogam com textos bíblicos e adentram o espaço do culto. O culto, enquanto espaço formal do encontro das pessoas com Deus, é, também, espaço da cultura, da vida, do cotidiano.

Outro dualismo que irrompe na sociedade ocidental trata da dimensão binária do masculino/feminino. Neste binário, supostamente, o masculino é hierarquicamente superior ao feminino. O binário masculino/feminino, que sustenta o patriarcalismo estrutural do mundo ocidental, adentra as práticas de culto cristão protestante. Como

¹³² SANTOS, Clariezer Araújo dos. Música Popular de Deus – “Um diálogo entre a MPB e a Bíblia Sagrada”: um projeto da Igreja Presbiteriana Unida de Itapagé em Salvador-BA. **TEAR Online**. V. 9, nº 1, São Leopoldo: Faculdades EST, 2020. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/tear/article/view/4021>. Acesso em 03 dez. 2022.

nos referimos acima, a teologia convencional ocidental, articulada em muitas denominações cristãs, afirma que somente homens podem ser ministros da palavra e dos sacramentos porque Jesus era homem e seus discípulos eram homens. Este axioma ocidental patriarcal só lê e interpreta os textos bíblicos com olhos dualistas.

Voltando ao contexto do culto, suas liturgias e canções, a linguagem não inclusiva nas canções e na liturgia é considerada inócua e dispensável por grupos convencionais/tradicionais.¹³³ Maraschim afirmou que

Nossas liturgias são ainda masculinas. Predominam os celebrantes e pregadores homens. Nossa linguagem ainda é sexista. A ideologia masculina é muito forte e, para corroborar o funcionamento da ideologia, nossas congregações pensam que tal procedimento é de origem divina.¹³⁴

A separação entre céu/terra justifica o binômio homem/mulher, no sentido de relacionar os binômios de acordo com o bem e o mal. Em uma palestra na Faculdade EST, em 2019, o professor Carvalhaes expressou sua leitura litúrgica de libertação atentando para o fato de que os binômios têm lado. Do lado do bem estão o sagrado, o certo, o homem, o céu, a cor branca, a luz, a vida, a riqueza, etc.; do lado do mal estão o profano, o errado, a mulher, a terra, a cor preta, a escuridão, a morte, a pobreza, etc.

Este danoso tipo de cosmologia dualista perpassa o cotidiano da realidade ocidental, inundando o nosso imaginário com normas e tradições que definem o que é certo e o que é errado, mantendo a sustentação dos alicerces dos construtos epistêmicos ocidentais e, por conseguinte, adentram no mundo das celebrações cristãs. Ao se referir sobre as formas litúrgicas anglicanas, Maraschim aponta para o conservadorismo anglicano diante da cultura, que denota o dualismo de algumas pessoas anglicanas.

Acreditam (igrejas evangélicas, incluindo a anglicana) que suas liturgias representam formas mais purificadas de religião e demonstram a qualidade

¹³³ Realizamos um estudo sobre a linguagem inclusiva e justiça de gênero nas composições progressistas. ILLENSEER, Louis Marcelo. Linguagem inclusiva: relato de duas experiências sobre a composição musical sacra e justiça de gênero. **Reflexus**. Revista de Teologia e Ciências das Religiões. V. 12, nº19, Vitória: Faculdade Unida, 2018. Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/715> Acesso em 03 dez. 2022.

¹³⁴ MARASCHIM, Jaci. **Da leveza e da beleza**. Liturgia na Pós Modernidade. São Paulo: ASTE, 2010, p. 28.

espiritual que falta nos movimentos populares do país. Em que se baseiam para afirmar essa posição?¹³⁵

O dualismo ocidental influencia as noções sobre corpo e alma, binário que está no bojo da subjetividade da empresa colonial

Outro elemento importante na subjetividade da colonização, citado por Quijano, é o dualismo corpo e alma. De origem platônica, grega, e reforçada pelo cristianismo, a separação do corpo da alma do ser humano permitiu um desprezo e exploração do corpo físico para fins de produção escravista enquanto a alma era destinada à salvação.¹³⁶

Tanto os dualismos quanto o pretensso universalismo da retórica ocidental que sustentam a matriz colonial de poder, estão presentes na articulação da teologia prática e, conseqüentemente, nas pesquisas e na prática do culto cristão e suas sonoridades. Estas duas dimensões, o dualismo e o universalismo, por sua vez, sustentam e compõem o pensamento racional, que é uma característica marcante no culto das igrejas protestantes históricas e que ajuda a estabelecer padrões restritos de comportamento para as pessoas crentes, no culto luterano, também no Brasil.

3.1.3.3 O culto (apenas) racional

A origem da racionalidade ritual convencional, cúmplice da empresa colonial, está, segundo Maraschim, no chavão do pensamento filosófico cartesiano. “Descartes foi o responsável por reforçar essa posição no começo de nossa idade moderna quando acentuou a importância do *cogito* como base da realidade”.¹³⁷ O anglicano Maraschim, em outro ponto de sua reflexão, afirma que “somos todos logocêntricos. Na época da comunicação visual ainda dependemos da imprensa. Como dizia Lutero, o principal órgão sensorial do protestante ainda é o ouvido”.¹³⁸

Leituras teológicas racionalizadas do rito ignoram a diversidade de aspectos misteriosos e devocionais da fé cristã. Tudo o que não pode ser explicado é credence. A visão racional do culto necessita explicar tudo o que ocorre no culto. Um exemplo prático: os três viajantes que seguiram a estrela e chegaram até Belém não eram

¹³⁵ MARASCHIM, 2010, p. 25.

¹³⁶ CUNHA, 2017, p. 74.

¹³⁷ MARASCHIM, 2010, p. 29.

¹³⁸ MARASCHIM, 2010, p. 28.

magos ou astrólogos: eram “astrônomos”.¹³⁹ No âmbito luterano/protestante, não há espaço para aquilo que não pode ser explicado, que tem relação com emoções ou elementos misteriosos para além dos muros da teologia luterana e seus dogmas. A dimensão humana da racionalidade explicativa, apoiada na teologia compreendida como ciência séria, é o único caminho que pode traduzir as verdades dos mistérios divinos para o povo de modo irrefutável.

Quando da seleção de ministros/ministras para atuação em comunidade, por exemplo, priorizar-se-á o ministro ou ministra que possua o dom da “palavra”, que tenha boa retórica e que saiba preparar e expressar com clareza uma prédica adequada no espaço do culto cristão. Não estamos negando a necessidade e importância dos estudos para o desenvolvimento de uma boa oratória. Pessoas que ministram o evangelho na IECLB são pessoas formadas, capacitadas, passam por provas, colóquios, estágios e ingressam no quadro de ministros e ministras da IECLB, para servirem a igreja, também pela boa oratória, pela “reta pregação do evangelho”.

A leitura teológica que fazemos, entretanto, dos modos convencionais de articulação teológica, partem de elementos como o dualismo, o universalismo e o racionalismo. Vejamos um trecho de um texto publicado no site oficial da IECLB:

O intuito da Reforma não era fundar uma nova igreja, mas apenas reformar a Igreja de Jesus Cristo, que na época estava se desviando de suas origens e da verdade do Evangelho. Por questões políticas houve a separação do catolicismo e então a Reforma assume um importante papel: doutrinar as pessoas cristãs a partir da experiência com a reta pregação do Evangelho e a participação nos sacramentos ministrados de acordo com as Palavras de orientação de Cristo.¹⁴⁰

Esta citação, assim redigida, indica que a identidade luterana precisa preservar o evangelho, doutrinando as pessoas cristãs através da reta pregação, que distingue-se da “torta” pregação católica no tempo de Lutero (aqui outro dualismo). A reta pregação, que não é a pregação torta, ou que desvia do que é importante, está centrada não no conteúdo do evangelho, mas na forma racional de empreender com

¹³⁹ Registramos aqui, que ouvimos essa “explicação” em mais de uma oportunidade, nos quase quarenta anos de participação em cultos regulares na IECLB. Pastores luteranos afirmavam, em suas prédicas, que os três reis magos eram de fato “astrônomos”, apagando qualquer vestígio de mistério, ressaltando a supremacia da racionalidade da ciência astronômica moderna.

¹⁴⁰ Pastor Márcio Simões da Costa. Título da reflexão: “O que promove a Cristo?”. Texto publicado no site oficial da IECLB. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/was-christun-treibet> Acesso em 10 jan. 2023.

a doutrina e, conseqüentemente, o controle teológico sobre as pessoas que participam da igreja.

Adam e Scheffler apontam que o culto da IECLB caracteriza-se pelo acento exagerado na racionalidade, que abre pouco espaço para as subjetividades presentes na dimensão da experiência humana: “ainda hoje se percebe uma participação um tanto apática da comunidade na liturgia, com cultos centrados no pastor ou na pastora, liturgias muito racionais (com certo excesso de palavras e textos)”.¹⁴¹

O excesso de textos e discursos ocorre nas extensas orações e em prédicas longas. O culto tradicional/convencional da IECLB é, de um modo geral, um culto com muito tempo de fala, centrados na figura do/da pastor/pastora que é, muitas vezes, a única pessoa que fala, que discursa. A comunidade reunida em culto é um grupo de pessoas ouvintes, que ficam sentadas em bancos por longos períodos de tempo. Este modelo de culto, com acento nos discursos falados e com pouco espaço para devoção expressa através de orações, gestos e cantos, impede a participação mais significativa das pessoas no desenrolar da liturgia.

No culto convencional percebe-se a ausência do silêncio: são raros e restritos os momentos litúrgicos que proporcionam o exercício do silêncio e da meditação. O silêncio precede o som, precede o canto. O silêncio repousa nas fronteiras das partes litúrgicas, nas fronteiras das frases que formam os discursos. O silêncio é um poderoso elemento de conexão das espiritualidades. Ele garante os breves tempos de suspense, que indicam que algo não terminou e que algo novo virá. O silêncio estimula e orienta os processos devocionais do povo crente. No culto convencional racional, tudo precisa ser comunicado dentro do espaço de uma hora, e o espaço para o silenciar diante do sagrado é quase nulo. O discurso tem medo do silêncio.

Este excesso de racionalidade, na prática dos ritos, está presente em grande parte da hinologia luterana, desde os clássicos hinos traduzidos para o português, até novas versões de canções com excesso de explicações dentro da própria estrutura textual do hino. Ainda que, uma das vantagens do hino em relação à palavra falada/discursada seja a capacidade de incrementar a atenção da plateia, a convencionalidade do culto luterano aposta em repertórios com foco na catequização da comunidade, no espaço do culto, através de hinos com textos extensos, com

¹⁴¹ ADAM, SCHEFFLER, 2020, p. 318.

objetivos explicativos. Não estamos negando o papel educacional do hino. Mas apontamos que, em grande parte dos repertórios hinológicos de várias épocas, empregada contemporaneamente, observa-se grande quantidade de textos e discursos dogmáticos. Muitos dos hinos do tempo da reforma, traduzidos da língua alemã para a língua portuguesa, apresentam esta característica: são hinos voltados para embalar os ouvidos, não para embalar o corpo humano como um todo.

Um exemplo prático é o hino “Cristãos, alegres jubilai”, de Martim Lutero.¹⁴² O hino, que contém 10 estrofes, das quais as estrofes 1 a 4 retratam a angústia do compositor diante do mal que o acometia, além de relatar o centro da “descoberta” luterana, que o que salva o ser humano é a fé, e não as “obras”. As estrofes 5 a 10 narram a vida de Jesus, como se o próprio Jesus estivesse cantando e ensinando ao povo o que aconteceu com ele. Refletindo o texto no contexto da Reforma, fica evidente o objetivo catequizador do texto. É pedagógico: primeiro Lutero narra como ele era perdido em relação a fé, até que a fé o encontra, e a fé é presente e graça de Jesus. Teologicamente, o texto identifica a fé de confissão luterana. O hino é uma aula. Como este hino é articulado como elemento litúrgico? Não propomos a exclusão deste hino do espaço do culto, e nem a exclusão de outros elementos formadores/educativos/catequéticos no espaço do culto, no campo do discurso racional. Apenas apontamos que este hino possui um caráter discursivo evidente, que difere de outros hinos com objetivos meditativos e devocionais.

Carvalhaes, citando a renovação litúrgica do movimento pentecostal, vai afirmar o seguinte:

O movimento pentecostal provocou um tipo diferente de racionalidade, um sentimento mais corporal de conectividade com Deus e com o mundo, novas formas de ser liturgicamente estendido diante de Deus, argumentando contra uma abordagem racionalista protestante e abrindo espaço para as emoções humanas.¹⁴³

Na linha de Carvalhaes, o culto pentecostal é rico em gestos, corpo, música e dança, enquanto o culto protestante histórico abre pouco ou quase nenhum espaço

¹⁴² STEURNAGEL, Marcell Silva, EBERLE, Soraya, EWALD, Werner ... [et al.] **Livro de Canto da IECLB**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, 2017, nº 484.

¹⁴³ CARVALHAES, Claudio. Liturgy and Postcolonialism: an introduction. CARVALHAES, C. **Liturgy in postcolonial perspectives**. Only one is holy. New York: Palgrave Macmillan, 2015, p. 5-6. The Pentecostal movement provoked a different kind of rationality, a more bodily feeling of connectivity with God and the world, new ways of being liturgically fully stretched before God, arguing against a Protestant rationalistic approach and opening space for human emotions (tradução nossa).

para emoções, para outras formas de conexão com o sagrado que não sejam a audição a pouca participação através de orações recitadas e canto de hinos (em geral os hinos reconhecidos pelas pessoas).

3.1.3.4 A música do culto racional/convencional

A música do culto racional, compreendida na perspectiva convencional, é normalmente concebida como **arte funcional**, ou seja, seu papel se restringe a adornar ou ilustrar a prédica. Sendo arte funcional, ela pode ser sacada da liturgia, não fará falta, pois a importância do culto reside na centralidade da palavra lida que acontece através da leitura de textos bíblicos, prédica e orações.

Sobre o ouvir, a música da igreja é prioritariamente música e texto. Há música instrumental, em geral, nos prelúdios e poslúdios, mas grande parte da música de cultos protestantes exerce a função de carregar os textos litúrgicos, como temos afirmado, com objetivo quase que exclusivamente doutrinário. Numa perspectiva convencional, oculta-se outro dualismo: a música de caráter doutrinário é pensada, selecionada e executada por pessoas dotas no assunto, enquanto o povo representa o grupo de pessoas “ignorantes” da comunidade, que não sabe teologia e precisa aprender a doutrina através da música.

Na perspectiva convencional, as sonoridades musicais são meramente coadjuvantes do texto, porque a concepção convencional separa texto e música. A música que “carrega” o texto pode ser descartada na execução de uma liturgia. Desta perspectiva se depreende que uma pessoa musicista, que domina técnicas de instrumento e de canto, está apta a conduzir a música do culto, não carecendo de outros saberes e experiências do âmbito do rito litúrgico. Esta prática desconsidera a perspectiva da música enquanto ação ministerial/litúrgica.

Souza, entretanto, afirma que prédica e música são dois elementos necessários para a pregação do evangelho. “A música é uma forma privilegiada de pregação”.¹⁴⁴ Se na perspectiva convencional, a música é compreendida de forma funcional, como ornamento ou ilustração à palavra falada, numa leitura teológica que está em processo de desprendimento da centralidade do pensamento ocidental, a

¹⁴⁴ SOUZA, Mauro Batista de. *Prédica e Música*. EWALD, Werner (editor). **Música e Igreja: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar**. São Leopoldo: Sinodal, 2010, p. 40.

música é ressignificada para além de uma visão funcional onde ela comunica o evangelho. Busca-se o resgate desta dimensão ministerial da música.

O que discutimos aqui vai no sentido de ressignificar dois pontos: a) a racionalidade, como modelo convencional de ação ritual, tem como objetivo principal a catequização/doutrinação das pessoas. Em um modelo de culto emancipatório, não se dispensa o conceito de que o culto é um espaço de educação cristã. E não se nega a importância da racionalidade, pois o que se busca é a promoção do **bem celebrar entre Deus e sua comunidade**, numa perspectiva teológica emancipatória; b) as reflexões que propomos intentam ampliar a oferta de possibilidades e ações litúrgicas significativas, participativas, gestuais, visuais e sonoras, que ultrapassem o modelo exclusivamente racional de celebrar a Deus.

Neste sentido, encaminhamos o segundo conjunto de reflexões das práticas litúrgico-musicais. A leitura teológica/litúrgica da música do culto que apresentaremos, objetiva desenhar um roteiro que para além de definições metodológicas ou estruturantes, característicos do pensamento ocidental.

3.2 RUMO ÀS FRONTEIRAS DO “BEM CELEBRAR”

Nominamos a música que acontece no culto protestante com a expressão “prática litúrgico/musical”. Sinônimo de “prática” é **ação** ou **ato**. Evitamos, por opção argumentativa, a utilização do termo “sacra”, pois sacra remete ao dualismo que separa sagrado de profano. Propomos uma adjetivação para a música no contexto do culto: o termo **devoção**. Entendemos que a música do culto não é nem sacra, nem profana, mas é **devocional**, pois acontece em qualquer tempo e em qualquer lugar, quando praticada quando do encontro das pessoas crentes com seu Deus. Devoção tem a ver com a resposta que a comunidade formada por pessoas crentes dá a Deus que cuida e abençoa o seu povo. A devoção é sempre uma resposta humana à ação primeira do sagrado. É, ao mesmo tempo, gratidão e pedido, corpo e alma, motivação e prece.

A expressão **bem celebrar** é cunhada de empréstimo do **bem viver**: “o Bem Viver, *Buen Vivir* ou *Vivir Bien* também pode ser interpretado como *sumak kawsay* (kíchwa), *suma qamaña* (aymara) ou *nhandereko* (guarani), e se apresenta

como uma oportunidade para construir coletivamente uma nova forma de vida”.¹⁴⁵ No diálogo com o pensamento decolonial, o Bem Viver expressa com vigor o resgate de modos de vida que foram silenciados pela empresa colonial na América Latina, ou melhor, no território de Abya Yala.

Na dimensão acadêmica, conceituamos o *bem celebrar* como expressão que busca, de um lado, a desconexão com visões conservadoras e convencionais da liturgia que são determinadas por processos hierárquicos, com conotação dualista, universal e racional e, por isso colonialistas. Por outro lado, no contexto da fé protestante, o *bem celebrar* pode ser um conceito a ser alcançado, como uma prática que congrega a diversidade de expressões humanas em resposta à ação divina.

3.2.1 Inculturação como alternativa às práticas convencionais de culto

As históricas ordens litúrgicas cristãs perfazem conjuntos de diretrizes que estabelecem ordenamentos e formatações nos discursos, nos gestos, sonoridades, formas visuais e, também, nos modos de comportamento dos agrupamentos humanos que reúnem-se em culto. Apesar das diferenças, agrupamentos cristãos realizam cultos a partir de normas convencionadas, acordadas em torno dos ritos que objetivam celebrar o trino Deus, cristão, presente em diversas denominações cristãs.

Certamente existe uma unidade básica suficiente [no culto cristão] para podermos fazer muitas afirmações gerais e esperar que elas se apliquem à maioria senão a todo culto de pessoas cristãs. Entretanto, precisamos equilibrar essas afirmações gerais de **constância** considerando a **diversidade** cultural e histórica que também é parte importante do culto cristão.¹⁴⁶

De acordo com o conceito afirmado por White, o conjunto de ações práticas estabelecidas por séculos relaciona-se com a *constância*; por outro lado, o que define a pluralidade de formas, gestos e sonoridades faz parte do campo da *diversidade* cultural e histórica. A multiplicidade de ritos cristãos é observável em qualquer lugar do mundo, coexistindo em um mesmo bairro ou cidade. O núcleo do culto cristão pode ser assim concebido:

Suscintamente, el núcleo consiste en una asamblea reunida em torno a la Palabra, el bautismo y la eucaristía. La gente se congrega, se reúne, se junta

¹⁴⁵ ACOSTA, 2016, p. 31.

¹⁴⁶ WHITE, 2012, p. 22.

alrededor de Jesucristo, para escuchar la Palabra proclamada y para recibir los gratuitos dones sacramentales de Dios, el bautismo y la eucaristía. El culto cristiano es un acto corporativo, en el sentido de que la iglesia es el *cuerpo* de Cristo. [...] Nos reunimos para recibir los dones de Dios, la Palabra y el sacramento, para dar respuesta en oración y alabanza.¹⁴⁷

O núcleo do culto cristão, que consiste na reunião das pessoas com objetivo de escutar a Palavra proclamada e receber os dons do batismo e eucaristia, faz parte do âmbito da *constância*. Para um culto ser um culto, basta ter a palavra proclamada e realização da ceia do Senhor.

A IECLB tem, como norma e forma, a ideia de que o núcleo/constância do culto cristão define-se quando há a administração da palavra e dos sacramentos da comunhão e do batismo, de acordo com os padrões estabelecidos no período da reforma¹⁴⁸. A IECLB, assim, entende-se como uma igreja liturgicamente identificada com este núcleo e que, ao mesmo tempo, acolhe a diversidade de elementos culturais. Porém, a ideia de que, para manter a identidade, a igreja invista na promoção de **cultos tradicionais**, tem acento na herança alemã do culto evangélico luterano.

A liturgia que se desenvolveu na IECLB foi uma liturgia trazida na bagagem dos imigrantes, transplantada do contexto alemão para território brasileiro e, mais tarde, traduzida para o português, refletindo diferenças regionais e confessionais (luterana, reformada e unida) do contexto de origem. Diferente dos movimentos de missão, as comunidades que mais tarde deram origem à IECLB se organizaram como uma igreja étnica, germânica, significativamente voltada à manutenção da cultura e das tradições evangélico-luteranas de seus membros, sendo o culto um espaço privilegiado para tal implemento. Por mais de um século, o culto desempenhou esse papel de manutenção da cultura matriz, algo ainda perceptível em diversas comunidades.¹⁴⁹

As comunidades luteranas que se originaram das igrejas evangélicas da Alemanha iniciaram sua caminhada em solo brasileiro com modelos litúrgicos germânicos. Mais tarde começou o processo de tradução da liturgia, dos hinos e a utilização da bíblia em língua portuguesa. *Traduzir*, entretanto, não tem o mesmo sentido/significado que *inculturar*. A IECLB se mostrou resistente à inculturação, por conta de um senso de preservação da identidade e do ethos germânico dentro de seus muros, por muitos anos. Com isso, a igreja criou (e cria) resistências a

¹⁴⁷ STAUFFER, S. Anita. Culto: Núcleo ecuménico y contexto cultural. **Relación entre culto y cultura**. FLM Estudios. Genebra: Federação Luterana Mundial, 2000, p. 10.

¹⁴⁸ De acordo com a Confissão de Augsburgo, que teve sua primeira edição no ano de 1530.

¹⁴⁹ ADAM, Júlio C. SCHEFFLER, Ismael. Liturgia, rito, corpo e cotidiano. **Estudos Teológicos**, 60(1), São Leopoldo, Faculdades EST, 2020, p. 317.

inclusão/transformação de elementos culturais brasileiros ou *glocais*¹⁵⁰ para dentro do culto.

Entre os anos de 1960 e 1970, sob a influência do Concílio Vaticano II da Igreja Católica e a partir dos impulsos dos debates sobre secularização no Conselho Mundial de Igrejas e na Federação Luterana Mundial, ambas instituições “mundiais” com sede e foro na Suíça, o movimento de renovação litúrgica ecumênica desenvolveu pesquisas sobre os temas de **culto e cultura**, resultando em estudos de inculturação. Estudos histórico/culturais, aliados às pesquisas sobre o culto cristão das primeiras comunidades cristãs no oriente médio incentivaram de um lado, revelaram elementos culturais não europeus na forma de celebrar culto e, de outro, ajudou igrejas locais espalhadas pelo mundo a compreender melhor seus próprios processos de inculturação, o que também gerou impacto nos pilares culturais europeus da vida de culto fora do contexto europeu.

Apenas na década de 1980, impulsionado por movimentos de renovação litúrgica, principalmente do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) e da Federação Luterana Mundial (FLM), se deu início a um criterioso processo de proposição de renovação da liturgia com o intuito de torná-la mais relevante, viva, ecumênica, contextual e inculturada. Essa reforma litúrgica se deu ao longo de vinte anos e culminou com a elaboração de um Livro de Culto (2003), a primeira proposta litúrgica da IECLB surgida no contexto brasileiro. Essa liturgia resguarda a tradição litúrgica existente na igreja cristã, a confessionalidade evangélico-luterana, mas também resgatou princípios ecumênicos (Liturgia de Lima), como a Oração Eucarística e a regularidade do Ceia no culto principal da comunidade, além de elementos inculturados, principalmente cantos litúrgicos e hinos.¹⁵¹

Observa-se, nesta citação, que os autores indicam que o movimento de renovação litúrgica na IECLB repensou suas liturgias a partir de orientações dos organismos ecumênicos e buscou, também, refletir e propor ações práticas para o culto protestante de acordo com práticas de inculturação incipientes na igreja luterana brasileira. É importante destacar este ponto, para a nossa pesquisa: se a IECLB tomou medidas para renovar o culto, a motivação para estas medidas não veio do povo que celebra culto, mas veio por meio de pessoas que estudam e pesquisam sobre culto cristão.

¹⁵⁰ Glocal refere-se à soma das dimensões global e local, no campo da sociologia, cunhado pelo sociólogo britânico Roland Robertson. ROBERTSON, R. **Glocalization: Time-Space and HomogeneityHeterogeneity**. In: FEATHERSTONE, M.; LASH, S.; ROBERTSON, R. (eds.) *Global Modernities*. London, 1995, p. 25-44.

¹⁵¹ ADAM; SCHEFFLER, 2020, p. 318.

Neste sentido, os processos de inculturação, necessários para a proposição de cultos mais significativos do ponto de vista da diversidade cultural, teologicamente abertos às experiências das pessoas da comunidade, moldados coletivamente e de caráter ecumênico, são conceitos que buscam ser testados ou aplicados na prática local de comunidades afins aos movimentos ecumênicos, o que nem sempre apresenta resultados esperados. A inculturação que brota da vida comunitária, que exerce força de “baixo para cima” tem outro sentido, e, diríamos, mais próximo do que imaginamos para o contexto dos impulsos decoloniais para o culto, pois práticas de culto inculturadas que não têm relação com estudos acadêmicos são práticas genuinamente inculturadas, fronteiriças, pois não surgem como propostas de autoridades do assunto, mas surgem como expressão popular.

Assim, desenhamos nossa perspectiva de culto de dimensão convencional: a IECLB é uma igreja de confissão luterana que afirma a importância da história da liturgia e as relações entre culto e cultura em contexto ecumênico e mundial mas que, na dimensão da diversidade, anda a passos lentos nos processos de inculturação, pois otimiza o processo de inculturação muito mais a partir da teoria para prática, como outra dimensão dualista do fazer teológico.

Em nossa pesquisa de mestrado acadêmico, analisamos um roteiro teológico que chamamos de espiral. Segue o que defendemos na dissertação de mestrado:

Assim, concluímos o tema da inculturação relacionando os quatro significados apresentados: a) a inculturação parte do ponto de vista eclesial, ou seja, da visão eclesial de cultura (Langer/Chupungco); b) a dinâmica entre constância e a diversidade cultural, ou entre aquilo que culturalmente se cristalizou na história da liturgia com as releituras provindas da diversidade cultural em tempos e espaços distintos (White). Essa dinâmica é inevitável: a igreja está sempre em reforma, mesmo em suas concepções mais ortodoxas, onde as reformas são mais lentas; c) inculturação pressupõe que a revelação de Deus não acontece somente nas esferas eclesiais, mas que Deus se revela onde e quando quer (Ossewaarde e Tiel) e d) a inculturação tem fundamento na encarnação de Jesus Cristo: Deus encarna na pessoa de Jesus e assume a condição humana, que é cultural (Vasconcellos).¹⁵²

A ideia de que a ação divina acontece onde Deus quer não depende de discursos teológicos ou de leituras acadêmicas sérias ou não. Do pressuposto de que Deus escolhe a humanidade como alvo da sua revelação, a cultura e a diversidade

¹⁵² ILLENSEER, Louis Marcelo, **Pressupostos teológicos e litúrgicos da música inculturada nas celebrações do Conselho Mundial de Igrejas**. Dissertação (Mestrado em Teologia) São Leopoldo: Faculdades EST, 2019, p. 55.

não podem ser negadas pelas organizações eclesiais e precisam ser consideradas como expressões espirituais da ação salvadora de Deus. A ação encarnatória de Deus em Jesus é o alimento da fé das pessoas que têm seus dilemas, dificuldades, alegrias, experiências satisfatórias e traumáticas, no cotidiano, que engloba a vida da igreja.

Buscamos, com estas quatro concepções, fazer um espiral: a) a igreja vai na direção da cultura, partindo de sua visão litúrgica e b) apropria-se de elementos da cultura tendo elementos antigos e novos; c) encontra o Deus revelado fora dos dogmas eclesiais neste processo e d) retorna para a igreja sob uma nova ótica, com os elementos culturais ressignificados pela mística da encarnação que acontece onde Deus quer. Nesta espiral, a teologia ressignifica também seus dogmas e não somente a forma litúrgica, ou seja, ultrapassa o binário forma e conteúdo. Por isso a inculturação tem seus riscos para eclesiologias herméticas.¹⁵³

A inculturação, enquanto um processo que transforma a igreja e supera binários e colonialismos ocultos, encontra resistências na prática teológica nas comunidades. Estas resistências, para além da discussão sobre a inculturação, são constituídas em alguns pontos:

- a) A prática musical da IECLB é vasta, diversa e rica. A reflexão sobre a prática musical, todavia, é escassa em estudos e publicações acadêmicas,¹⁵⁴ e a condução musical/teológica das comunidades é pouco influenciada pelos poucos estudos já publicados.
- b) A condução do culto luterano na IECLB, em geral, é realizado por um/uma ministro/a, com pouca participação de pessoas da comunidade. Poucas são as comunidades que mantêm grupos de liturgia e grupos atuantes na condução da vida litúrgica comunitária, o que geraria maior investimento

¹⁵³ ILLENSEER, 2019, p. 55-56.

¹⁵⁴ Fizemos um levantamento aproximado e provavelmente incompleto, a partir de dissertações e teses de pessoas membros da IECLB que tratam da relação entre teologia, liturgia, culto e música. A lista apresenta, também, autores de textos sobre música e teologia, publicados nos dois livros organizados pela coordenadoria de Música da IECLB, ambos organizados por Werner EWALD. Autores e autoras que publicam ou publicaram estudos sobre os temas interligados: Júlio ADAM, Martin DIETZ, Martin DREHER, Sofia Cristina DREHER, Odilon DUFFECK, Soraya EBERLE, Werner EWALD, Irving FELDENS, Dieison Gross FERREIRA, Rodolfo GAEDE Neto, Ernani GAUGER, Sissi GEORG, Daniel HUNGER, Louis Marcelo ILLENSEER, Günter Otto KASSINGER, Nelson KIRST, Monia KOTHE, Claudio KUPKA, André LICHTLER, Fabiane LUCKOW, Erli MANSK, Romeu MARTINI, Ana Isa REIS, Roberto ROSSBACH, Maira SCHMITZ, Mauro SOUZA, Cládis STEUERNAGEL, Marcell STEUERNAGEL, Marcio STEUERNAGEL, Marcio Arthur TRENTINI, Daniela WEINGARTNER, Cleonir ZIMMERMANN.

em estudos e debates acerca a inculturação como ação benéfica para a vida da igreja.

- c) A condução da música das comunidades depende de investimentos, muitas vezes parcos, ou de atuação voluntária e poucos recursos.
- d) O culto luterano não influencia e não se deixa influenciar pela cultura local.
- e) A música no culto luterano na IECLB é concebida como uma ação de menor importância, como ornamento ou ilustração da liturgia e prédica (vistas de modo separado).
- f) A IECLB investe pouco em estruturação das práticas litúrgico/musicais. Não há cursos superiores de formação para ministros/ministras da música.
- g) As reflexões sobre processos de renovação litúrgica dependem de um pequeno grupo de pessoas especialistas em culto. A grande maioria de ministros e ministras que atuam comunidades colabora minimamente na promoção de reflexões e práticas litúrgico/musicais do campo da inculturação.
- h) Faltam estudos e reflexões sobre as práticas locais no contexto de discussões globais.
- i) Faltam reflexões sobre experiências que ultrapassam as práticas convencionais de culto e música.
- j) Os pressupostos teóricos sobre inculturação são pouco explorados no cotidiano da vida comunitária. Deve haver muita prática que pode ser relacionada com a inculturação, mas são fenômenos não pesquisados.
- k) Cada comunidade da IECLB organiza a condução musical de acordo com a visão teológica da comunidade e dos ministros e das ministras, e isto impacta no tipo de trabalho musical adotado.
- l) A IECLB é uma igreja que apresenta baixo investimento em promoção de encontros para criação de novos repertórios para a música de culto.

A prática litúrgico/musical que imaginamos precisa ultrapassar

3.2.2 O *bem celebrar*

O *bem celebrar* está no horizonte utópico deste trabalho. Para imaginar um bem celebrar fronteiriço, decolonizado, há um caminho longo a percorrer, tanto no sentido do desprendimento de práticas conservadoras viciadas pela colonialidade ocidental quanto na antevisão de práticas a partir das experiências de vida das pessoas crentes.

O *bem celebrar* depende da mediação democrática e heterárquica da moldagem do culto com participação popular. Não é somente a participação das pessoas, mediada pelos e pelas líderes de culto que garante um outro olhar para o culto cristão. É preciso fazer circular a experiência das pessoas, de suas visões de mundo, no campo da celebração. Witla aponta que a experiência das pessoas, na prática de culto e nas reflexões teológicas, define o *locus theologicus*, motivado pela força do argumento pós-colonial: “eu afirmo que o papel das experiências das pessoas na tarefa de fazer teologia como *locus theologicus* e abraço o ímpeto descolonizador como parte necessária de uma práxis libertadora.”¹⁵⁵ Este lugar de fala, que teve um exercício individual do autor no início da pesquisa, precisa ser construído com muitas mãos, ideias e motivação da fé.

O *bem celebrar*, que busca ser um modo de celebrar abraçado ao *bem viver*, não pode ser confundido com o viver melhor, que é uma expressão comum à modernidade do capital. “Para romper com a realidade que se esconde por trás da ideia de ‘viver melhor’ dentro do capitalismo, é urgente buscar novas formas de vida, revitalizando a discussão política ofuscada pela visão economicista”.¹⁵⁶

Os discursos teológicos abstratos, que apontam que a boa vida cristã será celebrada após a morte, no encontro com Deus no céu, não é coerente para com o *bem celebrar*. Os dualismos corpo/alma, céu/terra, céu/inferno e tantos outros binários sustentam práticas litúrgicas que reforçam a culpa humana com pecado grave diante do Criador, situando o ser humano como um ser desprezível, que tudo faz de mal, e

¹⁵⁵ WITLA, 2021, p. 146. “I affirm the role of people’s experiences in the task of doing theology as a locus theologicus and embrace the decolonizing impetus as a necessary part of a liberating praxis” (tradução nossa).

¹⁵⁶ ACOSTA, 2016, p. 17.

que precisa do perdão de Deus através de atos conduzidos por pessoas ordenadas.¹⁵⁷ No *bem celebrar*, o perdão é uma construção coletiva, precisa do arrependimento que encontra a cura no abraço, na partilha, na concretude da vida, que explora a subjetividade concreta das pessoas crentes que leva a comunidade a sentir um Deus presente no culto e não acima do povo.

Ao afirmar que a liturgia é ação coletiva, comunitária, e não de quem conduz ou faz a mediação do culto, detecta-se o constructo ocidental do dualismo racionalista, que não abre espaço para práticas integradoras e comunitárias do *bem celebrar*.

Vamos por partes: liturgia acontece no contexto de gente reunida! Essas pessoas não são o público ou as espectadoras de um ato encenado por um grupo de atores principais. As pessoas, mesmo quando a forma da liturgia não lhes consente muitas ações corporais, são participantes ativas da celebração. Elas estão envolvidas com seus afetos, sua espiritualidade, seus pensamentos, suas reflexões, seus corpos e suas preces.¹⁵⁸

Georg acrescenta:

Pessoas que trabalham com liturgia necessitam dar-se conta da dimensão antropológica da liturgia. A liturgia e a música acontecem em ambientes, em locais, mas mais do que esses, as pessoas que tomarão parte é que devem ser levadas em consideração. Elas devem ser consideradas de forma integral, holística. A corporalidade e a afetividade das pessoas precisam estar contempladas na liturgia.¹⁵⁹

O culto cristão envolto no *bem celebrar*, leva em consideração as subjetividades humanas, suas dores físicas, seus desejos, seus conflitos/tensões e/ou crescimentos emocionais, e não foca somente nos aspectos racionais ou intelectuais do ser humano. “Deus criou os seres humanos em sua inteireza”.¹⁶⁰ E perceber o ser humano na sua inteireza é um desafio para a promoção do *bem celebrar* que precisa de música diversa, que orienta um olhar mais integral para o ser humano que o olhar dual e desintegrado.

Neste sentido, as lideranças de culto luteranas deveriam avaliar e encontrar possibilidades práticas para ultrapassar a ideia de que a moldagem litúrgica *somente* passa pela razão e aponta para o céu como retórica universal. O corpo humano

¹⁵⁷ Muito se ouve, no senso comum, de que as pessoas vão ao culto luterano, de vez em quando, para pedir perdão pelos seus pecados, para poder pecar por mais um tempo, até que o desejo de pedir perdão impele o ser humano para a igreja.

¹⁵⁸ GEORG, Sissi. Liturgia cristã: dádiva e compromisso. EWALD, Werner. **Música e Igreja: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar**. São Leopoldo: Sinodal, 2010, p. 22.

¹⁵⁹ GEORG, 2010, p. 23.

¹⁶⁰ GEORG, 2010, p. 24.

integral, em sua inteireza, participa do culto. O corpo humano, que é feito de alma, mente, corpo e emoções, deve ser considerado na liturgia e nas suas sonoridades. A liturgia deveria abrir espaço para a prática de gestos corporais, de orações participativas, e de expressões sonoras, transformadas em música que também se conectam com o contexto das pessoas que fazem o culto.

As práticas litúrgico/musicais devem movimentar os corpos integrais que participam das experiências litúrgicas, para que expressem suas emoções, sem grandes necessidades de explicação, através de práticas de louvor e devoção. “A liturgia não pode mais ser explicada apenas pela liturgia ou pela igreja, mas tem de ser desafiada pelas experiências reais das pessoas”.¹⁶¹ O corpo humano é integral, e o culto deveria ser o espaço para que a concretude da vida das pessoas possa ser expressado e percebido.

3.2.3 Louvor e adoração

3.2.3.1 O louvor na dimensão integral

Quando a comunidade reunida canta em um culto da IECLB, se diz que ela expressa o seu louvor a Deus. O tema do louvor encontra, no reformador Martim Lutero (1483-1546), a sustentação teológica que se espalha nas diversas reflexões de pessoas membros da IECLB sobre música e culto. Louvor é um dos temas mais explorados nos textos sobre música e culto/liturgia encontrados no site da IECLB¹⁶² e, também, nas poucas produções acadêmicas dos últimos anos sobre o tema.

Estes conceitos, que apresentaremos a seguir, garantem tanto um alinhamento conceitual quanto um status identitário: a música na IECLB é, ao mesmo tempo, dádiva de Deus e resposta humana ao incondicional amor de Deus por sua criação. “Para Lutero, esse paradigma, esse foco vital de consciência e compreensão – que para ele representava a base para se entender a música na vida e adoração do povo de Deus -, era a *música como criação e dádiva de Deus*.”¹⁶³

¹⁶¹ CARVALHAES, 2018, p. 351.

¹⁶² O site luteranos.com.br, da IECLB, disponibiliza alguns textos e reflexões sobre música e culto, onde o termo “louvor” é consideravelmente explorado.

¹⁶³ SCHALK, Carl F. **Lutero e a música**. Paradigmas de Louvor. São Leopoldo: Sinodal, 2006, p. 42. Este livro, traduzido por Werner Ewald, serve como uma espécie de manual sobre música e identidade luterana, muito utilizado em cursos e eventos no âmbito da IECLB.

Este primeiro paradigma luterano, de que a música é uma criação e dádiva de Deus associa-se com o segundo paradigma, apontado por Schalk, que compreende o papel da “proclamação e louvor” através da música das pessoas crentes reunidas em culto, formando comunidade.

O paradigma fundamental de Lutero para a música na vida da igreja é que a música é criação e dádiva de Deus. Porém música, como criação e dádiva de Deus, foi dada à humanidade com o intuito de ser usada com um propósito específico. Este propósito era, na ótica de Lutero, o louvor e a glorificação do Criador, especialmente por meio da proclamação de sua palavra. Para Lutero, a principal função da música no culto e em todas as esferas da vida cristã era, por conseguinte, a proclamação doxológica: doxologia ou louvor ao Criador, o “Deus fonte de todas as bênçãos”, e proclamação em agradecimento à redenção do mundo conquistada em Jesus Cristo.¹⁶⁴

O conceito de que a música é, também, proclamadora do evangelho, faz com que ela seja acolhida no mesmo patamar da proclamação da boa nova do evangelho, comunicada de modo falado. Com uma diferença: *a música, cantada pela comunidade, acolhe a participação do povo crente que canta no processo de proclamação do evangelho*. Este é um conceito fundamental para nossa argumentação que busca uma resignificação da música no contexto do culto protestante brasileiro: se o povo participa da proclamação da palavra de Deus, através do canto, expressando o seu louvor com as suas vozes, ele não é mero expectador do rito, mas é atuante no desenrolar do culto que, por fim, tem a função de ser o espaço do encontro de proclamação da Palavra de Deus e da administração dos sacramentos.

A questão que se coloca, neste debate, pode ser descrita assim: na medida em que o culto convencional/conservador não expressa compromisso com o desprendimento da colonialidade ocidental, a proclamação do louvor em modelos de culto convencionais não estaria justificando o imperialismo oculto que mantém e defende a cosmovisão de centro/periferia? Como podemos apontar para este imperialismo sem macular a boa intenção da pregação do evangelho e da administração dos sacramentos?

O louvor, naquilo que Schalk depreende do pensamento de Martim Lutero, encontra na visão teológica luterana, *o único “sacrifício” humano que Deus aceita*. Dois trechos do pensamento do reformador atestam essa ideia:

¹⁶⁴ SCHALK, 2006, p. 47.

Deus não exige sacrifícios ou tesouros preciosos e caros pelas suas bênçãos. Não, ele pede pela mais fácil das obras, isto é, canto e louvor. (...) O culto no Novo Testamento (...) nada mais é do que canto, louvor e agradecimento. Este é um canto singular. Deus não quer nossos sacrifícios e obras. Ele está satisfeito com o sacrifício do louvor.¹⁶⁵

O movimento da Reforma teve como um dos seus pilares a crítica de Lutero à venda de indulgências e relíquias como caminho para a salvação. De algum modo, Lutero desafiou o império de seu tempo, ao apontar os problemas ocultos que a venda de indulgências e relíquias promovia. Lutero fez a sua crítica fundamentada na interpretação de trechos bíblicos, em especial da carta de Paulo aos Romanos, de que a fé é o único caminho para a salvação. Pode-se afirmar que este conceito define o centro identitário do pensamento luterano.

O louvor, então, através do canto, seria a única “obra” que Deus aceita, pois, como vimos na dinâmica dos paradigmas do louvor, o próprio canto é uma dádiva divina que se converte, em resposta humana no encontro com Deus em culto, como a proclamação sonora e comunitária do evangelho. A música, através do canto, é simultaneamente a fonte de ação divina e a resposta humana como proclamação da vontade divina. O louvor é dado por Deus, mas acontece através da voz da comunidade, que se reúne em culto e que louva a Deus. E este louvor, na construção do *bem celebrar*, fortalece os vínculos das pessoas entre si e das pessoas com Deus, buscando reconectar as realidades divididas pelo dualismo ocidental, explorando as possibilidades subjetivas e apostando na valorização da diversidade de sonoridades como projeto de inculturação, de religação entre o sagrado e o popular.

3.2.3.2 A adoração

Maraschim, ao fazer um breve histórico da música protestante na Inglaterra, observa que a “a teologia impõe-se na vida das congregações por meio do canto”.¹⁶⁶ Depois, ele segue suas reflexões e afirma:

As igrejas protestantes brasileiras resultaram de esforços missionários de igrejas ou sociedades missionárias do Primeiro Mundo. Trouxeram para cá, naturalmente, sua música, cultura, tradição e, inevitavelmente, seus problemas. A teologia dos missionários expressou-se nos hinários de sua preferência: era, em geral, pietista e preferia uma religião individualista e extra-mundana em contraposição a qualquer envolvimento na cultura local,

¹⁶⁵ LUTERO apud SCHALK, 2006, p. 49.

¹⁶⁶ MARASCHIM, Jaci. **A Beleza da Santidade**. São Paulo: ASTE, 1996, p. 112.

com suas tensões, dificuldades e alienações. As igrejas étnicas nem mesmo se preocuparam em traduzir os livros dos países de origem.¹⁶⁷

O conceito de adoração está ligado, intimamente, com os projetos missionários estrangeiros que priorizavam o pietismo pessoal, individualista, que reporta ao dualismo que separa de forma mais incisiva o mundo da igreja (sagrado) do mundo das pessoas (profano), sem envolvimento com o que o povo crente faz com sua cultura.

Quais seriam as diferenças e semelhanças entre **louvor** e **adoração** no contexto de nossa discussão? A redação conjunta dos dois termos, segundo Eberle, tem sua origem nos movimentos de missão, citados acima por Maraschim.

A categoria *Grupos de Louvor* e todo o entendimento teológico-musical e eclesiológico que traz consigo, baseiam-se em modelos introduzidos no Brasil pelas igrejas e pelos movimentos de missão, com o objetivo de alcançar o público jovem. Estes grupos também podem ser denominados *grupos de louvor e adoração, ministério de louvor* ou *equipe de louvor*.¹⁶⁸

A adoração, segundo o dicionário online, significa: “Ação de adorar, prestar culto a um ser superior, a uma divindade; veneração: Adoração ao Santíssimo Sacramento”.¹⁶⁹ Eberle, em outro de seus estudos, aponta que tanto adoração quanto louvor fazem referência à música, mas não de forma exclusiva.

Os dois termos acima têm sido usados em referência à música. Autores têm ressaltado a diferença entre estes dois termos. Amorese nos auxilia: louvor tem os significados de elogio e prática litúrgica, e “é a expressão, individual ou coletiva, de reconhecimento do que Deus é e faz.” Nessa expressão, são mencionados os atributos e as ações de Deus. Não é distinto de ação de graças. Louvor, no sentido litúrgico, designa o tempo destinado à música e outras expressões artísticas para engrandecer a Deus, geralmente denominado “período de louvor”. Adoração tem um caráter pessoal de relação com uma divindade. Pode ser expressa externamente, mas está ligada à intimidade com Deus. Adoração está relacionada à vida como um todo, e não somente a um momento onde são utilizadas expressões elogiosas a Deus.¹⁷⁰

¹⁶⁷ MARASCHIM, 1996, p. 113.

¹⁶⁸ EBERLE, Soraya. **Cantar, contar, tocar... A experiência de um grupo de louvor como possibilidade para a formação teológico-musical de jovens**. 2012. 282f. (Doutorado em Teologia). São Leopoldo: Faculdades EST, 2012, p. 17. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/handle/BR-SIFE/292> Acesso em 04 dez. 2022.

¹⁶⁹ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/adoracao/> Acesso em 04 dez. 2022.

¹⁷⁰ EBERLE, Soraya H, **Ensaio pra quê? – reflexões iniciais sobre a partilha de saberes: o grupo de louvor e adoração como agente e espaço formador teológico-musical**. Dissertação (Mestrado em Teologia) São Leopoldo: Faculdades EST 2008, p. 89. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/BR-SIFE/633/eberle_sh_tm189.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em 04 dez. 2022.

Embora os termos tenham significados muito similares, segundo as definições do dicionário e de Eberle, louvor tem um caráter mais coletivo e exalta a ação de Deus na sua criação enquanto adoração possui um caráter mais intimista, que indica um diálogo entre Deus e o ser humano individual, que ultrapassa, inclusive, o espaço do culto. Ambas expressões são utilizadas nas liturgias cristãs pietistas, ou, na perspectiva das igrejas de missão, que originam a cultura gospel.

Louvor e adoração normalmente, são termos apresentados de forma indissociada, que não se opõem mas têm suas diferenças. Quando relacionados à música da celebração, denotam a diferença que separa o coletivo (louvor) do individual (adoração).

Na tradição conservadora luterana, não se priorizam canções intimistas ou de cunho individual, típicas, então, do estilo/gênero de adoração do mundo gospel. Há, na perspectiva teológica luterana conservadora, um acento maior na música como louvor comunitário, e isto fica evidente nos repertórios de música antiga que identificam a cristandade luterana.¹⁷¹ No hino “Castelo Forte”, a segunda estrofe exemplifica um conceito caro à identidade luterana, que relaciona-se com as tensões entre coletividade e individualidade: “A **minha** força nada faz, sozinho estou perdido (...) As armas o Senhor **nos** dá.”¹⁷² Os trechos da segunda e quarta estrofes aqui anotados registram o conceito de que a pessoa nada faz, pois é Deus que fortalece à comunidade. Mas o individual faz parte do coletivo e, repertórios contemporâneos de música luterana exploram as dimensões coletivas e individuais, de acordo com as linhas teológicas e propósitos litúrgicos.

Relatamos aqui um breve excuro: no processo de composição de uma canção sobre o Salmo 57, a primeira frase encontra-se na primeira pessoa do singular: “Na sombra das tuas asas, eu encontro proteção”. A doutora em teologia e liturgia, Erli Mansk, sugeriu passar o texto para o plural, para que a canção pudesse servir como um canto de *Kyrie eleison*: “Na sombras das tuas asas encontramos proteção.” Se a canção ficasse no singular, ela poderia ser utilizada como um recurso litúrgico para o momento litúrgico de confissão de pecados. Assim, optou-se, neste caso específico, pela linguagem no plural. Com isso, indicamos que o problema ou

¹⁷¹ Os hinos de Lutero e das primeiras pessoas reformadoras formam um repertório clássico das comunidades luteranas espalhadas pelo mundo.

¹⁷² Livro de Canto da IECLB, 2017, nº 482.

questões de identidade luterana não passam por questões semânticas ou retóricas, mas que a identidade luterana se constrói na diversidade de louvor, e também adoração.

Entretanto, na linha de argumentação que busca compreender o culto e suas sonoridades no âmbito do pensamento decolonial, conceituações equivocadas do termo adoração podem sugerir algum tipo de relação com um imaginário imperialista. A ideia de “engrandecer” a Deus, através da adoração, não se perfila com um modelo inconsciente de entronização do divino nos moldes do que o ser humano conhece por poder imperial, mesmo que a perspectiva seja individualista e intimista? A ideia de adoração pode ou não remeter a um conceito de um Deus distante, entronizado, de difícil acesso ou, ao contrário, estabelece uma íntima relação entre o ser humano individual e seu Deus pessoal, que pode ser chamado de amigo/amiga?

Jesus Cristo é considerado Rei. Seu é o Reino, o Poder e a Glória, como diz a conclusão da oração do Pai Nosso recitado nos cultos da IECLB. Como se dá a leitura teológica sobre o “Rei Jesus”? O Rei só quer receber o “louvor que é devido”.¹⁷³ A ideia de que o Rei Jesus nasceu em meio à pobreza, viveu em meio à pobreza, curando, ensinando e pregando para as pessoas pobres de seu tempo, remete a um tipo de reinado que o ser humano desconhece. O Rei Jesus histórico não tinha trono, mas foi recebido com ramos e roupas na entrada de seu grupo em Jerusalém. Depois, recebeu a cruz e uma placa sobre a cruz como símbolo do seu reinado.

A adoração a este rei tem um sentido diverso e, quiçá, mais autêntico se adoramos ou elevamos a adoração a um Jesus distante, que será visto somente após a morte humana. Se o sentido do termo “adoração” aponta para a humildade do divino rei Jesus, e para sua ação e amor em defesa das pessoas menos favorecidas, o termo concilia com o resgate do termo devoção, ao qual nossa leitura teológica se propõe. Entretanto, se utilizado na perspectiva de uma teologia imperialista e colonialista, o termo pode reforçar os processos de individualismo, de desconexão entre o que é considerado sagrado e considerado do cotidiano, ampliando o poder do colonialismo oculto, excludente e impositivo detectado pelo pensamento decolonial.

¹⁷³ Trecho de um canto de louvor chamado “Jesus, em tua presença”, do compositor evangelical Asaph Borba. O hino de louvor está publicado, também, no Livro de Canto da IECLB, número 20.

Na busca pela compreensão das motivações que levam as pessoas para um encontro coletivo com o sagrado e as motiva a cantar e expressar-se musicalmente, apresentamos, a seguir, uma reflexão sobre o termo “devoção” e uma defesa do resgate de sua utilização no meio protestante, do qual parece ter sido excluído em virtude de sua identificação com o catolicismo e devoção a santos e santas.

3.2.3.3 A devoção na perspectiva protestante

O terceiro termo que propomos para a discussão sobre a ação humana que casa com as expressões musicais, no espaço do encontro das pessoas crentes com o sagrado é a **devoção**.

Nas práticas de culto da IECLB o termo devoção não é utilizado para a música. O uso do termo “devocional” está relacionado à livros de mensagens diárias, como o “Castelo Forte”, que é impresso todos os anos com mensagens de ministros e ministras da IECLB e da IELB (Igreja Evangélica Luterana do Brasil). Na descrição do livro, no site da Editora Sinodal, assim está escrito: “Uma mensagem cristã diária que encoraja, consola e ensina sobre o amor, a graça e a misericórdia de Deus. São 365 leituras bíblicas, mensagens e orações para fortalecer a espiritualidade.”¹⁷⁴ O mesmo livro, publicado na editora Concórdia, da IELB, diz o seguinte: “O Castelo Forte 2023 traz para o seu dia a dia a voz do Senhor, como o vento suave no jardim do Éden, chamando você para um relacionamento amoroso com ele.”¹⁷⁵

Observa-se que a descrição do livro devocional no site da Editora Concordia é mais poético e intimista. No site da Editora Sinodal, ressalta-se o aspecto pedagógico do livro devocional (ensina sobre...) para o fortalecimento da espiritualidade. O termo “devocional”, em ambas as descrições de propaganda, foi descartado. Este apontamento aponta, a partir de um exemplo, a lógica de **esvaziamento do caráter devocional** da fé no âmbito protestante. Mesmo em um livro, definido como livro devocional, a expressão não é explorada no contexto protestante. A mediação das práticas litúrgico/musicais não tem relação com a

¹⁷⁴ Disponível em: <https://www.editorasinodal.com.br/produtos/castelo-forte-meditacoes-diarias-2023/> Acesso em 06 jan. 2023.

¹⁷⁵ Disponível em: <https://www.editoraconcordia.com.br/castelo-forte-2023> Acesso em 06 jan. 2023.

devoção. Relaciona-se, de um modo geral nas leituras protestantes, como prática de louvor e de adoração. Mais de louvor, que de adoração, como vimos.

No processo de ressignificação da prática litúrgico/musical, que em nossa abordagem engloba tanto as reflexões quanto as mediações práticas, afirmamos que o termo **devoção** contribui como chave de engajamento da pessoa identificada com uma igreja protestante, como a IECLB. Afirmamos isto a partir dos seguintes critérios: a) a música, ou a prática litúrgico/musical é expressão da fé em Deus; b) ela possui um caráter culturalmente diverso; c) está a serviço do evangelho concebida na perspectiva da **devoção**, no sentido de ampliar uma maior participação do povo no encontro com seu Deus, tornando este encontro um espaço de sensação de plenitude diante da presença de Deus.

Como afirmamos acima, a fé protestante luterana caracteriza-se pelo acento da racionalidade. Em se tratando de práticas de exercício da fé, descartam-se elementos e ações subjetivas. De um lado, a subjetividade foge ao controle teológico de quem media e responde pela comunidade; de outro, este controle teológico, ainda que imperceptível, sustenta no âmbito evangélico a matriz colonial do poder, pois não percebe que o caráter conservador e convencional de suas práticas exclui, minimiza e divide as pessoas segundo os dualismos da cultura ocidental. Partindo da ideia de que a fé é o elemento interno do ser humano, a sua exteriorização (exercício da fé) recebe nomes como espiritualidade, adoração, devoção, veneração, louvor, dentre outros termos.

Adam propõe um breve estudo sobre o verbete **devoção**, no Dicionário Brasileiro de Teologia. Ao buscar uma definição sobre devoção, ele vai afirmar que

Falar de devoção cristã é falar de uma característica da espiritualidade e da própria fé cristã. A devoção remete às diferentes formas de praticar esta espiritualidade, tanto individualmente quanto em comunidade. Podemos dizer que a oração individual, oração pública, a leitura bíblica individual, estudos bíblicos, cantos, meditações, leitura de devocionais, bem como contemplação de imagens ou ícones ou até mesmo o gesto do sinal-da-cruz ou o silenciar diante do sagrado são formas de devoção, ou seja, formas de exercitar a espiritualidade. O culto dominical é a principal forma de devoção comunitária. Pode-se dizer que nos dias de hoje todas as demais formas de devoção derivam desta primeira, ou seja, as devoções individuais, como a oração e a leitura bíblica entre outras, são sempre uma extensão do culto, assim como, em contrapartida, são uma preparação para o culto da comunidade.¹⁷⁶

¹⁷⁶ ADAM, Júlio César. Formas de devoção cristã. BORTOLLETO FILHO, Fernando. **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2008, p. 448.

Adam afirma, portanto, que a devoção é uma característica **prática** da espiritualidade e da fé cristã. Sendo prática, a devoção serve como termo para falar de uma subjetividade que impulsiona as pessoas que creem **em direção ao culto**. Mais que um conceito teológico, forjado na academia ou cunhado por algum grupo religioso específico, *devoção é um termo que identifica gestos e sentimentos humanos expressos na comunicação do povo cristão com o seu Deus*. Tudo aquilo que é *falado, pronunciado, orado, lido, cantado* e expresso pelo corpo através de *gestos, como procissões, sinal da cruz, danças e posturas de silêncio* pode ser definido como prática devocional. E muitas destas práticas são realizadas nos cultos da IECLB embora o termo não seja utilizado.

Adam destaca ainda, que há duas formas de devoção: a devoção do âmbito *individual*, de um lado, e do âmbito *comunitário*, do outro. Os dois âmbitos se retroalimentam, ou seja, para que haja devoção pessoal, é preciso ter a experiência da devoção comunitária. Destaca-se, sobremaneira, a importância da experiência da expressão que passa pelo *corpo humano* através da voz e do corpo e suas possibilidades gestuais.¹⁷⁷ Se Deus está presente somente nas palavras que saem da boca do clero enquanto a comunidade fica inerte nos bancos apenas ouvindo o que é dito, com pouca participação nas orações e nos cantos, percebe-se a supervalorização a racionalidade como a única e verdadeira experiência da comunicação entre os seres humanos e Deus. E o acento exagerado da racionalidade é um elemento colonialista do culto protestante.

O aspecto da pouca utilização do termo no âmbito protestante é percebido por Adam: “Devoção é um termo um tanto em desuso no mundo protestante. Neste âmbito parece que o termo ‘espiritualidade’ tem maior penetração”.¹⁷⁸ Entende-se, assim, que a acento na racionalização da fé interfere, também, na expressão gestual e corporal da fé, criando resistências para práticas efusivas de cunho devocional.

¹⁷⁷ A devoção, no contexto da Idade Média, não foi uma prática cristã que priorizava o elemento racional; a devoção tinha sentido como uma experiência do prostrar humano diante dos mistérios do sagrado, colocando o corpo e seus aspectos subjetivos diante de Deus. Já no período da Renascença e nos séculos que se seguem, a devoção, aos poucos, torna-se mais um *conceito* que uma prática; torna-se uma forma *explicada* de como lidamos com a nossa fé, de como explicamos com a experiência da comunicação com Deus. A devoção seguiu sendo uma experiência corporal/mental subjetiva, porém, na perspectiva ocidental, foi sendo cada vez mais explicada e compreendida, principalmente no contexto evangélico protestante histórico, com isto, afastando possibilidades de identificação com a devoção popular católica.

¹⁷⁸ ADAM, Júlio C., 2008, p. 448.

As teologias protestantes que se originam a partir do séc. XVI, com a Reforma, estão presas a um sistema de controle mental da doutrina, que define o que é certo e o que é errado (dualismo). Mignolo, na sua crítica decolonial, afirma que a igreja católica tem papel predominante antes do início do período da Modernidade e após este tempo, o domínio deixa de ser da igreja e passa a ser do ser humano. Este, por sua capacidade do *ego cogito*, assume o domínio do estabelecimento do conhecimento e impõe, como universal, o modo local europeu de articular o pensamento, considerando que a construção da verdade (epistemologia) e os caminhos de interpretação da verdade (hermenêutica) são dados universais, que servem para todo e qualquer ser humano do mundo. Com isto, o papel da devoção é mais rechaçado ainda, pois a devoção não lida com a intelecção da fé, mas com a fé e a incapacidade de compreender o sagrado.

No contexto do mundo protestante, há um impacto relevante com o silenciamento das expressões devocionais, em especial, as expressões que se valem de gestos e do corpo, como o são as formas devocionais de origem nos povos afrodescendentes e indígenas, que no Brasil e América Latina foram povos escravizados e silenciados. Se o catolicismo medieval tinha como objetivo o controle dos corpos, antes do século XVI, depois da Reforma as igrejas protestantes acentuam o seu poder com o controle teológico, doutrinal, acadêmico, universal e hermético, que resiste às experiências das subjetividades da fé do povo e segue com austeridade na construção dos estatutos doutrinários da teologia sistemática e, também, da prática teológica, apostando na compreensão e explicação dos mistérios da fé do que na dimensão devocional da fé.

Ainda assim, diante do quadro que conceitua o culto protestante como um culto restritamente intelectual, a prática de culto, sua música, seus pequenos gestos, as indumentárias, o espaço arquitetônico, etc., tudo o que faz parte do culto, que atinge os sentidos humanos, colabora para comunicação das pessoas com o seu Deus. Diante do mistério desta comunicação humana/divina, o ser humano, no que diz respeito à sua individualidade e sua condição de coletividade, se vale não somente de sua condição intelectual, mas também de sua subjetividade que o leva a louvar e adorar, com a voz, com o corpo e suas possibilidades gestuais e, também, para a intelecção da fé, para aprender e ensinar, para refletir.

No sentido do resgate do termo devoção para o espaço da espiritualidade luterana, expressa pela música, afirmamos que:

*A música serve como expressão devocional legítima na comunicação do ser humano, reunido em comunidade, com o seu sagrado. Ela brota das profundezas das subjetividades humanas, dos clamores, da gratidão e da vontade de bem viver e bem celebrar. A música que embala o culto do bem celebrar embala também os ritos da vida, do cotidiano, onde Deus é sempre presente. A música devocional, na perspectiva identitária luterana, é **sempre** resposta humana à graça divina, agradece pelas bênçãos alcançadas, clama por justiça e por bem viver e expressa-se com a força da diversidade de vozes, de instrumentos, danças e tudo o que faz o encontro entre Deus e seu povo ser um momento abundantemente significativo. Daí a importância da mediação da música como uma mediação sensível às possibilidades de conexão do que está dividido e de mediação das subjetividades humanas.*

Apresentamos, a seguir, na análise de três teólogos protestantes, com o objetivo de ampliar a visão de caminhos para compreensões libertadoras e emancipatórias do culto cristão, que direcionam possíveis respostas à pergunta central de nossa pesquisa: Quais são e como são as práticas litúrgico/musicais na IECLB?

Para concluir este capítulo, também apresentaremos um breve excuro sobre a festa religiosa do Maçambique de Osório, como uma festa de devoção popular/religiosa que oferece pistas para o resgate do elemento devocional e formas de conectar o que os dualismos ocidentais separaram. A Festa do Maçambique, cultural e teologicamente não se relaciona com a diversidade de espiritualidades protestantes, mas seus impulsos podem oferecer pistas para práticas litúrgico/musicais conectadas com a realidade da vida das pessoas crentes luteranas e de outras denominações cristãs.

3.3 O RESGATE DA INTEGRALIDADE HUMANA NO CULTO DEVOCIONAL

Na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) há algumas importantes pesquisas acadêmicas e reflexões de pessoas engajadas com os temas do culto/liturgia/música na vida das comunidades, muitas destas publicadas como breves textos no site oficial da IECLB, o www.luteranos.com. O assunto **culto**, dentro

do movimento de renovação litúrgica, gerou debates e publicações entre as décadas de 1980 e 1990, na perspectiva dos consensos e tensões sobre culto, liturgia e ecumenismo, tanto do Conselho Mundial de Igrejas, com a definição do BEM em 1983, quanto pela Federação Luterana Mundial e seus debates, nos anos de 1990, sobre culto e cultura e infundiram reflexões, práticas e publicações sobre o assunto no âmbito da IECLB.

Como registramos anteriormente, estudos acadêmicos em liturgia foram sendo realizados deste os impulsos do movimento ecumênico e, na IECLB, os processos de renovação litúrgica desencadearam-se por força de pesquisadores e pesquisadoras na área de liturgia. Destacam-se os trabalhos do prof. Dr. Nelson Kirst, que além do seu trabalho acadêmico na Faculdades EST, oportunizou, na década de 1990, a realização de diversos cursos de liturgia, em diversos locais do Brasil, buscando a criação de equipes de liturgia para o incremento das novidades litúrgicas advindas dos movimentos acadêmicos. Destacam-se, também, o pastor Dr. Romeu R. Martini, que foi o coordenador do Livro de Culto da IECLB, diácona Dra. Sissi Georg, que relacionou culto e diaconia e o pastor, professor e Dr. Júlio César Adam, que abriu o leque dos debates acadêmicos ao propor um estudo sobre a função social do culto cristão, chamado “Liturgia com os Pés”, tese desenvolvida na Alemanha e defendida em 2004.

3.3.1 As contribuições de Júlio César Adam

Adam, que atualmente é o professor adjunto de teologia prática na área das ciências litúrgicas, destaca-se a sua produção acadêmica: há uma grande quantidade de artigos acadêmicos que discute diversas questões relativas ao culto. Parte de seus estudos debruçou-se sobre a Hermenêutica da Religião Viva e hoje, numa interface com a psicologia, Adam pesquisa e propõe novos olhares na temática da espiritualidade, sendo ele um dos criadores do Centro de Espiritualidade, Psicologia e Bem Viver, chamado *Beatitude*, além de seguir na orientação de estudantes de pós-graduação e como professor de liturgia dos cursos de graduação da Faculdades Est.

O nome do Centro *Beatitude* conecta os temas da espiritualidade, da psicologia e do bem viver. A expressão bem viver é, em sua origem, uma expressão original dos povos indígenas da América do Sul. Percebe-se a conexão do

pensamento teológico de Adam com os processos pós-coloniais ou decoloniais da América Latina, em especial o Brasil. Adam destaca-se, nesta conexão conceitual, com diversos textos acadêmicos que aliam estudos sobre espiritualidade, culto, bem viver, corpo e religião vivida.

Em um texto escrito em parceria com Valburga Schmiedt Streck e Danilo Romeu Streck¹⁷⁹, Adam busca aproximar os debates da teologia prática na América Latina com as Epistemologias do Sul. Escrevem os autores, no resumo, que “a Teologia Prática tem um desafio importante de ajudar as igrejas e aqueles expostos à fé cristã em reconhecer o seu contexto social-histórico e com isso promover o chamado de vida em abundância”.¹⁸⁰ O texto defende a ideia de que a teologia prática *precisa ouvir outras vozes, de diferentes cosmovisões*, não somente se atrelar às formas convencionais do pensamento ocidental, mesmo aquelas mais libertárias. Defende um processo de autocrítica à base epistêmica da teologia, que é eurocêntrica e apresenta uma contribuição do *buen vivir* para a Teologia Prática.

Dentre as proposições do texto, Adam, Streck e Streck afirmam que a teologia prática precisa levar em conta três questões, no diálogo com o *buen vivir*:

a) a aprendizagem baseada nas culturas e práticas locais, o conhecimento das margens, deixando-se moldar pela sabedoria da vida local; b) a compreensão da totalidade da vida, entendendo que pessoas, comunidades, tradições e natureza são todos protagonistas ativos e formam um todo integrado. O *buen vivir* é muito mais do que a vida bem determinada pelo programa capitalista de qualidade de vida. *Buen vivir* é permitir que tudo fique bem, garantindo a sustentabilidade e a dignidade de tudo e de todos; c) redescobrir a dimensão ecológica e ambiental como tema imprescindível da teologia e da Teologia Prática.¹⁸¹

O texto propõe um diálogo da teologia prática com o *buen vivir*, e não do culto, propriamente dito. Propondo uma projeção desta reflexão para a vida de culto, pode-se intuir que a vida de culto deveria acolher testemunhos e gestos significativos da vida local, originados pela diversidade de experiências e iluminados pela sabedoria das pessoas que cultivam sua fé.

Na proposição do *buen vivir*, a sabedoria local tem grande relevância. A sabedoria local é coletiva, não corporativa, no sentido de um grupo que domina um

¹⁷⁹ ADAM, Júlio C.; STRECK, Valburga S.; STRECK, Danilo R. Pensamento na fronteira e Teologia Prática: um diálogo com o Suma Kawsay/Suma Qamaña ou Buen Vivir. **Estudos Teológicos**. V. 58, nº 2, jul./dez. 2018, São Leopoldo: Faculdades EST, p. 262-277.

¹⁸⁰ ADAM, STRECK & STRECK, 2018, p. 262.

¹⁸¹ ADAM, STRECK & STRECK, 2018, p. 273.

assunto e que precisa ensinar este assunto, por isso abre-se para o compartilhamento das experiências e trocas de conhecimento, não acúmulo do conhecimento para exercer poder sobre a outra pessoa da comunidade. O culto cristão pode se inculturar absorvendo a ideia da sabedoria local que é partilhada, coletivamente, e que envolve as pessoas da comunidade em uma ampla possibilidade de troca de saberes. O culto cristão poderia aprender a envolver os elementos da cultura que expressam a fé genuína, devocional, portanto, que compreende o ser humano como um ser integral e não como um ser apenas racional.

O *buen vivir* aponta para a necessidade da aceitação de que o todo da vida é, simultaneamente, espiritual e material. Tudo está interligado e, por isso, o evento *culto* não deveria ser separado da dimensão da vida, pois a expressão devocional ocorre na vida, e também no encontro comunitário, que é o culto. A dimensão individual da devoção também: ela está presente no cotidiano e não exclui o evento culto como parte do cotidiano. E a natureza é parte do todo. A dimensão teológica da criação que precisa ser preservada é um importante aspecto da teologia no diálogo com o *buen vivir*, pois a criação divina está no culto. Porque a modernidade ocidental separa o ser humano da natureza é que ela é cada vez mais devastada e a devastação desenfreada prejudica principalmente as comunidades tradicionais e mais pobres do planeta.

Um culto considerado participativo, coletivo, onde as subjetividades tenham espaços expressivos diversos do que a fala e a audição carece, portanto, de corpos que sejam motivados para a expressão de sua devoção. O artigo já citado de Adam e Scheffler, apresenta contribuições reflexivas sobre *culto e corpo*. Se busca-se afirmar que liturgia e vida precisam de aproximação, é porque, na percepção e pesquisa dos autores, liturgia e a vida das pessoas não andam de mãos dadas. A vida do cotidiano é uma coisa, o culto é outra. Os autores propõem, então, a partir de suas experiências acadêmicas e laboratoriais, oferecer reflexões para “aproximar liturgia e vida, e assim, permitir que o culto – encontro de Deus com sua comunidade – impacte e transforme a própria vida de pessoas e comunidades que participam dos seus cultos em contextos e culturas locais”.¹⁸²

O culto só é possível pela sua dimensão humana corporal e cultural, a qual se encontra sempre presente na essência da própria liturgia, como serviço

¹⁸² ADAM; SCHEFFLER, 2020, p. 316.

encarnatório de Deus para dentro da realidade concreta, por meio da vida, de histórias, corpos e sentidos de pessoas concretas.¹⁸³

A afirmação de que Deus encarnou através da pessoa de Jesus Cristo, e que agiu para o bem da vida digna para todas as pessoas, coloca a pessoa que crê e que vai ao culto diante de um mistério e não de um conceito racional. A pessoa crente não questiona como se dá a encarnação de Cristo; antes ela ora e se posiciona com humildade diante do mistério. Por isso, a pessoa que ora e que se posiciona diante do mistério não deixa de lado a sua cultura e os aspectos subjetivos do seu ser. Por isso o elemento da devoção, enquanto ação que motiva as pessoas para o encontro com Deus, em seu caráter subjetivo, corporal e também racional tem maior coerência com a perspectiva da vida integral, da vida humana em conexão radical com a natureza, como defende o *buen vivir*. A devoção não aliena as pessoas do mundo, não as coloca para fora da realidade e do contexto em que vivem. Ao contrário, como elemento experienciado pelo corpo (não limitado à razão) as ações devocionais podem conduzir o ser humano à integralidade da fé, no cotidiano da vida, que encontra no espaço de culto um momento da coletividade fortalecer os vínculos, compartilhando suas angústias e esperanças diante dos mistérios da fé e da vida. Se sacamos o aspecto corporal da encarnação de Cristo para buscar elementos racionais da comunicação humana com o Deus de Jesus Cristo, como o fazem os conceitos teológicos dualistas que separam o corpo do espírito, constroem-se leituras e práticas teológicas abstratas, racionalistas, acessíveis apenas para pessoas “eruditas” que detêm o poder do conhecimento dos esquemas de organização deste pensamento, que definem os termos de conversação sem ouvir vozes epistêmicas diversas. Por seus modos de articulação intelectual, pensar ser mais importantes ou inteligentes que outras pessoas que não têm estes mesmos moldes de articulação do pensamento.

O culto, como ação devocional, precisa de corpos integrais, percebidos, sentidos e pensados em todas as suas dimensões. O corpo integral é apontado por Jesus, na narrativa evangélica de Lucas 10.27: “Ele, então, respondeu: *Amarás o Senhor teu Deus, de todo teu coração, de toda a tua alma, com toda a sua força e de todo o entendimento, e a teu próximo como a ti mesmo.*”¹⁸⁴ O ser humano que devota a Deus é o ser humano integral, que expressa emoções, louva com espírito, com o

¹⁸³ ADAM; SCHEFFLER, 2020, p. 320.

¹⁸⁴ Bíblia de Jerusalém. Lucas 10. 27, São Paulo: Paulus, 2002, p. 1808.

corpo e com a mente. Na IECLB cultiva-se uma espiritualidade racional, onde o falar está acima das imagens, da música, do corpo que deve se abster a ouvir e raras vezes participar da celebração cantando, orando poucas orações. O corpo pouco participa do culto das igrejas protestantes históricas. A água do batismo reduz-se a poucas gotas de água jogadas três vezes na cabeça das pessoas batizadas; os elementos da ceia são ínfimos; os gestos são muito escassos. Um culto luterano convencional resume-se a textos falados, orações, recitações, alguma música e pouco corpo envolvido nos ritos. Observa-se que a IECLB, em termos de recursos homiléticos e litúrgicos, tem grande apreço pelas exegeses e comentários bíblicos que compõem a coleção “Proclamar Libertação”¹⁸⁵ enquanto que a produção e divulgação de recursos litúrgicos tem pouco ou nenhum apoio institucional.

O culto protestante histórico no Brasil é um culto colonial, dependente das formas epistêmicas do racionalismo: “esse apego ao *ordo* e à tradição refletem também certa dependência colonial eurocêntrica, como já referido (...) um ritualismo desencarnado”.¹⁸⁶ O culto, na dimensão colonialista, precisa ser controlado ou comandado por pessoas com conhecimento teológico e reconhecidas por outras pessoas com conhecimento teológico¹⁸⁷. Como afirmam Adam e Scheffler, o culto luterano segue padrões ocidentais, que acentuam o papel racional da revelação evangélica e oferecem pouco espaço para expressões dos corpos humanos presentes na celebração que visa processos de comunicação entre Deus e seu povo. Há muita resistência para partes litúrgicas que permitam o afloramento de emoções. Como exemplo, observa-se em momentos de oração memorial, para famílias enlutadas, que o consolo é oferecido apenas pelas palavras, recitação dos dados civis da pessoa

¹⁸⁵ A coleção Proclamar Libertação já produziu 47 livros, ininterruptamente, com auxílios homiléticos para o anúncio do evangelho. A referência da última edição é esta: **Proclamar Libertação**: auxílios homiléticos: lecionário comum revisado da IECLB – ano A/coordenação Verner Hoefelmann; editado por Faculdades EST da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo: Sinodal/Faculdades EST, 2022.

¹⁸⁶ ADAM; SCHEFFLER, 2020, p. 324.

¹⁸⁷ Para que egressos e egressas dos cursos de teologia da IECLB possam ser indicados e indicadas ao ministério com ordenação, é preciso desenvolver e defender um posicionamento teológico, por escrito, e de forma oral. As bancas são formadas por pessoas leigas, mas principalmente, por pessoas ordenadas. Os conhecimentos doutrinários, logo racionalizados, são rigorosamente testados pelas bancas de avaliação. Outros elementos constitutivos do ser humano, suas emoções e ou habilidades específicas são minimizadas diante dos conhecimentos doutrinários instituídos pela IECLB.

falecida e uma breve oração.¹⁸⁸ O acolhimento a famílias enlutadas, através de abraços, por exemplo, é pouco explorado.

A liturgia que temos no *ordo* nasceu da vida, da vivência prática, como expressão corporal e simbólica da experiência vivida, como o banho que limpa e refrigera o corpo no Batismo, a refeição à mesa, o encontro das pessoas para ouvir, ver, cheirar, degustar, tocar e sentir na Eucaristia. (...) Com o passar do tempo, as práticas rituais foram sendo cristalizadas, formatadas, de modo que hoje, muitas vezes, os ritos litúrgicos tornam-se algo estranho à vida, distantes da vida concreta da comunidade celebrante.¹⁸⁹

Moldar e conduzir o culto em conexão com a vida que é vivida demanda mente, corpo, emoções e alma. Kirst utiliza-se da metáfora do “rancho na roça”¹⁹⁰, como o espaço que famílias de pessoas agricultoras utilizam para o descanso em meio à lida no campo. O rancho é uma necessidade presente na realidade das pessoas que vivem na roça e Kirst compara o rancho com o culto. No rancho, os corpos encontram espaço para o diálogo, para o abraço, para o descanso, para um tempo apartado da realidade dura do trabalho, mas não desconectado da realidade. “O culto cristão não precisa ser compreendido apenas como um evento discursivo, comunicativo e catequético, mas também um evento vivencial e representativo”.¹⁹¹

Em resumo, podemos afirmar que Adam, com seus parceiros e parceiras de jornada prática e acadêmica, consideram que o ser humano tem maior complexidade que o elemento apartado e dualizado da razão, por isso as buscas deste autor se dão no campo da espiritualidade vinculado à psicologia, por exemplo. Seus escritos buscam valorizar as individualidades e sabedorias que emergem das experiências vividas, em um espaço coletivo para celebrar o Deus da vida, que é o culto cristão, possibilitando um movimento rumo às fronteiras do *bem viver*, onde o acento de suas reflexões não reside tanto em bases teológicas/litúrgicas doutrinárias, rígidas e cristalizadas que sustentam relações baseadas no poder e em trocas interesseiras, mas, sim, na possibilidade de trocas desinteressadas de experiências da vida que precisam ser expressas, oradas, meditadas, cantadas e dançadas no espaço do culto cristão, no espaço da celebração e da festa diante do mistério do sagrado Deus. Os

¹⁸⁸ Estas anotações são embasadas em nossa própria observação da vida de culto de diversas comunidades da IECLB, desde os anos de 1991, quando do nosso ingresso no curso de Teologia e participação ativa na condução musical de cultos de comunidades da região metropolitana de Porto Alegre-RS.

¹⁸⁹ ADAM; SCHEFFLER, 2020, p. 323.

¹⁹⁰ KIRST, Nelson. Liturgia. **Teologia Prática no Contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal, 2011, p. 109.

¹⁹¹ ADAM; SCHEFFLER, 2020, p. 325.

corpos precisam respirar dentro do culto, fora dos ditames das molduras rígidas das práticas ocidentais.¹⁹²

Importa, a partir da diversidade, reciclar os conceitos de inculturação, e, principalmente, desligar os elementos colonialistas que imputam ordos litúrgicos racionalmente densos, desconectados da realidade, preocupados com a catequese e desprovidos de espaços de acolhimento das pessoas crentes, com suas demandas emocionais, materiais ou físicas. Na frieza de celebrações corretamente ordenadas, e pouco ou nada ligadas à realidade da vida humana, não há espaço para a devoção pessoal, muito menos a devoção comunitária. O culto cristão, enquanto espaço de comunicação e de encontro entre Deus e as pessoas, precisa ser um espaço de construção do respeito à diversidade.

3.3.2 As reflexões litúrgicas decoloniais do anglicano Luiz Coelho¹⁹³

Luiz Coelho é sacerdote anglicano e doutor em liturgia pela School of Theology of the University of the South (Sewanee). Ele desenvolve estudos litúrgicos, em especial sobre o Livro de Oração Comum da comunhão Anglicana (LOC) e também sobre o hinologia anglicana e ecumênica. Destacamos nesta apresentação um texto que aborda sua visão decolonial do culto cristão.

O título de um de seus livros, em parceria com Juan Oliver, nomina-se “Encarnação da Liturgia”,¹⁹⁴ que apresenta textos de uma conferência organizada de modo remoto no primeiro ano da pandemia da Covid-19, também com a presença do prof. Dr. Júlio C. Adam como um dos conferencistas.

Coelho apresenta uma reflexão que vai direto ao ponto das questões caras para o colonialismo. Seu texto busca revisitar a história da igreja anglicana na América Latina, identificar o que é Teologia Decolonial e como ela dialoga com a Teologia da Libertação e apresenta uma análise sobre a presença colonial ibérica e neocolonial

¹⁹² É oportuno avisar, em nota de rodapé, que neste espaço não adentramos nos debates do “mundo gospel” que tem origem nos Estados Unidos da América, porque consideramos que, neste momento, o foco reside no que é idealizado pelos teólogos que destacamos. Por hora, é suficiente afirmar que o mundo gospel, com seus scripts litúrgicos livres, emerge como alternativa ao culto cristão ocidental cristalizado pelas tradições europeias, mas não discute seus estatutos epistêmicos. Muda a tendência do culto, mas o colonialismo oculto na retórica da modernidade permanece e, até, se fortalece.

¹⁹³ Seu nome completo é Luiz Carlos Teixeira Coelho Filho.

¹⁹⁴ OLIVER, Juan. COELHO, Luiz (ORGS). **Encarnação da Liturgia**. Salvador: Soffia10 Editora, 2021.

americana na igreja, cultura e liturgia.¹⁹⁵ A Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB) é uma igreja que tem seu vínculo com a Comunhão Anglicana Mundial, que tem origem na Igreja Anglicana do Reino Unido.

Coelho vai afirmar em sua conferência, o que segue:

A Igreja horizontal, ou a Igreja onde o poder é distribuído entre todas as pessoas, não segue uma epistemologia europeia. Não está na modernidade, está no Evangelho. A Igreja horizontal deve, portanto, ser culturalmente menos eurocêntrica e mais diversificada.¹⁹⁶

O liturgista anglicano ataca, aqui, o centro nevrálgico do poder instituído ao clero que é, via de regra, responsável pela condução litúrgica, em qualquer denominação cristã. Aqui neste trabalho nominaremos este grupo de pessoas institucionalmente responsabilizado pelo culto de *clero*. Na IECLB, o culto é de responsabilidade de pastores e pastores, também de outros ministros e ministras com ordenação, quando não há pessoas do ministério pastoral. Na comunhão anglicana, a responsabilidade do culto está aos cuidados de reverendos, reverendas, bispos e bispas. E na igreja presbiteriana, conforme veremos adiante no pensamento de Carvalhaes, o culto é responsabilidade de pastores e pastoras. Cabe destacar que, nas três igrejas representadas pelos teólogos em questão, todas têm ordenação feminina. O que não significa que, no âmbito das três denominações, não existam conflitos nos assuntos de gênero.

Em seu texto, Coelho afirma que a horizontalidade do poder da igreja, que passa pelo culto, não é usual no modo de refletir e agir ocidental. Ele é taxativo em afirmar que a igreja horizontal deve ser mais diversificada, e menos eurocêntrica, por isso precisa vincular-se com seu entorno, com as realidades locais e elevar as possibilidades de conexão entre o sagrado e o cotidiano.

No contexto da IECLB, a verticalidade que se opõe às reflexões de Coelho pode ser representada pela expressão “pastorcentrismo”, expressão essa que define a condução centralizada da vida da igreja no/na líder religioso/a. A IECLB, em sua história de renovação litúrgica, buscou a implementação de equipes de liturgia, na década de 1990, através do trabalho de Kirst, como vimos anteriormente. Mas esta prática não se consolidou na vida das comunidades da IECLB. A condução do culto

¹⁹⁵ OLIVER; COELHO, 2021, p. 51.

¹⁹⁶ OLIVER; COELHO, 2021, p. 55.

como sendo de responsabilidade da comunidade, e não exclusivamente do ministro ou da ministra local é um objetivo a ser alcançado, mesmo que oficialmente a IECLB já publicou orientações e busca descentralizar o papel das pessoas ministras ordenadas na condução do culto:

6. O culto é celebrado sob a responsabilidade e com a participação de toda a comunidade. Nesse ato, o papel das pessoas ordenadas ao ministério eclesial, junto com as equipes de liturgia, é imprescindível para realizar o culto da comunidade. Mas quem celebra é a comunidade toda, a qual inclui os liturgos. A função de cada pessoa na celebração é insubstituível. O culto é a celebração de ação de graças de toda a congregação, onde cada pessoa ocupa seu próprio lugar e exerce responsabilidade específica.¹⁹⁷

Na perspectiva institucional, a IECLB deveria ser uma igreja horizontal no moldar e conduzir o culto, como sugere Coelho. A visão bíblica que contém o relato de Jesus Cristo diz que “onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles”,¹⁹⁸ e o culto reflete este encontro do sagrado com a coletividade. Por isso, a necessidade de processos horizontais é urgente, pois mais pessoas envolvidas no processo de moldagem e condução da liturgia condizem com a centralidade evangélica. Não se trata de reunir um grupo para que as pessoas dotas nos assuntos litúrgicos ou musicais digam para as pessoas “leigas” o que elas devem fazer. Equipes de liturgia devem refletir sobre o papel devocional das pessoas no culto, das realidades locais, das leituras globais, orar e juntos e juntas pensar em estratégias para que a comunidade seja cada vez mais participante nas celebrações.

As proposições de Coelho para a horizontalização da igreja e decolonização da liturgia são: a) desvelar o sexismo presente na linguagem do culto. “Nossos textos litúrgicos ainda usam o pior das línguas neolatinas: seu sexismo, inerente e escondido sob o que chamamos de ‘norma culta da língua’;¹⁹⁹ b) “O uso exagerado de maiúsculas para se referir a Deus também comunica uma cristologia elevada e ascendente: é um Deus que está muito longe de nós.”²⁰⁰ Estes dois pontos referem-se, especificamente, à linguagem utilizada no culto, para todas as partes litúrgicas, incluindo a pregação. Coelho ainda sugere que as comissões que articulam os estudos e orientações litúrgicas possam pensar na perspectiva do povo.

¹⁹⁷ MARTINI, Romeu. **Livro de Culto da IECLB**. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 43.

¹⁹⁸ Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 1737.

¹⁹⁹ OLIVER; COELHO, 2021, p. 56.

²⁰⁰ OLIVER; COELHO, 2021, p. 57.

Para isso, nossas comissões devem incluir nosso povo em sua diversidade, aprender como oram, como clamam a Deus, e explorar opções mais criativas para o uso expansivo da linguagem (no que se refere ao Sagrado e à humanidade). E sempre, sempre se pergunte: “Como os oprimidos leem esse texto? Eles se veem nele?”²⁰¹

Acolher o povo em sua diversidade, da perspectiva de quem determina os textos e eventos litúrgicos, sem reflexões libertadoras ou decoloniais, é uma tarefa complexa. Na IECLB, quem determina, via de regra, tanto textos quanto proposta litúrgicas, está autorizado ou autorizada pelo seu ordenamento ao ministério e, obviamente, por estudos acadêmicos no campo da liturgia. Muito mais na denominação anglicana, do autor Luiz Coelho. Isto quer dizer que uma verdadeira horizontalização da prática e reflexão litúrgicas depende de uma postura de horizontalidade destas lideranças. A liderança pode se questionar sobre determinado problema litúrgico, e, para solucionar o problema, propõe-se a ouvir uma diversidade de opiniões sobre o problema. Mas, por sua função e responsabilidade litúrgica, no contexto da IECLB (e creio que também no contexto das igrejas anglicana e presbiteriana), esta pessoa dará uma solução ao problema na perspectiva da doutrina estabelecida pela IECLB.

Coelho ainda aponta questões relativas à arquitetura, e também à música e à pregação. E ele aponta a questão da autenticidade. Vejamos:

E como serão a música litúrgica e a pregação neste novo contexto? Algumas das questões relativas ao uso de linguagem inclusiva já foram propostas nesta apresentação. Mas eu gostaria apenas de sugerir brevemente que usar ritmos musicais populares não significa necessariamente inculturação. É necessário que a performance, os instrumentos musicais e as letras sejam autênticos, assim como aqueles que compõem essas peças musicais. Isso vale também para homilias e leituras, que não devem seguir as instruções dos manuais anglo-saxões, e sim nossa forma de apresentar, falar em público e apresentar uma ideia.²⁰²

O que representa a autenticidade no discurso de Coelho? Em nossa perspectiva, compreendemos que ou autor busca uma solução para a inculturação que passa mais pela identidade cultural local que propriamente pela autenticidade dentro do contexto do culto anglicano. A autenticidade atribui valor àquilo que corresponde ao entorno local/global das pessoas que se reúnem, e que entra em cena no momento de moldar e realizar um culto cristão. Culto cristão autêntico, portanto,

²⁰¹ OLIVER; COELHO, 2021, p. 57.

²⁰² OLIVER; COELHO, 2021, p. 59.

define-se como um culto onde a constância está presente e a diversidade corresponde à realidade. Mais que importar uma ordem litúrgica estranha para o contexto, a autenticidade indica que a cultura e culto, de fato, interagem e propõem significado para as pessoas crentes. Não faz muito sentido tocar um samba em uma comunidade onde o entorno cultural da mesma não tem nenhum tipo de manifestação cultural de samba. Faz sentido trazer o samba, então, como elemento cultural brasileiro, que representa a igreja de Cristo como uma instituição que acolhe a diversidade, assim como pode-se tocar uma canção oriunda de qualquer outro país.

Autenticidade pode ser um elemento da entrega devocional para quem conduz a liturgia. Percebe-se que o elemento da fé, expresso pela devoção pessoal e coletiva (pois a pessoa que está habituada a desempenhar o acompanhamento musical no culto luterano sente-se segura e identificada com o contexto no qual ela atua) é de fundamental importância, pois, além do elemento identitário, engloba o fazer musical com o entorno cultural local/global. Autenticidade tem relação com a devoção, com louvor e adoração no complexo debate da inculturação, que busca atender as demandas locais e compreender e acompanhar as tendências gerais, estabelecidas pela igreja ou pelas comunidades. A fé segue sendo um elemento imprescindível para quem exerce a responsabilidade de condução da música de uma comunidade. E, mais do que técnica formal, é preciso experiência e vivência para conduzir o canto da comunidade. Por isso, entendemos que autenticidade tem relação com aspectos da identificação denominacional e com técnicas musicais que valorizem a diversidade popular *glocal*.

Mais que estudar música formalmente, a condução teológica/litúrgica, a partir do pensamento de Coelho, nos conduz para pensar o culto como uma festa da comunidade com suas próprias escolhas autênticas. A autenticidade que Coelho se refere é impactada pela ação do evangelho, e coloca-se como um pilar de busca e equilíbrio entre o que tem significado cultural/teológico para o povo crente com a participação do povo crente, ou seja, com o engajamento do povo na moldagem dos cultos, de modo horizontal.

Importante destacar que este autor escreveu um trabalho intitulado “Canto Comum: revisão de hinários num contexto litúrgico, contemporâneo e ecumênico”²⁰³.

²⁰³ COELHO Filho, Luiz Carlos Teixeira. **Canto Comum**: Revisão de hinários num contexto litúrgico, contemporâneo e ecumênico. Porto Alegre: Editora e Livraria Anglicana, 2021.

Este trabalho resulta em uma análise da música anglicana e ecumênica na percepção de que música e liturgia são inseparáveis.

De tudo o que foi dito, é mais do que óbvio que o canto de hinos é fundamental para a adoração cristã. Na verdade, ele faz parte de um núcleo (junto com a leitura das Escrituras, a pregação e os sacramentos) que define a experiência da maioria dos cristãos ao redor do mundo.²⁰⁴

Coelho, assim como defendemos, entende que a música, através dos cantos tem um caráter evangelizador, e não meramente ornamental ou função de entretenimento.

3.3.3 O pensamento litúrgico libertador de Cláudio Carvalhaes

Contribuições do pensamento do teólogo Cláudio Carvalhaes perpassam toda esta pesquisa. Podemos considerar Carvalhaes, doutor em teologia e professor no Union Theological Seminary em Nova York, como o brasileiro de origem protestante que mais relaciona a teologia litúrgica da libertação com as articulações do pensamento pós-colonial. E ele busca fazer esta conexão na prática, nas fronteiras, nos espaços onde a prática litúrgica deve brotar e não ser imposta.

O autor propõe pensar a teologia da libertação a partir de uma *práxis litúrgica*, ou seja, como a vida toda dos pobres, se *vivida* toda na prática litúrgica pode-se tornar o primeiro passo da teologia, fazendo assim o pensamento litúrgico/teológico o segundo ato teológico.²⁰⁵

Neste sentido, a *práxis litúrgica* será, necessariamente, uma *práxis* a partir da perspectiva das pessoas pobres. A leitura teológica, ou leitura litúrgico/teológica é um ato segundo, pois o primeiro ato é ação de Deus com o povo sofrido e explorado e a sua expressão devocional. Neste aspecto, a ideia da constância e da diversidade precisa ser revista, pois o culto não fará um olhar para a cultura oprimida a partir de seus ordos convencionais, mas a partir da vida do povo, como propõe o *Buen vivir*. O que fica da constância precisa passar pelo crivo de uma crítica histórica e atual das formas teológicas herméticas e pretensamente universais que se configuram no Norte Global. As experiências do povo oprimido do Sul Global, com a fé cristã, precisam rever seus pilares, uma vez que os fundamentos do cristianismo foram também

²⁰⁴ COELHO, 2021, p. 153.

²⁰⁵ CARVALHAES, Cláudio. Teologia Litúrgica da Libertação. **Estudos Teológicos**, v. 58, nº2. São Leopoldo: Faculdades EST, jul./dez.2018, p. 338.

colonizados. É preciso decolonizar o próprio cristianismo, para que surja algo, de fato, com espírito decolonial.

Carvalhaes propõe uma discussão sobre identidade denominacional, na perspectiva de um pensamento pós-colonial.

Na maioria das vezes, o campo litúrgico vê tanto o tempo presente como o passado ou o futuro como algo a ser entendido no interior da disciplina e por isso o tempo é aistórico, pois a liturgia explica a liturgia a partir de si mesma. A igreja entende-se pela eucaristia e a eucaristia pela igreja. A liturgia não é analisada pela pulsão do presente, da história, dos embates e desafios do mundo, mas é entendida como justaposição sagrada e eterna entre seus elementos internos: a pregação em relação com a eucaristia, a confissão com o batismo, etc.²⁰⁶

Este olhar ensimesmado da liturgia, na perspectiva de Carvalhaes, está desconectado com a vida. Carvalhaes vai mais além quando afirma que a tradição precisa ser traída. “Às vezes, a única maneira de ser fiel à tradição é traí-la de modo que ela possa continuar. Isso quer dizer que a traição está no âmago da preocupação metodológica com a sobrevivência da teologia litúrgica”.²⁰⁷ A tradição, compreendida na dimensão da constância, sobreviverá na medida em que se permite moldar e metamorfosear pela diversidade. A liturgia precisa partir da realidade.

Por isso, a teologia precisa ter como ponto de partida a vida das pessoas pobres. Os impulsos do pensamento decolonial identificam as origens coloniais da pobreza latino-americana. Por isso, Carvalhaes aposta que uma leitura coerente com a vida digna que Deus quer para todas as pessoas inclui a crítica ao colonialismo, tanto a nível de reflexão litúrgica como na prática litúrgica. Na sua crítica ao colonialismo, Carvalhaes entende que é preciso decolonizar a liturgia, proporcionando leituras teológicas libertadoras:

À medida que seguimos em frente, fica claro que a história da liturgia não pode se dar o luxo de fazer história sem os pobres. Uma de nossas tarefas é exatamente esta: ler a história do cristianismo e suas formas litúrgicas como uma história de opressão aos pobres sob o projeto litúrgico colonial. A ausência de pessoas colonizadas nas histórias da liturgia fez da fé cristã uma fé imperial e opressora, a história dos vencedores através dos ritos e liturgia em nome de Deus. Assim como a ausência de mulheres torna o cristianismo um projeto patriarcal.²⁰⁸

²⁰⁶ CARVALHAES, 2018, p. 341.

²⁰⁷ CARVALHAES, 2018, p. 342.

²⁰⁸ CARVALHAES, 2018, p. 342.

A articulação teológica de Carvalhaes encaminha um processo de revisão da história da liturgia e todas as suas nuances no que concerne à colaboração de sua anuência com a empresa opressora do colonialismo europeu. O pressuposto de que a fé cristã é uma fé imperial tem íntima relação com a colonialidade da fé cristã, desde os tempos da colonização católica e também das igrejas protestantes históricas que povoaram o Brasil a partir do século XIX.

Carvalhaes desenvolveu um projeto litúrgico/libertador a partir de uma metodologia: reunir pessoas especialistas em liturgia, música, artes, teologia e inseri-las em contextos de extrema pobreza, ao redor do mundo. Também no contexto da Abya Yala. Deste projeto resultou um livro com as experiências e recursos litúrgicos citado anteriormente, *Liturgies from below*²⁰⁹. Os diferentes grupos de pessoas especialistas realizaram o exercício de ouvir os clamores das pessoas pobres; fizeram suas leituras de mundo *in loco*, e, a partir das inserções, criaram 462 recursos litúrgicos. Vejamos um exemplo de recurso litúrgico publicado no livro:

Nós Somos a Mesa na Terra

Ó, Senhor da abundância, estamos famintos. Estamos com fome de comida que seja suficiente para cada pessoa. Temos fome de justiça que permita que o alimento seja dado a todas as pessoas. Você veio e nos contou que você é o pão da vida, do qual nós participamos. Leva-nos à mesa onde está reservado um lugar para as pessoas pobres e famintas. Ajude nossas igrejas a se tornarem a mesa na terra onde o pão da vida é compartilhado. Ó Deus, alimente-nos, corpos e almas, pessoas famintas e cansadas.²¹⁰

No livro organizado por Carvalhaes não é possível identificar a pessoa autora das orações. Observa-se que, no texto da oração acima, a pessoa que a redigiu vê o sofrimento humano da fome. Há uma experiência empática diante do sofrimento alheio. E há uma preocupação com o papel da igreja. A pessoa que redigiu o texto expressa, nitidamente, que a igreja precisa ser um espaço de partilha de alimentos. E destaca-se que, neste papel da igreja, o alimento não é somente espiritual, mas a oração traz um binômio terra/vida, ou seja, a Deus se pede, com devoção, que a igreja possa se transformar em um espaço para acolher as pessoas famintas na sua

²⁰⁹ CARVALHAES, 2020.

²¹⁰ CARVALHAES, 2020, p.212 (KINDLE). O Lord of abundance, we are hungry. We are hungry for enough food for every person. We are hungry for justice that allows food to be given to everyone. You've come and told us that you are the bread of life, in whom we all have a share. Bring us to the table where a place is reserved for the poor and the hungry. Help our churches to become the table on earth where the bread of life is shared. O God, feed us, bodies and souls, hungry and weary (tradução nossa).

inteireza, na dimensão espiritual e física, mental e emocional. A ideia de experimentar, estar inserido em um contexto de extrema vulnerabilidade faz conectar a vida como ela é com a vida de culto, devoção e louvor. O exemplo do recurso litúrgico citado acima evidencia a conexão entre o “profano” e o sagrado. A fome é profana, e o sagrado não pode fechar os olhos para o terror da fome.

Por isso o projeto de Carvalhaes é um projeto litúrgico anti-imperialista. Ele entende que o culto é um espaço de confrontação aos colonialismos impetrados e dissimulados da empresa imperial, porque

O culto é central para o chamado e o ser da igreja como comunidade de fé. Igreja é uma comunidade que se reúne em culto para afirmar sua fé no Divino, bem como na missão divina de redenção e cura. Culto inspira e unge a comunidade para traduzir esta missão em transformação social radical no aqui e agora, permitindo que sua agência vire o mundo de cabeça para baixo. No culto celebramos a espiritualidade de resistência e reconstrução.²¹¹

A opção decolonial defende virar o mundo de cabeça para baixo, ou seja, defende a ressignificação do modo opressor e epistêmico do mundo ocidental, para que o culto seja, também, um espaço para a resistência e reconstrução do bem viver, como bem celebrar.

3.3.4 O exemplo do Maçambique de Osório

No percurso dos estudos de doutoramento, uma experiência foi reveladora para ampliar nossa compreensão sobre o pensamento decolonial no campo da teologia, em especial sobre o tema da *devoção*. Em 2018, a Faculdades EST estabeleceu uma parceria entre o programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdades EST com a Faculdade de Teologia de Oslo, Noruega. Este projeto foi denominado “*Precious and Precarius*” (Precioso e Precário) que, no Brasil, foi orientado pelo então professor de teologia da Faculdades EST, Dr. André Muskopf. Neste projeto, um grupo de estudantes da Faculdade de Teologia de Oslo, Noruega visitou o Brasil. Posteriormente, o grupo brasileiro retribuiu a visita a Oslo, debatendo temas no âmbito

²¹¹ CARVALHAES, 2020. Worship is central to the calling and being of the church as faith community. Church is a community who gathers together in worship to affirm their faith in the Divine as well as the Divine mission of redemption and healing. Worship inspires and anoints the community to translate this mission into radical social transformation in the here and now by enabling their agency to turn the world upside down. In worship we celebrate the spirituality of resistance and reconstruction (tradução nossa).

de teologias que se preocupam com a vida preciosa, mas precária, em diferentes partes do mundo.

No encontro realizado no Brasil, que ocorreu na Faculdades EST, entre os dias 19 a 23 de março de 2018, foi planejada e realizada uma visita, dos dois grupos, para o Quilombo do Limoeiro, localizado na cidade de Palmares do Sul. Como parte do programa deste intercâmbio, uma excursão foi organizada para visitar o Quilombo. Na ocasião da visita, duas pessoas do município vizinho de Osório-RS se integraram ao grupo para participar do encontro entre o grupo de estudantes e a comunidade quilombola: o antropólogo Iosvaldyr C. Bittencourt Jr e a Francisca Dias, que é a *Rainha Ginga*, da *Festa do Maçambique de Osório*. A dupla participou do encontro para divulgar a festa e mostrar algumas artes produzidas por crianças que fazem parte da grande família de remanescentes quilombolas da cidade gaúcha de Osório.

A Festa do Maçambique de Osório é realizada há muitos anos, desde o século XIX numa área geográfica que enquadra boa parte do litoral norte do estado do Rio Grande do Sul. A festa é dedicada à **devoção** à *Nossa Senhora do Rosário*, revelando elementos da religiosidade, cultura e sonoridades próprias do povo negro. Na perspectiva da antropologia e de estudos etnomusicológicos, a festa é concebida como uma *congada*. Há congadas em diversas partes do Brasil, em especial nos estados do Centro-Oeste, Sudeste e Nordeste e, no estado do Rio Grande do Sul, ela é uma das poucas que manteve suas práticas nos últimos anos.

Nós desconhecíamos a existência de uma congada no estado do Rio Grande do Sul, e, como ainda tateávamos nas teorias decoloniais, por conseguinte, diante do encantamento de saber que muito próximo ao nosso contexto havia um grupo religioso de resistência do povo negro, focamos naquele contexto para compreender melhor como é uma congada em seus aspectos religiosos.²¹²

²¹² Há duas teses de doutoramento publicadas sobre a Festa do Maçambique de Osório. Uma, na área de antropologia: BITTENCOURT Jr. Iosvaldyr. **Maçambique de Osório. Entre a devoção e o espetáculo: não se cala na batida do tambor e da Maçaquia**. Tese (Doutorado em Antropologia). Porto Alegre: UFRGS, 2006. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/12758> Acesso em 17 mai 2019. A outra tese, também desenvolvida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na área de etnomusicologia. PRASS, Luciana. **Maçambiques, Quicumbis e Ensaios de Promessa: um re-estudo etnomusicológico entre quilombolas do sul do Brasil**. Tese (Doutorado em Música – Etnomusicologia). Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/27854>. Acesso em 17 mai 2019.

Visitamos, no mês de outubro de 2018, a Festa do Maçambique. Participamos de grande parte do roteiro do grupo. Sem contar a preparação da festa, ela dura quatro dias, iniciando na quinta-feira do primeiro fim de semana de outubro, indo até o domingo. O grupo é formado por dançantes, homens apenas, que vestem roupas brancas, com detalhes coloridos em vermelho e azul. O casal da Rainha Ginga e Rei do Congo, com um par de lanceiros e um casal eleito no ano anterior que organiza a festa conduzem os cortejos pelas ruas do centro da cidade de Osório, adentrando tanto no salão de festas quanto na missa. Este aspecto da participação da missa atraiu a nossa curiosidade.

No ano seguinte, escrevemos um artigo sobre a Festa do Maçambique, na perspectiva do pensamento decolonial em diálogo com a hermenêutica da religião vivida.²¹³ Nesse texto, destacamos a dimensão da devoção em dois aspectos: a música e o elemento processional da ação cultural/religiosa do povo negro do Osório-RS.

A música é um dos elementos centrais do Maçambique. Nos rituais ela está presente em praticamente todos os momentos, desde as procissões e lugares por onde o grupo passa e faz a sua performance. A música é o combustível dos corpos que dançam; dançam tanto as pessoas que fazem os ritos quanto as pessoas que observam os rituais ou apresentações artísticas do grupo do Maçambique. Todas pessoas são envolvidas pelas batidas dos tambores e pela repetição dos cantos.²¹⁴

A dimensão devocional da música no grupo do Maçambique tem alguns elementos: a) a música perfaz todas as performances do grupo, nos quatro dias de festa; b) a música conduz à dança. O grupo do Maçambique dança durante das procissões, na entrada e saída da missa e no salão de festas. As pessoas que assistem os cortejos também são convidadas a dançar; c) os instrumentos musicais que conduzem a música e as danças são os tambores e maçaquaias; d) há uma repetição dos cantos, em um modo responsório.²¹⁵

Prass, em suas pesquisas, identificou quatro tipos de canto do ritual: “Conforme a descrição do Chefe Faustino são, de fato, quatro (e não três) os tipos de cantos que integram o ritual do Maçambique: cantos de rua, cantos de igreja, cantos

²¹³ ILLENSEER, Louis M. A preciosa festa do Maçambique de Osório: uma leitura teológica descolonial a partir da hermenêutica da religião vivenciada. MACHADO, Renato Ferreira; ADAM, Júlio César. (organizadores) **Linguagens litúrgicas e artísticas na América Latina** [recurso eletrônico]: memória e identidades. Canoas, RS: Ed. Unilasalle, 2019, p. 113 – 122.

²¹⁴ ILLENSEER, 2019, p. 116.

²¹⁵ Uma frase é cantada e repetida pelo grupo.

de salão e cantos de pagamento de promessa”.²¹⁶ Mas não há uma sistematização ou separação do que é exatamente do espaço da igreja e do que está fora da igreja. Este é o modo de pensar ocidental, que separa entre sagrado e profano. Na Festa do Maçambique, não há separação entre sagrado e profano.

O povo do Maçambique compreende que, quando inicia a festa, inicia o tempo do sagrado. “Como me explicou Francisca, antigamente, a esse ritual de buscar os Reis em suas casas, seguia-se a pé até as proximidades da Igreja Matriz onde o mastro seria erguido, instaurando assim o ‘tempo do sagrado’”.²¹⁷ Há uma reverência à festa, uma alusão à um período especial que vai marcar a devoção à Nossa Senhora do Rosário. Quando a festa começa, o sagrado perpassa *todo o tempo* dos quatro dias, de quinta a domingo, desde o levantar do mastro ao lado da Catedral Católica de Osório até o retirar do mastro, no domingo ao fim do dia. O tempo devocional dura quatro dias. O conceito teológico aqui é um conceito que conecta a vida com o tempo de Deus. O tempo de devoção não é o tempo restrito à participação do grupo na missa, mas o tempo de devoção perpassa a festa, o descanso, a organização, limpeza das vestes, preparação de alimentos, a comunhão em torno das refeições.

A prática das procissões envolve canto e dança, que são características marcantes da expressão devocional religiosa do povo do Maçambique. A música, a dança e o caminhar devocional marcam a festa em duas dimensões lúdicas, sociais e, principalmente, religiosas. A devoção, para o povo do Maçambique de Osório, não tem caráter meditativo, individual ou excludente. Poderíamos dizer que os ritos obedecem à devoção. É a devoção que fomenta a organização da festa, diferente de uma missa católica ou um culto protestante onde o culto precisa alimentar o povo. O povo negro do Maçambique de Osório já sente-se “alimentado” em sua devoção, e quer agradecer às bênçãos recebidas através do intermédio de Nossa Senhora.

Música, dança, fé, devoção, tudo se mistura e acontecem os ritos. Em comunidade, dentro e fora do templo. Que lições o culto protestante pode colher para ressignificar seus cultos?

²¹⁶ PRASS, 2009, p. 227.

²¹⁷ PRASS, 2009, p. 172.

4 A COMPOSIÇÃO COMO PRÁTICA LITÚRGICO/MUSICAL EMANCIPATÓRIA

Corre um boato aqui donde eu moro
 Que as mágoas que eu choro
 São mal ponteadas
 Que no capim mascado do meu boi
 A baba sempre foi
 Santa e purificada
 Diz que eu rumino desde menininho
 Fraco e mirradinho
 A razão da estrada
 Vou mastigando o mundo e ruminando
 E assim vou tocando
 Essa vida marvada
 É que a viola fala alto no meu peito, mano
 E toda moda é um remédio pros meus desengano
 É que a viola fala alto no meu peito humano
 E toda magoa é um mistério fora desse plano
 Pra todo aquele que só fala que eu não sei viver
 Chega lá em casa pro uma visitinha
 Que num verso ou num reverso da vida inteirinha
 Há de encontrar-me num cateretê
 Há de encontrar-me num cateretê
 Tem um ditado dito como certo
 Que cavalo esperto num espanta boiada
 E quem refuga o mundo resmungando
 Passará berrando essa vida marvada
 Cumpade meu que envelheceu cantando
 Diz que ruminando dá pra ser feliz
 Por isso eu vagueio ponteando
 E assim procurando
 A minha flor-de-lis

Vide, vida marvada, Rolando Boldrin

4.1 PRESSUPOSTOS DA COMPOSIÇÃO MUSICAL

Neste quarto e último capítulo de nosso trabalho, *apresentaremos um conjunto de práticas litúrgico/musicais que consideramos como práticas em processo de abandono de seu status convencional/colonial rumo a um agir/refletir fronteiriço, articulado em perspectiva decolonial visando uma prática de bem celebrar.* Mesmo que as práticas abaixo arroladas e analisadas se qualifiquem como articulações teológicas decoloniais, seguimos ancorados no argumento de que esta reflexão teológica é processual e em vias de se tornar uma reflexão teológica decolonial. Ainda que o panorama de nossas práticas apresente um viés alternativo, em termos de liturgia e música para o culto cristão, nossa perspectiva segue caracterizada como processual. Conceitos de contextualidade e de decolonialidade apresentam, neste

sentido, linhas muito tênues, daí nossa relutância em evitar a conceituação decolonial para as experiências doravante relatadas.

A dimensão convencional do culto cristão entende que precisa haver um controle das ações por parte de pessoas especialistas. Se não há este controle, o culto pode deixar de ser uma ação identitária, teológica e culturalmente, com o que se define por igreja de confissão luterana no Brasil. Daí que a dimensão convencional e as proposições alternativas e significativas que apresentamos têm, como condição, um processo longo de maturação do que significa o conjunto de reflexões decoloniais para o campo das ciências litúrgicas. Seria equivocado, de nossa parte, apontar que uma experiência tem características de uma ou de outra ordem. O que apresentamos, a seguir, são relatos de experiências que envolvem processos de criação musical para o culto cristão em moldes ainda convencionais, numa linha progressista, que atenta para as tensões resultantes do que se considera fundamento teológico e daquilo que brota da experiência das pessoas.

Neste sentido, os próximos passos demonstram que as experiências das pessoas não necessariamente fogem ou ignoram fundamentos teológicos e litúrgicos, pois, na metodologia de organização de oficinas de composição, como veremos adiante, parte-se do princípio da troca de saberes, que por sua vez, resulta como conceito dos termos de conversação de Mignolo²¹⁸. Não se impõem verdades inflexíveis ou até axiomáticas na condução das práticas litúrgico/musicais de composição, mas sim, buscam-se modelos heterárquicos de negociação e troca de saberes, em especial, com pessoas que nunca tiveram a oportunidade de criar canções para os cultos comunitários.

A composição musical para o culto cristão é compreendida em nosso trabalho como uma prática litúrgico/musical que pode ser individual ou coletiva. Mesmo que o processo de composição preceda o momento do culto, ela é uma prática que objetiva a criação de recursos musicais para os ritos, por isso faz parte de uma das três práticas litúrgico/musicais: *criação, ensaio e performance*. A análise que se apresentará sobre as criações musicais segue o fluxo do pressuposto decolonial, que busca o deslocamento do que consideramos centro convencional dos modos de praticar e refletir a música, para a “periferia” do rito cristão: a busca por ritos

²¹⁸ MIGNOLO, 2019, p. 21.

contextuais, diversos, inclusivos, devocionais e comunitários. Este capítulo leva em consideração os processos individuais/coletivos de criação, as estruturas musicais, seus conteúdos teológicos e sua aplicação para performance e interpretação no contexto do culto. Este processo de criação que objetiva o louvor/adoração/devção no culto protestante nominamos de **processo criativo/significativo**, que engendra os conceitos que temos detalhado do início do trabalho até aqui. *Buscamos demonstrar que os processos criativos/significativos de composição, ressignificados a partir das reflexões teológicas confrontadas com o pensamento decolonial, possibilitam processos de desprendimento de colonialismos, visando cultos contextualizados e integrados com a vida, elevando a potência da diversidade musical e possibilidades de resgate da devoção individual coletiva em torno das práticas litúrgico/musicais comunitárias.*

A reflexão propõe um roteiro dos processos criativos/significativos de composição musical nos seguintes pontos: a) a prática individual do autor; b) as práticas de composição em encontros/oficinas e, c) uma análise de uma celebração que foi moldada coletivamente com estudantes da Associação Diacônica Luterana (ADL).

4.1.1 Memória²¹⁹

Não se inventa algo do nada, sem um mínimo contato prévio da mente humana com aquilo que se “inventa”. Para compor uma canção, é necessário um conjunto prévio de experiências com sons musicais, seja através da audição, do canto e também das práticas de criação musical. Para compor ou criar uma música, o conjunto e estruturas de conhecimentos formais em música, forjados no mundo ocidental não é pré-requisito. A música popular atesta isto. A diversidade de culturas musicais do mundo é expressa sem conhecimentos formais musicais, tampouco conhecimento “somente” ocidentais.

O ser humano tem a capacidade de aprender e memorizar o que aprende no seu dia a dia. Este aprendizado pode ser evocado quando há algum estímulo ou motivo. Se o ser humano, desde sua infância, vive em um ambiente com estímulos

²¹⁹ Nossa pesquisa opta em não minuciar questões das áreas de neurociências e epistemologia genética sobre a pergunta de como a memória se forma. Há muitas e diferenciadas linhas de pensamento nos estudos sobre memória, inclusive nos estudos musicais.

musicais, cria-se um conjunto de saberes na mente deste ser humano. Quando uma determinada música da infância é cantada, evoca-se a memória para cantar junto. O neurocientista Ivan Izquierdo vai definir memória a partir deste fio

“Memória” significa aquisição, formação, conservação e evocação de informações. A aquisição é também chamada de aprendizado ou aprendizagem: só se “grava” aquilo que foi aprendido. A evocação é também chamada de recordação, lembrança, recuperação. Só lembramos aquilo que gravamos, aquilo que foi aprendido.²²⁰

Tudo o que um ser humano experimenta, seja através dos sentidos no cotidiano, seja através de eventos formais de educação, passa por caminhos de aquisição, formação, conservação e evocação. O que é aprendido, adquirido, pode ser evocado, recordado, recuperado. O que não pode ser evocado, segundo a teoria da memória de Izquierdo, não foi aprendido, ou experimentado ou vivenciado. Uma criação musical nova nasce de acordo com as infinitas possibilidades registradas em memórias sonoras. O ser humano vai adquirindo estas memórias através das experiências auditivas que ocorrem ainda no ventre da mãe. Uma melodia que cantamos na infância, no contexto da igreja, pode ser evocada a qualquer momento, mesmo depois de muitos anos. Izquierdo aponta que a memória contém passado que define quem nós somos e nos faz pensar no futuro, a partir das experiências que guardamos e que fazemos questão de esquecer.

O passado, nossas memórias, nossos esquecimentos voluntários, não só nos dizem quem somos, como também nos permitem projetar o futuro; isto é, nos dizem quem poderemos ser. O passado contém o acervo de dados, o único que possuímos, o tesouro que nos permite traçar linhas a partir dele, atravessando, rumo ao futuro, o efêmero presente em que vivemos. Não somos outra coisa se não isso; não podemos sê-lo.²²¹

A memória representa um grande acervo de dados que mantém informações aprendidas por toda a vida. No caso da música, as informações são “salvas” neste acervo através, principalmente, das experiências auditivas, que não se desconectam dos outros sentidos humanos e nem se apartam do contexto no qual as experiências sonoras aconteceram. Tudo fica registrado na memória e tudo pode, de um modo ou de outro, ser evocado, ser lembrado e ressignificado em novas memórias.

²²⁰ IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: Armed, 2018, p. 1.

²²¹ IZQUIERDO, 2018, p. 1.

Quando uma pessoa cria uma canção litúrgica, como veremos, ela está fazendo um exercício de pesquisa nos seus registros de memória, nas suas próprias experiências sonoras, destacando materiais sonoros que lhe fazem sentido, criando uma nova canção. Quando a canção surge, a ação de criar algo que nunca havia realizado, e que tem sentido musical, é considerada uma nova experiência, que registra não somente o dado objetivo da produção musical, mas também todo um conjunto de sentimentos subjetivos, em geral, sentimentos de *satisfação* pela obra produzida. A prática de composição consiste em resgatar do passado sonoridades aprendidas, que atravessam o presente e que são ressignificadas em novas composições em direção ao futuro. Assim, amplia-se a oferta de repertório para o culto cristão, conectado com estes saberes provindos da diversidade de experiências de quem compõe, nos processos individuais e coletivos que veremos logo adiante.

As instituições formativas (escolas, faculdades, cursos livres, e, inclusive, as igrejas) têm um peso na formação da memória musical humana. As experiências do cotidiano, da vida privada, do trabalho, dos relacionamentos, etc., tem peso e sentido diverso da formação. A música, neste viés, como elemento imprescindível da cultura ocidental, acontece na rua, no trabalho, na igreja, na escola e em muitos outros espaços. Ouvimos música mesmo quando não queremos, gostamos de determinados estilos e rejeitamos outros, estabelecendo, assim, um conjunto pessoal de saberes que ficam registrados na memória. Por isso, ao evocar nossas experiências, o acervo de dados sonoros apresenta muitas possibilidades e, portanto, **não se faz necessário ter formação musical ou conhecimentos em estruturação musical para se compor uma canção**. Conhecimentos formais em estruturação musical, ao serem aprendidos pelo ser humano de modo formal, realocam as experiências sonoras do cotidiano, trazendo luzes para os processos de composição. Mas os conhecimentos formais, reiteramos, não são necessários para que surjam novas canções.

Enquanto escrevíamos este ponto da reflexão, o autor lembrou (evocou) uma canção do acervo de dados da mente, muito conhecida no mundo musical infantil das comunidades da IECLB, do qual apresentamos, aqui, a primeira estrofe: “Meu barco é pequeno e grande é o mar, Jesus segura a minha mão. Ele é meu piloto e tudo vai bem, na viagem a Jerusalém”.²²² A música “Meu barco é pequeno” faz parte da

²²² Livro de Canto da IECLB, 2017, número 537.

memória de infância do autor e de muitas pessoas no contexto da IECLB e de outras igrejas que têm esta canção nos seus repertórios.

A música “Meu barco é pequeno” está, por assim dizer, na mente, no acervo de dados do autor. Quando o autor deste trabalho inicia um processo de composição de música para crianças, esta música não será evocada a fim de criar uma paródia²²³. A sua estrutura musical/textual está presente em muitos outros exemplos de canções infantis, que neste caso está dividida em quatro frases (quadratura), onde as frases terminam em rimas. O modelo estrutural desta canção poderá ser evocado como um modelo melódico padronizado para novas criações.²²⁴ A identidade musical de uma pessoa compositora pode ser aferida analisando-se os repertórios criados, identificando modelos rítmicos, melódicos, utilização majoritária ou não de elementos culturais locais, etc., de acordo com as estruturas das canções que povoam a memória da pessoa compositora.

4.1.2 Identidade musical flexível

A canção infantil acima citada faz parte do histórico de vida do autor deste trabalho, uma vez que o autor experimentou a audição e a performance da canção desde a infância até a vida adulta. A canção faz parte de uma *herança identitária* do repertório musical da IECLB e, como vimos brevemente, ela ajuda a compor as bases da estruturação musical que servem de modelo para novas composições.²²⁵

Diversos saberes e experiências acumuladas precisam ser ressignificadas a partir das leituras teológicas revisitadas pelo pensamento decolonial, em especial, na seleção de modelos musicais que, teologicamente, condizem com a libertação de

²²³ Paródia musical identifica uma melodia onde o texto original da canção é substituído por outro texto, sem modificar os elementos musicais/estruturais da canção.

²²⁴ Este é, evidentemente, um exemplo: os modelos melódicos/rítmicos de muitas canções infantis que estão registradas na memória são muito variados.

²²⁵ Em termos teológicos, a canção em si, mesmo que faça parte da história do autor, acaba sendo descartada de projetos eclesiais contemporâneos. Isto, porque a segunda estrofe da canção tem um acento teológico dualista: “Meu barco sem Cristo, ao céu não irá, nas águas afundará. Só quando Jesus, meu barco guiar, o céu poderei alcançar”.²²⁵ Neste caso, a pessoa cristã visa alcançar o céu. E para alcançar o céu ela precisa de Cristo no comando do barco. Teologicamente, desconsidera-se a vida de Jesus aqui neste mundo, representado pelas águas perigosas, porque a tarefa de Jesus é conduzir o barco para o céu. Este trecho aponta não mais para um Jesus concreto que “segura minha mão”, da primeira estrofe mas para um Jesus piloto que levará a pessoa crente ao céu. A proposição de repertório de cunho dualista para crianças nos diz que este “conteúdo” dualista fica registrado na memória, como um saber enraizado e, conseqüentemente, indiscutível.

colonialismos, dualismos e universalismos que restringem a promoção da diversidade cultural e estabelecem padrões ocidentais como aceitáveis e descartam repertórios que não se encaixam de acordo com os padrões estabelecidos. A identidade musical, portanto, estabelece-se processualmente na história pessoal e reflete-se coletivamente na vida de culto de uma comunidade religiosa como a as comunidades que integram a IECLB.

Os repertórios musicais das comunidades luteranas no Brasil são heterogêneos. A música de um culto da comunidade de Campo Bom-RS, por exemplo, reflete o histórico da comunidade e a soma de experiências musicais de quem hoje conduz a música desta comunidade, que difere da condução, histórico e soma de saberes de uma pessoa líder de um grupo de metais no município de Afonso Claudio-Es. Os repertórios podem ser os mesmos, mas a forma de interpretar e selecionar repertórios varia de comunidade para comunidade. Pessoas que conduzem a música na IECLB orientam-se por suas histórias, seus conhecimentos formais ou informais, sendo que não há padrões estabelecidos. O material musical da IECLB é vasto, diverso e reflete diferentes linhas teológicas, tempos e lugares. Imaginar que a IECLB deveria seguir padrões musicais definidos e inflexíveis de organização e condução musical nas comunidades feriria o princípio da diversidade que defendemos.

Por isso, a identidade musical de uma pessoa compositora molda-se de acordo com as experiências e saberes que ela adquiriu, que forma a sua memória musical, seus gestos e suas práticas musicais na vida musical de uma comunidade e no seu entorno. No histórico do autor inclui-se a continuidade dos estudos de música (e teologia para o contexto da igreja), a prática de condução da música de culto, a prática de ensaios com grupos comunitários, a participação em encontros de composição coletiva, dentre outras práticas e ações que produzem outra dimensão de sentido, ativam memórias condizentes com o presente que são focadas para as demandas exigidas no trabalho musical de uma comunidade ou no trabalho de ensino da música²²⁶.

²²⁶ O autor deste trabalho, como dito no lugar de fala, exerce o papel de professor de música para o curso de graduação de teologia, desde 2018 e de professor de música para o curso Ministério Eclesiástico da IECLB, desde 2017 até os dias de hoje. O curso prepara teólogos e teólogas para as provas e ingresso no período prático para habilitação ao ministério da IECLB.

Uma identidade musical convencional impõe padrões, estabelece critérios dualistas, separa o que é bom do que é ruim de acordo com suas óticas, e torna-se identidade rígida, presa a dogmas estabelecidos, desinteressada pela música devocional que nasce das experiências de vida e de criação/ensaio/performance diversos do seu modo exclusivo e “correto” de conduzir a música do culto. Na perspectiva que defendemos, a resignificação dos processos de acúmulo de saberes e conhecimentos, pensados também para as práticas de composição, inclui a ideia de que a identidade musical é **flexível**, ou seja, a identidade musical flexibiliza-se diante de novos saberes, oferta seus saberes e é ávida por experiências que ampliam suas possibilidades de práticas musicais para a vida e/ou para o contexto da música do culto.

Por consequência, uma pessoa líder musical que entende que sua identidade musical é flexível, compreende que a diversidade é riqueza, e que a curiosidade favorece seus próprios processos criativos e eleva a condução heterárquica da música na comunidade e no culto cristão. A curiosidade é o motor que impulsiona a pessoa para aprender mais sobre a música, em especial, da música que nasce de processos não formais dos processos estruturados no modo ocidental de ser/sentir/saber. Uma identidade musical flexível não teme perder a essência seus saberes musicais, pois sabe que no sistema de trocas de saberes, há muito para compartilhar, para aprender e para doar.

4.1.3 O impulso criativo

O que motiva o autor deste trabalho para um processo de composição musical? Quais são os impulsos, ou melhor, como definir um conjunto de fatores que levam uma pessoa a criar uma canção?

Em primeiro lugar, o impulso criativo surge dos encontros imaginativos do acervo de dados memória com as novas experiências, que decorrem de quaisquer estímulos sonoros do cotidiano. O impulso para criação de uma nova canção pode brotar no ouvir uma canção do rádio, no decorrer do canto de uma canção em um encontro comunitário, na audição de um programa/concerto de música ou na própria condução litúrgico/musical de um culto luterano ou ecumênico, ao passar em algum lugar em que algum estímulo sonoro esteja acontecendo.

De um lado, o depósito de experiências sonoras descrito acima como elemento de memória e identidade musical, oferece a sustentação de conhecimentos sobre as práticas de composição, que inclui os modelos musicais melódicos, rítmicos, textuais, teológicos e litúrgicos. De outro lado, este depósito de experiências é continuamente confrontado com as experiências sonoras do cotidiano e, com desafios propostos. É preciso tomar um tempo para pensar em registrar uma nova ideia musical ou textual. O acervo da memória é ressignificado e a evocação de um elemento sonoro leva em consideração tanto o que já está no acervo quanto a novidade sonora, ainda não registrada na memória, que ocorre em forma de experiência. Este jogo interno de aquisição/evocação de aprendizados, tanto formais quanto informais nos elementos sonoros/textuais, sugere impulsos criativos que poderão ou não resultar em repertórios musicais.

Em segundo lugar, lança-se uma pergunta: o que se espera de uma composição musical para o louvor/devoção/adoração comunitária? Uma criação musical que tenha sentido, que seja significativa, que impacte as pessoas que ouvem e/ou cantam aquela canção e que proporcione a sensação de satisfação tanto na pessoa que cria quanto no grupo que ouve/canta/dança aquela canção. A satisfação da pessoa que cria e da comunidade pode ser identificada como o objetivo final de um processo criativo, e isso é motivador, serve de impulso ou motivação inicial. Quando se cria uma canção, o que se deseja é que esta canção seja interpretada, que sirva a seu propósito de ser entoada em um culto comunitário ou ensaiada por um grupo musical. No caso de uma criação para o culto, que incluímos no tripé das práticas litúrgico/musicais, espera-se que a canção criada tenha lugar no culto de sua comunidade ou em qualquer outro lugar do mundo²²⁷, seja através do canto comunitário ou através da performance de um grupo.

Em terceiro lugar, temos falado, quase que exclusivamente que o espaço do culto é o espaço para as práticas litúrgico/musicais. Mas não podemos deixar de lado a necessidade de religar vida e culto, e, resultante desta necessidade, a ideia de que processos criativos/significativos são estimulados por acontecimentos que perfazem o **cotidiano da vida** e que a vida humana, a vida da criação e o que envolve o

²²⁷ Por isso a importância da publicação de composições, do registro em partitura e em áudio, para que os novos repertórios alcancem outros espaços e sirvam como recursos para o louvor/devoção/adoração em outras igrejas luteranas ou de outras denominações.

cotidiano é parte do culto, por isso reflete-se na composição musical expressa a fé, louvor e devoção da pessoa crente compositora.

O cotidiano, numa perspectiva teológica emancipatória, não pode ser concebido de modo desconectado do culto. O culto é um encontro que acontece com as pessoas e Deus *no cotidiano*, pois acontece em espaço/tempo determinados e isto não está fora da vida. Não é possível sacralizar um espaço e profanar o outro. Se o culto está no cotidiano, o cotidiano é sagrado. Deus não aparece para o encontro somente no espaço do culto, mas ele atravessa o cotidiano, atravessa as vidas humanas que sofrem e que, portanto, percebem a presença do Deus da justiça. No culto, a comunidade reunida celebra a ação de Deus no todo da vida, que envolve o que o ser humano faz por ganância e o que ele faz por contrição ao Deus da vida. Deus se faz presente no encontro de famílias, nas rodas de conversa, na comunicação via redes sociais, no convívio do trabalho ou do espaço escolar, em momentos de lazer, em eventos culturais e também no culto. A diferença é que o espaço/tempo do culto é o espaço em que a comunidade de pessoas crentes tem seu tempo para o encontro com Deus, no seu aspecto comunitário, e não individualizado ou egocentrado.

A perspectiva convencional do culto protestante compreende que o culto é um espaço privilegiado para o encontro das pessoas santificadas, consagrado, separado do mundo, transformando o cotidiano em uma realidade apartada do relacionamento com Deus, profanado e separado da vida com Deus. Por isso a música concebida enquanto expressão cultural humana, rica na sua diversidade, que se aprende na vida, que se aprende no cotidiano, que acontece no contexto em que os seres humanos vivem precisa adentrar o espaço no culto que é, mesmo numa concepção ocidental, o momento formal de encontro da comunidade com Deus. O cotidiano, carregado para dentro do espaço do culto compreende conexão entre vida e devoção, compreende o ser humano para além da dimensão racional, oferece abertura para as subjetividades humanas, para gestos, emoções, para o perdão, para encontrar sentido de vida individual e coletivamente. Não somente a música do cotidiano deve adentrar o espaço do culto cristão, mas outras formas expressivas culturais com os seus conflitos, tensões, alegrias e dissabores da vida são colocados diante de Deus. E desta conexão entre o cotidiano e o culto, surgem impulsos criativos que visam transformar os ritos uma vez purificados por sua sacralidade, para que expressem a

vida que pulsa, para expressar a vida com suas alegrias e tensões, com respeito à diversidade humana em todas as suas dimensões, não somente a dimensão artística/cultural.

As leituras do campo da opção decolonial, além de abalar as bases epistêmicas, lançaram luzes para estes processos do impulso criativo. A ideia de que a retórica de nossas celebrações, desenvolvidas em modelos ocidentais, com retóricas ocidentais, esteja ocultando elementos patriarcais ou raciais coloca o impulso criativo em atenção; é preciso cuidar da linguagem inclusiva, por exemplo. A diversidade de sonoridades e de formas de expressão precisam destes “freios inibitórios” que podem nos levar à criações racistas ou patriarcais, mantendo os dois pilares da matriz colonial do poder em vez de afastar-se deles.

Os dualismos, universalismos e racionalismos tornam-se mais evidentes na medida em que outras composições vão surgindo. Isto fundamenta nossa ideia de que estamos em processo de desvinculação dos modelos convencionais, pois estamos em processo de ressignificação de nossas práticas e reflexões. Para o autor, na função de composição musical, a ação de criar uma música hoje não tem o mesmo sentido que tinha antes dos estudos de pós-graduação. Mas é preciso lembrar que o espaço acadêmico, numa cosmovisão alicerçada em pressupostos decoloniais, não detém a supremacia do conhecimento; a academia tem suas contribuições específicas e modos de operação próprios que não se sobrepõem a outros modos de pensar e articular o pensamento. “O ponto a ser frisado é que o estudo da teologia não se resume somente ao espaço acadêmico, há outras possibilidades de reflexão tão importantes quanto, feitas na sociedade civil e nas comunidades de fé.”²²⁸ O modo acadêmico de analisar a realidade é necessário, mas não pode se colocar acima de outros modos de ver a realidade. Resulta disto que o impulso criativo abre-se para aprender com a criar para além da busca por complexidade. Ao contrário, busca a simplicidade em texto e música.

4.1.4 A prática composicional

Neste ponto vamos abordar, de um modo breve, como acontece o processo de criação musical individual, elencando alguns passos do processo de criação

²²⁸ CUNHA, 2017, p. 111.

musical do autor da pesquisa. Como se dá este caminho que compreende os registros da memória, da identidade musical e impulso criativo quando surge uma canção? Como esta canção é introduzida na vida de culto e qual o impacto pode ser percebido pelo autor e pelas pessoas que cantam a nova canção criada? Um quadro conceitual onde a diversidade é elevada em contrapartida a métodos ou estruturas fechadas de compreensão dos processos de criação musical propõe, que o que se apresenta a seguir é resume um modo particular de processar uma criação musical. Como o objetivo de um processo criativo visa, como fim último, oferecer recursos musicais para o bem celebrar, o roteiro quer exemplificar os passos que o autor segue para criar suas canções. Este roteiro faz parte da condução pedagógica das oficinas de composição, que veremos logo abaixo.

A apresentação por partes deste roteiro se demonstra separadamente, elencando os processos de criação de texto e música. Porém, é preciso ressaltar que o processo de criação musical é integrado, ou seja, texto e música surgem concomitantemente. Assim como temos argumentado que liturgia e música são indissociadas, afirmamos que o processo de criação individual do autor desta pesquisa não dissocia texto e elementos musicais. A análise separa os elementos, que formam uma unidade. Os impulsos criativos que resultam a) da memória ressignificada, b) da satisfação pessoal e coletiva e c) da conexão entre culto e vida, são processos que se misturam no fazer composicional de texto e música.

4.1.4.1 Criando o texto

A criação de textos para canções vai buscar inspiração no cotidiano da vida e naquilo que a estrutura litúrgica luterana oferece em termos de constância e diversidade. Não se propõe uma crítica ao ordo litúrgico adotado como “oficial” pela IECLB, por uma possível ideia de que o ordo litúrgico esteja oprimindo a experiência humana do bem celebrar livre de estruturas. O ordo litúrgico obedece à dinâmica entre constância e diversidade. Se a diversidade é elevada no discurso e representada na perspectiva teológica/litúrgica, entendemos que há um passo no sentido de uma prática litúrgico/musical emancipatória. O conteúdo das partes litúrgicas, ressignificado a partir da diversidade e das experiências humanas, não elimina seu status evangélico ou a herança que remete às primeiras pessoas cristãs e suas formas

de celebração. Ao contrário, o conteúdo da ordem litúrgica afirma-se como parte da constância, daquilo que deve ser mantido e que tem espaço para o bem celebrar.

O culto luterano mantém a centralidade da proclamação da Palavra de Deus, praticando o culto com o núcleo da palavra e da administração dos sacramentos, que são o batismo e a comunhão eucarística. Palavra de Deus, batismo e comunhão eucarística são os elementos da constância que formam a essência do culto cristão e que servem de expressão da vontade de Deus para o povo crente. O povo crente, no bem celebrar, “ouve com todos os sentidos”, não somente com os ouvidos. O povo crente participa dos sacramentos, se movimenta à mesa de Jesus Cristo com louvor, devoção e adoração nos seus corações. Na visão de Carvalhaes, o culto é, inclusive, um espaço para contra-atacar o império e seus colonialismos a partir da perspectiva de um Deus solidário às pessoas subalternadas aos empreendimentos coloniais.

Adorar a Deus é em si um ato de rebelião, pois o Império exige ser adorado sozinho. No contexto do Império, não é a ausência de espiritualidade ou religiosidade per se que se tornou o desafio, mas um caleidoscópio de espiritualidades fabricadas pelo paradigma hegemônico da política e economia neoliberal em culto ao Império. Como mostra o livro de Apocalipse, a adoração ao “Cordeiro que foi morto” (13:8) subverte a adoração ao poder e à religião do Império.²²⁹

A liturgia na sua dimensão da constância segue sendo uma força de pregação do evangelho, que combate as atrocidades colonialistas dos sistemas opressores da modernidade, sendo fonte teológica libertadora e significativa. Cabe apontar aqui que a liturgia adotada oficialmente pela IECLB, por exemplo, está alinhada com as liturgias adotadas por outras denominações cristãs, que apostam no slogan “unidade na diversidade”, apostam no encontro e partilha de saberes para lutarem contra situações que oprimem a vida humana e a vida do meio ambiente. Grande parte dos objetivos dos movimentos ecumênicos e inter-religiosos busca soluções comuns para problemas do mundo, do cotidiano. Assim, a liturgia da IECLB está de acordo com modos de celebrar de várias igrejas, de diferentes denominações do mundo todo que lutam por transformações no mundo. As proposições ecumênicas para o culto que promovem elementos da constância e valorizam a diversidade de moldagens e as

²²⁹ CARVALHAES, 2020. Worshipping God is itself an act of rebellion, as Empire demands to be worshipped alone. In the context of Empire, it is not the absence of spirituality or religiosity per se that has become the challenge but a kaleidoscope of spiritualities manufactured by the hegemonic paradigm of neoliberal politics and economics in worship to Empire. As the book of Revelation shows, worship to “the Lamb who was slain” (13:8) subverts worship to the power and religion of Empire (tradução nossa).

riquezas da inculturação podem influenciar as igrejas locais para uma abertura e flexibilidade em práticas litúrgicas rígidas, o que ocasiona maiores possibilidades de inclusão de músicas populares, conectadas com a realidade, com o cotidiano, valorizando e elevando a experiência de pessoas que querem expressar sua devoção através de suas criações musicais. A liturgia emancipatória carece de textos ressignificados/moldados que não maculem a essência da constância do evangelho, mas que, moldados de modo afinado às demandas do cotidiano que clamam por vida digna, contribuam para cultos contextualizados, marcados pela experiência humana e significativos para a comunidade que quer ter seu encontro com Deus e busca soluções para seus problemas pessoais, coletivos e estruturais.

A *música do mundo (Global music)* faz parte deste processo de ressignificação/inculturação nos movimentos ecumênicos²³⁰, não somente pelas suas características musicais expressas pela diversidade cultural e ecumênica, mas pelo tratamento que se faz dos textos das novas canções criadas. Por isso não somente os textos de canções criadas a partir de processos coletivos e significativos devem expressar a teologia da graça, do amor, da justiça e do direito à vida para todas as seres humanos, mas os elementos musicais também o fazem, ao conectar cultura e culto. “Por si só, as canções não mudam o mundo. Mas elas movem pessoas, e pessoas mudam o mundo. Canção podem vir a ser a força motriz que une pessoas em sua fé e em sua visão e ação por um mundo de justiça e paz.”²³¹ Estas palavras abrem o prefácio de um dos cancionários ecumênicos do Conselho Mundial de Igrejas. A citação aponta para a ideia de transformação e do poder da música para transformar pessoas em busca da unidade ecumênica e para a busca de justiça e paz. Este cancionário, analisado em nossa dissertação de mestrado, equilibra as “músicas do mundo”, valorizando repertórios de outras partes do mundo para além dos tradicionais cantos cristãos europeus ou norte-americanos. Em comparação com outro

²³⁰ Instituições como a Federação Luterana Mundial (FLM) e o Conselho Mundial de Igrejas (CMI) têm divulgado repertórios inculturados. A FLM, por exemplo, tem um projeto de apresentação de músicas de advento e natal oriundas de várias comunidades luteranas do mundo. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PL2-8BkDxwJ-RjUR6KjLzDyOZsnd3WDB1k> Acesso em 04 fev. 2023. O CMI também divulga repertórios em diversos projetos, inclusive na publicação de cancionários e dos livros de oração das assembleias ordinárias da instituição.

²³¹ DONALDSON, Andrew. **Hosanna!** Ecumenical Songs for Justice and Peace. Geneva: World Council of Churches, 2016, p. xiii (preface). By themselves, songs cannot change the world. But they move people, and people change the world. Songs can become the driving energy that unites people in their faith and in their vision and action for a world of justice and peace (tradução nossa).

cancioneiro do Conselho Mundial de Igrejas, de 1974, o “Hosanna!” tem a maior parte do repertório fora do contexto europeu e norte-americano.

A porcentagem de canções por região, comparado com o *Cantate Domino* de 1974 mostra uma inversão, quebrando a hegemonia europeia e norte americana. Em 1974 havia 26,26% de canções do hemisfério sul; em 2016 há 25,23% de canções ocidentais (incluindo também aqui, o repertório ortodoxo). Este dado não afirma que as canções produzidas fora do contexto europeu ou norte-americano sejam, do ponto de vista da composição musical, não ocidentais, ou como estamos afirmando, inculturadas. Por outro lado, a inversão na seleção de canções ratifica a valorização de repertórios produzidos fora do contexto europeu ou norte americano.²³²

Retornando para a prática de criação de textos, destacamos algumas questões que consideramos importantes para a canções para o culto cristão.

- a) A Bíblia é a principal fonte de inspiração para textos que serão musicados. A música permite, por sua estruturação, reescrever e reinterpretar os textos bíblicos, sob uma ótica emancipatória, que foge aos pressupostos herméticos da teologia convencional, evitando dualismos, o patriarcalismo e o racismo. Por exemplo, reescrever um texto bíblico que será cantado, observando a linguagem inclusiva, é uma forma de trazer um elemento emancipatório, amparado nos debates sobre justiça de gênero, para as novas criações musicais,²³³ sem desvirtuar o sentido do texto bíblico, expressando, também, a luta por direitos iguais para todas as pessoas, independente do gênero.
- b) As partes litúrgicas, como a acolhida, confissões, orações, canto do Glória, do Kyrie eleison, partes da oração eucarística são ricas em conteúdo evangélico, e podem ser reescritas e reinterpretadas, de acordo com as demandas contemporâneas da vida, moldados ao contexto em que estão inseridos. O texto litúrgico mantém o seu sentido, mas a reescrita e o acento cultural da musicalidade moldam o texto, possibilitando uma ação litúrgica ressignificada. O texto da canção pode associar o cotidiano com os significados das partes litúrgicas.
- c) A poesia é um modo de exercitar a escrita ou reescrita livre que, em grande medida, obedece às quadraturas da melodia que está sendo imaginada

²³² ILLENSEER, 2019, p. 84.

²³³ ILLENSEER, 2018, p. 45.

simultaneamente à escrita do texto²³⁴. O livre aqui refere-se mais à não obrigatoriedade do uso de rimas ao final das frases, ou de acentuações obrigatórias em determinados pontos da frase. Conhecimentos e saberes mais ou menos formais em poesia, em seus aspectos fonéticos, sintáticos ou semânticos podem ser úteis e utilizados para a criação litúrgica/musical, mas não se impõem como regras inflexíveis nas oficinas de composição.²³⁵

- d) Quando a canção é pensada para o canto comunitário busca-se a criação de frases textuais mais curtas. A ideia das frases curtas facilita o canto coletivo e a respiração no momento da emissão vocal da melodia da canção. Esta dica não se aplica para a criação de músicas voltadas para a performance de corais ou pessoas solistas, etc., que podem dispor de técnicas apropriadas para sustentação de ar em frases mais longas.
- e) O cotidiano deve ser representado nos textos, de acordo com os argumentos que apresentamos até aqui. Os textos devem representar a vida, a luta das pessoas na defesa da vida digna, da justiça, da liberdade e de tantos outros temas necessários para o bem viver, para que se transformem no bem celebrar, que expressem, assim, a conexão entre vida e culto, entre cotidiano e celebração, entre cultura e teologia.

Um exemplo de criação musical será descrito no ponto 4.1.4.3.

4.1.4.2 Criando a música

Como afirmamos anteriormente, uma ideia musical para uma canção quase sempre surge casada com o texto. Texto e melodia nascem e se moldam simultaneamente. Temos por hábito buscar a sonoridade de um texto a partir de elementos próprios de uma frase de um texto. É um modo de cantar o texto enquanto ele vai sendo redigido, pois, o texto em si carrega uma sonoridade nos seus aspectos fonéticos. A sonoridade ou fonética do texto sugere uma estruturação de uma linha

²³⁴ A quadratura de uma canção identifica o número de frases, por exemplo, de uma canção estrófica: cada estrofe, se segue um padrão de quatro frases com número aproximado de sílabas por frase, está respeitando a quadratura musical. Na música “Meu barco é pequeno”, há quatro frases, onde a primeira e a terceira frase possuem 11 sílabas, enquanto a segunda e a quarta frases são compostas de 8 sílabas.

²³⁵ Por isso, em vez de utilizar o termo poesia, utilizamos a expressão “texto musical”.

melódica e esta dinâmica constrói-se na mente do autor, conectando ideias novas com a utilização de materiais memorizados que, na perspectiva de Izquierdo, são “evocados”, compondo um novo discurso sonoro/textual, ou, uma nova canção.

Além do texto, há pelo menos três elementos musicais em jogo, na compreensão ocidental, quando o assunto é a composição de uma canção. Estes três elementos são o ritmo, a melodia e a harmonia.

- a) O ritmo se caracteriza tanto pelo andamento de canção, se ela é rápida, lenta, menos lenta, mais rápida, enfim. O andamento da canção tem um caráter de maior ou menor velocidade. No senso comum é possível afirmar que o ritmo estabelece padrões de sentimento. Por exemplo: uma canção lenta sugere um sentimento triste, ou depressivo; uma canção rápida sugere alegria ou entusiasmo. Esta forma de perceber os ritmos e defini-los de acordo com sentimentos tem origem na história da música ocidental na transição do período renascentista para o período barroco, e os sentimentos vinculados a andamentos ou trechos melódicos, conceituados na Doutrina dos afetos.²³⁶ O ritmo se caracteriza, também, pelo tempo mais longo ou mais curto dos sons.
- b) A melodia pode ser definida como um conjunto de sons que, simultaneamente à duração dos tempos dos sons, do parâmetro do ritmo, define-se pelas diferentes alturas dos sons, identificadas por sons graves, médios e agudos. Uma melodia, portanto, tem a característica de ter um som definido pela altura e ritmo, a cada vez.
- c) Na harmonia ocidental, os sons, com suas qualidades de altura e ritmo soam simultaneamente, resultando no que se costuma chamar de conjunto de vozes. As técnicas ocidentais de contraponto, por exemplo, estabelecem regras para combinar sons de diferentes melodias e diferentes ritmos, a duas, três, quatro ou mais vozes.

Estes três parâmetros são básicos na estruturação musical ocidental e servem de material para a criação de uma canção. Na prática, as pessoas sem conhecimentos

²³⁶ Odilon Duffeck realizou pesquisa de mestrado demonstrando o papel dos afetos na música de Johann Sebastian Bach. DUFFECK, Odilon. **A palavra e a música**: contribuições da doutrina dos afetos em Bach para a prática musical sacra de hoje. 2020. 156 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação, Faculdades EST, São Leopoldo, 2020.

formais em estruturação musical não compreendem estes conceitos e precisam de auxílio para compreender a “teoria musical”. No caso do autor, ele possui o manejo dos elementos sonoros, estruturalmente pensados e organizados no mundo ocidental. Na perspectiva de um domínio de técnicas básicas de estruturação musical, o processo criativo ancora-se a estes conhecimentos formais, que perfazem o acervo da memória de saberes do autor, mas que, ao mesmo tempo em que baseia a construção de um novo discurso musical nos conhecimentos formais, busca elementos criativos do espaço do cotidiano, de padrões das músicas da cultura popular, em especial nos ritmos e estilos/gêneros musicais regionais/locais/culturais.

Por isso, é importante ampliar o horizonte de conhecimentos básicos sobre a cultura musical brasileira e, em especial, de elementos culturais do estado do Rio Grande do Sul, onde o autor exerce seu trabalho como musicista e estudante de pós-graduação em teologia. Os conhecimentos formais, adquiridos no bacharelado em Música pela UFRGS são importantes, mas não imprescindíveis para a composição, pois mais importante que a complexidade exigida para a formação, composição e performance dos cursos de graduação em música, é a possibilidade de criar canções que façam sentido para as pessoas crentes que se reúnem para o louvor e devoção a Deus.

Quando tratarmos da aplicação prática das oficinas de composição, abordaremos, sob nossa ótica, como os conhecimentos das pessoas que não têm formação ou conhecimentos formais em música resultam em composições musicais. No caso do autor, portanto, a música vai obedecendo este diálogo interno entre texto, acento das sílabas, prosódia, cuidados com a gramática portuguesa, simplicidade harmônica, etc.

4.1.4.3 Um exemplo de composição do autor

A conexão entre música e texto depende de práticas e experiências em torno destes conceitos musicais e textuais. Grande parte das canções que o autor criou são originadas a partir de demandas, de pedidos de músicas que abarquem temas não contemplados. Por exemplo, a parte musical da canção “Deus, em tua graça, transforma o mundo” tem a seguinte história.

O Conselho Mundial de Igrejas teve sua 9ª Assembleia na cidade de Porto Alegre, em 2006. Como evento preparatório para a Assembleia, foi realizada uma reunião da comissão de culto, que reuniu algumas lideranças de igrejas cristãs de todo o mundo em Porto Alegre, no início do ano de 2004. Para aquela ocasião, foi realizada uma celebração ecumênica, integrando as pessoas representantes desta reunião com pessoas da comunidade local, de várias igrejas, que estavam dispostas a auxiliar na preparação e organização da Assembleia, que reuniria mais de 5000 pessoas em fevereiro de 2006. Este culto careceu de um serviço musical, que foi solicitado ao autor desta pesquisa. Quando recebemos a liturgia e a seleção de repertório para aquela celebração, percebemos que faltava uma música/canção para o momento das ofertas. Pensada para aquele momento específico, em que a comunidade faria um gesto de ofertas, o texto da música era, simplesmente, a frase tema da Assembleia: “Deus, em tua graça, transforma o mundo”.

Figura 1: Primeira parte da partitura Deus em tua graça, transforma o mundo!

Deus, em tua graça, transforma o mundo!

Theme for the 9th Assembly of the WCC Louis Marcelo Illenseer, Brazil

The musical score is written for piano and voice. It features a 3/4 time signature and a key signature of one sharp (F#). The tempo is marked 'Andante'. The score consists of four systems. The first two systems are piano accompaniment. The third system includes a vocal line with lyrics in Portuguese, Spanish, French, and German. The fourth system is piano accompaniment. The lyrics are: Deus, em tu - a gra - ça, trans - for - ma o mun - do! / God, in your grace, trans - form the world! / Dios, en tu gra - cia, trans - for - ma el mun - do! / Ô Dieu, dans ta grâ - ce trans - for - me le mon - de! / Gott, in dei - ner Gna - de, ver - wand - le die Welt!

* Male voices

Fonte: Site do Conselho Mundial de Igrejas²³⁷

Além da frase do tema da 9ª Assembleia em português, na liturgia constava o texto traduzido para outros quatro idiomas: inglês, alemão, francês e espanhol. Conseguimos compor a métrica da canção, equilibrando a melodia e os acentos musicais com as sílabas fortes dos textos nas cinco línguas propostas. No momento das ofertas na celebração, a canção foi cantada, nas cinco línguas, pelos grupos musicais locais de Porto Alegre, que estavam presentes: o Coral Jovem da Cepa, da Comunidade Evangélica de Porto Alegre e o Grupo Vocal da Catedral Anglicana de Porto Alegre. Ambos os grupos, na época, eram conduzidos pelo autor deste trabalho acadêmico. A música, posteriormente, foi incluída no repertório do Livro de Culto da Assembleia, e cantada também em 2006, durante alguns momentos celebrativos da Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas.

A melodia e o ritmo da canção, com sua harmonia, possibilitam a realização de um cânone e é de fácil interpretação. Traz, como modelo rítmico, o ritmo contextualizado do *chamame*²³⁸, como elemento musical de inculturação. A criação musical desta canção nasce a partir de uma demanda (alguém requisitou uma nova canção), foi criada de acordo com os propósitos da demanda e serviu como canção tema da 9ª Assembleia do CMI, como expressão de louvor/devoção pela unidade cristã na caminhada ecumênica.

A motivação para a criação desta música, portanto, surge da demanda de pessoas que preparavam um dos primeiros encontros preparatórios da 9ª Assembleia do CMI. O texto já estava dado; não houve alteração no texto, que compreende o tema então escolhido para o encontro ecumênico. A música nasceu da acentuação do texto: *Deus, em tu-a gra-ça, trans-for-ma o mun-do*. Na frase, separada por sílabas, a marcação das sílabas fortes sugeriu, no momento da criação musical no ano de 2004, acentos próximos ao ritmo do *chamame*. Este ritmo próprio do sul da América do Sul, expressa um elemento da cultura local e, com isso, ajudou a expressar, para utilização dos encontros de orações ecumênicos, uma característica da cultura regional, em um evento mundial/internacional.

²³⁷ Disponível em: http://wcc2006.info/uploads/media/Deus_em_tua_gra_a_page_1_and_2.pdf Acesso em 12 jan. 2023.

²³⁸ O chamamé pode ser considerado um estilo musical do sul da América do Sul. Wikipedia trata o termo como de origem argentina e difundido pelo Paraguai, sul do Brasil e Uruguai. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Chamam%C3%A9> Acesso em: 30 jan. 2023.

4.2 OS ENCONTROS DE COMPOSIÇÃO E A DIVERSIDADE DE COMPONENTES PEDAGÓGICO/LITÚRGICOS

Uma vez descrito acima o que se leva em conta no processo de composição musical individual, por parte do autor, entra em cena o *processo pedagógico de orientação e condução de oficinas de composição*. As técnicas de composição do autor, brevemente narradas acima, não servem como normativas para as pessoas participantes de encontros e oficinas. O método busca a troca de saberes. Não há, no contexto das oficinas, quem sabe mais e quem sabe menos. Todas as pessoas que se encontram para a prática de composição têm suas experiências e suas contribuições.

O papel pedagógico da pessoa que coordena os encontros de composição reside na *condução* do encontro/oficina. Busca-se estimular a expressão de saberes e experiências que transformar-se-ão em canções ricas em diversidade, para o culto cristão. O princípio da condução segue o mesmo fio de ação, conforme descrito acima no contexto da performance de grupos vocais/instrumentais. Os saberes das pessoas com maior, menor ou nenhuma experiência em composição musical são tratados de modo heterárquico. Os relatos de experiência abaixo, embora apresentem formas distintas de organização, engendram o princípio da troca de saberes que possibilita criações coletivas de recursos e de criações individuais próprias para o que imaginamos como o *bem celebrar*.

4.2.1 Breve histórico sobre os distintos contextos de composição

Como se formam os grupos que participam das oficinas de composição? Que motivação elas apresentam para participar de um processo de criação musical? Antes de pensar em um grupo que se reúne com o objetivo de compor, apresentamos, segundo as experiências de condução de oficinas promovidas pelo autor, dois contextos distintos de atuação na prática de composições litúrgico/musicais.

Um dos contextos engloba grupos ecumênicos, como o grupo da Red Create, já citado acima.²³⁹ Este grupo se caracteriza pelo encontro de pessoas *com experiência em liturgia e composição* em âmbitos denominacionais e ecumênicos. As

²³⁹ Disponível em: <https://redcreate.org.ar/> Acesso em 04 fev. 2023.

experiências de composição do grupo que se articula em torno da *Red Create* de Liturgia apresentam dinâmicas distintas de criação de recursos do outro agrupamento de experiências que levam em consideração a composição de pessoas sem experiências, ou, em outras palavras, com *iniciação em composição musical*. Este agrupamento perfaz as experiências dos *Encontros de Composição de Antífonas de Salmos*²⁴⁰, *Oficinas do Musisacra do Sínodo Espírito Santo a Belém*²⁴¹ e *encontros de produção de recursos litúrgicos para o projeto Palavra na Liturgia, do Centro de Recursos Litúrgicos do Beatitude, da Faculdades EST*.²⁴²

Apresentaremos, a seguir, relatos de experiências destes encontros seguindo uma ordem cronológica, iniciando, pois, o relato dos Encontros de Composição de Antífonas de Salmos, como primeira experiência de condução de encontros do autor, que se realizaram com apoio da IECLB entre os anos de 2005 e 2008.²⁴³

4.2.1.1 Encontros de Composição de Antífonas de Salmos

O projeto para criação/composição de Antífonas de Salmos foi uma iniciativa no então Conselho de Liturgia da IECLB, do ano de 2005, que na época era coordenado pela diácona e Doutora em Liturgia, Sissi Georg. O objetivo era ajudar a divulgar o Lecionário Comum Revisado da IECLB.²⁴⁴

Lecionário é uma coletânea de leituras bíblicas, criteriosamente escolhidas para as diferentes ocasiões em que a comunidade cristã se coloca sob a palavra de Deus. Ao trabalharmos o tema do lecionário, integramo-nos num movimento milenar na igreja cristã.²⁴⁵

A coletânea de leituras bíblicas, previstas para os cultos via lecionário, possibilita que outras denominações cristãs, e a IECLB, tenham quase sempre os mesmos textos bíblicos lidos em datas litúrgicas específicas. O lecionário, pois, indica

²⁴⁰ Algumas composições resultantes dos encontros de composição de Antífonas de Salmos podem ser encontradas no site da IECLB. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/antifonas-2> Acesso em 04 fev. 2023.

²⁴¹ Dois livros com as composições do Musisacra foram publicados. Musisacra 1, disponível em: http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livros-digitais/Musisacra-Caderno_1.pdf e Musisacra 2, disponível em: http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livros-digitais/Musisacra-Caderno_2.pdf Acesso em 04 fev. 2023.

²⁴² Os 6 volumes já publicados pelo projeto “Palavra na Liturgia” encontram-se na aba do CRL, que faz parte do site do Beatitude. Disponível em: <https://beatitude.com.br/index.php/crl/> Acesso em 05 fev. 2023.

²⁴³ ILLENSEER, 2010, p. 136-139.

²⁴⁴ **Lecionário comum revisado da IECLB**/coordenação Sissi Georg. São Leopoldo: Oikos, 2007.

²⁴⁵ Lecionário comum revisado da IECLB, 2007, p. 5.

leituras bíblicas de acordo com calendário litúrgico que é comum, ecumênico, mas que também tem suas diferenças.

O lecionário registra a existência do grupo de trabalho para a composição de antífonas, que na época, tinha a coordenação do autor desta pesquisa. Assim o texto introdutório do lecionário apresenta o significado das antífonas de Salmos e relata o trabalho de musicalização dos textos das antífonas:

O lecionário prevê uma antífona para o Salmo de cada domingo ou festa. Em algumas tradições, transforma-se o primeiro versículo de cada Salmo em antífona. A indicação feita pelo grupo de trabalho pode ser modificada. Há um trabalho de composição de antífonas iniciado em novembro de 2005. Foi dada a liberdade ao grupo de compositores para que escolham outro versículo como antífona. Além das composições que serão feitas em 2006 e 2007, podem ser feitas novas composições.²⁴⁶

A antífona do Salmo funciona como uma espécie de refrão do Salmo, onde este refrão é cantado, e as outras partes são faladas. Não temos como averiguar se a prática litúrgica de ler o Salmo e cantar um versículo se estabeleceu nos cultos da IECLB, embora “o referido Lecionário passa a ser, assim, diretriz oficial da IECLB”²⁴⁷. Estas palavras são do então pastor presidente da IECLB, Walter Altmann, na apresentação do lecionário. Em nossa experiência de culto, poucas vezes utilizamos o canto das antífonas de Salmos, pois a moldagem da liturgia, em grande medida, é assumida pelo pastor ou pastora das comunidades onde atuamos.

A tarefa de musicalizar as antífonas foi o objetivo de mais de um grupo, que se reuniu em diferentes regiões da IECLB, nas cidades de São Leopoldo-RS, Curitiba-PR e Vitória-ES. Ocorreram 7 encontros nos anos de 2005 a 2007, que contaram com aproximadamente quarenta pessoas.

Os grupos que se formaram para esta tarefa reuniram pessoas com diferentes saberes em torno dos temas da liturgia e de estruturação musical. Não era, portanto, uma reunião de pessoas especialistas em música ou liturgia. Na época, São Leopoldo reuniu uma maioria de estudantes de teologia, de diferentes níveis de formação teológica, enquanto Curitiba e Vitória reuniram musicistas e alguns/algumas ministros/as interessados/as no tema.

Cada encontro contou, em média, com 10 participantes, alguns com conhecimento formal em música (com conhecimentos em grafia musical e

²⁴⁶ Lecionário comum revisado da IECLB, 2007, p. 13.

²⁴⁷ Lecionário comum revisado da IECLB, 2007, p. 3.

regras de contraponto e harmonia) e outros sem essa experiência. A razão principal para a inclusão de pessoas com diferentes níveis de conhecimento formal em música foi a possibilidade de trocas significativas, visando à composição dessas melodias, a partir de textos bíblicos dados que, de acordo com as regras gramaticais e com o sentido teológico, também puderam ser adaptadas.²⁴⁸

Este texto, escrito em 2010, sugere a ideia de trocas significativas para o trabalho coletivo de composição musical, o que resultou em muitas composições de antífonas. Foram criadas mais de 200 antífonas. Algumas estão disponíveis no site oficial da IECLB²⁴⁹ e outras foram incluídas no Livro de Canto da IECLB²⁵⁰.

A análise que apresentamos, a seguir, é da Antífona do Salmo 116.13, que está publicada no Livro de Canto da IECLB, número 127.²⁵¹ O autor da antífona é Mario Guilherme Rupf, natural da cidade de Domingos Martins-ES. Rupf foi um dos participantes do encontro de produção de Antífonas na cidade de Vitória-ES, em 2006, na época, adolescente, estudante de música em projetos de educação musical do município de Domingos Martins e membro dos grupos musicais da comunidade evangélica da cidade.

A canção é um refrão, tem texto e melodias breves, tomando o versículo 13 do Salmo 116 da versão da bíblia em português Almeida Revista e Corrigida²⁵², que tem a seguinte redação: “Tomarei o cálice da salvação e invocarei o nome do Senhor”. Este versículo é previsto como antífona para os três anos, A, B e C do Lecionário, para a *quinta-feira da Paixão*. A partitura segue abaixo:

Figura 2: Partitura da Antífona do Salmo 116.13

²⁴⁸ ILLENSEER, 2010, p. 137.

²⁴⁹ Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/antifonas-2> Acesso em 30 jan. 2023.

²⁵⁰ No Livro de Canto da IECLB, os Salmos musicados e algumas das antífonas perfazem a primeira grande seção de LCI. Os Salmos, propriamente, estão listados do número 85 até o 139.

²⁵¹ Livro de Canto da IECLB, 2017, nº 127.

²⁵² Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

26. Antífona do Salmo 116.13

Quinta-feira da Paixão - Anos A, B e C

Mário Guilherme Rupf

To - ma - rei o cá - li - ce da sal - va - ção e in -
vo - ca - rei o no - me do Se - nhor.

Fonte: acervo pessoal de partituras das antífonas em domínio do autor.

Escolhemos a figura da partitura que consta em nosso acervo pessoal, que representa o material composicional original, posteriormente publicado no Livro de Canto da IECLB. Observa-se que o texto do versículo 13 não sofre alteração da versão de Almeida. Rupf divide a composição em duas frases, a primeira frase com 11 sílabas e a segunda frase com 10 sílabas, sendo que ocorre uma elisão²⁵³ na primeira sílaba da segunda frase.

A surpresa musical na composição de Rupf, no contexto de canções litúrgicas que desprezam recursos harmônicos, é a possibilidade da utilização de harmonia não usual para repertórios eclesiais. A canção inicia com a melodia na nota musical (altura) Fa# (fá sustenido). A cifra que acompanha este som define-se como o acorde de Sol com Sétima Maior. Na harmonia ocidental, a sétima maior (a distância entre a nota musical SOL e a nota musical FA#) é definida como uma dissonância, que sugere-se não utilizar da forma como foi utilizada. A sonoridade proporcionada pela dissonância da nota da melodia com o som da harmonia é típica de repertórios de música popular brasileira (MPB). Para a MPB um acorde de sétima é considerado um acorde comum. Porém, para a prática litúrgico/musical convencional, esta dissonância musical encontra resistências para a performance de canções durante o culto. Na sequência da progressão melódica, a harmonia caminha por acordes de sétima

²⁵³ [Gramática] Fonética. Processo fonético que consiste na supressão da vogal final átona quando esta estiver diante da vogal que inicia a palavra que se segue: d'água - da água. [Música] Sobreposição do tempo forte que termina uma sequência rítmica sobre o tempo que inicia a próxima sequência rítmica. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/elisao/> Acesso em 10 jan. 2023.

menor, que são acordes pouco usuais no repertório de hinos e cantos litúrgicos da corrente “tradicional” do culto protestante.

Este exemplo de composição nasceu da mente criativa de uma pessoa jovem, à época de sua composição, e apresenta características musicais que povoam as experiências e gostos musicais de Rupf. Sua composição reflete a memória musical construída a partir destes gostos e experiências e, no momento em que ele foi estimulado a compor algo para o contexto litúrgico, foi evocada uma sonoridade brasileira, que imprimiu um pouco da cultura brasileira no texto litúrgico.

4.2.1.2 Encontros da Red Create

A Red Create compõe-se como uma rede de liturgia latino-americana com pessoas com vasta experiência em produção de recursos litúrgicos. O autor foi convidado a integrar a Red Create logo após a realização da 9ª Assembleia do CMI de fevereiro de 2006. A Red Create estabeleceu uma parceria com o CMI e, em 2008, organizou um encontro no Seminário Teológico de Matanzas, Cuba, onde participamos. O objetivo do encontro consistiu em criar recursos litúrgicos variados, inclusive canções, para compor uma publicação do CMI.²⁵⁴ Este trabalho foi coletiva, litúrgica e ecumenicamente pensado para Advento, com o tema da superação da violência. Por isso seu título “Imaginar a paz”. O grupo da Red Create, como dito acima, é formado por pessoas especialistas em liturgia e música, de várias igrejas da América Latina. Do Brasil, participaram, em 2008, a teóloga e compositora metodista Simei Monteiro e o autor deste trabalho. Naquele encontro participaram pessoas de Cuba, Argentina, México, Venezuela, Colômbia, Nicarágua, Peru e Jamaica, de igrejas batistas, reformadas, presbiterianas, metodistas e luteranas.²⁵⁵ Este encontro, em especial, tinha um objetivo específico a pedido do CMI, recebeu recursos do CMI e concluiu o trabalho através da publicação já referenciada. Apresentamos um breve histórico e uma análise de uma das criações coletivas deste material:

Figura 3: Envio

²⁵⁴ Os recursos criados coletivamente, organizados pelo coordenador da Red Create, Gerardo Oberman, encontram-se neste e-book. Disponível em: http://www.overcomingviolence.org/fileadmin/files/wcc-main/2008pdfs/imagine_peace.pdf Acesso em 30 jan. 2023.

²⁵⁵ Disponível em: http://www.overcomingviolence.org/fileadmin/files/wcc-main/2008pdfs/imagine_peace.pdf Acesso em 30 jan. 2023, p. 78-79.

Envío (*Sending*)*Moderato*

1. El que vi - no con la paz, _____ ¡el Sal - va - dor! _____
 2. El que vi - no con la paz, _____ ¡el Sal - va - dor! _____
 1. He who came to us with peace, _____ the Sav - ior! _____
 2. He who came to us with peace, _____ the Sav - ior! _____

Nos en - ví - a a las ca - lles, a las flo - res, al do - lor. _____
 Nos en - ví - a a las ca - lles, al si - len - cio y li - ber - tad. _____
 sends us now in - to the streets, _____ to the flow - ers and the pain. _____
 sends us now in - to the streets, _____ to keep si - lent and to speak, _____

Nos en - ví - a a las ca - lles, sus o - lo - res, su sa - bor. _____
 Nos en - ví - a a las ca - lles, a - nun - cian - do su ver - dad. _____
 sends us now in - to the streets, _____ to their smell and to their taste. _____
 sends us now in - to the streets, _____ to an - nounce true lib - er - ty. _____

© 2008. Creación Colectiva, Matanzas, Cuba. Collective Creation, Matanzas, Cuba.

Fonte: E-book “Imagine Peace”²⁵⁶

A nossa tradução a partir do espanhol:

Aquele que vem com a paz, o Salvador, nos envia às ruas, para as flores, para as dores, nos envia para as ruas, seus cheiros e sabores. Aquele que vem com a paz, o Salvador, nos envia para as ruas, ao silêncio e liberdade, nos envia para as ruas, anunciando a sua verdade.²⁵⁷

Vejamos o texto, em primeiro lugar. A canção foi criada coletivamente, por um grupo de quatro pessoas, no qual o autor participou. O texto indica seu sentido litúrgico: o envio. “No *Envío*, a pessoa oficiante impele a comunidade para sair e servir ao Senhor no mundo”.²⁵⁸ O texto da canção *Envío*, da Red Create, não apresenta de forma contundente a dimensão do serviço proposta por Kirst, embora a última sentença aponte para o “anúncio da verdade”. O texto da canção aponta, segundo a nossa perspectiva, para a conexão entre vida e culto. Teologicamente, quem envia a comunidade para viver no mundo é Jesus, aquele que vem com a paz e é o Salvador das pessoas crentes. Neste texto não há conflito com a visão da forma clássica do

²⁵⁶ Disponível em: http://www.overcomingviolence.org/fileadmin/files/wcc-main/2008pdfs/Imagine_peace.pdf Acesso em 30 jan. 2023, p. 48.

²⁵⁷ Tradução nossa.

²⁵⁸ KIRST, 1993, p. 70.

Envio,²⁵⁹ mas há uma busca para conectar elementos da vida (do cotidiano) no texto, como a própria rua, as flores, cheiros, sabores, dores, silêncio e liberdade. Há um destaque para os sentidos humanos, que amplia o horizonte de experiências deste envio.

Musicalmente, esta canção recebeu uma contribuição brasileira na sua concepção, embora o texto original seja na língua espanhola. A utilização de sínopes²⁶⁰ remete a estilos/gêneros de música brasileira como o chorinho, o samba canção ou bossa nova, uma vez que andamento, conforme sugere a partitura, é moderado, nem rápido, nem muito lento. A síncope identifica a brasilidade, introduz a cultura brasileira no modo de entoar a canção litúrgica; já o texto, na língua espanhola, identifica povos e culturas latino-americanas. Por isso, destaca-se nesta canção da Red Create, um somatório de elementos que condizem com a linha argumentativa que propomos nesta pesquisa: no processo de composição houve **troca de saberes, diálogo entre culturas**, a canção **tem sentido litúrgico** e, teologicamente, busca a **conexão entre culto e vida**. A vida das pessoas que saem da igreja após o término do culto é marcada pelo serviço a Deus. Ainda que, diretamente, a diretriz litúrgica não esteja visível no texto, tomar as ruas, sentir cheiros, sabores, admirar flores, acalmar dores aponta para a presença de Deus no cotidiano da vida.

4.2.1.3 Oficinas do Musisacra do SESB

Objetivando incrementar repertórios cristãos para a vida da IECLB, as oficinas do Musisacra foram implementadas pelo Sínodo Espírito Santo a Belém desde o ano de 2012.

Em 2012, o conselho de música se motivou a criar “oficinas de composição para Musisacra” com a intenção de dar espaço também para lideranças que estavam buscando formação em produção de canções inéditas. As oficinas foram conduzidas pelo músico e catequista Louis Marcelo Illenseer, de Sapiranga (RS), que trabalhou a primeira oficina em 08 e 09 de setembro de 2012, na Associação Albergue Martim Lutero (AAML), em Vitória, e em 23 e 24 de fevereiro de 2013 a oficina de arranjos musicais, na ADL. Ambas resultaram em mais de 50 músicas inéditas, em que foi possível aprimorar

²⁵⁹ “A forma clássica do *Envio* é: P: Ide em paz e servi ao Senhor! C: Demos graças a Deus”. KIRST, 1993, p. 70.

²⁶⁰ A síncope, ou sínopa pode ser traduzida como uma célula rítmica, com três sons, nos quais o primeiro e o terceiro sons são curtos, e o segundo é um pouco mais longo, com diferenças de acentuação e utilizada em músicas de todo mundo. No Brasil, porém, identifica-se o uso predominante de sínopes nos elementos rítmicos do samba, maxixe e em diversos outros estilos/gêneros da música brasileira.

conhecimentos de letra, poesia, escrita musical, arranjo, instrumentação, composição para vozes, edição de partituras em softwares específicos, liturgia, teologia da música, confessionalidade luterana, interpretação, prática de conjunto.²⁶¹

Este breve relato aponta para uma metodologia própria deste tipo de encontro: primeiro se propunha o encontro para composição; o segundo encontro/oficina servia para a criação de arranjos musicais para as músicas compostas. Como diz o texto, os vários elementos, como criar letras, aprender sobre escrita musical e também pensar em teologia da música e confessionalidade luterana funcionam como objetivos específicos do objetivo maior que é compor e, buscando integrar participantes com diferentes perfis e conhecimentos, oriundos das comunidades luteranas que integram o Sínodo.

Hoje as oficinas são espaços de aprendizagem, pois não há um critério que defina o perfil dos participantes, pois o propósito é a composição coletiva, com colaboração de todos os participantes. Para celebrar este resultado e divulgar as canções, um novo passo vem sendo dado: os Cadernos do Musisacra. As 90 canções escritas desde 2012 estão colocadas em dois cadernos que têm o propósito de ampliar o repertório das comunidades da IECLB e enriquecer o trabalho dos grupos.²⁶²

E como consequência dos encontros realizados nos últimos anos, o Sínodo investiu em e-books com as partituras. São dois cadernos com partituras que estão disponíveis gratuitamente, numa parceria do Sínodo com a Faculdades EST.²⁶³ Estes dois cadernos apresentam, portanto, o resultado de alguns anos de trabalho na criação de repertórios inéditos para as comunidades. Vejamos uma das canções do primeiro caderno do Musisacra, que tem por título “Deus quer que levemos o amor”.

Deus se revela a nós, a cada manhã, com o brilho do sol. Nos permite mais uma vez abrir nossos olhos vendo a criação.

Est.: Deus quer que levemos o amor, e a paz para o irmão que precisa só de nós da nossa mão.

São muitos os que sofrem, tantos motivos de dor. Preconceito, injustiça, violência, tanta guerra e rancor.

²⁶¹ PONATH, Vinícius; ILLENSEER, Louis M. **Musisacra**: caderno 1; Conselho de Música do Sínodo Espírito Santo a Belém. São Leopoldo: Faculdades EST, 2020a, p. 6.

²⁶² PONATH, ILLENSEER, 2020a, p. 6.

²⁶³ PONATH, Vinícius; ILLENSEER, Louis M. **Musisacra**: caderno 2; Conselho de Música do Sínodo Espírito Santo a Belém. São Leopoldo: Faculdades EST, 2020b.

Tantas crianças que choram, necessitam de pão. Jesus Cristo ensinou para nós, somos irmãs e irmãos.²⁶⁴

Um breve olhar sobre o texto revela que há um sentimento de que o mundo é injusto, pois há preconceito, injustiça, violência, crianças com fome e a preocupação com o meio ambiente e que, por isso, Deus quer que as pessoas, que percebem estes problemas do mundo, levem o amor de Deus. O grupo que compôs esta canção, à época de uma das primeiras oficinas do Muisacra, era composto por três estudantes e um professor da Associação Diacônica Luterana (ADL): Emanuely Henke, Lorryne Henke, Leidiane Pisoler e o professor Wendel Ponaht. O texto reflete, assim, a preocupação com o cotidiano da vida, com aquilo que não anda tão bem no dia a dia e propõe que o ser humano escute a vontade de Deus que vai no sentido do amor pela sua criação, o que ultrapassa o espaço do culto como momento para a performance desta canção.

Em termos musicais, a melodia tem uma estrutura em ritmo quaternário e o grupo executou a canção em um arranjo coral. As estudantes, na época, não haviam composto uma canção. Foi a primeira experiência de criação coletiva do grupo. O professor Wendel já tinha alguma experiência individual, porém, ainda insipiente sobre criação musical. A canção apresenta impulsos do gênero pop, próprio do gosto musical das compositoras e seu professor. É possível perceber este processo de evocação da memória, de um estilo pop para a composição musical. Uma gravação da canção tem, no início de 2023, mais de 2800 visualizações.²⁶⁵

4.2.1.4 Encontro de Produção de Recursos Litúrgicos para o Palavra na Liturgia

O projeto “Palavra na Liturgia”, do CRL da Faculdades EST, foi imaginado como uma forma de reunir experiências diversas em torno de elementos litúrgicos, como orações, cantos e ideias criativas para o culto cristão, a partir de textos bíblicos do Lecionário Comum Revisado. Foram produzidos seis e-books com recursos

²⁶⁴ PONATH, ILLENSEER, 2020a, p. 75.

²⁶⁵ Neste link é possível ver uma gravação que foi realizada durante o tempo da Pandemia da Covid-19. É uma canção postada no YouTube no ano de 2021, e já tem mais de 2.800 visualizações, o que pode ser considerado um excelente número de visualizações. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=faRr2_1O1fs Acesso em 10 jan. 2023.

litúrgicos, de 2017 a 2022, dos quais utilizaremos o último exemplar para análise²⁶⁶. Em termos de repertório musical, há um grande número de canções publicadas, vindas de diferentes lugares da América Latina e de pessoas colaboradoras de denominações cristãs diversas. Grande parte das pessoas colaboradoras do projeto são membros da IECLB, ministros, ministras, musicistas e pessoas engajadas e entusiastas da liturgia. Destacamos um trecho da apresentação do último volume do *Palavra na Liturgia*:

Aqui e ali ainda se escuta uma compreensão esfacelada da liturgia. As lideranças religiosas preparam a prédica, outro grupo prepara a liturgia e a equipe de música ensaia os cantos. O risco de que uma liturgia assim construída não pulse a vida das pessoas e da comunidade é muito grande. Da mesma forma, se escuta queixas de liturgias engessadas, frias, pobres de arte e música, sermões que não comunicam o Evangelho, cultos com pouca participação da comunidade. Suspeitamos que essa lista de queixas seja sintoma de um culto preparado à revelia da Palavra. Moldar a liturgia a partir da Palavra, como propõe a Reforma da Igreja, dá trabalho. Mas, um culto bem feito, faz circular o Evangelho, cria e mantém a fé da comunidade. Sabendo disso, criamos o projeto Palavra na Liturgia, que quer servir de suporte para a vida litúrgica de comunidades ecumênicas da América Latina.²⁶⁷

A proposta do *Palavra na Liturgia* aponta para um sentido de criatividade, com recursos inéditos e formas diferenciadas de pensar orações e canções a partir dos textos bíblicos, *conectados* com o cotidiano. Pensado em mutirão, assim como todas as outras experiências acima descritas, o *Palavra na Liturgia* oportuniza uma maior participação e o acolhimento da diversidade de vozes que traduzem as suas realidades em recursos litúrgicos. Como acontecem os mutirões do *Palavra na Liturgia*?

Em geral são promovidos encontros presenciais nas dependências da Faculdades EST, com possibilidade de participação online. A equipe do CRL do Beatitude reúne os textos bíblicos que serão trabalhados naquele ano e, nos encontros, os textos são distribuídos e as pessoas criam diversos recursos, orações, músicas, imagens e ideias litúrgicas a partir dos textos pré-selecionados. As pessoas colaboradoras também propõem recursos sem necessariamente participarem dos encontros. Em especial, ao final do período estabelecido para que os recursos sejam

²⁶⁶ ADAM, Júlio C.; ILLENSEER, Louis M; SALDANHA, Marcelo R. **A Palavra na Liturgia**: recursos litúrgicos musicais a partir de textos bíblicos do lecionário ecumênico. Ano A. São Leopoldo: Faculdades EST, 2022.

²⁶⁷ ADAM, ILLENSEER, SALDANHA, 2022, p. 6.

reunidos e o e-book seja preparado, busca-se auxílio para a partilha de recursos de forma individualizada, acionando pessoas colaboradoras para tal tarefa.

No caso das pessoas que participam do projeto Palavra na Liturgia, as experiências das pessoas colaboradoras são diversas. Há participantes com experiência em composição musical, como o autor da pesquisa, o prof. Dr. Rodolfo Gaede Neto²⁶⁸, Márcio Lisboa²⁶⁹, Soraya H. Eberle²⁷⁰, dentre outras pessoas que tem experiências em composição. Mas há muitas pessoas que participam dos encontros sem nunca ter tido a experiência de compor. Assim, o “público” do projeto é heterogêneo. Nos processos de composição dos encontros do Palavra na Liturgia há muito trabalho coletivo, com troca de experiências, onde uma pessoa escreve o texto e outra pessoa cria a música.

Um exemplo de uma canção criada em mutirão num dos últimos encontros no ano de 2022 é a composição do pastor Antônio Carlos Oliveira²⁷¹, Guilherme Hass²⁷² e Pedro Henrique Furtado Kruger²⁷³.

Figura 4: Partitura da canção “Tua Palavra é água boa”.

²⁶⁸ Neste link é possível acessar grande parte da produção musical e teológica do professor e pastor Rodolfo Gaede Neto. Disponível em: <https://www.rodolfogaede.com/> Acesso em 06 fev. 2023.

²⁶⁹ Márcio Lisboa é musicista na Igreja Presbiteriana Independente. Um breve histórico de sua atuação pode ser encontrado neste link. Disponível em: <http://www.hinologia.org/marcio-lisboa/> Acesso em 06 fev. 2023.

²⁷⁰ Soraya H. Eberle musicista e doutora em Teologia e seu trabalho referencia esta pesquisa. Disponível em <https://www.linkedin.com/in/soraya-heinrich-eberle-46a997207/?originalSubdomain=hn> Acesso em 06 jan. 2023.

²⁷¹ Antônio Carlos Oliveira é pastor da IECLB, responsável pela pastoral universitária na comunidade acadêmica da Faculdades EST. Disponível em: <http://www.est.edu.br/noticias/visualiza/pastoral-universitaria> Acesso em 06 fev. 2023.

²⁷² Estudante de Teologia na Faculdades EST. Disponível em; <http://www.est.edu.br/noticias/visualiza/faculdades-est-presente-no-acampa500> Acesso em 06 fev. 2023.

²⁷³ Pedro Henrique formou-se como estudante do curso livre de música na ADL, em 2022. Disponível em; <https://www.linkedin.com/in/pedro-henrique-furtado-kr%C3%BCger-762321232/?originalSubdomain=br> Acesso em 06 fev. 2023.

$\text{♩} = 105$

Tu-a pa-la-vra'é á-gua-bo - a. Tu-a pa-la-vra'é á-gua-bo - a de be - ber.

9 Tu-a pa-la-vra'é á-gua-bo - a. Tu-a pa-la-vra'é á-gua-bo - a de be - ber. A-le-lu-ia,

18 A-le-lu-ia, A-le-lu-ia, A-le-lu-ia, A-le-lu-ia, A-le-lu-ia, Á-gua bo-a'i - rá cor-rer_

27 se em Cris-to vo-cê-crer. Á-gua bo-a'i - rá cor-rer_ se em Cris-to

38 vo - cê - crer. se em Cris-to vo - cê - crer.

Fonte: E-book Palavra na Liturgia²⁷⁴

Primeiramente, observamos que a canção é baseada no texto bíblico de João 7.37-39, previsto para culto de Vigília de Pentecostes. Um trecho dos versículos 37 e 38 dizem assim: “Se alguém tem sede, venha a mim e beberá, aquele que crê em mim!”²⁷⁵ E a canção fala em “Aleluia”, o que pressupõe que a canção tenha função litúrgica de aclamação da leitura do Evangelho. Sendo a canção uma aclamação, o trio de compositores tomou as palavras de Jesus e as colocou na perspectiva do ser humano, na “voz do povo”: “Tua palavra é água boa. Tua palavra é água boa de beber! Aleluia, aleluia, aleluia (...) Água boa irá correr, se em Cristo você crer”.

Musicalmente, a canção foi pensada e interpretada no encontro na levada do estilo musical brasileiro/nordestino chamado *baião*.²⁷⁶ Esta canção é, claramente, um

²⁷⁴ ADAM, ILLENSEER, SALDANHA, 2022, p. 84.

²⁷⁵ **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2003, p. 1862.

²⁷⁶ “*Baião* é um gênero de música e dança popular da região Nordeste do Brasil, derivado de um tipo de lundu, denominado ‘*baiano*’, de cujo nome é corruptela. O baião utiliza muito os

exemplo de música inculturada. A referência ao texto bíblico está marcada no texto, sua função litúrgica de aclamar a leitura bíblica do evangelho está presente e, musicalmente, há brasilidade na canção por seu ritmo. A canção expressa, assim, a conexão necessária entre liturgia, interpretação bíblica e a cultura local ou brasileira. O projeto Palavra na Liturgia proporciona este tipo de experiência para quem participa do mutirão.

Em relação ao processo de mediação da oficina/encontro do projeto Palavra na Liturgia, destaca-se que grande parte da condução da oficina reside no papel de motivação e de auxílio em questões técnicas no campo da música. As pessoas colaboradoras que se envolvem nos mutirões apresentam diferentes experiências e saberes diversos em torno dos processos de criação. Todas, entretanto, buscam elementos criativos para a expressão litúrgica. A mediação/condução dos encontros trata de deixar fluir a energia da criação, ajuda a organizar grupos ou dialoga com quem deseja criar individualmente, com um mínimo de ação invasiva, para que a expressão pessoal/individual do recurso criado, seja este recurso litúrgico um texto, uma oração, uma imagem, gesto litúrgico ou canção, possa expressar a experiência da pessoa que participa do encontro. A coletividade, na ação de troca de saberes e experiências, coloca-se como parâmetro para saber se o que está sendo criado tem sentido, é significativo ou, se precisa ser ressignificado ou recriado. Ao final dos encontros há uma exposição dos recursos criados, e, após a partilha de criações, a equipe do CRL encaminha e prepara os materiais para que futuramente componham o e-book.

4.2.2 Análise geral das práticas litúrgico/musicais de composição musical

Quando qualquer tema é tratado no âmbito das ciências litúrgicas e os assuntos giram e se cruzam em torno do culto cristão, não há como negar a dimensão da *coletividade* no encontro entre Deus e uma comunidade. Não se descarta o elemento da individualidade da pessoa que decide ir ao culto e da pessoa que se

seguintes instrumentos musicais: viola caipira, triângulo, flauta doce e acordeão (também chamado de sanfona). A rabeca é apontada como o instrumento característico do Baião, dada a sonoridade lembrar a da sanfona que por sua vez seria a mais identificada quando o ritmo se tornou conhecido nacional e internacionalmente. Os sons destes instrumentos são intercalados ao canto. A temática do baião é o cotidiano dos sertanejos e das dificuldades da vida dos tais, como na canção 'Asa Branca' que fala do sofrimento do sertanejo em função da seca nordestina". Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Bai%C3%A3o_\(m%C3%BAsica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bai%C3%A3o_(m%C3%BAsica)) Acesso em 13 jan. 2023.

propõe a compor canções para o louvor cristão. O culto, porém, é um evento coletivo. Independentemente da perspectiva do culto cristão, se ele é concebido de forma tradicional, convencional, libertadora, decolonial, etc., o culto acontece com no mínimo duas pessoas, como Jesus mesmo apontou: “pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (Mateus 18.20).²⁷⁷

A participação das pessoas no culto cristão protestante luterano (fixemo-nos no recorte espacial da IECLB) passa pela pregação do Evangelho que envolve as partes litúrgicas diversas, a prédica, a administração dos sacramentos, formas litúrgicas diversas e, dentre elas, as práticas litúrgico/musicais. O canto em comunidade, a participação dos grupos no momento do culto, a entoação de textos, os sinos, os choros, risadas e tudo o que envolve as infinitas possibilidades sonoras de uma celebração envolve a participação de pessoas que encontram-se reunidas, no momento do culto.

A realidade de muitos cultos da IECLB, dos quais nós já experimentamos nos diversos espaços onde conduzimos a música, sugere que não é o todo da comunidade que é envolvida na participação mais ativa da música para o culto cristão. Pessoas que “gostam de música” envolvem-se, com maior comprometimento, em grupos musicais da comunidade e no canto comunitário. Contudo, nem todas as pessoas podem ou querem cantar nos cultos; nem todas as pessoas se interessam pela música e contentam-se com a audição.

A fé é o elemento que impulsiona as pessoas para o encontro com Deus. No culto, as pessoas crentes se encontram e se valem de sons, imagens, símbolos e tantos outros elementos para criar a comunicação ritual com Deus. A liturgia define os passos e o ordenamento dos elementos e a música entra como possibilidade. Se o culto é moldado e repensado a partir da experiência das pessoas, como defende Carvalhaes, estabelecem-se critérios diversos de organização deste encontro entre Deus e as pessoas, porque o foco recai na valorização da diversidade e, na perspectiva decolonial, reside principalmente no resgate das vozes silenciadas.

Daí entra a cultura e sua diversidade, como chave de articular a inculturação da liturgia, ampliando possibilidades de ingresso de novas composições, criadas a partir das experiências individuais/coletivas, *glocais*, de acordo com textos bíblicos ou

²⁷⁷ Bíblia de Jerusalém, 2003, Mateus 18.20, p. 1737.

com elementos da vasta herança litúrgica que conectam o cotidiano com o evangelho. Pois, afinal, o evangelho não foi uma ação divina voltada para o culto; o culto é uma ação que brota da ação do evangelho na vida, por isso o culto tem a tarefa de conectar a vida e experiências das pessoas com as dimensões divinas. Não se pensa liturgia a partir da liturgia, não se pensa música a partir de critérios pré-estabelecidos e considerados imutáveis; se pensa e se molda culto e música com a participação ativa de quem se sente motivado a participar, entendendo que isto não deve ser pensado como uma ação forçada para toda a comunidade, mas para quem “gosta de música”.

A apresentação de alguns exemplos de canções criadas em diferentes contextos, com diferentes fins e a partir de pessoas com diferentes experiências, reforça a ideia de que o culto, como espaço que acolhe estes repertórios, é um espaço para a **diversidade litúrgico/musical**, como reiteramos. O moldar da liturgia, portanto, não pode se esquivar da herança da constância, do núcleo que o mundo luterano definiu como administração da palavra de Deus e sacramentos. Mas o moldar precisa apostar na experiência, na perspectiva que busca escapar dos modos convencionais, que excluem, minimizam e ridicularizam as experiências das pessoas, da vida e do cotidiano. Por isso, concordamos com Witla, que em seu artigo afirma que há “três características descolonizadoras da liturgia libertadora: como ela eleva a experiência cotidiana concreta do povo, como é baseada na comunidade e como é transformadora.”²⁷⁸

Por isso, os quatro processos de composição coletivos relatados acima, possuem características comuns que, recolocadas na perspectiva de um processo de descentralização do pensamento teológico, propõem outros termos de conversação para as práticas litúrgico/musicais, resultando em repertórios que expressam elementos da cultura, do cotidiano, e tornam-se elementos da inculturação que debatemos.

No sentido de elevar ou destacar a experiência cotidiana da vida das pessoas, as práticas de composição relatadas encontram motivação na vida, no cotidiano e nas experiências culturais das pessoas que criam as canções. Nos encontros de composição de antífonas, muitas melodias demonstram elementos musicais

²⁷⁸ WITLA, 2021, p. 146. “three decolonizing characteristics of liberating liturgy: how it lifts up the concrete everyday experience of the people, how it is community based, and how it is transformative” (tradução nossa).

brasileiros. Nos encontros da Red Create, a experiência musical amplia-se para sotaques e estilos latino-americanos. No Musisacra aparecem elementos musicais da cultura pop que invade as mídias e que encontram eco nos estilos musicais gospel e, também surgem melodias muito semelhantes aos antigos hinos luteranos ainda em uso nas comunidades capixabas do interior. E nos encontros de produção de recursos litúrgicos do Palavra na Liturgia, texto e música são repensados de forma criativa, partindo da motivação bíblica, voltadas para a comunidade, como via de transformação de quem faz e de quem recebe a nova criação musical, com linguagens que apostam em elementos diversos da cultura. Evita-se a uniformidade nos processos de criação de recursos, inclusas as canções para o culto cristão.

Em termos de criação musical, portanto, outros termos de conversação são necessários e implicam em uma negociação franca e direta com pessoas que entendem que a composição musical exige formação acadêmica e pré-requisitos inalcançáveis para muitas pessoas que compartilham a satisfação de criar uma canção que será cantada em algum momento, em algum culto de alguma comunidade luterana brasileira. Negociar os termos, portanto, implica em *troca de saberes* e não em imposição de conhecimentos supostamente mais avançados. O argumento teológico/decolonial que defendemos aposta na ideia de que os saberes populares, expressos em linguagens musicais popular, brotam genuinamente de experiências de *coletividade* e, por isso, são saberes que negociam com equidade com outros saberes. E por esta condição de coletividade, de diálogo heterárquico, entende-se que um culto com recursos produzidos por pessoas da comunidade, a partir de impulsos da cultura, dos saberes, integra o que chamamos de *bem celebrar*.

O culto não deveria ser pensado como uma ação de pessoas especialistas e isoladas da comunidade; o culto deveria ser pensado e articulado como um espaço amplo de possibilidades de engajamento de muitas pessoas, a partir de suas expressões de fé, com estratégias de resgate de vozes silenciadas, de trocas de saberes, incluindo aí o que se produz antecipadamente, em termos de sonoridades musicais que carregam o cotidiano e as culturas locais/globais para o centro da celebração.

Pessoas especialistas que moldam os cultos, incluindo ministros/ministras e musicistas e, as pessoas crentes que participam do culto, que formam a comunidade, são coletivos que têm papéis diferenciados na hora do encontro com o divino; um

grupo pensa o culto e outro participa do culto. Se o culto é pensado somente por uma pessoa, poderá dispor de maior significado da diversidade e de coletividade no seu moldar? Saberá trazer a experiência das pessoas na moldagem litúrgica? O coletivo não representa melhor a ideia de inculturação que remete à encarnação de Cristo?

A seguir apresentaremos uma experiência que consideramos significativa no preparo de um culto completo²⁷⁹, com participação de um grupo de jovens estudantes da ADL, que engendra muitos elementos que temos afirmado até aqui, em especial as canções. Esta experiência proporcionou momentos de criação musical, de moldagem litúrgica coletiva, valorizando o cotidiano e a experiência das pessoas participantes, com acento litúrgico em gestos, movimentação da comunidade e troca de espaços litúrgicos, tudo enredado a partir de uma leitura do evangelho de Mateus. A experiência, como argumentamos, exemplifica um grande passo de distanciamento do modo convencional de organizar o culto cristão por este acento em novas sonoridades e gestos.

4.3 RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA LITURGIA MOLDADA SIGNIFICATIVAMENTE COM REPERTÓRIO CRIADO COLETIVAMENTE²⁸⁰

Para concluir a argumentação de nossa linha de pensamento, que enreda reflexões sobre o fazer litúrgico/musical, ressignificado na busca por abandonar pressupostos convencionais/coloniais, apresentamos, a seguir, uma análise de um estudo que fizemos nos anos de 2018 e 2019, na Associação Diacônica Luterana (ADL) na localidade de Lagoa Pelada, município de Afonso Cláudio-ES, com o objetivo de levantar suspeitas sobre a visão de culto de jovens estudantes desta escola luterana de música de educação não formal, que congrega, em sua maioria, jovens luteranos e luteranas, principalmente do estado do Espírito Santo. A ADL congrega

²⁷⁹ Culto completo compreende um culto cristão com quatro partes litúrgicas: Liturgia de Entrada, Liturgia da Palavra, Liturgia da Ceia e Liturgia da Despedida.

²⁸⁰ A experiência foi compartilhada em um evento da Societas Liturgia, na cidade de Durham, Inglaterra, em 2019. O título da apresentação foi: "Building affectivity liturgy with young people" (Contruindo liturgia afetiva (significativa) com jovens – tradução nossa). Para a apresentação no evento, readequamos um artigo publicado na revista Tear Online. ILLENSEER, Louis M. Projeto "Culto com jovens" na Associação Diacônica Luterana (ADL) **Tear Online**, V. 7, nº2, jul-dez. 2018, p. 171-181. Disponível em: [Projeto "Culto com jovens" na Associação Diacônica Luterana \(ADL\) | Illenseer | TEAR ONLINE \(est.com.br\)](https://www.societas-liturgica.org/wp-content/uploads/2019/03/NewsLetter-SL-44-Durham-2019-2.pdf) Acesso em 25 jan. 2023. Registro da apresentação em Durham disponível em: <https://www.societas-liturgica.org/wp-content/uploads/2019/03/NewsLetter-SL-44-Durham-2019-2.pdf> Acesso em 25 jan. 2023.

em média 60 adolescentes, divididos em quatro anos de estudos, com uma faixa etária que gira em torno de 13/14 anos até 20/21 anos.²⁸¹

O grupo de estudantes do quarto ano da ADL do ano de 2018 foi desafiado a moldar a liturgia de um culto completo. As e os estudantes nunca haviam realizado a experiência de moldar e conduzir um culto completo. Elas e eles tinham experiências em moldar e conduzir breves meditações, acompanhados pelos e pelas discentes da casa, além de suas experiências de culto comunitárias das localidades/cidades de onde eles vieram.

As e os estudantes da ADL, daquele ano e de hoje, são, em sua grande maioria, membros de comunidades evangélico/luteranas e, portanto, experimentam a liturgia conduzida por ministros e ministras que atuam nas comunidades. As e os jovens que estudam na ADL residem nas dependências da mesma, sendo que nos finais de semana eles e elas podem retornar para suas casas e, assim, participar dos cultos dominicais em suas comunidades.

A experiência de moldar uma liturgia de um culto completo com jovens já foi publicada e traz elementos importantes para o debate que propomos sobre o *bem celebrar*. Neste texto, elencamos alguns pontos do artigo e confrontamos os temas que tratamos até aqui com os tópicos da experiência relatada e vivenciada pelo autor da pesquisa.

4.3.1 O contexto e a proposta litúrgica

A primeira ação com o grupo de 16 adolescentes, estudantes do quarto ano do ano de 2018, foi realizar uma enquete sobre a importância do culto e a importância da espiritualidade para a vida deles e delas.

“Numa escala crescente de 1 a 10, que importância você dá ao culto? Sendo 1 para menor importância e 10 para a máxima importância). As 15 manifestações (um estudante faltou), a votação ficou assim definida: uma manifestação para 10, uma para 9, quatro para 7, duas para 6; três votos para 5, e um para 1, para 2 e 3. Ainda houve uma manifestação que não soube responder. Ou seja, em média, a maior da turma não dá grande importância ao culto, pois a maior parte dos votos oscilou entre 5 e 7. (...) Neste caso [*da espiritualidade*], a importância da espiritualidade apresentou sete manifestações para 10, duas para 9, e uma para 2, 5, 7 e 8 e duas

²⁸¹ Para maiores informações sobre a ADL, ver o site oficial da instituição. Disponível em: <https://www.adl.org.br/> Acesso em 26 jan. 2023.

manifestações que não souberam responder. Neste caso, a média ficou acima de 8, pois a maioria acha importantíssimo cuidar da espiritualidade.²⁸²

Esta breve enquete revela que o culto convencional não é imprescindível na vida destas pessoas jovens. Há uma diferença expressiva entre o que o grupo entende/sente por culto e o que entende/sente por espiritualidade. Após a enquete, lançamos uma questão: não deveria o culto ser o espaço apropriado para o desenvolvimento da espiritualidade das pessoas? As reações de algumas pessoas do grupo indicaram que a espiritualidade não depende do culto, mas pode ser encontrada na família, com amigos e amigas, nas mídias. O culto luterano, para parte do grupo, identifica-se como um espaço para o encontro das famílias,²⁸³ mas que a busca e vivência de espiritualidade ultrapassa o culto luterano e a vida em comunidade.

Se depreende desta enquete que a IECLB, na sua oferta de cultos, não atende expectativas dos e das jovens, e que a espiritualidade, que tem definições muito fluidas para o contexto da experiência, tem *maior* importância na vida das pessoas jovens. Não intentamos, aqui, destacar e discutir os dados estatísticos da enquete por ela não atende aos requisitos metodológicos adequados. A apresentação deste aspecto neste trabalho oportuniza a ampliação de possibilidades para o moldar litúrgico, elevando o grau de participação dos e das jovens estudantes no preparo e na condução de uma liturgia. Isto, de acordo com as suas ideias e perspectivas, diversas dos modos convencionais de culto, onde há pouco espaço para a participação no processo de moldar o culto e isto indica que o culto é uma tarefa de especialistas. Em nossa experiência, foi dada vazão para a criatividade, também para a criação musical, como veremos logo a seguir.

Este processo levou o grupo de jovens estudante a pensar na possibilidade de fazer um culto “diferente” dos cultos que eles já experimentaram.

Foi proposta e organizada uma agenda de encontros de preparação [do culto]. Como os autores são conhecidos dos alunos, pois já atuaram na instituição em cursos de curta duração e neste projeto de modo mais extenso, a proposta foi aceita sem muitos questionamentos. E também foi expresso, por parte de algumas pessoas que pensariam na ideia de não participar, uma vez que a adesão ao projeto era voluntária. Ninguém expressou, no primeiro momento, algum tipo de comentário de conotação negativa. Elas e eles aceitaram a ideia de fazer um culto, que, na proposta, deveria trazer algo de diferente dos cultos tradicionais da região do Espírito Santo, de onde a

²⁸² ILLENSEER, 2018b, p. 174.

²⁸³ Grande parte das comunidades luteranas no estado do Espírito Santo encontram-se em áreas rurais e a igreja tem função de socialização para além do elemento religioso.

maioria é oriunda. Falamos para o grupo que, este “algo diferente” está no foco dos pesquisadores e que, o processo todo seria avaliado para possibilitar o incremento de conhecimento sobre liturgia e juventudes.²⁸⁴

Os e as jovens estudantes tinham diferentes experiências de culto cristão, e aceitaram o desafio de “fazer um culto diferente”, moldando a liturgia coletivamente. Fizemos uma preparação sobre partes litúrgicas com o grupo, adentramos em alguns encontros preparatórios onde abordamos sobre significados das partes litúrgicas, a importância das quatro grandes repartições litúrgicas (liturgia de entrada, da palavra, ceia e despedida) e buscamos, então, moldar um culto completo que pudesse expressar o encontro entre Deus e sua comunidade de acordo com o olhar dos e das jovens estudantes naquele contexto específico e com grande leque de possibilidades gestuais, musicais, artísticas e criativas, de um modo geral.²⁸⁵ O “diferente” da moldagem desta experiência de culto para um culto convencional fica por conta das dinâmicas que perpassaram a liturgia, a partir de um texto bíblico escolhido que serviu de motivação para a criação de dinâmicas que mobilizaram as pessoas por praticamente todo o tempo da celebração.

O culto foi pensado para acontecer em espaços diferentes: salão principal da instituição, pátio externo e campo de futebol. Cada espaço teria uma *estação*, representando algum momento litúrgico, identificado com o texto bíblico. Imaginou-se um “caminho” que a comunidade deveria fazer por estas estações a partir da parábola da pessoa semeadora.

Ele dizia: “Eis que o semeador saiu a semear. E ao semear, uma parte da semente caiu à beira do caminho e as aves vieram e a comeram. Outra parte caiu em lugares pedregosos, onde não havia muita terra. Logo brotou, porque a terra era pouco profunda. Mas ao surgir o sol, queimou-se e, por não ter raiz, secou. Outra ainda caiu entre os espinhos. Os espinhos cresceram e a abafaram. Outra parte, finalmente, caiu em terra boa e produziu fruto, uma cem, outra sessenta e outra trinta. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!”²⁸⁶

Assim, a liturgia de entrada seria realizada no salão principal da instituição e que, a interpretação da palavra seria realizada no decorrer do caminho, no pátio externo, passando pelas estações até chegar ao campo de futebol onde foi realizada

²⁸⁴ ILLENSEER, 2018b, p. 174. Grifo nosso.

²⁸⁵ Esta experiência aconteceu em uma escola de educação não formal. Não foi uma experiência de uma comunidade. Mas o grupo de estudantes, em 2018, era majoritariamente luterano e a própria ADL é uma instituição luterana que realiza cultos e meditações semanalmente com a participação dos e das estudantes.

²⁸⁶ Bíblia de Jerusalém, 2003, Mateus 13.3b-9, p. 1727.

a comunhão em torno do sacramento da Santa Ceia: esta, representando a terra boa da interpretação da palavra bíblica.

Em segundo lugar, a liturgia que resultou do trabalho de equipe integrou a interpretação da palavra em todo o roteiro litúrgico. Abaixo segue o roteiro litúrgico moldado pelo grupo, que foi publicado do modo como foi finalizado, com costuras e também dúvidas que restaram sobre o culto.

Culto ADL, quarta-feira, 03 de outubro de 2018

Equipe organizadora: estudantes do 4º ano de 2018 da ADL e Louis Marcelo Illenseer, mestrando das Faculdades EST, São Leopoldo.

Liturgia de entrada (na sala principal da instituição)

1. Acolhida

(com uma poesia)

2. Invocação

3. Cantos (grupo de instrumentistas)

439 – Semente de libertação

Canto do Musisacra: Deus quer que levemos

*Importante: avisar que o Livro de Culto será utilizado somente na capela; não levar para as estações.

4. Explicação da dinâmica, da peregrinação pelas estações de Mateus 13

Convidamos todas e todos para uma experiência de caminhada, de peregrinação. Muitas pessoas buscam caminhos, como aquela rota europeia de Santiago de Compostela, para tentar encontrar a si mesmos, si mesmas, ou encontrar a paz. Nossa peregrinação será bem curta, mas vamos parar em 4 estações. Nós não faremos como no culto de Tomé, onde as pessoas podem escolher as estações. Nós vamos fazer uma trilha conjuntamente. Em cada trilha vocês receberão sementes que serão semeadas. Em cada estação vamos ler um versículo bíblico e vamos conversar sobre o que significa cada estação e cada parada na estação.

5. Saída (cantando)

Queremos te ouvir, Jesus, nos ensina Jesus, seguimos o teu caminho, nos ensina Jesus, queremos espalhar as sementes, nos ensina Jesus, pedimos tua bênção, Senhor, nos ensina Jesus.

Instruções sobre cada estação: a) Cada estação vai ter umas 4 cumbucas com sementes, velas, uma precisa de espinhos, outra de pedras. A primeira estação, da estrada, precisa estar demarcada para saber onde o povo vai

parar. Na última estação (da fogueira) precisamos de terra boa, seria bom ter terra em vasos ou potes ou não sei... temos que ver..

Processo: Canta e caminha, chega na estação, lê o versículo bíblico de Mateus, faz as perguntas e conversa. Lembra das ações do dia anterior.

6. A estação das sementes na estrada

Leitura do trecho de Mateus 13 que fala das sementes na estrada.

Questões: As sementes que caíram na estrada foram comidas pelos passarinhos. Que relação vocês fazem com a vida de vocês? A discussão que ocorreu ontem à noite, que ninguém ajudou, não seria uma semente comida pelo passarinho? (a estação reflete a cena teatral da noite anterior, onde a aluna do quarto ano destratou a aluna do primeiro ano).

Canto para troca de estação: *Nos ensina Jesus.*

7. A estação das pedras

Leitura do trecho de Mateus 13 que fala das sementes no meio das pedras.

As sementes que caíram no meio das pedras não conseguem crescer. As raízes não conseguem se prender. O que as pedras representam para vocês? Quem fez orações na mesa colocada ali no pátio interno? Falar sobre as questões sociais, problemas, pedras no caminho...

8. A estação dos espinhos vai ter confissão de pecados

Leitura do trecho de Mateus 13 que fala das sementes que caíram entre espinhos.

Oração de confissão de pecados.

Como vocês interpretam os espinhos? Seriam eles barreiras para ver as coisas boas que acontecem a nossa volta? Vocês viram as flores nas mesas do refeitório? Os recados nos grampinhos? Os abraços?

9. A estação da terra boa

Leitura do trecho de Mateus 13 que fala das sementes que caíram em terra boa.

Quais são as ações que resultam em plantas boas? Em terra boa? O que faz crescer as plantas?

Conversa. Já na fogueira, após passarmos pelas quatro estações, ler um trecho de Tiago... orar e agir. Comentar e pedir que as pessoas ainda reajam. Finaliza com AMÉM

10. Cantos pra fogueira – Elefante, música da turma,

11. Oração pelas dores do mundo e de pessoas próximas

Leitura das Orações da caixa de papelão

Orações espontâneas

12. Oração da eucaristia

A estrutura da oração eucarística está aqui. Dani faz um texto mais informal sobre esta estrutura.

- Ofertório
- Diálogo
- Anamnese
- Palavras da instituição
- Invocação do Espírito Santo
- Lembrança das pessoas que não estão aqui (mortos) e comunhão com todos os que já foram e os que estão presentes
- Pai nosso

Fração

Convite

13. Partilha do pão e suco de uva

14. Bênção - abraço e unção com óleo. As estudantes vão fazer a ação com as e os participantes.

15. Integração Tempo para integração ao redor da fogueira e mais cantos.²⁸⁷

De acordo com a liturgia acima, é possível perceber que as divisões litúrgicas estão presentes. Aquilo que é da parte da constância, de White, segue como fio condutor, ou seja, a palavra lida (o texto bíblico) e a ceia, enredados por liturgia de entrada e despedida. O culto moldado pelo grupo de estudantes da ADL tem respaldo na tradição litúrgica. Não excluiu partes imprescindíveis.

As partes 1 a 3 identificam a liturgia de entrada. Houve uma acolhida com um poema²⁸⁸, que deu início ao culto. Foi recitada a saudação trinitária e em seguida, duas canções foram cantadas com toda a comunidade²⁸⁹: uma delas é a canção “*Semente de Libertação*”, composição do prof. Dr. Edson Ponick que se encontra no

²⁸⁷ ILLENSEER, 2018b, 177-179.

²⁸⁸ Infelizmente, muitos recursos não foram registrados, e não temos os dados sobre o poema e outras partes litúrgicas que foram criadas e conduzidas pelos e pelas estudantes.

²⁸⁹ A comunidade consistiu no grupo de estudantes da ADL, professoras e professores.

Livro de Canto da IECLB.²⁹⁰ O texto desta canção afina-se com o tema do culto, que tratou de interpretar o texto bíblico da *parábola da pessoa semeadora*. E a segunda canção cantada pela comunidade foi analisada acima, como uma canção que nasceu no contexto do Musisacra: “*Deus quer que levemos o amor*”. A música criada no contexto do Musisacra, oficina que muitas vezes aconteceu nas dependências da ADL, entrou na liturgia a partir da escolha das e dos jovens estudantes²⁹¹.

Após a acolhida da liturgia de entrada, foi realizada a explicação da dinâmica das estações, sempre através das e dos jovens.²⁹² A equipe mobilizou a comunidade para a experiência das estações, ou seja, para que a comunidade deixasse o salão e se encaminhasse para a primeira estação, no pátio interno da instituição²⁹³. Ao sair da sala, havia um canto processional, que foi uma criação coletiva do grupo. Vejamos a partitura, abaixo.

Figura 4: Partitura da canção “Nos ensina, Jesus”.

The musical score is written in 4/4 time and consists of three staves. The lyrics are: "Que - re-mos te ou-vir Je - sus, nos en - si - na Je - sus. Se - gui-mos o teu ca - mi - nho, nos en - si - na Je - sus. Que - re-mos es-pa-lhar as se - men - tes, nos en - si - na Je - sus. Pe - di-mos tu - a bên - ção Se - nhor, nos en - si - na Je - sus." The chords are: C, G/B, Am, Fmaj7 Bdim, C, G/B, Am, Fmaj7 Bdim, C, G/B, Am, Fmaj7 Bdim, C.

Fonte: artigo da revista Tear Online.²⁹⁴

Tanto ao sair do salão para o pátio e, enquanto a comunidade caminhava de uma estação para a outra, esta canção ia sendo entoada e repetida. Este canto,

²⁹⁰ Livro de Canto da IECLB, 2017, nº 439.

²⁹¹ Uma das compositoras da canção era estudante e participou da moldagem do culto. O professor Wendel Ponaht participou do culto.

²⁹² A condução da preparação, os ensaios e outros elementos que precederam o culto foram conduzidos pelo autor da pesquisa. Na ação do culto, o autor da pesquisa se colocou como musicista, junto ao grupo de outras pessoas instrumentistas, cantores e cantoras e orientou algumas ações e gestos conforme combinações do grupo.

²⁹³ As estações foram previamente organizadas pela equipe dos e das estudantes.

²⁹⁴ ILLENSEER, 2018b, p. 177.

portanto, “costurou” as partes litúrgicas/interpretativas que levaram a comunidade até o campo, onde foi realizada a comunhão. A canção foi criada em uma das reuniões da equipe. A equipe litúrgica buscava alguma canção que pudesse ser entoada para marcar o momento de caminhada entre as quatro estações. Como não surgiram sugestões de repertórios para o momento processional, sugerimos a criação de uma canção.

Estabelecemos, em conjunto, que a canção deveria ter um texto curto, pois o culto foi celebrado a noite, e haveria problemas de iluminação para leituras diversas e distribuição de papéis entre a comunidade. Sendo uma canção curta, logo ela seria facilmente compreendida pela comunidade. E foi isto que aconteceu durante o culto: a comunidade aprendeu a canção com facilidade. A canção tem um texto curto, de quatro frases, e uma linha melódica que se repete nas quatro frases. Há pequenas variações rítmicas para encaixar as sílabas da canção. E a frase textual que dá título à canção faz a cláusula de cada uma das quatro frases. O andamento da canção é calmo. No culto, foi entoada em um andamento tranquilo, acompanhada por um violão. Durante o culto a canção foi repetida por quatro vezes: saindo do salão para a primeira estação, da primeira para a segunda, da segunda para a terceira e da terceira para a quarta estação. Enquanto a comunidade deixava uma estação em direção a outra, a canção era entoada.

Esta canção determinou a costura entre as diferentes partes da parábola da pessoa semeadora. Enquanto a comunidade se colocava ao redor de cada estação, havia uma condução litúrgica e o gesto de lançar sementes. Todas as pessoas receberam sementes, que foram sendo lançadas. A primeira estação estava à beira do caminho fora do salão, na via que é utilizada como passagem dos carros, conforme Mateus 13. A segunda estação foi ornamentada com pedras. A terceira estação foi montada com galhos e espinhos diversos. E a quarta estação reuniu terra própria para a agricultura. Cada estação tinha velas e panos de diversas cores. Conectando as estações, se fazia o gesto de caminhada, entoando a canção composta coletivamente.

As outras canções da celebração foram tocadas durante a comunhão. Não houve escolha de hinos ou canções para outras partes litúrgicas, em virtude da dificuldade de iluminação da caminhada. No salão, primeiramente, foram cantados hinos com o apoio do Livro de Canto e a canção do Misisacra, que é muito conhecida e ensaiada na ADL. Durante a comunhão, foram entoadas canções do repertório de

música brasileira que eram conhecidas pela comunidade de estudantes, professores e professoras da ADL: Vilarejo²⁹⁵, Mais bonito não há²⁹⁶, Trevo tu²⁹⁷, Oração²⁹⁸, Cio da Terra²⁹⁹ e Maria, Maria.³⁰⁰ A inclusão de música brasileira em um culto com jovens luteranos, mesmo que em contexto não comunitário, revela a demanda por processos de inculturação, pois as pessoas jovens sentem-se satisfeitas com uma ação celebrativa, como aconteceu em 2018 e como relatamos aqui nesta pesquisa.

4.3.2 Conclusões sobre o culto com jovens

Quais são as conclusões finais sobre a experiência litúrgica que envolveu a moldar litúrgico com jovens e a seleção e composição de uma canção para o culto? E como relacionamos a experiência do culto com jovens com os argumentos que levantamos no decorrer deste trabalho? Este culto representaria uma proposta de um culto do *bem celebrar*?

Buscando responder às questões acima, afirmamos que sim, este culto representa um modo de *bem celebrar*. Do modo como foi articulado, no contexto de uma instituição de ensino não formal, vinculado à IECLB, envolvendo jovens estudantes e a comunidade de professores e professoras, tanto o preparo quanto a própria performance litúrgica trouxeram elementos de profundo significado para as pessoas que participaram de todo o processo. Quais elementos da experiência litúrgica representam, então, o que nominamos de *bem celebrar*? Nós vamos tratar do culto como um todo, destacando a parte musical ao final destas conclusões.

Em primeiro lugar, a prédica não foi uma alocução. A prédica foi uma experiência, gestual, auditiva, visual, reflexiva e envolvente em torno da dinâmica das estações. A prédica perpassou a liturgia; a prédica, como um processo de

²⁹⁵ Canção de Marisa Monte, Pedro Baby, Carlinhos Brown e Arnaldo Antunes. Disponível em: https://www.marisamonte.com.br/musicas/_vilarejo/ Acesso em 20 jan. 2023.

²⁹⁶ Canção de Milton Nascimento e Tiago Iorc. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/arteaagenda/milton-nascimento-e-tiago-iorc-apresentam-mais-bonito-n%C3%A3o-h%C3%A1-em-porto-alegre-1.248852> Acesso em 20 jan. 2023.

²⁹⁷ Canção de Tiago Iorc e Ana Clara Caetano Costa. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/anavitoria/trevo/> Acesso em 20 jan. 2023.

²⁹⁸ Canção de Leo Fressato. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/a-banda-mais-bonita-da-cidade/1890483/> Acesso em 20 jan. 2023.

²⁹⁹ Canção de Milton Nascimento e Chico Buarque. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/86011/> Acesso em 20 jan. 2023.

³⁰⁰ Canção de Milton Nascimento e Fernando Brandt. Disponível em: <https://versoseprosas.com.br/historia-da-musica/maria-maria-milton-nascimento/> Acesso em 20 jan. 2023.

interpretação da palavra de Deus, percorreu as estações, as falas e todos os gestos que envolveram a comunidade e a equipe organizadora da liturgia. Se liturgia envolve movimento, como experimentamos no culto da ADL, Georg tem razão em afirmar que: “Liturgia não é algo estático, parado, engessado. A liturgia é ação. Em verdade, a liturgia compreende um conjunto de ações, e essas ações são simbólicas”.³⁰¹ As ações simbólicas, em torno das estações, o movimento entre as estações, as falas, orações, canção criada como elemento de conexão, tudo isso enredou a prédica e os elementos litúrgicos.

Este exemplo, quiçá, responde aos questionamentos de Souza:

Eis aqui um grande desafio para nós pregadores e pregadoras: como falar das coisas reais (salvação, perdão, reconciliação, amor) nas quais acreditamos de forma concreta, palpável, experimentável? Será que a música pode contribuir para que nossa pregação se torne mais concreta, mais pé no chão?³⁰²

De forma concreta, através de gestos, movimentos e símbolos, o culto expressou elementos da crença das e dos jovens estudantes da ADL, de forma a incluir as questões existenciais deles e delas, tanto das pessoas que organizaram quanto das que participaram do culto. Como exemplo, uma das estações foi definida para a confissão de pecados. Era a estação da beira do caminho. A reflexão teve uma ação prévia. No dia anterior ao culto, na instituição, foi combinada uma encenação de uma discussão entre uma estudante do quarto ano e uma estudante do primeiro ano.

Como a ADL funciona como um internato e as e os jovens convivem 24 horas por dia, planejou-se uma cena de teatro num intervalo de fim da tarde, onde uma menina do quarto ano e uma menina do primeiro ano forjaram uma “discussão” em torno de materiais de limpeza que foram supostamente esquecidos num corredor do prédio principal. O teatro previu uma discussão acalorada, onde a menina do quarto ano “humilhou” verbalmente a menina do primeiro ano. A cena foi realizada, causando diversas reações entre as pessoas que presenciaram o pequeno ato, que foi muito rápido.³⁰³

Este pequeno ato teve um objetivo de demonstrar uma ação opressiva, violenta e injusta sobre uma questão interna da instituição. Durante o culto, na estação de confissão de pecados, a equipe resgatou a cena, que praticamente todo o grupo de estudantes presenciou no dia anterior. “A reação da comunidade ao descobrir que a discussão do dia anterior fora um teatro causou grande impacto e deixou a pergunta

³⁰¹ GEORG, 2010, p. 25.

³⁰² SOUZA, 2010, p. 43.

³⁰³ ILLENSEER, 2018b, p. 175.

no ar: por que não interferimos em situações de injustiça?”³⁰⁴ O cotidiano, como referenciamos antes, foi trazido para a celebração. O que aconteceu em algum momento da vida daquelas pessoas jovens, foi resgatado na celebração e criou um momento de meditação e reflexão. Um momento da prédica/pregação foi vivenciado pela comunidade num processo de conexão entre o cotidiano da vida com a parte litúrgica da confissão de pecados, transformado em reflexão *coletiva* sobre as sementes jogadas na beira do caminho que não resultarão em frutos, porque não são cuidadas, como não houve cuidado com uma situação de injustiça, comum em espaços de convivência contínua.

O decolonial, se podemos atribuir este conceito para o contexto litúrgico desta experiência, reside, pois, na dimensão da coletividade que preparou o culto e que, conforme Witla, deu sentido das experiências do cotidiano *no momento do culto*, indicando que o culto não está alienado da realidade. O culto cristão, assim experimentado, trouxe uma perspectiva de participação, de comunhão, de preparo e cuidado, relacionando e conectando as expectativas das pessoas jovens envolvidas na experiência.

Outra faceta decolonial, ou emancipatória, reside na dimensão gestual e emocional das estações. A prédica, como afirmamos, não foi uma alocução racionalizada. A interpretação do texto foi fluida, a partir de um roteiro que possibilitou a experiência de cada pessoa participante ser a pessoa semeadora, em cada estação, com diversidade de sentidos e simbologias, conectadas por uma canção criada pelo grupo. O centro da prédica não era a forma intelectualizada de expressão da interpretação da palavra de Deus, mas o centro da prédica foi a conexão entre a diversidade de experiências em torno do texto bíblico. Como cada pessoa sentiu a sua participação neste culto, em especial? Não o sabemos dizer de modo racional, mas nos é permitido partilhar a dimensão da *afetividade coletiva*, que foi experimentada por todas as pessoas que participaram do culto. Havia muita emoção no decorrer da caminhada, na vivência de cada estação e, por fim, na ideia de que a terra boa encontra sentido na comunhão em torno do amor e da graça de Deus. Na última estação, as pessoas participantes se emocionaram, se abraçaram, choraram,

³⁰⁴ ILLENSEER, 2018b, p. 179.

conversaram, cantaram as canções populares enquanto as sementes eram *plantadas*, e não jogadas aleatoriamente.

Destaca-se, na experiência, que a oração eucarística aconteceu, recitada por uma estudante que reescreveu a liturgia com suas palavras. O comportamento da comunidade no decorrer da celebração eucarística não foi de seriedade e tristeza, embora algumas pessoas fizeram o gesto de silenciar e meditar quando comungaram o pão e o suco de uva. A equipe de liturgia desejou que este momento tivesse um caráter festivo, de encontro e comunhão com alegria, com expressões de satisfação pessoal e coletiva. E isto aconteceu. Havia música popular, havia fogueira, e a comunhão em torno do suco e do pão foi abundante; a comunidade foi convidada a receber os elementos e partilhar entre si durante todo o momento de comunhão. Não havia, pois, uma pessoa destacada para partilhar os elementos. Estes foram partilhados coletivamente, estavam sobre a mesa da comunhão e ali as pessoas puderam se servir à vontade. Assim, a ceia passou uma ideia de um jantar do cotidiano, uma experiência comum do cotidiano da vida, conectando ainda mais o culto com a realidade da vida daquela comunidade escolar.

Ao buscar a definição do culto, neste ponto da pesquisa, entendemos que nossa leitura teológica vislumbra uma experiência celebrativa holística, que atendeu não somente os aspectos racionais ou convencionais das pessoas participantes, mas garantiu a presença da herança estrutural litúrgica e desde a perspectiva de sons, gestos, imagens e produziu sensações, emoções e muita devoção. A devoção foi externada, como um sentimento coletivo, que brotou de indivíduos que estavam atentos a cada passo de todo o percurso litúrgico. Gestos, sentidos humanos, cores, formas, sons, cheiros, alimento, sensação de profunda satisfação e profunda afetividade entre as pessoas participantes fizeram da celebração um momento ímpar na vida daquela comunidade escolar.

4.3.3 A música da celebração da ADL

Em primeiro lugar, é importante observar que a prática de escolha de repertórios conectados à temática do culto é uma prática usual da função ministerial com ordenação, nos processos de moldagem litúrgica que ministros e ministras desenvolvem nas comunidades da IECLB. Como temos afirmado, o fazer

teológico/litúrgico convencional atribui um caráter ilustrativo ao repertório selecionado para o culto, antes de buscar ou perceber a força expressiva da proclamação evangélica que a música do culto pode vir a ter.

Em um primeiro olhar, o repertório musical da celebração da ADL deixa transparecer um caráter ilustrativo ou decorativo da música, pois a temática das canções está de acordo com o texto de Mateus 13. Com exceção das músicas do repertório popular brasileiro, que não se enquadram em uma visão convencional de culto, as canções da liturgia de entrada e a canção composta pelo grupo falam de sementes, caminhos, etc. *Que argumentos atestam que as canções desta celebração têm uma força evangélica rumo a um bem celebrar de caráter decolonial?*

A experiência de moldar o culto e de selecionar e criar uma canção proporcionou um processo coletivo de moldagem litúrgica, conduzido de forma heterárquica, com a participação de todo o grupo no processo de preparação, de condução do ato do culto e, posteriormente, de avaliação do que foi realizado. A ação de fazer o culto tornou-se uma meta, um objetivo para o grupo de estudantes. Esta meta foi acolhida pelo grupo e todas as pessoas auxiliaram nas práticas prévias e na celebração.

Na preparação do culto, as e os jovens escolheram as canções observando: a) a temática do texto bíblico, b) as dinâmicas, gestos e simbologias propostas para compor o culto e sua mensagem central e c) seus próprios gostos musicais. Deste processo coletivo, surgiu uma ideia de culto significativamente devocional, dinâmico e inculturado. A prática de preparar o culto, coletivamente, com acolhimento de todas as pessoas envolvidas é o primeiro elemento que garante um culto no sentido do bem celebrar. Daquilo que foi possível trabalhar com o grupo, sobre a herança litúrgica que perfaz a história do culto cristão, foi mantida na estrutura do culto. Foi realizado um culto completo. Nossa perspectiva, no entanto, não busca analisar o culto da perspectiva da liturgia, mas sim, da perspectiva do grupo que preparou e que depois celebrou o que foi proposto. O coletivo falou mais alto que o seguimento de normas litúrgicas, tanto que partes litúrgicas foram realocadas; na confissão de pecados, por exemplo, havia interpretação da palavra; na ceia também. A ceia, entendida como um jantar comunitário, com música popular, não deixou de lado sua estrutura de oração eucarística e o partilhar do pão e do suco de uva. Só que a palavra estava dentro da ceia, ao conectar a ceia com a terra boa da parábola de Jesus. E na terra boa, as

peças têm fartura e expressam a alegria de pertencimento a um grupo, com acento na afetividade, conforme nosso artigo descreveu.

Tanto a canção “Semente de Libertação” quanto a canção “Deus quer que levemos o amor” oferecem, por seus conteúdos teológicos, a ideia de que o culto ressalta o amor de Deus e o reflexo humano deste amor. Portanto, a escolha destas duas canções para abrir o momento celebrativo, forneceram maior significado evangélico que propriamente ilustrativo. Como temos afirmado, a música, pensada no culto convencional, tem caráter ilustrativo, e não evangélico. Em nossa leitura, as canções que perfazem o culto têm potência evangélica, são proclamadoras da palavra de Deus. Por isso, são também interpretação da mensagem bíblica da parábola da pessoa semeadora.

A canção “Deus quer que levemos o amor” é uma canção composta na ADL, nos encontros do Musisacra. A canção tem uma levada pop, como dissemos, e, portanto, expressa um gosto cultural de muitos grupos de juventudes brasileiras e, portanto, tem espaço em um culto onde a preocupação em envolver a participação das pessoas é uma exigência diaconal/missionária. A música fala que “Deus quer que levemos o amor e a paz para o irmão que precisa só de nós, da nossa mão”. A teologia desta frase não é uma teologia acadêmica ou profissional. É uma expressão singular de um grupo de jovens ansioso por encontrar soluções para os problemas de muitas pessoas. E o texto afirma que Deus quer a ação da parte de quem está celebrando o amor de Deus em comunidade. A ação diaconal é a ação de Deus, que passa pelas mãos das pessoas crentes, que querem entender o mundo e encontrar soluções. Esta não é uma possibilidade de comparação com o pensamento decolonial no campo acadêmico da sociologia e de outros componentes curriculares? Quais são as ações que brotam dos abalos provocados nas estruturas epistêmicas que sustentam nossos discursos e práticas no contexto das igrejas cristãs?

A canção “Semente de Libertação”, do compositor luterano Edson Ponick, é uma canção do repertório contemporâneo da IECLB e traz como mensagem o foco na ação divina, na história de Jesus que é o enviado de Deus, como semente para a libertação das pessoas das correntes que aprisionam. Evidenciamos o mesmo processo comparativo. A música de Ponick foca no amor que se alimenta do vinho e do pão para a criação de uma festa de libertação.

Semente que morre, que brota, então:
da uva ao vinho, do vinho ao pão,
e destes à fé e à esperança na festa da ressurreição.
Semente que morre e brota do chão:
da uva e do trigo se faz vinho e pão,
e destes o amor se alimenta na festa da libertação.³⁰⁵

A prática litúrgico/musical de composição que resultou na criação da canção processional do culto da ADL fez as pontes entre o preparo, a sensibilidade com o momento litúrgico, a simplicidade da estrutura musical como elemento chave para a canção e, o elemento *devocional/significativo* da canção, que pede a Jesus que ele ensine seu povo a caminhar entre as estações da vida, refletidas nos símbolos da parábola vivenciados nas estações. Quando a canção diz: “nos ensina, Jesus”, ela diz algo sobre a importância de Jesus para a vida humana, para o cotidiano, para que aquela experiência de culto seja experiência de vida das pessoas presentes e vice-versa. A canção criada coletivamente exerceu papel de conexão entre culto e vida, entre sagrado e profano, entre cotidiano e esperança de dias melhores.

Quando culto e cotidiano estão conectados, o *buen vivir*, na dimensão ritual do *bem celebrar*, faz a ponte entre o Jesus encarnado, apontado por Adam em suas reflexões, e a devoção que nasce da experiência de fé na vida, que passa pelo corpo das pessoas crentes presentes na celebração que não se desconecta da vida. A canção entoada, composta para ligar as estações, era acompanhada de passos, de direção. A reflexão racional proposta nas estações é também a reflexão do corpo, que caminha, que joga sementes experimentando a parábola de Jesus em seus caminhos reflexivos. “*Nos ensina, Jesus*” não isola Jesus num céu distante, numa adoração individual, mas aproxima Jesus da realidade do culto, da realidade da vida. Corpos que caminham são corpos devotos a Jesus. Cantam a devoção e encontram um clima litúrgico afetivo, de comunhão plena e significativa com Jesus, em todos os passos da celebração. As canções não atingiram somente a reflexão intelectual, mas trabalharam com as subjetividades de todas as pessoas que, em comunidade, experimentavam a Palavra encarnatória de Jesus.

O canto devocional passa pela igreja horizontal, apontada por Coelho³⁰⁶. A igreja horizontal segue outra epistemologia. A palavra de Deus cruza as dimensões da razão, emoção, físicas e espirituais dos corpos humanos que cantam, louvam,

³⁰⁵ Livro de Canto da IECLB, 2017, nº 439.

³⁰⁶ OLIVER, COELHO, 2021, p. 55.

devotam suas alegrias e dificuldades diante de Deus. O culto não seguiu uma ordem litúrgica ou teve uma condução impositiva; o culto dos jovens seguiu a música que nasceu no salão, no espaço convencional do encontro da comunidade, passou pelas estações do pátio e chegou ao campo de futebol, onde havia a estação da terra boa, da ceia do Senhor. Este caminho era horizontal, desde a sua preparação, através dos encontros prévios do grupo de jovens estudantes até a realização da celebração, de um jeito pensado por eles e elas. E, neste sentido, quebrou com o paradigma da hierarquia e apostou na heterarquia, onde as vozes das pessoas são escutadas na mesma proporção. A canção criada coletivamente faz muito sentido no processo desta experiência, e poderá fazer sentido em outras experiências de culto, liturgia, vida e bem celebrar.

O culto foi moldado e ocorreu segundo a pulsão do presente, na perspectiva de Carvalhaes, e conectou vida e liturgia. Como dissemos, os elementos imprescindíveis do fazer litúrgico, nesta experiência litúrgica, foram mantidos. O que desenhou o roteiro dinâmico, processional, lúdico, corpóreo foi a percepção do grupo de jovens sobre a vida e o texto bíblico, a partir de suas próprias buscas no campo da espiritualidade. Reafirmamos aqui, que a canção “Nos ensina, Jesus”, é uma ponte entre os desejos subjetivos das pessoas jovens que moldaram o culto e aquilo que eles buscam como espiritualidade, pois as suas buscas subjetivas passam por aquilo que eles vivenciam em suas experiências de culto formais e convencionais.

Há muitas semelhanças entre esta experiência de um grupo de jovens protestantes com a experiência sagrada e devocional do Maçambique de Osório, visto no capítulo 3, no ponto 3.3.4. A começar pelos diferentes espaços que são ocupados para os ritos devocionais: o salão, a rua, a igreja, os caminhos, o campo de futebol. Todos os espaços podem ser espaços para o sagrado. Assim, elimina-se o dualismo profano/sagrado. A canção composta para ser a canção de conexão entre as estações tem, em sua estrutura musical, semelhanças com os cantos do Maçambique, pois têm frases curtas, são repetidas e carregam o conteúdo apropriado para o momento em que estão sendo executadas. No caso da celebração da ADL, a canção não era festiva e acompanhada de percussão como as canções da congada do Rio Grande do Sul. O final da festa, entretanto, trouxe música brasileira para o momento de comunhão. No Maçambique de Osório, as canções de festa são entoadas no salão, com muita

dança, e revelam a alegria do povo negro que historicamente foi e segue sendo silenciado em suas expressões culturais/religiosas.

Uma reflexão importante sobre a prática litúrgico/musical de composição: quem deu corpo e voz para algo que serviu de recurso litúrgico foi um grupo, a partir de impulsos criativos, que se originaram do texto bíblico de Mateus 13; os recursos de memória e identificação de elementos sonoros está presente na melodia, pois trata-se de uma melodia comum no mundo ocidental. O texto, na terceira pessoa do plural, indica que a comunidade está reunida para ter o seu momento devocional, e precisa da ajuda de Jesus, de Deus pai, de Ruah, para viver sua vida numa perspectiva que não seja do viver vem, mas do bem viver, do bem celebrar; a prática composicional que ocorreu no grupo é praticamente inenarrável; a canção surgiu a partir daqueles critérios anteriormente expostos: a preocupação com pouco texto, frases curtas e repetitivas; a condução da dinâmica de composição foi dada, como ocorre nas oficinas supracitadas, com liberdade, com apontamentos práticos para o uso da canção por uma comunidade que precisa *bem celebrar* o rito proposto. E isto, de fato, aconteceu. Ao final da celebração e nos momentos de diálogo e avaliação, a satisfação, que envolve dimensões subjetivas das pessoas jovens que prepararam o culto, e também daquelas que participaram, era uma satisfação plena. O encontro com o sagrado não foi dualista; foi um processo de *religere*, de ligar a vida com o Deus que promove e sustenta a vida, e que garante vida digna para todas as pessoas.

Concluimos este ponto da reflexão com perguntas em vez de respostas. Seria esta celebração um oásis de um movimento litúrgico a caminho de um modo de operar decolonialmente a liturgia cristã? A prática de composição pode ser uma prática comum, estabelecida em comunidades protestantes? Que outras ações são necessárias para eliminar a convencionalidade que oprime, que ignora e desrespeita as vozes que são silenciadas pelo peso das ordens e leis, dentre elas as ordens litúrgicas ou estilos que buscam se sobrepor sobre as experiências de criação e devoção populares? A teologia prática pode defender o elemento da devoção como um elemento imprescindível no mundo protestante? Ou devemos ignorar este e outros elementos da religiosidade popular para assumir os esquemas herméticos da música sacra contemporânea que se expressa nos sons do mundo gospel?

Retomamos aqui, um parágrafo grifado do início do capítulo 3: *o fazer litúrgico/musical tem caráter de proclamação da Palavra de Deus no culto protestante.*

Na mediação do fazer litúrgico/musical, é preciso revelar a colonialidade oculta das retóricas/práticas/modos de moldar e definir as ações litúrgico/musicais, que compõem o modo convencional das práticas litúrgicas e, em um segundo momento, desenvolver estratégias para desprender-se da colonialidade, buscando, paralelamente, a valorização da diversidade de experiências sonoras de expressão de fé através de sonoridades que expressam devoção/louvor, como exercício ministerial da pregação do evangelho. A pergunta pela mediação ministerial da música não tem resposta. Que a música exerce potentemente a proclamação do evangelho, disso muitas pessoas não têm dúvidas. E por isso, seria possível imaginar a música da igreja como uma ação ministerial, indissociada do espaço do culto cristão. Mas a realidade é que a música da igreja precisa ultrapassar muito da colonialidade e da convencionalidade que a prende à construtos epistêmicos opressores e excludentes. O pensamento decolonial, como chave de interpretação de uma outra leitura teológica, orienta os passos de novos fazeres teológico-práticos, que este trabalho procurou desenvolver.

As experiências de composição musical, concebidas como práticas litúrgico/musicais da diversidade e da liberação, são passos no sentido do bem celebrar que confronta o império, coloca o foco na experiência, na comunidade e nos ritos a serviço da palavra libertadora de Deus. É para o Deus da libertação, da inclusão, do não preconceito, da liberdade e da unidade na diversidade que este texto é dedicado, com devoção e humildade.

5 CONCLUSÃO

A música do culto faz parte dos mistérios da relação divina com seu povo. Para além de uma visão entorpecida pelo entretenimento da indústria cultural, a música é expressão autêntica da vida humana, que está presente em cada lugar onde as pessoas têm liberdade para explorações sonoras que evoquem suas memórias e traduzam seus entornos culturais e influências nacionais ou globais. A música que se faz é expressão legítima dos grupos que se organizam em sociedade, e, no espaço do culto cristão, a música tem força evangélica, daí que a riqueza da diversidade procurou ser elevada na redação deste texto.

A crítica decolonial, esmiuçada nas primeiras páginas desta pesquisa, desafia as nossas estruturas epistêmicas para uma transformação radical nos modos de operação das reflexões e práticas litúrgico/musicais. A teologia prática, que engloba a liturgia e suas sonoridades se vê desafiada a construir discursos que abandonem a colonialidade do saber, do ser e do sentir, de acordo com a leitura que propomos. Na prática de composição musical para o culto, não é diferente. Como criamos e o que resulta de criações que surgem de mentes ressignificadas em suas bases epistêmicas pelo pensamento decolonial? Reafirmamos aqui, neste ponto da tese, que sim, que as bases epistêmicas estão em processo de ressignificação, de fuga dos colonialismos e construção de outras leituras e práticas engajadas com o respeito à diversidade e com afinco devocional.

Não esperamos que a leitura resultante deste trabalho acadêmico provoque mudanças substanciais nas práticas de música e culto da IECLB ou de outras igrejas cristãs. Seguiremos na busca constante por desvelar as colonialidades ocultas na lógica da modernidade, que realçam retóricas do viver bem, opostas às lógicas do *bem viver* que se desenvolvem em outras formas imaginadas de pensar, diversas da lógica ocidental, em meio às pessoas que têm sede por viver em comunhão, viver sob a graça do Deus que elas creem.

Neste sentido, a busca por definições de cultos no sentido do *bem celebrar* indica que há mais perguntas e dúvidas sobre as possíveis práticas litúrgico/musicais decoloniais na IECLB do que respostas, classificações e definições. Ao fugir de uma cosmovisão convencional, que prioriza os conteúdos estabelecidos nos moldes

ocidentais e nas suas formas de conceber o *ethos*, onde os conteúdos se sobrepõem acima das experiências das pessoas, buscamos construir espaços coletivos de criação, de produção de recursos para levantar novas vozes e elevar as possibilidades da manifestação do Espírito Santo por meio das criações. Na medida em que a reflexão proposta amplia a participação de pessoas nas práticas de criação de recursos, experimentamos a ação divina na diversidade de vozes que expressam seus louvores, adorações e devoções.

O *bem celebrar* aponta para uma possível tarefa que pode ser acolhida por pessoas engajadas na teologia prática: que ela seja útil para o mundo que existe além dos muros eclesiais, como sugere Hoch.³⁰⁷ O *bem celebrar*, enquanto ação coletiva, que expressa elementos da cultura local em negociação com os elementos da constância litúrgica, pode afirmar a identidade luterana e, ao mesmo tempo, afirmar o papel da diversidade como uma grandeza, como uma necessidade de unidade, desde que se respeitem, no sentido ecumênico, as práticas litúrgicas de outras denominações ou de outras comunidades. Nossa tese quer apontar para um caminho de valorização das experiências humanas, no sentido de valorizar o que se cria, o que se faz, porque a ação divina não depende das estruturas e das formas como nós enxergamos as práticas. A ação divina acontece como Deus quer.

Não apostamos, portanto, em uma forma litúrgica ou forma musical única para a expressão da devoção humana. Não apostamos em práticas musicais elitistas. Ao contrário, apostamos que Deus caminha nas margens, assim como Jesus caminhou nas margens de Jerusalém levando a palavra de Deus para as pessoas desprezadas de seu tempo. Aí reside a centralidade evangélica. A centralidade do culto, portanto, não está na forma, mas na valorização das experiências humanas como expressões legítimas das relações do Sagrado com as pessoas.

O exemplo que apresentamos e analisamos da experiência de um culto, criado coletivamente com um grupo de jovens com pouca ou nenhuma experiência em moldagem litúrgica, nos levam a pensar e afirmar que a experiência teve um *caráter decolonial*. Não que esta referência represente um status de superioridade a outras experiências de culto, como se esta experiência pudesse ser “melhor” ou “mais interessante” que outras experiências rituais. As seguintes características identificam

³⁰⁷ HOCH, 2011, p. 27.

o que entendemos por culto decolonial: a) *a moldagem e condução do culto foi coletiva; b) a interpretação/pregação da palavra foi diluída nas estações e proporcionou a participação de toda a comunidade; c) a música da celebração foi criada/selecionada coletivamente, portanto, ultrapassou a ideia convencional de que a música é ornamento e, portanto, serviu de veículo de pregação evangélica; d) a elevação das subjetividades não destituiu o elemento racional de compreensão da interpretação da palavra e da administração da ceia; ao contrário, a reflexão posterior sugere que a comunidade experimentou a palavra e a presença divina com muita intensidade, satisfação e afetividade e também racionalidade.*

O culto com jovens na ADL, com suas sonoridades, gestos, cores, cheiros, corpos, leituras, interpretações e condução coletiva ultrapassou dualismos, universalismos e racionalismos presentes nas lógicas convencionais de moldagem e de criação musical e, além de seu status decolonial, pode ser nominada e identificada como uma *liturgia luterana*. O culto proporcionou uma experiência identificada com a *teologia da graça*, que perpassa o elemento teológico do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes, que oportuniza que a Palavra de Deus e a administração dos sacramentos.

Para concluir, ainda destacamos que as experiências de composição coletiva, perpassadas pelas experiências individuais do autor na composição musical e na condução de encontros e oficinas para a criação de recursos, é entendida como uma experiência decolonial na medida em que favorece a coletividade e eleva as possibilidades de expressão de mais vozes para além da voz que “domina” ou “ministra” os saberes em espaços eclesiais. As composições exemplificadas aqui não são composições eruditas do ponto de vista da estética ocidental. Para muitas pessoas do mundo musical ocidental, certamente as composições apresentadas neste trabalho seriam consideradas, inclusive, composições musicais sem valor estético algum, ou no máximo teriam uma atribuição funcional, sem relevância para o meio musical acadêmico.

Em nossa leitura a relevância destes repertórios reside, em grande medida, na condução dos encontros que oportunizam a vazão expressiva das pessoas através da criação musical. Afirmamos, sem receio, que uma composição inédita, criada por pessoas que nunca criaram nada, eleva as experiências de satisfação pessoal e reforça o sentimento de pertença a um coletivo, pois a canção inédita, para além da

experiência pessoal, servirá como recurso para o canto comunitário em comunidades religiosas.

Assim como a prática de criação musical, as práticas devocionais, em nossa leitura, precisam ser resgatadas para o contexto acadêmico e para a atuação das lideranças comunitárias. Para o povo crente, não há o que sugerir, mas sim, há o que aprender com seus modos de expressão da fé. A leitura teológica que propomos quer aprender com o povo, com as pessoas que criam músicas, criam artes, dançam, veneram, louvam, devotam suas vidas para o sagrado, para o *bem viver* e para o *bem celebrar*. A responsabilidade da condução da música e da liturgia, na realidade das comunidades evangélico-luteranas da IECLB está na mão de poucas pessoas. Raras são as comunidades onde há muito envolvimento comunitário para o fazer litúrgico/musical. E espera-se que esta apologia ao resgate do elemento devocional proporcione discussões e debates que atestem ou refutem as ideias que aqui apresentamos.

Por isso, como elemento ainda a ser apresentado como excuro, é preciso investimento em *educação musical*, em especial para os grupos vocais/instrumentais que atuam e pregam o evangelho através da música na vida das comunidades. O acesso a saberes formais em música, alicerçado a saberes de ordem teológica e litúrgica, na perspectiva luterana, deve ser livre e incentivado. O povo crente quer celebrar, mas também quer aprender. Mas se não há incentivo ou estímulo para que as pessoas participem e queiram aprender sobre música, culto, liturgia, não há como participar. Porém, muitas pessoas deixam a vida da igreja protestante, porque o culto ou outros fatores não produzem sentido de pertença, de vínculo para estas pessoas que acabam procurando outras denominações ou abandonam a vida de fé. Mas a educação musical não deve ser critério para a participação do povo na vida musical da igreja. A educação musical, nos moldes de uma leitura teológica emancipatória, requer o respeito à diversidade e não pode ignorar o elemento espiritual, seja ele nominado como louvor, devoção ou adoração.

A IECLB é uma igreja com rica variedade de experiências musicais, no tripé que nos referimos: na performance, na prática de ensaios e na prática de criação musical. Ações de investimento são necessárias para pesquisa acadêmica, para promoção de programas de formação musical e teológica, a fim de que novas pessoas se interessem pelos temas da música e culto, música e liturgia, música/culto e vida. E

que proporcionem, de acordo com suas experiências e a ação de Ruah, novas canções para o *bem celebrar*.

REFERÊNCIAS

A Confissão de Augsburg. Edição comemorativa. 1530-2005. São Leopoldo/Porto Alegre/Curitiba: Sinodal/Concórdia/Encontro Publicações, 2005.

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver.** Uma oportunidade para imaginar novos mundos. São Paulo; Autonomia Literária, Elefante, 2016.

ADAM, Júlio C.; ILLENSEER, Louis M; SALDANHA, Marcelo R. **A Palavra na Liturgia:** recursos litúrgicos musicais a partir de textos bíblicos do lecionário ecumênico. Ano A. São Leopoldo: Faculdades EST, 2022.

ADAM, Júlio César; CARVALHAES Cláudio; STRECK, Valburga Schmiedt (eds). 2021. **(De)coloniality and religious practices: liberating hope.** IAPT.CS 2. Disponível em: <https://iapt-cs.org/ojs/index.php/iaptcs/issue/view/39/IAPT.CS%20Vol%202%3A%20DeColonialityandReligiousPractices> Acesso em 10 dez. 2022.

ADAM, Júlio C. SCHEFFLER, Ismael. Liturgia, rito, corpo e cotidiano. **Estudos Teológicos**, 60(1), São Leopoldo, Faculdades EST, 2020, 315-335.

ADAM, Júlio C. Um Deus com o rosto do Brasil: um estudo exploratório sobre a relação entre imagens e imaginários de Deus na cultura e na pregação evangélico-luterana. **Horizonte – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 14, n.44, p. 1298-1322, 29 dez. 2016.

_____. **Liturgia com os pés.** Estudo sobre a função social do culto cristão. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012.

ALBRECHT, Christoph. A música do Culto. SCHMIDT-LAUBER, H.-C. et. al. (Orgs.) **Manual de Ciência Litúrgica.** Vol.2. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2013. p. 329-362.

ALLMEN, J.J von. **O Culto Cristão:** teologia e prática. São Paulo: ASTE, 2005.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, nº 11, Mai./Ago., 2013, p. 89 – 117.

BANGERT, Mark P. La Dinámica de la Liturgia y las Músicas del Mundo: Metodología de Evaluación. STAUFFER, S. Anita. **Dialogo entre culto y cultura.** Genebra: Departamento de Teología y Estudios Federación Luterana Mundial, 1994. p. 181 – 202.

BARROS, Marcelo. **Celebrar o Deus da vida.** Tradição litúrgica e inculturação. São Paulo: Loyola. 1992.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003.

BITTENCOURT Jr. Iosvaldyr. **Maçambique de Osório. Entre a devoção e o espetáculo: não se cala na batida do tambor e da Maçaquaia.** Tese de Doutorado em Antropologia. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Disponível em: <
<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/12758> Acesso em: 22 julho 2020.

CARVALHAES, Claudio. **Liturgies from below: praying with people at the end of the world.** Nashville: Abingdon Press, 2020. E-book Kindle.

_____. Liturgy and Postcolonialism: an introduction. CARVALHAES, C. **Liturgy in postcolonial perspectives.** Only one is holy. New York: Palgrave Macmillan, 2015.

_____. Teologia Litúrgica da Libertação. **Estudos Teológicos**, 58(2), São Leopoldo: Faculdades EST, 2018, p. 338-355.

CASTRO-GOMÉZ, Santiago. **La hybris del punto cero: ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816).** Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2005.

CHUPUNGCO, Anscar J. **Inculturação litúrgica: sacramentais, religiosidade e catequese.** São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. **Liturgias do futuro: Processos e métodos de inculturação.** São Paulo: Paulinas, 1992.

_____. Música Litúrgica en la Iglesia Primitiva y su Marco Cultural. STAUFFER, S. Anita. **Dialogo entre culto y cultura.** Genebra: Departamento de Teología y Estudios Federación Luterana Mundial, 1994. p. 103 – 120.

COELHO Filho, Luiz Carlos Teixeira. **Canto Comum: Revisão de hinários num contexto litúrgico, contemporâneo e ecumênico.** Porto Alegre: Editora e Livraria Anglicana, 2021.

CUNHA, Carlos Alberto Motta. **Encontros decoloniais entre o Bem Viver e o Reino de Deus.** Campinas: Saber Criativo, 2019.

_____. **Provocações decoloniais à teologia cristã.** São Paulo: Edições Terceira Via, 2017.

_____. Teologia decolonial e epistemologias do sul. **Interações.** Belo Horizonte, v. 13, nº 24, Ago./Dez., 2018, p. 306-333.

DEIFELT, Wanda. Interculturalidade, Negociação de Saberes e Educação Teológica: contribuições da Teologia Feminista. **Protestantismo em Revista**, vol. 24. São Leopoldo: Faculdades EST, jan.-abr. 2011.

DONALDSON, Andrew. **Hosanna! Ecumenical Songs for Justice and Peace.** Geneva: World Council of Churches, 2016.

DUFFECK, Odilon. **A palavra e a música: contribuições da doutrina dos afetos em Bach para a prática musical sacra de hoje.** 2020. 156 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação, Faculdades EST, São Leopoldo, 2020.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade do saber eurocentrismo ciencias sociais.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf)

EBERLE, Soraya. **Cantar, contar, tocar... A experiência de um grupo de louvor como possibilidade para a formação teológico-musical de jovens.** 2012. 282f. (Doutorado em Teologia). São Leopoldo: Faculdades EST, 2012. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/handle/BR-SIFE/292> Acesso em 04 dez. 2022.

_____. **Ensaio pra quê? – reflexões iniciais sobre a partilha de saberes:** o grupo de louvor e adoração como agente e espaço formador teológico-musical. Dissertação (Mestrado em Teologia) São Leopoldo: Faculdades EST 2008. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/BR-SIFE/633/eberle_sh_tm189.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em 04 dez. 2022.

Em tua graça. Livro de culto e orações. Genebra: World Council of Churches, 2006.

EWALD, Werner. **Música e Igreja:** Reflexões contemporâneas para uma prática milenar. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Conselho Nacional de Música da IECLB/Coordenadoria de Música da IECLB, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GEBARA, Ivone. **Teologia Ecofeminista.** São Paulo: Olho D'água, 1997.

GEORG, Sissi. Liturgia cristã: dádiva e compromisso. EWALD, Werner. **Música e Igreja:** Reflexões contemporâneas para uma prática milenar. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

HAWN, C. Michael. **One Bread, One Body:** Exploring Cultural Diversity in Worship. Herndon, Va.: The Alban Institute, 2003.

HOCH, Lothar C. O lugar da Teologia Prática como disciplina teológica. SCHEIDER-HARPPRECHT, Christoph e ZWETSCH, Roberto (orgs). **Teologia Prática no contexto da América Latina.** São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011.

HUNGER, Daniel. **Produção Musical na IECLB: uma análise sobre a produção musical na Região Sul.** São Leopoldo: Faculdades EST, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/27715605/Produ%C3%A7%C3%A3o_Musical_na_IECLB

ILLENSEER, Louis Marcelo. A Hermenêutica da Religião Viva a caminho da fronteira decolonial. *Anais do 33º Congresso Internacional da SOTER*, páginas 332 – 338. Disponível em: <https://www.soter.org.br/anais-28/anais-28> Acesso em 22 fev. 2022.

_____. A preciosa festa do Maçambique de Osório: uma leitura teológica descolonial a partir da hermenêutica da religião vivenciada. In: MACHADO, Renato Ferreira;

ADAM, Júlio César. (organizadores) **Linguagens litúrgicas e artísticas na América Latina** [recurso eletrônico]: memória e identidades. Canoas, RS: Ed. Unilasalle, 2019, p. 113 – 122 (A).

_____. Composição Musical para a Liturgia Luterana no Brasil. **TEAR Online**, v. 9, nº 2, São Leopoldo: Faculdades EST, 2020. Disponível em: http://198.211.97.179/periodicos_novo/index.php/tear/article/view/936 Acesso em 04 out. 2022.

_____. Criação musical na Igreja: Processos inclusivos de Composição, Arranjo e Interpretação. EWALD, Werner (editor). **Música e Igreja: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar**. São Leopoldo: Sinodal, 2010, p. 127-150.

ILLENSEER, L. M.; PONATH, V. Curso de música e culto cristão. **TEAR Online**, v. 10, n. 2, p. 81–108, 2022. Disponível em: https://198.211.97.179/periodicos_novo/index.php/tear/article/view/1315 Acesso em: 28 jan. 2023.

_____. Linguagem inclusiva: relato de duas experiências sobre a composição musical sacra e justiça de gênero. **Reflexus**. Revista de Teologia e Ciências das Religiões. V. 12, nº19, Vitória: Faculdade Unida, 2018a. Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/715> Acesso em 03 dez. 2022.

_____. **Pressupostos teológicos e litúrgicos da música inculturada nas celebrações do Conselho Mundial de Igrejas**. Dissertação (Mestrado em Teologia) São Leopoldo: Faculdades EST, 2019.

_____. Projeto “Culto com jovens” na Associação Diacônica Luterana (ADL) **TEAR Online**, V. 7, nº2, jul-dez. 2018b, p. 171-181. Disponível em: [Projeto “Culto com jovens” na Associação Diacônica Luterana \(ADL\) | Illenseer | TEAR ONLINE \(est.com.br\)](https://est.com.br/projeto-culto-com-jovens-na-associacao-diaconica-luterana-adl-illenseer-tear-online) Acesso em 25 jan. 2023.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: Armed, 2018.

KIRST, Nelson. **A liturgia toda: parte por parte**. Série Colmeia. Fascículo 2. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

_____. Liturgia. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph, ZWETSCH, Roberto. **Teologia Prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

_____. **Nossa liturgia: das origens até hoje**. Fascículo 1. São Leopoldo: Sinodal, 1993

LANGER, Jens. Culto e Cultura. In: SCHMIDT-LAUBER, H.-C. et. al. (Orgs.) **Manual de Ciência Litúrgica**. Vol.3. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2014. p. 216 – 238.

Lecionário comum revisado da IECLB/coordenação Sissi Georg. São Leopoldo: Oikos, 2007.

Livro de Canto da IECLB (organizado por) Marcell Silva Steuernagel, Soraya Heirich Eberle, Werner Ewald ...[et.al.]. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, 2017.

MARASCHIM, Jaci. **Da leveza e da beleza**. Liturgia na Pós Modernidade. São Paulo: ASTE, 2010

MARTINI, Romeu R.. Confessionalidade Luterana e renovação litúrgica. **Estudos Teológicos**, v.41, nº3. São Leopoldo: Faculdades EST, 2001.

_____. **Eucaristia e conflitos comunitários**. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 32, nº 94, junho de 2017.

_____. Desobediência epistêmica: A opção decolonial e o significado de Identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, 2008.

_____. **Histórias locais/projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

_____. Reconstitución epistémica/estética: la aesthesis decolonial una década después. **Calle 14: revista de investigación en el campo del arte 14(25)**, 2019, p. 14-32. Disponível em: <https://revistas.udistrital.edu.co/index.php/c14/article/view/14132> Acesso em 30 dez. 2022.

MILLER-MCLEMORE, Bonnie J. Cinco mal-entendidos sobre a teologia prática. **Estudos Teológicos**, v. 56, nº2, São Leopoldo: Faculdades EST, jul./dez. 2016.

MORINI, Enrico. **Os ortodoxos**: o Oriente do Ocidente. São Paulo: Paulinas, 2005.

MOTA NETO, João Colares. **Por uma pedagogia decolonial na América Latina**; reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda. Curitiba: CRV, 2016.

NORDSTOKKE, Kjell. Diaconia. SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWETSCH, Roberto. **Teologia Prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

OLIVER, Juan. COELHO, Luiz (ORGS). **Encarnação da Liturgia**. Salvador: Soffia10 Editora, 2021.

PANOTTO, Nicolás. **Descolonizar o saber teológico na América Latina**. Religião, Educação e Teologia em chaves pós-coloniais. São Paulo: Recriar, 2019.

_____. Dios entre-medio de las fronteras: hacia una teología pública poscolonial. **Estudos Teológicos**, v. 58, nº 2, São Leopoldo: Faculdades EST, jul./dez. 2018.

_____. **Religião, política y poscolonialidad en América Latina.** Hacia una teología posfundacional de lo público. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2016.

PRASS, Luciana. **Maçambiques, Quicumbis e Ensaios de Promessa:** um re-estudo etnomusicológico entre quilombolas do sul do Brasil. Tese (Doutorado em Música – Etnomusicologia). Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/27854>. Acesso em 17 mai 2019.

Proclamar Libertação: auxílios homiléticos: lecionário comum revisado da IECLB – ano A/coordenação Verner Hoefelmann; editado por Faculdades EST da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo: Sinodal/Faculdades EST, 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina.

LANDER, Edigardo (org) **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales.** Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 1993.

REBLIN, Iuri Andréas. **Outros cheiros, outros sabores...**O pensamento teológico de Rubem Alves. São Leopoldo: Oikos, 2009.

ROBERTSON, R. **Glocalization:** Time-Space and Homogeneity/Heterogeneity. In: FEATHERSTONE, M.; LASH, S.; ROBERTSON, R. (eds.) Londre: Global Modernities, 1995.

SANTOS, Boaventura de Souza. **O fim do império cognitivo:** a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Clariezer Araújo dos. Música Popular de Deus – “Um diálogo entre a MPB e a Bíblia Sagrada”: um projeto da Igreja Presbiteriana Unida de Itapagipe em Salvador-BA. **TEAR Online.** V. 9, nº 1, São Leopoldo: Faculdades EST, 2020.

SCHALK, Carl F. **Lutero e a música.** Paradigmas de Louvor. (tradução de Werner Ewald). São Leopoldo: Sinodal, 2006.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. Aspectos históricos e concepções contemporâneas da Teologia Prática. SCHEIDER-HARPPRECHT, Christoph e ZWETSCH, Roberto (orgs). **Teologia Prática no contexto da América Latina.** São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011(a).

_____. Reflexões finais: perspectivas da teologia prática no Brasil e na América Latina. SCHEIDER-HARPPRECHT, Christoph e ZWETSCH, Roberto (orgs). **Teologia Prática no contexto da América Latina.** São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011(b), p. 281 – 290.

SOUZA, Mauro Batista de. Prédica e Música. EWALD, Werner (editor). **Música e Igreja:** Reflexões contemporâneas para uma prática milenar. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

STEUERNAGEL, Cladis Erzinger. **O canto comunitário:** uma prática musical no exercício da espiritualidade da igreja cristã em suas formas de expressão e

execução. Dissertação (Mestrado em Teologia), Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2016

STEUERNAGEL, Marcell Silva. **Church Music Through the Lens of Performance: The Embodied Ritual of Sacred Play**. Waco: Baylor University, 2018.

STEURNAGEL, Marcell Silva, EBERLE, Soraya, EWALD, Werner ... [et al.] **Livro de Canto da IECLB**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, 2017.

WACHHOLZ, Wilhelm. **História e Teologia da Reforma**. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, colonialidad y educación. **Revista Educación y Pedagogía**. Medellín: Universidad de Antioquia/Facultad de Educacación, vol. XIX, nº 48, Mai./Ago., 2007, p. 25-35.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (de)coloniales de nuestra época**. Universidad Andina Simón Bolívar, Ediciones Abya-Yala, Quito, 2009.

WHITE, James. **Introdução ao culto cristão**. São Leopoldo: Sinodal, 3 ed. Revisada, 2012.

WESTHELLE, Vitor. Missão e poder: o Deus abscondido e os poderes insurgentes. **Estudos Teológicos**, v.31, nº 2, São Leopoldo: Faculdades EST, 1991.

ZIMMERMANN, Cleonir Geandro. **Música Teológica**. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2005 [Dissertação de Mestrado Profissionalizante].